

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” –
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS – CAMPUS DE ASSIS

ELISA GOUVÊA

**SENTIDOS DO TRABALHO DOCENTE EM UMA PANDEMIA:
uma análise histórico-cultural**

ASSIS/SP

2022

ELISA GOUVÊA

**SENTIDOS DO TRABALHO DOCENTE EM UMA PANDEMIA:
uma análise histórico-cultural**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Mestra em Psicologia (Área de conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientadora: Cláudia Aparecida Valderramas Gomes.

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

ASSIS/SP

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

G719s Gouvêa, Elisa
Sentidos do trabalho docente em uma pandemia: uma
análise histórico-cultural / Elisa Gouvêa. Assis, 2022.
208 p. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Dra. Cláudia Aparecida Valderramas
Gomes

1. Pandemia. 2. Sentidos. 3. Psicologia histórico-
cultural. 4. Trabalho docente. 5. Educação. I. Título.

CDD 152

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: Sentidos do trabalho docente em uma pandemia: uma análise histórico-cultural

AUTORA: ELISA GOUVEA

ORIENTADORA: CLAUDIA APARECIDA VALDERRAMAS GOMES

Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Mestra em PSICOLOGIA, área: Psicologia e Sociedade pela Comissão Examinadora:

Profa. Dra. CLAUDIA APARECIDA VALDERRAMAS GOMES (Participação Virtual)
Departamento de Psicologia Social e Educacional / UNESP/FCL - Assis

Profa. Dra. FLÁVIA DA SILVA FERREIRA ASBAHR (Participação Virtual)
Departamento de Psicologia / UNESP/FC-Bauru

Profa. Dra. LAURA MARISA CARNIELO CALEJON (Participação Virtual)
Centro Universitário / UNIFIEO/ Osasco

Assis, 11 de março de 2022

Às professoras e professores da rede estadual de ensino de São Paulo, cujo sofrimento pude acompanhar de perto. Vocês são peça chave na luta para a transformação social.

Às vítimas de Covid-19 e seus familiares.

AGRADECIMENTOS

À minha família, minha mãe Sueli, meu pai Edson e minhas queridas irmãs, Eloísa e Elena, que são minhas raízes. Sem vocês eu nunca conseguiria me tornar tronco, galhos, folhas, flores e frutos – uma árvore completa. Amo muito vocês.

À Cláudia, minha orientadora querida, que iluminou meu caminho de uma forma muito singular e profissional, me trazendo o respiro que eu precisava nos momentos de aflição. Agradeço por todo o conhecimento compartilhado, pelo amadurecimento teórico que me proporcionou e pelo cuidado de sempre. Você é uma mulher e pesquisadora incrível e inspiradora!

Ao Alan, companheiro e amor da minha vida. Seu olhar, palavras, carinho e presença me confortam e dão energia pra enfrentar qualquer desafio, externo e interno.

Aos terapeutas que me acompanharam desde o processo seletivo, até o momento da defesa: Valquíria, Sabará e Monica. Sem vocês essa dissertação simplesmente não teria sido escrita. Gratidão por estarem disponíveis de corpo e mente para mim.

Às minhas avós Nadir e Neusa, meu avôs Lourival e Alcides, às minhas tias, tios, primas e primos. Obrigada por me nutrirem diariamente.

Às minhas queridas amigas de mestrado, Roana, Jaime, Catto e Didú, com quem pude compartilhar angústias, desesperos, estresses, ansiedades, e também risadas, bibliografias, memes, dicas e motivação. Gratidão por não terem deixado de ser uma referência de *apuntalamiento*.

À Samara, que me ensinou que alteridade e distância não destroem uma amizade verdadeira.

Ao Felix, Babi e Bettiol, que me acolheram e permitiram momentos de refúgio e liberdade durante esses três anos.

À Jéssica, minha parceira do “time Cláudia”! Sua companhia, conhecimento e cumplicidade sempre encheram meu coração e me motivaram a continuar desbravando e acreditando no mundo

acadêmico, na Psicologia Histórico-Cultural e na amizade. Sua existência fez eu me tornar uma profissional da psicologia mais crítica, confiante e sensível.

A todas/todos minhas/meus amigas e amigos, Allan, Juju, Tammy, Analu, Júlia Esteves, Kinha, Caiudo, Gigi, Bruna, Thithi, Vic, Carol Menegatti, Aline, Rafaela Cruz, Sid, Edilaine, Bruninho, Vini, Sat, Zezé, Sora, e muitos outros que foram importantes nessa trajetória. O ser humano não é nada sem sua rede de apoio. Obrigada pelas risadas, cervejas, vinhos, corotes e outros (rs), sorvetes, abraços, desabafos, conselhos, broncas, chamadas de vídeo, áudios, danças. Vocês me deram o afeto fundamental para que eu me mantivesse íntegra nesse caminho, estando longe ou perto; vocês foram abrigo, fraternidade, e me apoiaram de diversas maneiras durante minha trajetória acadêmica, profissional e pessoal. Gostaria de agradecer a cada um individualmente, mas não caberia aqui. Cada um mora no meu coração.

À toda turma do PP6 e à equipe do Instituto Vitale, de Presidente Prudente, pelo *grounding* e pertencimento.

Aos meus gatos Yoshi, Halley e Jurema, que incrementaram e alegraram minha vida com seu jeitinho carinhoso não humano. Mamãe ama demais vocês.

À professora Maria Eliza Bernardes Matozinho e ao professor Guillermo Arias Beatón. O encontro com vocês fortaleceu minha crença no poder transformador, emancipador e revolucionário da Psicologia Histórico-Cultural. Obrigada pela receptividade, carinho e crítica.

Às professoras Flávia da Silva Ferreira Asbahr e Laura Marisa Carnielo Calejon, pela energia, incentivo e atenção com que me acompanharam e olharam para minha pesquisa enquanto ela ainda era um texto “grávido”.

À Escola Estadual Vila do Lago, toda sua equipe e estudantes, pela prontidão e abertura de sempre.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001.

“A educação é o mais grave dilema social brasileiro. A sua falta prejudica da mesma forma que a fome e a miséria, ou até mais, pois priva os famintos e miseráveis dos meios que os possibilitem a tomar consciência da sua condição, dos meios de aprender a resistir a essa situação. [...] Essa é a função do nosso sistema de educação escolar: reproduzir o sistema tal qual. Aí está o caráter grave desse dilema.”

(Florestan Fernandes, 1987, p. 4414)

“O domínio da verdade sobre a pessoa e o domínio de si mesma pela pessoa não será possível enquanto a humanidade não dominar a verdade sobre a sociedade e não dominar a própria sociedade”.

(Lev Vygotski, 1991, p. 406)

RESUMO

O fenômeno da pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2) trouxe consequências mundiais com significações para a sociedade, ou seja, possui sua expressão objetiva. A esfera da objetividade, entretanto, não caminha sozinha, mas se traduz como vivência, também realizada de forma pessoal, como imagem subjetiva. Essa unidade objetiva-subjetiva congrega elementos cognitivos e afetivos, que representam o fenômeno para os sujeitos como sentidos subjetivos. Assim, com esta pesquisa pretendeu-se apreender os sentidos do trabalho, durante a pandemia, para um grupo de professores e professoras de uma escola pública de um município de pequeno porte, no interior do estado de São Paulo. Para tanto, foram realizados cinco encontros *online* de um grupo focal formado por quatro docentes (três homens e uma mulher), que lecionavam no Ensino Médio durante o período do ensino remoto, em que foram abordadas temáticas referentes às suas relações de trabalho, familiares, psicológicas e culturais, inseridas no fenômeno da pandemia do novo coronavírus. O olhar teórico-metodológico que orientou esta pesquisa foi a Psicologia Histórico-Cultural, e para investigação e produção dos dados, foram utilizados os Núcleos de Significação, metodologia qualitativa própria da Psicologia Histórico-Cultural. Os dados produzidos nesta pesquisa levaram à constituição de dois núcleos de significação: 1) Contexto pandêmico e sofrimento docente e 2) Questões estruturais e trabalho docente. A análise dos dados mostra que a pandemia do novo coronavírus intensificou processos de sofrimento que já vinham acometendo professores e professoras no país, e que o uso das TICs contribuiu para a disseminação da ideologia neoliberal na Educação, produzindo o esvaziamento da atividade docente. Entretanto, apesar de reconhecerem os processos de alienação enraizados em suas relações, foi possível verificar que a desesperança não acometeu totalmente os docentes participantes desta pesquisa, de forma que ainda mantinham meios para continuarem motivados para imaginar e criar um futuro melhor.

Palavras-chave: pandemia; sentidos; Psicologia Histórico-Cultural, trabalho docente; educação.

ABSTRACT

The pandemic phenomenon of the new coronavirus (SARS-CoV-2) has brought global consequences with meanings for society that has its objective expression. The sphere of objectivity, however, does not walk alone, but is translated as an experience, also carried out in a personal way, as a subjective image. This objective-subjective unit brings together cognitive and affective elements, which represent the phenomenon for the subjects as subjective meanings. Thus, with this research, it was intended to apprehend the meanings of work, during the pandemic, for a group of teachers, from a public school in a small city, in the interior of the state of São Paulo. To this end, five online meetings were held by a focus group formed by four teachers (three men and one woman), who worked in high school during the remote teaching period. In these groups topics related to their work, family, psychological relationships and culture were addressed, inserted in the phenomenon of the pandemic of the new coronavirus. The theoretical-methodological approach that guided this research was Historical-Cultural Psychology, and for the investigation and production of data, the Nuclei of Significance, a qualitative methodology specific to Historical-Cultural Psychology, were used. The data produced in this research led to the constitution of two nuclei of significance: 1) Pandemic context and teaching suffering and 2) Structural issues and teaching work. Data analysis shows that the new coronavirus pandemic intensified processes of suffering that were already affecting teachers in the country, and that the use of ICTs contributed to the spread of neoliberal ideology in Education, producing the emptying of the senses of teaching activity. However, despite recognizing the processes of alienation rooted in their relationships, it was possible to verify that hopelessness did not fully affect the teachers participating in this research, so that they still maintained ways to remain motivated to imagine and create a better future.

Keywords: pandemic; Historical-Cultural Psychology; teaching job; education; senses.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Informações dos docentes participantes do grupo focal.....	69
Quadro 2 – Núcleos de Significação.....	74

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
Parte I: como tudo começou.....	13
Parte II: atropelamentos e ressignificações.....	15
 CAPÍTULO I – EDUCAÇÃO BRASILEIRA E PANDEMIA: A CONCRETUDE EM FOCO.....	21
1.1 Breve história dos efeitos da pandemia.....	21
1.2 Educação, mercantilização e pandemia: como chegamos na atual crise?.....	36
 CAPÍTULO II – TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E EDUCAÇÃO.....	48
2.1 Categoria sentido-significado como unidade de representação.....	48
2.2 Relações entre o contexto escolar e a construção de sentidos da atividade docente.....	57
 CAPÍTULO III – PROCEDIMENTO METODOLÓGICO E PROCESSO DE PRODUÇÃO DOS DADOS.....	66
3.1 Procedimentos de produção.....	66
3.2 Procedimentos de análise.....	71
3.2.1 Identificação dos Pré-indicadores.....	73
3.2.2 Formação dos Indicadores.....	74
3.2.3 Construção dos Núcleos de Significação.....	74
 CAPÍTULO IV – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	76
4.1 Contexto pandêmico e sofrimento docente.....	76
4.2 Questões estruturais e trabalho docente.....	94
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	108
 REFERÊNCIAS.....	112
 APÊNDICE A - Pré-indicadores construídos a partir das falas da professora A.....	122
 APÊNDICE B - Pré-indicadores construídos a partir das falas do professor B.....	124

APÊNDICE C - Pré-indicadores construídos a partir das falas do professor C.....	137
APÊNDICE D - Pré-indicadores construídos a partir das falas do professor D.....	149
APÊNDICE E - Quadros dos Indicadores construídos a partir do Pré-indicadores.....	158
ANEXO I.....	204
ANEXO II.....	205
ANEXO III.....	206
ANEXO IV.....	207
ANEXO V.....	208

INTRODUÇÃO

Parte I: como tudo começou

A ideia de apelar para o não usual e dividir esta introdução em duas partes se deu pelo fato de eu acreditar que essa seria a melhor forma de ilustrar minha trajetória, uma vez que é assim que eu a entendo: há um hiato entre meu primeiro e segundo ano de pesquisa.

Ingressei no programa de pós-graduação com o interesse em estudar o fenômeno do suicídio e suas relações com o ambiente escolar, a partir da abordagem da Psicologia Histórico-Cultural. Dessa forma, meu primeiro ano foi dedicado ao desenvolvimento de uma pesquisa que se chamava “Papel social da escola na prevenção de casos de suicídio em adolescentes: uma análise histórico-cultural”. Como a/o leitora/leitor já deve ter percebido pelo título desta dissertação, este trabalho não é sobre suicídio, e sim sobre os sentidos da atividade de professores e professoras¹ de uma escola estadual, do interior paulista, acerca da pandemia mediada pelo novo coronavírus e suas ressonâncias na educação. É, portanto, devido à maior crise da história do capitalismo que ocorre o hiato que orienta esta introdução.

Vamos, então, começar do começo.

Meu percurso acadêmico como pesquisadora na UNESP/Assis se inicia no segundo semestre de 2015 quando, após ter feito uma pesquisa para o Estágio Básico “Pesquisa-ação em Psicologia Social-Comunitária”, sob a supervisão do professor Dr. Antonio Carlos Barbosa da Silva, percebi que me interessava pelo exercício de estudo – leitura, análise e escrita –, principalmente no que concerne às áreas da Psicologia Social e Educacional.

Com o objetivo de confirmar o gosto pela área de pesquisa, nesse mesmo semestre, procurei a professora Dra. Cláudia Aparecida Valderramas Gomes, uma vez que ter cursado a disciplina Teorias Interacionistas e Sócio-Histórica II, ministrada por ela no primeiro semestre

¹ De modo a realizar uma escrita inclusiva, quando o termo utilizado se referir ao substantivo “professor”, optou-se, nesta pesquisa, por usar os termos dos gêneros femininos e masculinos em conjunto (“professores” e “professoras”). Já quando o termo se referir à “docência”, foi utilizado apenas o substantivo “docente”, uma vez que este já designa neutralidade, por não ter flexão de gênero.

de 2015, havia me marcado muito. Assim, iniciei uma pesquisa de iniciação científica sobre medicalização de crianças e adolescentes em ambiente escolar, um estudo de cunho bibliográfico, na vertente da Psicologia Histórico-Cultural.

O projeto de iniciação científica submetido à Fundação de Apoio e Amparo à Pesquisa – FAPESP, nomeado “Medicalização de crianças e adolescentes: a visão disseminada em periódicos acadêmicos de psicologia e educação no triênio 2013-2015”, foi aceito no final de 2016 e resultou na publicação do artigo “Presença-ausência de considerações críticas sobre medicalização escolar em periódicos de psicologia e educação (2010-2015)” (GOUVÊA & VALDERRAMAS GOMES, 2021).

Foi principalmente esse trabalho que me permitiu entrar em contato com uma perspectiva crítica da Psicologia durante minha graduação. O aprofundamento nas teorias histórico-culturais, nesse momento, foi o que me motivou para que eu comesse a entender o ser humano em sua complexidade, de forma desnaturalizada, e a entender a relação materialista, histórica e dialética que estabelecemos com a realidade concreta. Assim, passei a compreender que a realidade escolar não existe descolada da acumulação histórica dos conteúdos humanos, ou seja, da dinâmica política, econômica, social e cultural do contexto no qual ela se produz, de forma que os problemas estruturais da sociedade se refletem nela.

A migração do interesse do tema da medicalização para o do suicídio se deu por conta de uma aula da disciplina Envelhecimento, Finitude e Subjetividade, em 2017, na qual a professora responsável, Dra. Mariele Rodrigues Correa, convidou uma pós-graduanda do programa da UNESP, pesquisadora na área de suicídio de jovens lésbicas, que em seu mestrado realizou um trabalho belíssimo e necessário², para falar sobre o assunto da morte autoinfligida. No decorrer dessa disciplina a importância e a urgência de se falar criticamente sobre a questão da finitude já estava se construindo em mim e despertando um olhar mais sensível sobre a vida. A aula referida,

² SILVA, Yasmin Aparecida Cassetari da. *Vozes do silêncio: lesbofobias e a processualidade suicida*. 208 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Assis), 2019.

portanto, foi a ocasião que realmente suscitou em mim a necessidade de querer saber se, de alguma forma, o ambiente escolar influencia ou pode prevenir no comportamento suicida.

Decidi realizar um estudo sobre suicídio em escolares, entendendo que este ainda se trata de um tema tabu, apesar do aumento de seus índices – principalmente entre jovens de 15 a 25 anos, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (2000). Foi nesse estudo que depus minhas energias e tempo durante o ano de 2019 – o primeiro como aluna da pós-graduação.

Parte II: atropelamentos e ressignificações

Quando iniciei minha vida na pós-graduação a ideia desta apresentação era contar sobre meu percurso acadêmico até o momento em que cheguei na temática de pesquisa de suicídio de adolescentes, à luz da Psicologia Histórico-Cultural, e a que viria um trabalho com esse tema. Entretanto, um evento ocorreu e atravessou a vida de todos os seres humanos do mundo, de forma repentina e invasiva: a pandemia do novo coronavírus. Foi uma invasão tão violenta que tive que reconstruir não apenas a temática desta pesquisa de mestrado, como também ressignificar minha trajetória, minhas leituras, a ideia que eu tinha de minha atuação profissional na Psicologia e todos os sentidos que havia dado para minha existência até então.

Sujeitos, sociedades e instituições ficaram de luto. Pensando de forma histórico-dialética, a realidade concreta gerou novas necessidades na atividade humana, dentro de um movimento genérico de (re)construção da humanidade e dos indivíduos – que carregam, em síntese, a historicidade de suas relações. E isso se refletiu em minha pesquisa, objetivação de minhas apropriações. Permanecer na proposta de pesquisa inicial seria negar a realidade e seu movimento. Tive, portanto, que elaborar meus lutos – que não foram poucos.

Em reuniões com minha orientadora e também com suas demais orientandas, nos questionamos: como pensar o papel social da escola durante a pandemia, sendo que a escola se reduziu – nas famílias em que isso foi possível – aos equipamentos eletrônicos utilizados para o acompanhamento remoto das aulas? É possível insistir na temática do suicídio dentro desse contexto? Como não perder a esperança diante das contradições profundas que a realidade capitalista nos estava apresentando?

Decidimos abandonar o estudo do suicídio por dois motivos: o primeiro, mais pessoal, tão válido quanto qualquer outro, foi que a realidade difícil e pesada do isolamento social não estava me favorecendo ou motivando ao estudo da morte de si; o segundo, pela constatação de que as prioridades das escolas públicas estaduais haviam mudado com as adequações (ou seria melhor dizer imposições?) realizadas para responder à crise, de forma que não haveria espaço para discussão de qualquer outra coisa que não fosse referente às consequências da pandemia.

A vertente que escolhi para desenvolver esta pesquisa é uma vertente dialética, e por isso, apresenta-se tanto como dolorosa quanto otimista. Dolorosa, pois em sua complexa análise da realidade, não deixa dúvidas de que os problemas da sociedade e, em especial aqui, as causas da crise mediada pela doença COVID-19 são profundos e movidos por interesses de uma minoria. Não há espaço para visões idealistas e românticas sobre o drama humano. Porém, ao mesmo tempo, é uma vertente otimista, pois como diz Bertold Brecht, “nada deve parecer impossível de mudar”. A realidade está em constante movimento e somos seres ativos em sua construção e transformação.

Foi com o aprofundamento teórico-metodológico, portanto, que comecei a recobrar minhas esperanças. O método materialista histórico-dialético, fundamento da Psicologia Histórico-Cultural, insiste que é em momentos de crise que a luta pela superação do capitalismo deve se intensificar (DUARTE, 2016a; MARX, 2017). Portanto, é agora, mais do que nunca, que devemos enfrentar, sem medo, as contradições e o que elas nos apresentam, pois é neste momento que a luta pela superação do capitalismo tem que se tornar mais violenta:

A tese propõe que o método Materialista Histórico Dialético é o diferencial da teoria Histórico-Cultural porque permite explicar a realidade e as possibilidades concretamente existentes para a sua transformação, desde que a finalidade seja a superação daquelas condições ou circunstâncias particulares de objetivação/apropriação alienada no sentido da humanização, ou seja, no sentido da constituição da socialidade dos indivíduos (TANAMACHI, ASBAHR & BERNARDES, p. 2-3, 2013).

Assim, foi durante uma profunda crise da história do capitalismo que esta pesquisa se deu, de forma que ela se apresenta como ferramenta de luta para sua superação. Marx (2011) também diz que nós fazemos nossa história, embora não nas condições em que queremos, e a conscientização gerada por meio da apropriação das objetivações humanas mais desenvolvidas

leva à emancipação. Assim, ousou dizer que esta pesquisa comporta uma responsabilidade histórica, feita (não nas condições que eu desejava) de uma forma crítica e o mais liberta possível (embora em isolamento) dos interesses do capitalismo, e saber disso faz valer a pena a insistência nessa trajetória.

Portanto, a partir dos questionamentos indicados anteriormente e da evidente urgência do assunto a ser tratado nos espaços escolares, decidimos que a nova temática para a pesquisa deveria versar sobre a pandemia e os sentidos derivados dessa experiência para os professores e professoras da rede pública estadual.

Partindo dessa temática, o principal objetivo deste estudo é apreender o sentido do trabalho, contextualizado na pandemia, para um grupo de professores e professoras de uma escola pública em um município de pequeno porte no interior paulista. De maneira mais específica, se pretende identificar os elementos mais expressivos na composição do sentido pessoal acerca do trabalho docente constituído por meio da vivência da pandemia e analisar como esse contexto incide sobre as noções de coletivo, da relação com os/as estudantes, com os conteúdos escolares, com a inter-relação escola-família, com as tecnologias e com o tempo, haja vista que a mediação com as tecnologias ocasiona uma ruptura nas noções de espaço e tempo.

O fenômeno pandemia trouxe consequências mundiais que traduzem significações para a sociedade, ou seja, possui uma expressão objetiva. A esfera da objetividade, entretanto, não caminha sozinha e é, enquanto vivência, também realizada de forma pessoal, como imagem subjetiva. Essa unidade objetivo-subjetiva carrega elementos cognitivos e afetivos, que representam o fenômeno para os sujeitos. Assim, suponho, com esta pesquisa, que há conhecimentos e sentimentos já constituídos, embora ainda em movimento, próprios de professores e professoras da rede estadual paulista, dentro de suas relações de trabalho, familiares, psicológicas, políticas etc.

Este estudo, portanto, pretende contribuir para a explicação e compreensão ampliada acerca dos conceitos da Psicologia Histórico-Cultural, anunciados por Vigostki³, Luria e Leontiev e já desenvolvidos por diversos autores no Brasil e no mundo (BEATÓN, 2017; BERNARDES, 2006; DUARTE, 2016b; GOMES, 2008; MARTINS, 2011, 2013; ROMANELLI, 2011; TOASSA, 2006). A pesquisa também se coloca como ferramenta indispensável para auxiliar a construção de políticas públicas e diretrizes de retorno às aulas presenciais, que precisam levar em consideração os conhecimentos, sentimentos e realidades de docentes, estudantes, coordenadores e comunidade escolar.

A realidade escolar e as relações que derivam dela precisam ser reinventadas por meio da apropriação dos signos e instrumentos elaborados pelo gênero humano que levem em consideração a materialidade e a historicidade dos fenômenos e sujeitos. A função da escola não deixou de ser a coletivização dos conteúdos humanos acumulados, mas com certeza a forma como isso se dá foi modificada. Para apreensão disso é preciso que os campos da ciência, da filosofia e da arte se unam com pais, mães, docentes, gestores, crianças e adolescentes para pensar possibilidades e limitações da escola agora, de forma ativa, constante e coletiva.

Se há algo que a crise do capitalismo, mediada pela pandemia do coronavírus, nos ensinou, é que não há mais condições de sustentar as desigualdades da sociedade de classes. Acrescento que as condições concretas atuais nos permitem afirmar que também é impossível se pensar a superação dessas desigualdades sem adotar uma perspectiva antiracista e feminista, uma vez que essas condições caminham em conjunto na estruturação do capitalismo (ARRUZA, BHATTACHARYA & FRASER, 2019; BHATTACHARYA, 2019; GONZALEZ, 1984; OLIVEIRA & RIOS, 2014).

Esta pesquisa, portanto, acontece no meio do redemoinho, com a realidade cheia de incertezas. O que se sabe, entretanto, é que a Educação precisa ser repensada e recriada; mais do que implementar medidas de ensino à distância, as novas formas de ensino e de aprendizagem

³ Neste trabalho optou-se pela grafia Vigostki para referências a este autor. Porém, no caso de citações e referências bibliográficas, serão respeitadas as grafias utilizadas em cada texto original.

devem ser construídas em conjunto com as famílias, com o cotidiano e o espaço físico e cultural em que crianças e adolescentes habitam.

Isso posto, o primeiro capítulo desta dissertação trabalha com a caracterização da pandemia e como esse fenômeno impactou a educação brasileira, em especial, no nível estadual paulista, por meio da compilação de medidas oficiais, pesquisas, registros de fatos decorrentes do isolamento social no campo da educação escolar. Também foi feita uma aproximação teórica sobre a mercantilização da educação e como seus problemas particulares são reflexo da totalidade na qual ela se produz.

O segundo capítulo é destinado à elaboração da teoria histórico-cultural e suas conexões com a educação, de forma a entender que a educação escolar é prática mediadora no seio da prática social; serão apresentados elementos para pensar a educação no processo de formação humana do sujeito, já direcionando para os conceitos de significado e sentido. A escolha de se fazer a pesquisa com professoras e professores se deu porque esses profissionais desenvolvem sua atividade profissional, também mediadora, no interior das escolas e estão na linha de frente do trabalho pedagógico a ser desenvolvido com os estudantes, o que faz com que seus discursos produzam implicações objetivas e subjetivas (sentidos) decorrentes da pandemia. Assim, neste segundo capítulo, adentrando na teoria histórico-cultural, serão discutidos os sentidos do trabalho docente e o papel social que a escola e seus educadores cumprem, suscitando possibilidades para se pensar sobre isso durante e após a pandemia.

O terceiro capítulo olhará novamente para os conceitos de significado social e sentido pessoal segundo a Psicologia Histórico-Cultural, adentrando as formulações da teoria sobre a constituição do significado-sentido frente a um dado fenômeno, no caso o trabalho docente durante a pandemia. Nesse mesmo capítulo serão apresentados os procedimentos metodológicos de produção dos dados, a saber, um grupo de docentes, ocorrido na forma *online*, por meio da plataforma *Google Meet*. Também serão apresentados os procedimentos de análise dos dados, seguindo as referências teóricas dos Núcleos de Significação (AGUIAR & OZELLA, 2006; AGUIAR, SOARES & MACHADO, 2015), com os quadros dos pré-indicadores, indicadores e núcleos de significação construídos como parte do processo de produção dos dados.

No quarto capítulo serão apresentadas a análise e a discussão dos resultados, com exploração das narrativas produzidas no grupo com os/as professores/as e a sintetização de seus sentidos, a partir dos núcleos de significação construídos na produção dos dados.

Apesar das mudanças, muita coisa acerca das intenções originais dessa apresentação e de todo meu trabalho como pesquisadora foi mantida, inclusive defender um sentido crítico e social da Psicologia. Esta dissertação é uma proposta para se pensar a função da profissão não apenas na redução do sofrimento psíquico do ser humano singular, mas na luta pela superação das condições que impõem esse sofrimento às pessoas, que são as contradições presentes na sociedade capitalista. O futuro da Educação se faz na urgência do presente.

Assim, assumo um compromisso ético, político e aqui, sublinho, feminista e antiracista, não apenas com a Psicologia, mas com a academia, com a Educação e toda a sociedade.

Por fim, aproveito este espaço para prestar minhas condolências às pessoas mortas pelo novo coronavírus e a seus familiares, pela perda. Até o momento de finalização deste texto, foram notificadas 5.775.328 de mortes no mundo, sendo 635.420⁴ no Brasil (CSSE, 2022).

⁴ Dados referentes ao dia 09 de Fevereiro de 2022.

CAPÍTULO I – EDUCAÇÃO BRASILEIRA E PANDEMIA: A CONCRETUDE EM FOCO

1.1 Breve história dos efeitos da pandemia

Antes de dar início a este capítulo, gostaria de ressaltar que a maior parte das referências utilizadas nele não são artigos acadêmicos e isso se justifica pelo fato de que, durante seu processo de escrita, havia pouca publicação científica sobre o assunto⁵, uma vez que os caminhos e os desafios para a educação ainda estavam/estão sendo pensados. Por isso, proponho uma contextualização sobre a pandemia no Brasil e seus reflexos na educação, mais especificamente para as escolas estaduais paulistas, por meio de estatísticas, artigos e notícias de jornais e revistas, documentos oficiais da União etc., para que possamos enxergar nosso objeto de estudo, seu surgimento e sua instabilidade. Em outras palavras, parto da realidade concreta e suas determinações para pensar suas contradições e possibilidades de superação.

É inegável o impacto causado pela pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2) em todo o mundo. No que tange à Educação, no Brasil houve a suspensão das aulas e a implementação de ensino remoto na educação básica e no ensino superior, em instituições públicas e privadas.

No estado de São Paulo, as aulas foram suspensas no mês de março de 2020 (Decreto nº 64.864, de 16 de março de 2020) e em abril do mesmo ano o calendário escolar foi reorganizado para atender de forma não presencial à realização das atividades escolares (Resoluções 44 e 45 de 20 de abril de 2020). Em maio de 2020, a Plataforma Centro de Mídias da Educação de São Paulo foi instituída, via Decreto Estadual nº 64.982 de 15 de maio de 2020, para programar a educação não presencial nas escolas públicas estaduais. Essa forma de funcionamento das aulas

⁵ Importante pontuar que este primeiro capítulo foi construído majoritariamente durante o segundo semestre de 2020 e o primeiro semestre de 2021, de forma que, neste período, ainda eram poucas as publicações científicas sobre os impactos da pandemia, não apenas para a Educação, mas para toda a sociedade. Já no segundo semestre de 2021, uma busca rápida na biblioteca acadêmica *online Scielo*, com as palavras chaves “educação” e “pandemia”, resultou em 191 publicações, sendo que, destas, 119 correspondiam ao ano de 2021 e 67 ao ano de 2020 (acesso em 13 de setembro de 2021). Tal fato, portanto, justifica o uso escasso de artigos científicos na elaboração deste capítulo.

e atividades pedagógicas segue sendo a realidade no estado. O esperado (até o fim da redação deste texto) é que as aulas da rede de ensino estadual sejam retomadas de forma presencial em agosto de 2021, porém, sem a obrigatoriedade de as famílias mandarem os estudantes para as escolas (SEDUC, 2021a).

Ainda, mesmo sem uma campanha de vacinação funcionando de maneira eficiente no país, as atividades presenciais nas escolas estaduais haviam retornado em setembro de 2020, com revezamento de estudantes e com ocupação máxima de 35% dos estabelecimentos, sendo facultativa a presença⁶. Entretanto, após nova fase emergencial pela qual o estado de São Paulo passou, em março de 2021, as escolas estaduais fecharam novamente, funcionando de forma presencial apenas para garantir a alimentação dos estudantes e, em abril do mesmo ano, passaram a trabalhar de maneira presencial com prioridade para alunos e alunas com defasagem de aprendizado, dificuldade de acesso às aulas online, necessidade de alimentação escolar, saúde mental sob risco ou cujos pais estivessem trabalhando em serviços essenciais⁷.

Já as escolas particulares e municipais têm permissão para funcionar de forma presencial, com até 35% de sua capacidade de lotação de sala de aula e respeitando as medidas sanitárias, desde 12 de abril de 2021, ficando a cargo de cada prefeitura a autonomia para decidir sobre a abertura dos estabelecimentos⁸.

Cabe lembrar que a vacinação de profissionais da Educação foi iniciada apenas no dia 10 de abril de 2021, para o público acima de 47 anos. Profissionais a partir dos 18 anos foram incluídos no público de vacinação apenas em 11 de junho (SEDUC, 2021a), quando o país já havia atingido a faixa de 484.350 mortos. Até a finalização da escrita deste capítulo, tínhamos

⁶ <<https://www.otaboanense.com.br/governo-de-sao-paulo-preve-volta-as-aulas-em-8-de-setembro/>> Acesso em 24 de Junho de 2021.

⁷ <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/04/09/sp-autoriza-retorno-gradual-as-aulas-presenciais-a-partir-de-segunda-12-estaduais-voltam-dia-14-e-prefeituras-podem-decidir-regras-especificas.ghtml>> Acesso em 24 de Junho de 2021.

⁸ <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/sp-autoriza-reabrir-escolas-privadas-e-municipais-a-partir-de-12-de-abril-01042021>> Acesso em 25 de Junho de 2021.

apenas 11,79% da população brasileira vacinada com as duas doses da vacina e, no estado de São Paulo, 13,08% de pessoas que receberam a segunda dose⁹.

Em âmbito federal, em junho de 2020, tivemos a demissão do ministro da Educação, Abraham Weintraub, em um momento de extrema crise. Este era então o segundo ministro que passava pela pasta no governo atual e, importante lembrar, deixou um legado trágico para as políticas educacionais, de forma que ficou mais conhecido pelo que deixou de fazer do que por suas realizações durante a chefia da pasta. Por exemplo, Weintraub manteve o Ministério da Educação ausente no debate legislativo da renovação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB), que é o principal mecanismo de financiamento da educação básica e não efetivou nenhum financiamento para o enfrentamento da Covid-19 na educação básica, enquanto permaneceu na pasta; com relação às pesquisas científicas, em 2019 cortou 8% bolsas da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), o que atingiu com maior força a região Nordeste, além de ter reduzido em 17% as bolsas na área de ciências humanas¹⁰.

Atualmente o Ministério da Educação se encontra sob a gestão de seu quarto ministro, que também não tem contribuído para o avanço de qualquer discussão de enfrentamento à pandemia e de correção das desigualdades sociais que ela tem feito assolar nosso país. Pelo contrário, Milton Ribeiro, que carrega os cargos de ser advogado, teólogo e pastor da Igreja Presbiteriana, tem ficado em evidência na mídia por suas falas conservadoras e de ataque às universidades públicas, sem qualquer embasamento científico¹¹. Porém, tem silenciado quando

⁹ Dados referentes ao dia 25 de junho de 2021. O acesso ao mapa da vacinação com a Covid-19 no Brasil foi feito por meio do link: <<https://especiais.g1.globo.com/bemestar/vacina/2021/mapa-brasil-vacina-covid/>> Acesso em 25 jun. de 2021.

¹⁰ <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/06/reacao-a-efeitos-da-pandemia-na-educacao-e-principal-desafio-de-proximo-ministro.shtml>> Acesso em 24 jun. de 2021.

¹¹ Uma das falas polêmicas do ministro Milton Ribeiro é que crianças de nove anos “não sabem ler, mas sabem colocar camisinha”, o que justificaria o veto de assuntos referentes à educação sexual nos livros didáticos da educação infantil. Além dessa, o pastor acumula falas de ataque às universidades públicas e aos direitos humanos. Para saber mais, acessar:

c) o projeto de sucateamento e a privatização da educação pública, uma vez que essa medida (bem como as de retomada das aulas presenciais) foi adotada sem qualquer debate com os atores das escolas – professores, coordenadores, diretores, estudantes e suas organizações sindicais, ou seja, de forma não democrática e sem levar em consideração a realidade da maior parte das pessoas envolvidas no processo de ensino e de aprendizagem paulista. Este projeto também se manifesta na aposta indiscriminada do governo em uma metodologia de ensino à distância (EaD) com apoio de instituições privadas. Sobre isso, é importante lembrar que, já no ensino superior, cuja formulação dos cursos nessa modalidade é organizada e regulamentada (Decreto Nº 9.057/2017), os níveis de evasão são altos, em torno de 63% (INEP, 2019), e os de qualificação, duvidosos (ALONSO, 2010). O que esperar, então, da imposição dessa modalidade, de forma desorganizada e não regulamentada, para crianças e jovens da educação básica?

Aqui cabe abrir um parêntese para tratar da questão do Ensino à Distância (EaD) de forma mais atenta. Patto (2013) nos apresenta pontos importantes para refletirmos acerca dessa modalidade de ensino e os interesses que a impulsionam, embora em seu artigo destaque a implementação do EaD nas universidades. Ela traz o Decreto nº 53.536, de 9 de outubro de 2008, por meio do qual foi criada a Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP), cujo objetivo é ampliar o acesso ao ensino superior nas três universidades estaduais paulistas, formar recursos humanos e buscar maneiras de ofertar formação no ensino superior compatível com o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e da Comunicação. Dessa movimentação já se começou a falar do Ensino à Distância como modalidade que vinha para consolidar um “filão comercial”, que aprofundaria a mercantilização da educação – principalmente no nível superior.

Em 2009, ocorreu o I Fórum de Debates sobre EaD, subsidiado pela Associação de Docentes da Universidade de São Paulo (Adusp). Neste evento, dentre os aspectos favoráveis a essa modalidade de ensino, a autora destaca que foram ressaltados a possibilidade do estar junto virtual, e o fato de ser a única forma de reparar a lacuna na formação docente no Brasil (PATTO, 2013).

Sobre a formação docente, Brunner (2004) nos ajuda a aprofundar a questão, pensando as transformações que a Educação vem sofrendo no mundo contemporâneo. Um dos pontos percorridos pelo autor diz respeito à expansão das plataformas da informação e conhecimento:

desde a invenção da escrita, passando pelo desenvolvimento da imprensa, até a massificação de informações que vivenciamos hoje, se apresenta como um desafio para a educação a oferta de seu acesso “[...] sem exclusões e, ao mesmo tempo, aprender e ensinar a selecioná-la, avaliá-la, interpretá-la, classificá-la e usá-la” (p. 25), o que é intensificado hoje, devido à concorrência com outras plataformas, tal qual a televisão e a Internet. Assim, temos que o conhecimento aumenta e muda em velocidade nunca antes conhecida, o que dificulta o trabalho da escola, já que as bases do conhecimento disciplinar parecem não ser mais estáveis. Isso ainda é complexificado pela especialização que, de acordo com o autor, “[...] pulveriza o conhecimento até o infinito” (BRUNNER, 2004, p. 26).

[...] calcula-se que o conhecimento (de base disciplinar, publicado e registrado internacionalmente) levou 1750 anos para se duplicar pela primeira vez, desde o começo da era cristã, para depois voltar a dobrar de volume, sucessivamente, em 150 anos, 50 anos e, agora, a cada 5 anos, estimando-se que, para o ano de 2020, se duplicará a cada 73 dias. (*ibidem*)

Assim se pronuncia a demanda do professor, que acaba tendo que ser a figura responsável por buscar e sintetizar todos esses campos de conhecimento. Com isso também ocorrem transformações no mercado de trabalho docente, o que coloca em xeque a formação dessa categoria e os sistemas educacionais, já que cada vez mais exige-se a obtenção de novas e diferentes competências. Logo, o uso das TICs viria como uma resposta aos desafios postos pela contemporaneidade e pelo irremediável avanço tecnológico, para se construir uma estratégia de educação contínua ao longo da vida para todas as pessoas, incluindo a categoria docente.

Entretanto, tal “solução”, para poder ser estruturada, não pode prescindir de entender concretamente como operam as TICs na educação, o que significa apreender seus aspectos negativos e especificidades com relação à realidade brasileira. Como ressaltava Tedesco, já em 2004:

Discutir a aplicação das novas tecnologias da informação à educação no âmbito global das mudanças sociais, políticas e culturais implica superar as visões habituais que reduzem o problema a suas dimensões técnicas e/ou financeiras. As novas tecnologias desenvolvem-se em um contexto político e social profundamente diferente do contexto do capitalismo industrial e do Estado-nação. Nesse sentido, é importante observar que passamos do otimismo inicial,

com o qual se viu a expansão das novas tecnologias e seu impacto na democracia e na igualdade social, para visões pessimistas que prenunciam cenários de exclusão, de conflito e de difusão de novas formas de fundamentalismo autoritário. [...] Nesse contexto, parece necessário superar o enfoque tecnocrático subjacente às posições otimistas e pessimistas e reivindicar a importância de um enfoque político, que permita discutir socialmente para que desejamos as novas tecnologias e quais funções queremos que elas cumpram (p. 10).

Patto (2013), portanto, se baseia na realidade concreta para tecer as contradições que envolvem o uso dessas tecnologias na educação, expondo o caráter ideológico por traz das políticas e construções imagéticas acerca do EaD. Por exemplo, a autora discorre sobre como é disseminado na mídia um modelo do estudante de EaD motivado, competidor, disciplinado, organizado e disposto, o que colabora para criar um imaginário de que o nível de conhecimento adquirido nesses cursos depende exclusivamente do esforço individual, e de que a evasão seria a prova do alto nível e da qualidade do ensino.

Essa imagem encoberta, portanto, o que realmente ocorre, que é o aligeiramento dos conteúdos e a fragmentação do processo de ensino, a dualidade escolar. Por isso, não é de surpreender que a qualidade do ensino no EaD seja, majoritariamente, baixa. Patto (2013) também o caracteriza por se restringir a uma racionalidade instrumental, ao senso comum, pois dificilmente possibilita vias para ocorrerem reflexões históricas e sociais acerca de seus conteúdos. Mesmo que seja feita a defesa da ciência, ela é instrumentalizada e restritamente técnica.

Dessa forma, os objetos da cultura que poderiam ser apropriados na operação pedagógica são transformados em objetos de consumo, ou seja, estudantes são transformados em consumidores de produtos culturais que imitam a realidade, que a simulam visando a homogeneização. Tal forma de operar está adequada aos valores do capital, ou da “pós-modernidade” – que nada mais é do que a lógica do capitalismo em uma etapa avançada –, explícita na fragmentação e superficialidade dos conteúdos e na relação produtivista com o tempo presente no ensino à distância.

Ademais, a relação professor-estudante também toma novas formas, pois no EaD usualmente não há o desejo de saber do discente; há um modelo de ensino pronto, que limita as possibilidades de ser do docente e de relações entre professor e estudante. Tais relações empobrecem a experiência do ser humano, uma vez que são mediadas pela técnica e acabam limitando a educação a uma formação para o mercado de trabalho. É importante pontuar que o trabalho pedagógico não é mera transmissão de conhecimentos ou diálogos com o estudante, embora haja diálogo. O diálogo, na educação, é do estudante com o pensamento e as objetivações humanas. O professor tem papel fundamental na mediação desse diálogo, de forma que precisa estar junto, presente, acompanhando (PATTO, 2013).

É inegável o descentramento da informação e do conhecimento do espaço escolar que ocorre na atualidade, que o coloca muitas vezes como um equipamento “ultrapassado” e “conservador”. A isso está ligada a dinâmica e as exigências do mundo capitalista globalizado, que enfraquece o vínculo da educação formal com um desenvolvimento amplo de capital cultural. Em vez disso, sua formação se volta cada vez mais para o que Brunner (2004) chama de “analistas simbólicos”, que não dão tanto valor para certificados acadêmicos tradicionais, colocando-se como meios para o autoconhecimento, de desenvolvimento subjetivo e focada para ser útil à realidade material em que se vive. Torna-se mais comum também que a educação forme para a ocupação de cargos temporários, regidos por uma lógica de utilidade e demanda.

Por fim, as avaliações do conteúdo acabam também se modificando, uma vez que os critérios têm formas mais diversas de se colocar, geralmente sendo ditados pelo mercado, pela opinião pública, por princípios éticos do momento etc. Ou seja, a educação cada vez mais estaria tomando formas menos socializantes e mais individualizantes.

Posto isso, Patto associa tal forma de educação com a produção da barbárie em nossa civilização:

Ao investir de poder o aparato técnico e os que o controlam, o modo de produção vigente anula o indivíduo que, integrado à massa, imita-se a consumir os bens a ele oferecidos em quantidade cada vez maior, aí incluída a produção da indústria cultural, que põe no mercado uma enxurrada de informações e diversões que ao mesmo tempo despertam e idiotizam as pessoas. Esclarecida nesses moldes, a civilização retorna à barbárie. (PATTO, 2013, p. 310).

Não há como fingir que as TICs não existem ou negar que tenham um papel importante nos processos formativos atualmente. Também é irreal pretender que elas sejam “paradas”. Porém, não há como fazer sua implementação nos espaços de ensino, principalmente nos espaços escolares, de maneira idealizada e irrefletida. Disso lançam-se os questionamentos: em nosso atual estado de coisas, da sociedade da informação, com o uso das TICs forçadamente aumentando durante a pandemia – porém sem tutela –, quem será a figura que conseguirá sintetizar todo esse conhecimento? Como ela irá sintetizá-lo? Como irá organizar o conteúdo sintetizado? No que dará ênfase sem abandonar os clássicos¹⁴? Como competir com plataformas mais atraentes, que transmitam conteúdos reduzidos e superficiais, tal qual *Instagram*, *YouTube* e *TikTok*? E, por fim, como dar conta de tanta demanda, tanto conhecimento e tanta informação, considerando a precarização do trabalho docente em nosso país?

Tedesco (2004), embora mantenha um tom liberal em sua apresentação de soluções para a incorporação das TICs na educação, destaca alguns aspectos importantes que devem ser levados em consideração: desenvolver *estratégias de informatização e comunicação acerca do assunto*, a fim de qualificar suas demandas; parcerias público-privadas, bem como parcerias no interior do próprio setor público, com os *interesses públicos acima dos interesses privados*, ou seja, dos interesses imediatos do mercado; *priorizar a categoria docente*, indagando sobre seu papel e formação diante das novas TICs; a necessidade de *cooperação regional e internacional* para o desenvolvimento de pesquisas, formações, recursos humanos e promoção de consensos políticos adequados aos desafios de cada região; *tomar como base experiências e pesquisas na área*.

¹⁴ Aqui é importante pontuar que o materialismo histórico-dialético, em especial atenção à sua aplicação na Pedagogia Histórico-Crítica, não considera que os conteúdos humanos tenham uma validade “eterna”. Os conhecimentos aparecem na realidade concreta da mesma forma que desaparecem, porém sempre algo se mantém; esse algo que continua pode ser entendido como a essência humana. Em outros termos, tal continuidade é nada mais do que a continuidade do gênero humano. Portanto, os clássicos exercem papel fundamental no processo pedagógico, uma vez que enriquecem o desenvolvimento da individualidade com o desenvolvimento histórico do gênero humano. Por isso, Duarte (2016a) destaca a importância de se buscar superar, no fazer pedagógico, o relativismo e o dogmatismo, pois eles podem, respectivamente, diminuir o valor dos clássicos, total ou parcialmente, ou colocá-los em hierarquias idealistas.

O autor (2004) não deixa de pontuar a especificidade do contexto latino-americano, que incorre na necessidade de olhar para questões básicas que atingem nossa educação, tal qual a alimentação, a remuneração da categoria docente, que se encontra em defasagem, e a infraestrutura das escolas, que se entrelaçam com a questão da conectividade das novas tecnologias. Tomando os dados da realidade brasileira, temos que em nosso território nem todos têm igualdade de acesso à Internet ou computadores, o que nos leva a pensar nas defasagens sociais implicadas no ensino à distância:

A última Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) mostra que 21% dos estudantes de 5 a 17 anos da rede pública não têm acesso à internet, segundo tabulação da Consultoria Idados. A **Folha [O Jornal Folha de São Paulo]** mostrou que mais de um terço dos alunos de 3º ano do ensino médio de escola pública inscritos no Enem 2018 não tinham internet. A existência de internet banda larga nas escolas é mais um retrato da desigualdade. Dados do MEC de 2018 mostram que, enquanto 93% das escolas públicas de São Paulo têm banda larga, o percentual é de 14% no Amapá (SALDANÃ, 2020, grifos do autor).

Pessoas de baixa renda ou de zonas rurais são as mais prejudicadas. No Brasil, 61% dos domicílios não têm acesso a computador e 28% não dispõem de Internet, segundo a pesquisa TIC Domicílios 2019, do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC.BR, 2020). No meio rural, a quantidade de domicílios sem acesso à Internet sobe para 50%. Há ainda um hiato no que tange à questão de classe: o acesso à Internet entre a classe A é de 95%, contra 78% e 57% nas classes C, e D e E, respectivamente. Dentre essas últimas classes, o acesso à Internet é feito pelo celular, de maneira praticamente exclusiva (61% e 85%, respectivamente). Não à toa, o debate sobre Educação, quando feito de forma crítica, deve levar em consideração a questão da reforma agrária, o que será explorado no próximo tópico.

Do ponto de vista material e histórico, a educação à distância tem avançado nos últimos anos como um nicho de mercado, mais preocupado com o lucro e a formação de uma massa de trabalhadores capacitados puramente a nível técnico, do que com a promoção de uma educação de qualidade e emancipadora, com fins de superar a sociedade de classes. Mesmo porque, para que a educação à distância consiga cumprir com a função de uma educação de qualidade, seja na educação básica ou no ensino superior, o investimento nela e nos professores teria de ser muito maior do que o que temos atualmente. Ou seja, na prática, o que a implementação do EaD ocasiona, da maneira como tem sido feita, é a manutenção e o aprofundamento da desigualdade

social. Posto isso, é conveniente pontuar que, mesmo que o Ensino à Distância concretamente seja mais requisitado por pessoas de baixa renda – exclusão sob o disfarce de inclusão –, este argumento não se sustenta quando se pensa a defesa dessa modalidade de ensino (ALONSO, 2010; MENDONÇA, et. al., 2020).

Portanto, a preponderância dessa modalidade de ensino no Brasil, neste momento pandêmico, não é algo que se deve somente ao avanço das tecnologias e sua adesão por parte das novas gerações; a legislação brasileira e o mercado global têm papel fundamental nesse processo. A exemplo do que é motivado pelo mercado global temos as corporações Kroton, Estácio e Ser, que concentram aproximadamente 75% dos estudantes matriculados em cursos à distância. Estas e muitas outras avançaram com rapidez para propor serviços e recursos para que as escolas conseguissem manter a transmissão dos conteúdos, o que será visto no próximo tópico. Ainda, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) incentiva o EaD em todos os níveis e modalidades de ensino (PIERRO, 2020).

Aqui cabem algumas estatísticas para ilustrar tais questões. Para a maioria dos estudantes, professores e suas famílias, a pandemia produziu mudanças nas significações sobre a escola, seja pela dificuldade ou pela impossibilidade de acesso aos conteúdos, seja pela sobrecarga de atividades e trabalho. Ainda assim, as primeiras tentativas de pensar a retomada das atividades presenciais não contaram com a adesão da população, devido à insegurança e ao medo de uma nova onda de contaminações pelo vírus, haja vista que a maior parte das escolas, em especial as públicas, sequer possuía estrutura física para uma retomada minimamente segura:

De acordo com um relatório da Unicef publicado neste mês de agosto, a realidade das escolas brasileiras está muito mais para a Brasilândia do que para a os raios UV de higienização de livros. Menos de 40% das escolas têm acesso a saneamento básico, cerca de 61% têm acesso a água potável e ainda cerca de 5% das municipais e 5% das estaduais não têm sequer banheiro (ROSSI & MENDONÇA, 2020).

Nesse sentido, não faltaram organizações de profissionais da Educação se posicionando de forma contrária à volta às aulas¹⁵. Questionamentos acerca da realidade de docentes frente às

¹⁵ GOMES, Rodrigo. Professores são contra volta às aulas sem controle real da pandemia. *Rede Brasil Atual*. 22 de Junho de 2020. Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/educacao/2020/06/volta-as-aulas-pandemia->

novas condições de trabalho e de existência levaram o Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (GESTRADO/UFMG), em parceria com a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), a realizar uma pesquisa com 15.654 docentes de todos os estados brasileiros e do Distrito Federal. Desses, 82% estavam realizando atividades de trabalho em casa, sendo que 89% dos respondentes alegaram não possuir experiência anterior com o ensino remoto. Ainda, 41,8% não receberam formação para uso de tecnologias digitais, cujo aprendizado teve de ser feito por conta própria, sendo que, nas redes estaduais, esse percentual é de 24,6% (GESTRADO & CNTE, 2020).

É importante pontuar que, de acordo com a pesquisa “Educação escolar em tempos de pandemia – informe nº 02”, realizada pelo Departamento de Pesquisas Educacionais da Fundação Carlos Chagas (DFE/FCC), em parceria com a Unesco do Brasil e com o Itaú Social, professores e professoras negras relataram receber menos apoio das escolas do que profissionais brancos (FCC, 2020).

A pesquisa do GESTRADO também mostrou que 82,4% dos docentes relataram aumento das horas de trabalho despendidas para a preparação de aulas, e a sensação de tranquilidade com relação ao período que estão vivenciando está presente em apenas 18%. Outra informação relevante é a de que metade (50,9%) compartilha seus instrumentos tecnológicos de trabalho com outras pessoas da casa, de forma que seu tempo de uso é limitado (GESTRADO & CNTE, 2020).

A perda da autonomia do docente era algo que já vinha se concretizando, com os professores tendo que cumprir protocolos e transmitir conteúdos de forma técnica¹⁶, o que foi

coronavirus/?fbclid=IwAR36zLdDaaE4s6nDBqCCVBC7aBc7G057LzvtI57j9S1czMHXudZ_NuS0Pms> Acesso em 30 ago. de 2020.

G1SP. Professores protestam em frente à Prefeitura de SP contra volta às aulas presenciais. *G1 Notícias*. 12 de Abril de 2021. Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/04/12/professores-protestam-em-frente-a-prefeitura-de-sp-contravolta-as-aulas-presenciais.ghml>>. Acesso em 26 jun. de 2021.

¹⁶ Como exemplo, temos a implementação do Programa Inova Educação, pelo governo do estado de São Paulo, ao final do ano de 2019, em parceria com o Instituto Ayrton Senna. Sem qualquer diálogo com os atores escolares, a medida efetivou três novos componentes curriculares ao Ensino Médio – Eletivas, Projeto de Vida e Tecnologia –, não considerando a infraestrutura, a disponibilidade de materiais e o preparo do corpo docente. Além disso, com

intensificado com a aplicação do EaD de maneira forçada. Assim, tem-se uma mudança súbita das atividades, precarização das condições de trabalho, sobrecarga e uso precário de recursos, de forma a padronizar conteúdos devido à falta de tempo para a produção de novos materiais.

Diante do desafio que as TICs nos impõem, é preciso tomar cuidado com as soluções rápidas que o discurso neoliberal não se cansa de vender, tomando-as como a única alternativa para encarar os desafios da educação, já que seria impossível de transformar a realidade. Retomando Patto (2013), podemos nos questionar acerca do discurso em defesa da implementação em massa das tecnologias da informação e da comunicação nas escolas:

De costas para o passado, refém do presente e concebendo o futuro como um admirável mundo novo gerado pelo avanço da ciência e da técnica, os que exaltam, sem mais nada, “as novas tecnologias de comunicação e informação”, “a metodologia inovadora” e suas “formas alternativas e adequadas ao atual estágio tecnológico” deixam na penumbra as relações de poder vigentes em sociedades marcadas por desigualdades sociais congênicas, bem como os mecanismos sociais [...] que perpetuam esse estado de coisas por meio de reformas que em essência nada mudam (PATTO, 2013, p. 308).

Nesse sentido, Tedesco (2004) destaca que as TICs chegam majoritariamente aos países em desenvolvimento por meio de financiamentos privados de curto prazo. Ou seja, os principais interesses que os motivam são os do mercado, do lucro, e não da promoção social de bem-estar, da democratização do conhecimento, do desenvolvimento da educação e do avanço científico nesses territórios.

Mesmo com o uso intenso das TICs durante a pandemia do novo coronavírus, as defasagens de aprendizagem não deixaram de acontecer. A Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, em parceria com o Centro de Políticas Públicas e Avaliação da Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora (CAEd/UFJF), divulgou alguns dados iniciais que nos possibilitam começar a vislumbrar o tamanho da defasagem de aprendizagem que temos a enfrentar.

discurso totalmente ideológico, o objetivo dessas novas disciplinas é desenvolver o empreendedorismo e as competências cognitivas e socioemocionais nos jovens, bem como prepará-los para os “desafios e oportunidades” do século 21.

Nesse estudo foram avaliados estudantes dos quintos e nonos anos do ensino fundamental, e da terceira série do ensino médio (7.135, 7.190 e 6.418 discentes, respectivamente), nas disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, utilizando-se as escalas de proficiência do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB).

Com relação à Língua Portuguesa, para a terceira série do ensino médio, os resultados mostram que os alunos e as alunas obtiveram uma média de 268 pontos no ano de 2020, onze pontos a menos do que a média de 2019. Estima-se que será preciso aproximadamente três anos para recuperar o atraso. Com relação à disciplina da Matemática, o resultado foi o menor desde 2005, com média de 255 pontos em 2020 – 18 pontos abaixo da média de 2019 (SEDUC, 2021b).

Complementar a isso, faz-se imprescindível mencionar a questão de raça, gênero e classe, uma vez que a pandemia intensificou o trabalho de mulheres e meninas, em especial de mulheres e meninas negras, evidenciando algo que já era debatido entre as feministas marxistas há muito tempo: que as principais responsáveis pela reprodução da vida, na sociedade capitalista, são as mulheres, o que faz com que elas sejam maioria nas áreas da educação, da saúde, da culinária, do cuidado de pessoas e crianças (enfermas ou não). Ou seja, atividades que não puderam ser interrompidas mesmo com o *lockdown* decretado (JAFJE & BHATTACHARYA, 2020).

Por isso, a suspensão das aulas presenciais também afetou de maneira diferente mulheres e homens trabalhadores. São as mulheres e mães que, em sua maioria, estão tendo que dividir o trabalho fora de casa ou no *home office*, com os afazeres domésticos, o cuidado de filhos e filhas e o acompanhamento das tarefas escolares deles. O que aconteceu também em muitos lares de famílias pobres é que meninas tiveram que interromper os estudos para poder cuidar da casa e dos irmãos e irmãs, enquanto a mãe saía para trabalhar e assegurar a única renda da família (BETIM, 2021).

Com relação às defasagens de aprendizagem, portanto, como as articulações entre raça, gênero e classe podem ser somadas às medidas de seu enfrentamento?

É possível ver, com isso, que o retorno às aulas não será tão simples. E vai muito além da expansão do ensino integral, de melhorias no Centro de Mídias e da efetivação de programas de recuperação, como foi anunciado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEDUC,

2021b). É crucial pensar em combate ao racismo, ao capacitismo, à violência de gênero, o que inclui pensar em auxílio emergencial; em um plano efetivo de vacinação para crianças e adultos; em condições de trabalho dignas e formação de professores; em orientações para concretização da educação especial inclusiva; em diálogos com as organizações de professores, mães e pais; em oferta de materiais e recursos tecnológicos para docentes e estudantes; estratégias de segurança alimentar; infraestrutura escolar; proteção das infâncias¹⁷; distribuição e controle do uso de EPIs¹⁸ e testes de Covid-19, e, principalmente, em uma educação de qualidade e não mercantilizada, que exerça, efetivamente, um compromisso social de humanização e redução das desigualdades.

Tais questionamentos fazem parte da proposta de trabalho da/do psicóloga/psicólogo educacional e escolar, orientada/orientado criticamente para fazer da escola um espaço social emancipador, e precisam ser respondidos cientificamente a partir da realidade concreta, o que

¹⁷ A escola é um estabelecimento que compõe a rede de proteção de crianças e adolescentes, uma vez que muitas vezes opera como vetor de denúncias de violência física, psicológica e sexual. Entretanto, nos pareceres do Conselho Nacional de Educação, publicados no início da pandemia, observa-se que a prioridade inicial do governo federal foi o reajuste do calendário letivo, e não a proteção das crianças e dos adolescentes, que sequer foi mencionada na maioria dos documentos, ficando as escolas com a autonomia e a responsabilidade para lidar com possíveis desafios educacionais impostos pela quarentena (CNE, 2020a; 2020b). Branco & Neves (2020) ainda destacam que nos documentos oficiais não há menções à Educação Remota Emergencial (ERE), que, conceitualmente, deveria ser a medida adotada para regulamentar a educação em momentos de crise, devido a seu caráter emergencial.

¹⁸ Estudos mostram que a melhor máscara para prevenção do contágio por coronavírus é a máscara tipo PFF2 ou N95. Em alguns países, máscaras de pano estão sendo proibidas, devido à sua ineficácia na proteção contra a contaminação por aerossóis, além de estarem desenvolvendo planos para distribuição gratuita ou por valores reduzidos de máscaras tipo PFF2. Embora esta seja uma discussão complexa, na qual tem que ser levada em consideração a distribuição desses EPI's para os profissionais da saúde que estão na linha de frente do combate ao coronavírus, no Brasil não se vê mobilizações políticas oficiais a fim de informar a população com relação a isso. Pelo contrário, o que temos é um presidente constantemente desobrigando ou ridicularizando o uso de máscaras. Para saber mais acessar:

<<https://super.abril.com.br/saude/covid-19-europa-comeca-a-exigir-mascaras-medicas-ao-inves-das-versoes-de-pano/>> Acesso em 25 jun. de 2021.

<<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/06/10/bolsonaro-quer-desobrigar-uso-de-mascara-por-vacinados-para-especialistas-e-uma-temeridade.ghtml>> Acesso em 25 jun. de 2021.

<<https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/06/4933613-bolsonaro-questiona-uso-de-mascara-em-criancas-fica-com-a-boca-aberta.html>> Acesso em 25 jun. de 2021.

reafirma a indispensabilidade do fomento de pesquisas que se voltem para a realidade da Educação brasileira.

Tendo os governos federal e estaduais como grandes aliados ao desmonte das escolas públicas, a escola se colocou como uma instituição a serviço da desconfiguração dos processos de ensino e de aprendizagem, e das relações que eles implicam. Posto isso, temos alguns indícios de por que estávamos, e ainda estamos tão despreparados como nação para o enfrentamento à pandemia, e o que a realidade concreta que se punha anterior a ela, o desmonte das políticas sociais e o avanço de uma política econômica neoliberal têm a ver com isso, o que será melhor explorado adiante.

1.2 Educação, mercantilização e pandemia: como chegamos na atual crise?

Como vimos, o contexto pandêmico nos coloca em cheque com um momento de profunda crise no Brasil e no mundo, de tal forma que, ao se olhar para o número absurdo de pessoas mortas por uma doença para a qual já existe vacina – principalmente pessoas pretas e pobres (COLLUCI, 2021) –, o colapso da saúde, o aumento de casos de feminicídio (TEÓFILO, 2020), a crise ambiental, a implementação forçada do ensino à distância nas escolas e universidades, o avanço da precarização e sobrecarga dos profissionais da educação, os altos índices de desemprego (COSTA, 2020), enfim, concepções e ações relapsas dos governantes federais, estaduais e municipais com relação à pandemia e à vida das pessoas, têm a aparência de algo completamente novo e inusitado. Entretanto, quando nos munimos de um olhar crítico e radical para realizar a análise da realidade, que é o que propomos neste trabalho, vemos que este cenário não foge de um contexto típico de crise do capitalismo (MASCARO, 2020; SANTOS, 2020).

Para que a compreensão crítica e radical da atual conjuntura e, em especial, dos sentidos do trabalho de professores de uma escola da rede estadual paulista durante a pandemia do novo coronavírus, feita nesta pesquisa, se dê de forma crítica e radical, parte-se de um entendimento materialista e histórico, o que significa realizar constantemente o processo de abstração, análise e síntese da realidade, compreendendo as limitações de se apreender a totalidade de forma completa e estática, uma vez que ela se encontra em constante movimento. Portanto, para nos atermos à situação da educação brasileira dentro do contexto pandêmico, é necessário resgatar

seu processo histórico, suas implicações e relações com as diferentes ideologias e com o contexto econômico.

O método materialista histórico-dialético, sintetizado por Marx e Engels em suas análises detidas do sistema de produção capitalista, destaca a importância da economia na estruturação e desenvolvimento histórico da atividade humana. Isso significa que a esfera econômica determina – ao mesmo tempo em que é determinada por –, mesmo que indiretamente, a construção da subjetividade humana, pois ela se cria, em grande parte, pelo desenvolvimento da objetividade humana, que contém em si sentidos essenciais do gênero humano. Porém, é importante ressaltar que isso não significa que o desenvolvimento da objetividade e da subjetividade humana se dê de forma mecânica e infalível; há sempre um caráter particular em cada esfera do desenvolvimento. De acordo com Lukács (1965, p. 15):

Tal concepção assume grande importância não só para uma compreensão do papel histórico e socialmente ativo do sujeito, mas porque nos esclarece quanto ao modo pelo qual o marxismo enxerga os períodos da história da humanidade considerados em si mesmos, e como encara o desenvolvimento da civilização, os limites, a problemática e a perspectiva desse desenvolvimento.

Sobre a manifestação da subjetividade humana, mediada pela apropriação da objetividade, me aprofundarei no próximo capítulo. Neste me deterei a olhar para as instituições humanas e, em especial, para a Educação, e como elas são influenciadas pelo contexto econômico, social e histórico, ou seja, a realidade material na qual se dão.

Saviani (1994) destaca a relação da educação formal, tal qual a conhecemos hoje, com a divisão da sociedade de classes a partir da propriedade privada. O autor evidencia que, por muito tempo, a educação e o trabalho eram duas esferas indissociáveis para a produção da vida humana, uma vez que se relacionavam ao uso da terra. Com o fim do feudalismo e a fixação do ser humano na terra, passaram a existir aqueles que possuíam e os que não possuíam a terra (possuídos e despossuídos), o que também pode ser entendido como a existência dos que não precisavam trabalhar para sobreviver, porque eram donos dos meios de produção (a terra), e os que precisavam trabalhar para sustentar a si e ao outro, na propriedade – e, logo, com os meios de produção – do outro.

A diferenciação entre as esferas da educação e do trabalho começa a acontecer quando aqueles que não precisavam mais trabalhar na terra para sobreviver passam a inserir outras pessoas, os chamados “servos”, na execução de tais serviços. Com isso os senhores da terra conquistam um tempo ocioso, o que pôde ser preenchido com atividades diversas.

A ideia da educação, que antes era vinculada à atividade humana de produção da própria vida, ao trabalho com a terra, passa a ter o objetivo de “enobrecer” e “dignificar” a classe dominante. Da mesma forma, outras atividades que antes eram inerentes ao trabalho, passam a ser caracterizadas como atividades de lazer¹⁹. Não sendo mais reconhecida como um trabalho, a educação se formaliza, mesmo em relação aos despossuídos, que viraram servos dos proprietários, ainda tendo sua educação diretamente ligada ao trabalho de produção de suas próprias vidas.

Esse processo histórico coloca como antagônicas duas formas de educação: a educação escolar/formal e a educação informal. Uma das consequências concretas que temos hoje desse antagonismo é a diferenciação entre os conhecimentos “dignos” e “enobrecedores” dos conhecimentos mais “pobres”, relacionados ao trabalho braçal e manual, sintetizada na construção dicotômica dos sentidos acerca de a quem é permitido o trabalho intelectual, de crítica e reflexão acerca da realidade e seus processos – burguesia ou pequena burguesia –, e a quem geralmente é esperado que desempenhe os trabalhos manuais/braçais – classe trabalhadora.

Assim, acompanhando as mudanças do cenário econômico de industrialização e desenvolvimento das cidades, a educação formal passa a assumir papel dominante, atrelada à perspectiva de formar cidadãos civilizados, moradores da cidade, voltada para o progresso, já que, com o tempo, a atividade mercantil toma o centro dessa nova conformação de relação social.

¹⁹ O autor traz reflexões interessantes acerca da origem etimológica das palavras “escola”, “ginásio” e “ginasta”. Escola, do grego, significa lugar de ócio, uma vez que, inicialmente, se voltava para as classes dominantes, ociosas. Ginásio e ginasta, do grego, significam exercícios físicos como lazer – que também eram inerentes ao trabalho com a terra antes da estratificação de classes (SAVIANI, 1994).

Sua forma de funcionamento obedece à lógica da estratificação de classes, bem como a ideia de sociedade acima da comunidade e do direito positivo – não mais direito natural à terra.

O conhecimento deixa de ser espontâneo, para operar por meio de códigos positivos, de forma que, para ser validado, precisa ter potencial para se tornar material, útil para a modernização da sociedade – ter um valor de uso. As relações passam a funcionar pelo contrato social, por meio do qual os despossuídos vendem sua força de trabalho ao capitalista. Em outras palavras, o conhecimento – e, com isso, a ciência – passa a ter validade apenas a partir do domínio e controle da natureza, como se ela fosse inferior e devesse se submeter ao ser humano. A escola surge como um meio para a formalização do conhecimento, e cada vez mais deixa outras formas de educação num lugar de pouca relevância – tal qual a transmissão de conhecimentos de forma oral ou pelo trabalho manual.

Nesse processo há muitas contradições. De maneira geral, a ideologia que orienta o surgimento das escolas e seu funcionamento é a ideologia da sociedade de classes. Por isso, Saviani (1994) ressalta que, embora os burgueses revolucionários reivindicassem o direito à escola universal, gratuita e obrigatória, economistas políticos da época, que trabalhavam com o aporte do liberalismo clássico, perceberam que a classe proletária se tornava mais produtiva quando recebia uma educação básica, com o mínimo de instrução. Ainda que houvesse os que defendessem que educar a classe trabalhadora era “perda de tempo produtivo”, havia aqueles que entendiam a educação formal como um meio para a modernização da sociedade, mas que deveria ser ofertada de forma mínima, tendo em vista manter a ordem capitalista:

[...] na sociedade moderna, o saber é a força produtiva. A sociedade converte a ciência em potência material. Bacon afirmava: “saber é poder”. É meio de produção. A sociedade capitalista é baseada na propriedade privada dos meios de produção. Se os meios de produção são propriedade privada, isto significa que são exclusivos da classe dominante, da burguesia, dos capitalistas. Se o saber é força produtiva deve ser propriedade privada da burguesia. Na medida em que o saber se generaliza e é apropriado por todos, então os trabalhadores passam a ser proprietários dos meios de produção. Mas é da essência da sociedade capitalista que o trabalhador só detenha a força de trabalho. Aí está a contradição que se insere na essência do capitalismo: o trabalhador não pode ter meio de produção, não pode deter o saber, mas, sem o saber, ele também não pode produzir, porque para transformar a matéria precisa dominar algum tipo

de saber. Sim, é preciso, mas em “doses homeopáticas”²⁰, apenas aquele mínimo para poder operar a produção. É difícil fixar limite, daí por que a escola entra nesse processo contraditório: ela é reivindicada pelas massas trabalhadoras, mas as camadas dominantes relutam em expandi-la (SAVIANI, 1994, pp. 160-161).

Com isso, fica evidente que a forma como as pessoas têm seus trabalhos organizados pela política e economia, tem influência direta na forma de ensino que lhes são oferecidas, e vice-versa. Patto (1984) parte do pensamento de Durkheim para demonstrar como a ideologia liberal e capitalista se enraíza profundamente na dinâmica das escolas brasileiras. Para Durkheim, ao mesmo tempo em que a escola deve buscar inculcar uma base moral e social comum em todas as pessoas, pelo bem do próprio indivíduo e da sociedade (processo de homogeneização), deve trabalhar na diferenciação dos sujeitos entre si, uma vez que as diferenças são fundamentais para o bom desenvolvimento da vida coletiva, devido à divisão social do trabalho, defendida por ele. Durkheim, portanto, trabalha com a ideia de que a imposição do patrimônio genérico humano, feita nas escolas, dos adultos para os mais jovens, seria a forma de introduzir as pessoas à sociedade e mantê-la funcionando “harmonicamente” em benefício de todas as pessoas, respeitando a individualidade de cada um:

As crenças por ele [o liberalismo] abrangidas são de que é possível criar uma sociedade de classes na qual os indivíduos escolham voluntariamente o caminho que os leve a uma determinada posição na vida; nelas, as diferentes *capacidades individuais* podem desenvolver-se ao máximo de suas possibilidades e as pessoas são todas igualmente livres para atingir uma posição social de prestígio. Para isto, a *competição* e a *ambição* são valorizadas como formas lícitas para atingir êxito que, neste contexto, significa ascender ao máximo na escala social (PATTO, 1984, p. 23, grifos meus).

O trabalho de Patto (1984, 1990) é muito significativo para pensarmos, na Psicologia, o papel da educação como instituição cultural que existe dentro da estrutura da sociedade capitalista e que, por isso, participa ativamente do processo de ideologização. Com base em tais pensamentos, diversos autores que defendiam o liberalismo econômico passaram a opinar sobre como deveria se dar o funcionamento escolar e, embora discordassem em alguns pontos entre si, evidenciavam o apelo para a falsa crença da liberdade individual, que seria assegurada pela

²⁰ Aqui, o autor faz referência ao economista clássico Adam Smith, que defendia “Instrução para os trabalhadores, porém, em doses homeopáticas” (SAVIANI, 1994, p. 160).

educação pública e gratuita. Isso endossa a existência da sociedade de classes, uma vez que o trabalho e o esforço individual poderiam, hipoteticamente, levar à conquista da propriedade privada. A partir dessa concepção, planos educacionais começaram a ser desenvolvidos²¹, reforçando ideais individualistas.

Em vista disso, é importante pontuar a singularidade da realidade brasileira que, de acordo com Novaes e Okumura (2020), apoiados no sociólogo Florestan Fernandes, é intensificada pela colonização, pela ausência de reforma agrária e por uma democracia frágil e submetida à suspensão constantemente. Os autores afirmam que o Brasil nasceu para o capitalismo, “como um grande fazendão produtor de mercadorias estranhas às nossas necessidades, tendo como base o trabalho escravo” (p. 47), e, enquanto mantivermos tal estrutura compatível a uma vasta empresa, que comercializa todos os nossos recursos naturais e a força de trabalho da classe trabalhadora, em especial das pessoas pretas e pobres, o problema da educação continuará sendo uma realidade, pois:

Para as classes proprietárias de terras era importante manter o povão na mais profunda ignorância e miséria. Primeiro porque o latifúndio não necessita de muita mão de obra qualificada. Segundo porque do ponto de vista político, em países como o Brasil, uma escola pública de qualidade poderia “conscientizar” o povão sobre os seus problemas fundamentais, dentre eles a posse e o uso da terra, isto é, a questão agrária e as lutas para a superação do problema agrário brasileiro (p.53).

Ou seja, educar a classe trabalhadora coloca em risco a burguesia brasileira, porque é fundamental que a maior parte da população se mantenha na miséria e analfabeta, para que não se apropriem do precioso meio de produção que é o conhecimento.

Sobre isso, Patto (1990) traz considerações importantes acerca de como ideias racistas repercutiram no Brasil dentro da seara da Educação, uma vez que, quando essa ciência começou a se desenvolver no país, por volta do século XIX, vivia-se aqui um momento de colonialismo cultural, de forma que éramos muito influenciados pela ciência e filosofia europeias, em especial

²¹ A autora destaca o Plano de Instrução Pública (1872), elaborado pelo francês Jean-Antonie-Nicolas de Caritat, o Marquês de Condorcet (1743-1794); e o Plano Nacional de Educação (1973), elaborado por Lepellietier. Ambos os documentos se pautam nos princípios da Igualdade e da Liberdade da Revolução Francesa. Para saber mais, consultar Souza, Pereira & Fernandes Gomes, (2011).

a francesa. A França, por sua vez, nos séculos XIX e XX, em decorrência da disseminação de ideias revolucionárias burguesas, desenvolveu fortemente um cientificismo – manifesto na antropologia, sociologia, fisiologia, economia, biologia etc – que, em contraposição às ideias da monarquia, buscava-se neutra, empírica e positiva.

Esse discurso, na prática, serviu para a defesa de teorias racistas e preconceituosas acerca da superioridade do homem branco e europeu. Tanto que a confusão entre raça e classe atingiu medidas profundas, e em muitas sociedades industriais capitalistas que estavam em desenvolvimento, o racismo era usado para justificar as diferenças de classe. Por fim, as teorias da aprendizagem por muito tempo se voltaram à aferição das diferenças individuais, cujas bases estavam fincadas numa ideia natural e biológica das aptidões e inaptidões.

Por isso, as lutas pela educação pública, desde a constituição da Nova República²², no século XX, foram vencidas e continuam cada vez mais perdendo forças para as ideologias liberais e para a mercantilização. Florestan Fernandes destaca a infeliz realidade brasileira que tinha, em sua maioria, a defesa da educação como algo sustentado por um conluio político de cunho majoritariamente liberal, cujos interesses reacionários apenas fazia o país permanecer em uma posição de subdesenvolvimento, atraso e dependência (SAVIANI, 1996; FERNANDES, 2020).

Paulo Freire (1921-1997), educador atualmente considerado Patrono da Educação brasileira, denunciava o caráter fortemente ideológico da educação, disfarçado de “neutralidade”: “O discurso ideológico da globalização procura disfarçar que ela vem robustecendo a riqueza de uns poucos e verticalizando a pobreza e a miséria de milhões” (FREIRE, 2009, p. 128). E continua:

É exatamente por causa de tudo isso que, como professor, devo estar advertido do poder do discurso ideológico, começando pelo que proclama a *morte* das ideologias. Na verdade, só ideologicamente posso matar as ideologias, mas é possível que não perceba a natureza ideológica do discurso que fala de sua morte. No fundo, a ideologia tem um poder de persuasão indiscutível. O

²² O período da Nova República compreende, no Brasil, a época imediatamente posterior ao fim do regime ditatorial militar (1985) até os dias atuais. Seu início é marcado pela assunção de Tancredo Neves ao cargo do presidente, eleito por voto popular, pela regência da Nova Constituição (Constituição Federal de 1988) e pela implementação do governo republicano no país.

discurso ideológico nos ameaça de *anestesi*ar a mente, de confundir a curiosidade, de *distorcer* a percepção dos fatos, das coisas, dos acontecimentos” (FREIRE, 2009, p. 132, grifos do autor).

Não à toa, o educador foi exilado e preso durante a ditadura empresarial militar no Brasil (1964-1985). Paulo Freire dedicou sua vida à luta contra uma educação que denominava “bancária”. Teve esperança e defendeu uma pedagogia que pregava a autonomia, a liberdade e a criticidade tanto da educadora e do educador quanto de seu educando e educanda, o que significa que a tarefa de ensinar deve respeitar a natureza histórico-social do ser humano (FREIRE 1979; 2009).

Porém, ainda que, durante o século XX, tenha havido mobilizações importantes²³ – tal qual a Campanha de Defesa da Escola Pública²⁴, da qual Florestan foi militante, e a pedagogia de Paulo Freire –, a maior parte da trajetória educacional brasileira é marcada pela vitória de políticas liberais, o que fez com que as massas permanecessem em níveis altíssimos de analfabetismo e de analfabetismo funcional²⁵.

Com o golpe empresarial-militar de 1964, mesmo os tímidos avanços na oferta da educação pública cessaram, pois passa a prevalecer o interesse no avanço da mercantilização da educação, observada no conluio político de grandes corporações para criação e expansão do ensino médio e superior privados. Novaes & Okumura (2020) ressaltam que, com isso, o Brasil se mantém, em sua história, na posição de uma colônia muito lucrativa para os países centrais.

²³ Aqui, destaco figuras importantes para a Psicologia Social e a Psicologia Educacional e Escolar, que avançaram com força entre as décadas de 1960 e 1980 no Brasil, tal qual Bock, Gonçalves & Furtado (2007); Lane & Codo (1989); Patto (1984; 1990); Yasui (2010), e muitas outras que não caberiam aqui.

²⁴ Movimento organizado no ano de 1958, num primeiro momento orientado ao combate ao projeto de Lei de Diretrizes e Bases da Educação, na capital paulista e no estado de São Paulo, tendo se expandido com o tempo para um movimento de nível nacional – porém, mais forte no estado de São Paulo –, que propunha a discussão dos dilemas educacionais do país.

²⁵ De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) de 2019, no Brasil, 6,6% da população acima de 15 anos se encontrava analfabeta, sendo que apenas 27,4% da população acima de 25 havia concluído o Ensino Médio. Para mais informações, acesse < <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html> > Acesso em 27 jun. de 2021.

Pensar a interlocução entre as categorias raça, gênero, classe e educação é encarar a história da democracia brasileira, que aponta os limites que confrontam a exploração da economia capitalista. Colocar as majorias oprimidas em questão é evidenciar que a luta de classes é indissociável da divisão racial e de gênero do trabalho. A invisibilidade social do negro, por exemplo, é algo construído em nossa sociedade, revelado nas políticas de educação.

Assim, os conceitos de raça e gênero permitem analisar o fenômeno do capitalismo e sua luta de classes intrínseca de forma mais complexa e profunda, bem como quais são os valores, modos de ser e viver dominantes – o que equivale a pensar como se dá produção e reprodução da vida nessa sociedade, e como opera a divisão social do trabalho, que também é racializada e generificada. Tais relações estão impostas na dinâmica da educação formal e suas políticas, ainda que essas condições sociais e estruturantes da sociedade sejam muitas vezes negadas (FILICE, 2011).

Posto isso, na seara da Educação, temos um sucateamento de suas políticas. Atualmente, ele é sustentado, assim como nos apresenta Freitas (2018), por um projeto de reforma empresarial alavancado na década de 1980, com a ascensão do neoliberalismo nos Estados Unidos da América. O autor destaca o golpe sofrido pela presidenta Dilma, em 2016, como um marco que abriu portas para a retomada de uma onda neoliberal no país, que fez com que a Educação se saturasse com tal ideologia. Isso se deve ao fato de, com esse acontecimento, a direita brasileira ter podido ampliar sua rede de influências, devido às sucessivas reformas que aconteceram.

Esse movimento de reforma da educação possui características específicas que, embora articuladas, em sua gênese, por políticos e gestores dos Estados Unidos, encontram sua ressonância e acolhimento pela política brasileira. A saber, seus pilares são:

- a) padronização da e na educação; b) ênfase no ensino de “conhecimentos e habilidades básicas dos alunos em Leitura, Matemática e Ciências Naturais [...]”; c) ensino voltado para “resultados predeterminados, ou seja, para a busca de formas seguras e de baixo risco para atingir as metas de aprendizagem”, o que afeta a criatividade das crianças e a autonomia dos professores; d) “transferência de inovação do mundo empresarial para o mundo educacional como principal fonte de mudança”; e) “políticas de responsabilização baseadas em testes” que envolvem “processos de credenciamento, promoção, inspeção e, ainda, recompensa ou punição de escolas e professores”; [...] f) um “maior controle da

escola com uma ideologia baseada no livre mercado” (SAHLBERG, 2011, *apud* FREITAS, 2018, pp. 38-39).

Tais ressonâncias se encontram em reformas feitas aqui no Brasil, tal qual a construção da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), que enaltece o ensino por competências. Nesses pilares, embora apareçam como “reformas” educacionais, ou seja, como a apresentação de uma mudança, é possível reconhecer a influência da ideologia liberal disseminada nos séculos XVIII e XIX. Embora tenha tomado novas formas de operação, o conteúdo de tal pensamento ainda se encontra no centro dos ideais educacionais brasileiros, tendo se sustentado em meio à pandemia.

Não apenas devido ao fato de a escola operar como aparelho ideológico, mas porque o contexto pandêmico está sendo propício para as consequências serem tomadas pelas causas, como afirma Santos (2020). Isso significa que a *crise permanente* da educação, ao invés de ser entendida dentro do projeto político de sucateamento e desmonte, é tida como justificativa para a privatização, que viria com o intuito de “reformular” e melhorar a qualidade da mesma:

Por um lado, a ideia de crise permanente é um oxímoro, já que, no sentido etimológico, a crise é por natureza excepcional e passageira e constitui a oportunidade para ser superada e dar origem a um melhor estado de coisas. Por outro lado, quando a crise é passageira, ela deve ser explicada pelos fatores que a provocam. Quando se torna permanente, a crise transforma-se na causa que explica todo o resto. Por exemplo, a crise financeira permanente é utilizada para explicar os cortes nas políticas sociais (saúde, educação, previdência social) ou a degradação dos salários. E, assim, impede que se perguntem as verdadeiras causas da crise. O objetivo da crise permanente é não ser resolvida (SANTOS, 2020, p. 4)

Essas são questões sociais amplas e profundas, que não cabem no objetivo deste trabalho, mas que não podem ser ignoradas se pretendemos ter uma visão materialista dialética das escolas públicas atualmente.

Embora pareçam, não são questões externas ao processo de ensino e de aprendizagem. Saviani, em uma fala ao Congresso Virtual da Universidade Federal da Bahia, realizado em maio de 2020, destaca que a educação é a única ferramenta que pode ajudar a transformar todas as outras esferas sociais, uma vez que consiste num bem de produção, não apenas de consumo. Ou seja, não há dicotomia entre educação e economia, de tal forma que o antídoto para a crise

econômica é o investimento em educação. O que vemos, entretanto, é um discurso por parte de nossos governantes que reforça a ideologia de que a Economia é algo abstrato, que se movimenta de forma alheia aos processos de produção e reprodução humanos.

A situação concreta que o Estado brasileiro vem colocando de que o ensino à distância é a única e melhor alternativa para a efetivação dos processos de ensino e de aprendizagem com qualidade não se dá de maneira desinteressada. Há conluios políticos e empresariais por detrás dessa situação, e silenciamento, por parte da mídia, de suas implicações.

Temos um longo desafio pela frente, visto que durante a pandemia o debate sobre financiamento estatal em educação foi afastado devido à articulação de empresas privadas, como a Fundação Lemann, a fim de oferecer “apoio técnico” a diversas escolas públicas. Além disso, o movimento Todos Pela Educação, que é declaradamente liberal, tem ganhado cada vez mais espaço político em articulações com o Ministério da Educação e o Conselho Nacional de Educação.

A filantropia também tem papel preponderante, visto que é um braço forte da direita que, devido ao seu caráter caritativo, consegue burlar muitos processos democráticos e não participar dos processos decorrentes da elaboração de políticas públicas. A “reforma” proposta pela direita, como podemos ver, tem uma rede ampla de influências e força para balançar setores inteiros (AVELAR, 2020; FREITAS, 2020).

Posto isso, como operar, dentro da Psicologia e da Educação, com ferramentas eficazes contra a ideologia liberal, que parece ter tomado uma proporção irreversível? Do exposto até aqui, já foi possível examinar vários pontos por meio dos quais tais teorias afastam-se do que se pretende defender nesta pesquisa, uma vez que tal “reforma” se pretende realizar do centro para as margens, de cima para baixo, até atingir professores e estudantes.

Os pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural, por compreenderem a produção dos problemas escolares como reflexos de problemas estruturais de nossa sociedade, propõem que uma efetiva mudança na Educação e, portanto, na forma de funcionamento da sociedade, deve atingir sua raiz. É tal embasamento metodológico que a Psicologia Educacional e Escolar, como ciência, deve ter a cautela de adotar para atingir a concretude dos fenômenos analisados; caso

contrário, a práxis psicológica serviria apenas como meio de desinformação e de disseminação da ideologia dominante (BOCK, 2007; MEIRA & ANTUNES, 2003; PATTO, 1984; 1990).

Virgínia Fontes (2021), durante uma fala no congresso da Associação Brasileira de Psicologia Social, destaca que a tragédia brasileira “não é uma tragédia epidérmica, é uma tragédia severa”. De tal forma, ainda que a pandemia do novo coronavírus nos apresente novos e mais profundos desafios, o único jeito de abriremos possibilidades para sairmos dela é mergulhando fundo na filosofia e na história, nas ferramentas humanas já produzidas.

Não há a possibilidade de criar algo inteiramente novo para enfrentarmos os desafios educacionais brasileiros. Daniel Cara ressalta que não é toda educação que é transformadora: “[...] a educação transforma o mundo quando o direito de as pessoas se apropriarem da cultura se realiza plenamente” (2019, p. 22). Ou seja, para uma educação que efetivamente transforme o mundo, a apropriação da cultura deve ser plena, crítica e reflexiva, sendo parte fundamental da condição humana. Nesse sentido, a Psicologia Histórico-Cultural nos oferece uma base sólida de reflexões e práticas, que serão aprofundadas no próximo capítulo.

CAPÍTULO II – TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E EDUCAÇÃO

2.1 Categoria sentido-significado como unidade de representação

Para iniciar este capítulo é essencial situar a Psicologia Histórico-Cultural como um sistema teórico da Psicologia que tem como base filosófica o método materialista histórico-dialético. Tendo como seus principais autores Alexander Romanovich Luria (1902-1977), Alexis Nikolaevich Leontiev (1903-1979) e Lev Semyonovich Vigotski (1896-1934), tríade também conhecida como *troika*, se constituiu num contexto revolucionário de luta contra o capitalismo na Rússia – final do século XIX e início do século XX –, como ferramenta de superação para o momento em que a ciência psicológica estava vivendo, o qual Vigotski chamou de *crise da Psicologia* (VYGOSTKI, 1991). A “crise” na Psicologia se devia ao modelo científico hegemônico da época, baseado no positivismo, que colocava a relação sujeito-objeto de maneira dicotômica. O objeto, sendo inferior, poderia ser capturado, manipulado, e sobrepujado pelo sujeito.

O materialismo histórico-dialético, proposto por Karl Marx (1818-1883), como método filosófico que inspira essa nova Psicologia, toma a realidade concreta, seus fenômenos e objetos de maneira dialética, o que admite a composição do real por unidades de opostos que não se anulam. Para essa filosofia, a condição humana pressupõe, de partida, a realidade concreta, que se mantém em constante movimento, característica da historicidade.

No livro *A Ideologia Alemã* (MARX, 2007), Marx e Engels apresentam que é a atividade concreta do ser humano que condiciona suas representações e pensamentos. Assim, diferente de uma filosofia idealista, a atividade real humana é colocada como o centro da interpretação das relações sociais, políticas e econômicas, não a razão. A perspectiva dialética nos ajuda a pensar que o elo existente entre estrutura social e política e a vida humana, é a própria produção da vida feita pelos seres humanos.

Entretanto, no processo de atividade vital, os resultados não são puros, isolados, essencialmente novos – embora apareçam desse modo –, pois essas produções também se formam a partir de uma base material e histórica dada. Assim, os seres humanos produzem suas vidas e são ativos nesse processo, porém não o fazem nas condições que querem:

Essa concepção mostra que a história não termina por dissolver-se, como “espírito do espírito”, na “autoconsciência”, mas que em cada um dos seus estágios encontra-se um resultado material, uma soma de forças de produção, uma relação historicamente estabelecida com a natureza e que os indivíduos estabelecem uns com os outros; relação que cada geração recebe da geração passada, uma massa de forças produtivas, capitais e circunstâncias que, embora seja, por um lado, modificada pela nova geração, por outro lado prescreve a esta última suas próprias condições de vida e lhe confere um desenvolvimento determinado, um caráter especial – que, portanto, as circunstâncias fazem os homens, assim como os homens fazem as circunstâncias (MARX, 2007, p. 43).

Com isso, o método em Marx se contrapõe essencialmente às duas grandes linhas da filosofia que eram predominantes até então: a idealista, dentro da qual se pode destacar as teorias de Hegel, e a materialista, em que se sobressai o filósofo Feuerbach, sendo ambas influências fortes na obra marxiana²⁶. Karl Marx entende que não é a razão ou a realidade material que irá determinar a vivência e constituição humana, mas a unidade entre esses aspectos.

Assim, o método científico dialético, do qual se nutre a Psicologia Histórico-Cultural, a fim de romper com dualismos, se volta para a unidade entre realidade objetiva e subjetiva, o concreto e o abstrato, entre o cognitivo e o afetivo, de tal forma que os processos reais que nos aparecem são síntese de múltiplas determinações da natureza e dos fenômenos humanos.

Dessa forma, apreender a “condição humana” ao invés da “natureza humana” (OZELLA, 2003; ELOY, et. al., 2007), instaura uma relação de proximidade do ser humano com sua natureza, pois, sendo as determinações carregadas e movidas por sua historicidade, elas permitem alcançar sua essência (GOMES, 2008). De acordo com Lukács (p. 20, 1965):

De fato, a economia marxista reconduz as categorias do ser econômico (o ser que constitui o fundamento da vida social) às manifestações das formas reais de tal ser, isto é, às formas que manifestam relações inter-humanas e, através das relações inter-humanas, que manifestam a relação entre sociedade e natureza.

Porém, a obra marxiana se dedica a construir uma concepção teórico-metodológica sobre a sociedade capitalista burguesa, o que inclui a apreensão da economia e do processo produtivo,

²⁶ Obras “marxianas” são aquelas escritas pelo próprio Karl Marx. Quando a referência é feita à obra do autor de forma generalizada, o que inclui outros autores que fazem uso de seu método, se utiliza o termo obra/teoria “marxista”.

em um dado momento histórico em que a participação das classes sociais nos conflitos políticos tomava força.

O legado da sua obra é um método capaz de instrumentalizar a análise da realidade em sua totalidade, não se prendendo a momentos e lutas históricas específicas (MARX, 2007). A análise do real, do concreto, portanto, implica o entendimento de que cada período histórico possui suas próprias leis, embora seja possível apreender o movimento de cada período por meio da representação dessa realidade. A representação, como categoria, é a consciência, o “concreto pensado”, que dá sentido ao mundo (FILICE, 2011).

Essa concepção de realidade e de organização social se expressa na Psicologia Histórico-Cultural, uma vez que partir da realidade concreta para entender a natureza e o funcionamento das funções psicológicas na totalidade da consciência nos coloca diante da possibilidade (e do desafio!) de considerar o ser humano como não estático, ideal, imaginário, pois as condições materiais e históricas da existência acompanham e influem nos processos de subjetivação.

A compreensão de que a relação entre ser humano e natureza se dá de forma dialética e histórica, sem negar a existência da realidade concreta nem a base biológica, se alinha à ideia de que a concretude e seus elementos da vida material e não material (signos e instrumentos) são mediadores da formação humana.

Da mesma forma, o desenvolvimento da personalidade será pensado tendo seus aspectos psíquicos e fisiológicos em unidade, por meio da apropriação das vivências da realidade objetiva (GOMES, 2008). Em outras palavras, podemos entender que é o sistema das relações sociais existentes em nossas atividades como seres humanos que irá edificar cada sujeito particularmente, não perdendo de vista que esse sistema possui um tempo e um espaço específico na história (MARTINS, 2017).

Assim, a atividade humana irá acarretar no uso de instrumentos e signos sociais, que serão apropriados e mobilizarão motivos e fins para aquela atividade. É nesse sistema que nossas impressões e atos se expressam, sem anular os elementos sociais da cultura humana que existem com anterioridade na realidade objetiva.

Martins (2011) destaca que o psiquismo consiste num sistema interfuncional complexo que cumpre a função de produzir a imagem do real, o que significa entender que não apenas o aparelho biológico humano é diferenciado dos outros animais, como também as leis que o regem, pois são leis do desenvolvimento sócio-histórico.

Isso apenas é possível devido à atividade material do ser humano na realidade concreta, de forma que não há dualismo entre o mundo das ideias e o mundo exterior, da matéria: “Trata-se de situá-la [a idealidade] no mundo material da atividade que a constitui e pela qual o psiquismo se manifesta como *imagem subjetiva do mundo objetivo*, ou seja, como *reflexo psíquico da realidade*” (p. 28, grifos da autora).

É reflexo, mas a imagem não se identifica imediatamente com o objeto da concretude, porque o processo de internalização é um processo do sujeito, daí a relevância dos signos. Essa ideia internalizada não se cristaliza; ela se transforma, ganha densidade e complexidade conforme a atividade do sujeito, que há de depender das condições objetivas e das mediações vivenciadas pelo sujeito.

Pensar em atividade é conceber que o sujeito é um ser ativo, social e histórico, de forma que sua produção depende da relação dialética entre os substratos internos (subjetivos) e externos (objetivos), o que significa que suas funções subjetivas são transformadas – adquirem nova forma – na medida em que realiza atividade de transformação na realidade material (função objetiva), e vice-versa. Ou seja, a realidade material também condiciona o sujeito, num processo de constante transformação da realidade objetiva e da realidade subjetiva, uma ação situada histórica e socialmente.

Portanto, a atividade humana é um processo que se dá de modo duplo o tempo todo, o que torna imprescindível pensar a relação atividade e consciência como uma unidade: ao mesmo tempo em que há o desenvolvimento da consciência (atividade interna) por meio da atividade (externa), esta é regulada pela consciência. Essa dinâmica possibilita o desenvolvimento de nosso psiquismo, uma vez que é mediada pelos signos culturais. A mediação desses signos e sua apropriação faz com que uma atividade que até então era, majoritariamente, direcionada para fora, para o externo, seja internalizada. Ou seja, um processo psíquico, antes de ser singular, se

encontra nas relações sociais como processos coletivos. Isso é o que Vigotski chamou de Lei Genética Geral do Desenvolvimento Humano, ou Lei Genética Geral do Desenvolvimento Cultural: primeiro os processos psíquicos aparecem como fenômenos intersíquicos e depois como processos intrapsíquicos (MARTINS, 2011).

Os signos, portanto, são representantes semióticos da cultura humana; são estímulos criados artificialmente, que se constituem como o principal agente da capacidade humana de autodomínio consciente da conduta própria ou alheia. Eles se traduzem como instrumentos psicológicos e operam como mediadores que transformam (trans-formar ou dar outra forma!) a estrutura das funções psicológicas do sujeito, ao mesmo tempo em que determinam novas funções, reorganizam a operação psicológica e permitem a autorregulação da conduta. A linguagem, o sistema de numeração, os dispositivos mnemotécnicos (de memória), a arte e a escrita são exemplos de instrumentos psicológicos (FRIEDRICH, 2012; VIGOTSKI, 1999).

A linguagem, portanto, é um signo por excelência e uma categoria fundamental para explicar a dinâmica do psiquismo humano, por constituir a base semântica da consciência e permitir a comunicação social e o contato do mundo interno com o externo. Seu processo de significação é trazido por Vigotsky (2000) como fundamental para o entendimento da organização psíquica geral, consubstanciado na relação entre pensamento e linguagem.

Esses processos funcionais (pensamento e linguagem), embora não possuam a mesma raiz genética, se relacionam no curso do desenvolvimento. De acordo com o autor, na criança, o pensamento surge inicialmente como um todo inteiro e caótico que, com o tempo, encontra na palavra as vias necessárias para se expressar, se desmembrar.

É na relação entre pensamento e palavra que está representada a fase superior do desenvolvimento humano, pois o signo verbal²⁷ irá estruturar a atividade de forma especificamente humana, tanto na filogênese quanto na ontogênese.

²⁷ Neste trabalho darei ênfase a este signo, porém deve-se ter em mente que ele não encerra os signos presentes na atividade humana. Existem diversos instrumentos psicológicos que participam da constituição da realidade subjetiva e objetiva humanas.

Neste processo, do ponto de vista do desenvolvimento, há uma unidade contraditória entre os aspectos sonoros/externo e semânticos/interno da linguagem que expressam a funcionalidade do significado presente na linguagem e no pensamento: a) do ponto de vista *físico/sonoro* da linguagem, a criança caminha das partes para o todo, pois se utiliza inicialmente de sílabas, palavras isoladas, frases simples e depois complexas; b) do ponto de vista *semântico* da linguagem, o processo se dá inversamente, por meio de palavras (unidades particulares e semânticas) uma série de significados verbais são interligados e compõem o seu pensamento de modo abreviado/resumido, caminhando do todo para as partes. Nesse sentido, é preciso entender que, inicialmente, o pensamento da criança surge como um aglomerado confuso e inteiro, haja vista que a criança não tem, ainda, elementos linguísticos suficientes para desmembrar e expressar seu pensamento, que precisa encontrar a linguagem para se realizar.

Por isso a linguagem não pode ser entendida como uma expressão direta do pensamento; “O pensamento não se expressa, mas se realiza na palavra (*ibidem*, p. 412), o que significa que pensamento e linguagem não se unem por mera associação ou de forma estruturalmente espontânea e natural”. No processo de desenvolvimento, ambos passam por uma série de transformações, que inclui uma fase pré-linguística do pensamento e uma fase pré-intelectual da fala. Isso decorre do fato de, em sua gênese, a linguagem da criança estar associada fundamentalmente à descarga emocional e contato social, e seu pensamento a uma inteligência prática.

O avanço para além desses períodos ocorre por meio de seu contato com outros seres humanos, adultos, já inseridos na cultura, que lhes apresentam objetos carregados de significações sociais. Inicialmente, a atenção da criança é despertada pelo objeto e suas propriedades, de forma que a palavra, para ela, nada mais é do que uma extensão do objeto. Ou seja, no desenvolvimento infantil, o contato com a linguagem humana acrescenta algo a mais em sua vivência, que passa a ser mediada por signos. É no contato, manipulação e conhecimento dos objetos apresentados pela pessoa adulta, que o pensamento e a linguagem que mantinham um caráter biológico passam a, gradativamente, assumir um funcionamento sócio-histórico (VIGOTSKY, 2000).

O significado é fundamental para a compreensão desse desenvolvimento, pois ele pertence tanto à esfera do pensamento quanto da linguagem – é fenômeno do pensamento e do discurso. No processo de atividade humana, de produção do ser humano e, ao mesmo tempo, da sociedade humana, o significado tem papel constitutivo, pois nos apropriamos das significações incorporadas aos gestos e objetos. O significado é sinônimo de generalização; é a palavra vista de seu interior, e segue, de certa maneira, uma lógica externa, social, histórica.

Do ponto de vista semântico, ele [significado] consiste nas determinadas relações que uma palavra pode encerrar, de tal modo que ele só pode acontecer na medida em que o pensamento se materializa na palavra. Apesar de ser mais estático, “dicionarizado”, o significado admite mudanças qualitativas em si, que tenham a ver com o desenvolvimento do indivíduo e da sociedade. São esses conteúdos instituídos que, quando apropriados pelo sujeito, em sua atividade, permitem o compartilhamento e a socialização de experiências.

A palavra, por sua vez, se não estiver vinculada ao pensamento e, portanto, significando alguma coisa, não passa de um som vazio. É o significado que lhe atribui especificidade em sua relação com a realidade concreta, com os processos e a história humana. A palavra é um objeto do mundo interior que representa a realidade na ausência dela; é objeto da consciência. Ela realiza o pensamento, embora nem sempre tenha sucesso nisso, e ele, para se realizar por meio da palavra, passa por uma série de transformações.

A palavra, como um acontecimento concreto, é enriquecida o tempo todo pelas dinâmicas entre significado e sentido, o que equivale a dizer que a palavra toma o conteúdo intelectual e afetivo da relação que se estabelece entre a pessoa e seu contexto, revelando uma unidade dialética entre ambos [significado-sentido]. Portanto, para apreender a especificidade da significação é preciso conceituar o que é sentido para a teoria histórico-cultural (AGUIAR & OZELLA, 2006; AGUIAR, SOARES & MACHADO, 2015; ASBAHR, 2014; GÓES & CRUZ, 2006; REY, 2007; VIGOTSKY, 2000).

Dentro da psicologia soviética, ela foi introduzida por Vigotski no final de sua vida, tendo sido retomada por Leontiev na década de 1980, que a apresentou como “sentido pessoal”. Hoje, esse conceito já evoluiu muito na teoria histórico-cultural, e pensá-lo auxilia na compreensão da

organização psíquica geral e da consciência²⁸ (ASBAHR, 2011; BARRO, et. al., 2009; GÓES & CRUZ, 2006; REY, 2007).

Portanto, quando se fala em sentidos²⁹, para Vigotski, refere-se a uma unidade de elementos afetivos e cognitivos que evidenciam uma singularidade historicamente construída (ASBAHR, 2014; VIGOTSKY, 2000). Assim, ele se aproxima mais da subjetividade do que o significado, e carrega a característica de ser inesgotável e incompleto. Como categoria mais estável, o significado seria uma das zonas do sentido, com caráter mais coerente e preciso. Rey (2007) destaca que a categoria sentido complementa o entendimento da psique humana, pois é ela que permite encontrar a unidade da vida psíquica ao relacionar pensamento, linguagem, fala, personalidade e consciência como um sistema.

Os processos humanos de significação subentendem, portanto, uma construção sistemática e complexa da subjetividade humana, com várias categorias interligadas dialeticamente. Dessa forma, os sentidos se constroem nas relações e práticas sociais e estão em constante desenvolvimento.

Eles pressupõem interação com um contexto histórico e cultural específico, constituído de signos, que possibilitarão um processo de singularização dentro de um campo semântico particular (linguagem); é uma relação dialética da história com a experiência do sujeito (BARROS, et. al., 2009). Por seu caráter mais instável e fluido, o sentido é o conteúdo da consciência que sintetiza a unidade de processos biológicos e psicológicos, mais especificamente

²⁸ Asbahr (2014) denuncia o uso acrítico e banalizado dos conceitos de sentido e significado, que acabam sendo entendidos de forma subjetivista e sem consistência teórica. Em seu artigo, a autora sintetiza os conceitos e traz as principais diferenciações entre Vigotski e Leontiev para sua compreensão.

Nesta pesquisa, adotou-se o conceito de sentido de acordo com as formulações de Vigotski, que dá ênfase na relação entre pensamento e linguagem, embora tenha-se usado de outros autores como base bibliográfica, além dele (ASBAHR, 2011; LEONTIEV, 1978; REY, 2007).

²⁹ É importante pontuar que a distinção feita neste trabalho entre significado e sentido se deu unicamente para que sua explanação se fizesse mais didática. Ambas as categorias não podem ser tratadas de forma isolada, pois constituem, dialeticamente, a unidade de pensamento e linguagem, materializada por meio da relação entre o objetivo e o subjetivo. A realidade se apresenta ao ser humano a partir dos significados disponíveis na realidade material, porém sempre de forma particular.

processos cognitivos e afetivos. É ele que gera as necessidades, ainda desconhecidas, que mobilizam a atividade do sujeito.

Sobre as necessidades, Aguiar & Ozella (2006, p. 228) postulam:

As necessidades são entendidas como um estado de carência do indivíduo que leva a sua ativação com vistas a sua satisfação, dependendo das suas condições de existência. Temos, assim, que as necessidades se constituem e se revelam a partir de um processo de configuração das relações sociais, processo esse que é único, singular, subjetivo e histórico ao mesmo tempo. Além disso, é fundamental ressaltar que, pelas características do processo de configuração, o sujeito não necessariamente tem o controle e, muitas vezes, a consciência do movimento de constituição das suas necessidades. Assim, tal processo só pode ser entendido como fruto de um tipo específico de registro cognitivo e emocional, ou seja, a constituição das necessidades se dá de forma não intencional, tendo nas emoções um componente fundamental. Pode-se dizer que tais registros constitutivos das necessidades não são necessariamente provenientes das significações, podendo constituir-se em afecções que ainda não foram significadas.

Tal unidade cognitivo-afetiva implica compreender que a necessidade e a motivação orientam o pensamento e a ação. A atividade humana, entretanto, não se mobiliza apenas pela necessidade. Ela ocorre quando as necessidades encontram significação no mundo social, quando encontram um objeto de satisfação no mundo externo. Nisso, elas se transfiguram em motivo. Do ponto de vista dialético, temos a geração de uma atividade gerada por ela mesma. O pensamento é um processo psicológico não apenas por ser cognitivo, mas também por ser afetivo, e há necessidades e motivos que orientam seu movimento.

Isso implica que as emoções, para a Psicologia Histórico-Cultural, não são passivas. Elas têm o potencial de favorecer ou limitar a capacidade do corpo para a ação. Em outras palavras, podemos dizer que o desenvolvimento do pensamento leva à mudança do conhecimento, ora superficial, do objeto, para um conhecimento profundo, pela mediação da palavra, que se constitui por meio do conteúdo intelectual e afetivo compartilhado num dado contexto, e que tende a atravessá-la e alterá-la.

Portanto, a constituição e a consequente ampliação e/ou estagnação da consciência dependem da mediação dos significados, síntese de pensamento e linguagem. O fato psicológico resulta daquilo que o sujeito vai dominando do significado, o que vai constituindo sua

personalidade. Ou seja, a consciência é muito mais do que o pensamento puro; é relação sistêmica do sujeito com sua realidade material, que se revela psicologicamente como um *sistema de sentidos* (LEONTIEV, 1978). Por isso é dinâmica, não estática; é síntese de múltiplas determinações.

Em resumo, podemos dizer que a subjetividade se edifica como intersubjetividade, ou seja, as pessoas se constroem a partir das possibilidades e limitações materiais e históricas de existência na sociedade onde vivem que, neste caso, é a sociedade capitalista. Em função disso, faz-se conveniente ressaltar que Marx, no livro *I d'O capital*, aponta como o modo de produção especificamente capitalista tem suas raízes no modo de produção colonial, além de se basear na divisão social e sexual do trabalho (MARX, 2017).

Isso nos apresenta possibilidades para pensar que, quando se fala em contexto capitalista, é impossível dissociar de um modo de funcionamento social que também se edifica na escravidão e racialização de pessoas não brancas, no patriarcado e nas relações imperialistas entre países, discussões aprofundadas por diversas autoras e autores contemporâneos (ARRUZA, BHATTACHARYA & FRASER, 2019; BHATTACHARYA, 2019; FILICE, 2011; GONZALEZ, 1984; JAFFE & BHATTACHARYA, 2020).

Se é por meio da atividade que os motivos para com ela irão se organizar e criar as bases para sustentar uma atividade psíquica interna nos sujeitos, aglutinada nos sentidos, é preciso compreender os processos reais que medeiam a organização psíquica individual e coletiva, bem como quais são as alternativas concretas para que os sujeitos tenham maior liberdade para edificar suas existências.

Tal entendimento acerca das significações, dentro da Psicologia Histórico-Cultural, nos oferece bases importantes para refletir o contexto escolar, o que será melhor explorado no tópico a seguir.

2.2 Relações entre o contexto escolar e a construção de sentidos da atividade docente

Como apresentado no capítulo I desta dissertação, a escola, as teorias pedagógicas e a Psicologia Educacional e Escolar no Brasil possuem em sua história a marca da exploração

capitalista e colonial. Neste capítulo, retomando essa trajetória, serão pensadas as contradições existentes na Educação como instituição e nos estabelecimentos escolares, para buscar medidas de superação dessas condições.

A aposta da teoria Histórico-Cultural nas contradições prevê que delas podem emergir o poder de resistência e subversão contra a ideologia burguesa e a sociedade de classes, que sustenta tais condições de alienação e opressão, gerando processos de tomada de consciência entre os trabalhadores e trabalhadoras.

Portanto, defende-se que encarar a realidade das escolas brasileiras não significa negar os ganhos e avanços científicos, filosóficos e artísticos da instituição, que encontram ressonâncias na transformação da vida de muitas crianças e adolescentes:

As ciências, as artes e a filosofia fazem parte da história humana e, portanto, carregam as contradições geradas pela luta de classes que tem marcado até aqui o desenvolvimento histórico. [...] por que as ciências, as artes e a filosofia não poderiam, mesmo que marcadas pela luta de classes e, por consequência, pela alienação, gerar na consciência do aluno novas possibilidades? (DUARTE, 2016a, pp. 64-65)

No mesmo sentido, Martins (2013) destaca a educação escolar como um “processo privilegiado” no que tange à transmissão de conhecimento, e destaca que tanto a Psicologia Histórico-Cultural quanto a Pedagogia Histórico-Crítica³⁰ não ignoram as condições objetivas da sociedade de classes, que oferecem possibilidades desiguais de humanização para os indivíduos. De acordo com a autora, reconhecer a escola como esse espaço privilegiado é justamente se opor a tais desigualdades:

É a serviço do desenvolvimento equânime dos indivíduos que a educação escolar desponta como um processo ao qual compete oportunizar a apropriação do conhecimento historicamente sistematizado – o *enriquecimento do universo das significações* –, tendo em vista a elevação para além das significações mais

³⁰ A Psicologia Histórico-Cultural, embora tenha muito a contribuir para a área da Educação, não constitui uma pedagogia. Fazer isso seria psicologismo. A Pedagogia Histórico-Crítica se coloca, portanto, como uma teoria que possui unidade filosófica com a Psicologia Histórico-Cultural, pois também se edifica sobre os pressupostos do Materialismo Histórico-Dialético. Os principais representantes desta vertente utilizados neste trabalho são Dermeval Saviani e Newton Duarte.

imediatas e aparentes disponibilizadas pelas dimensões meramente empíricas dos fenômenos (p. 272, grifos meus).

Apesar de a teoria assentir que a escola não consiste na única instituição possível de efetivar o processo educativo, compreende que sua função deva ser, antes de tudo, de reprodução cultural. A reprodução é processo fundamental para a existência da vida, no qual ocorre a apropriação, pelos indivíduos, das objetivações culturais, o que leva a um processo dialético de transformação do sujeito em algo novo, ao mesmo tempo em que preserva sua identidade (DUARTE, 2016a).

Assim, a escola, ao inserir na atividade do estudante uma nova forma de desenvolvimento – nova, pois, a aprendizagem se inicia desde a inserção da criança nas relações sociais –, a partir do contato com o saber sistematizado pelo ser humano, que podemos chamar de conteúdo historicamente acumulado e humanamente mais desenvolvido, permite que ele tenha a possibilidade de se apropriar da cultura, ao mesmo tempo em que objetiva (concretiza) suas atividades. Podemos entender isso também como a possibilidade de dominar suas funções psíquicas e atribuir novas significações para a atividade.

Duarte (2016a), ao retomar o conceito de “astúcia da razão”, de Hegel, que consiste “[...] no ato de o ser humano colocar em movimento forças existentes na realidade para produzir algo que ainda não existe” (p. 4), faz uma pergunta importante sobre o papel dos professores, e questiona se a atividade desses profissionais também não seria uma forma de “astúcia da razão”.

De maneira sucinta, o papel dos docentes, bem como da escola e seus demais atores, pode ser compreendido dessa forma. Porém, ao minuciar o questionamento do autor, vê-se que, embora pareça simples, essa produção de algo novo é um fenômeno complexo, que exige uma compreensão também complexa da sociedade, dos sujeitos e da relação destes com os conteúdos escolares. Há uma série de categorias necessárias para compreender isto.

Assim, o processo de aquisição das particularidades humanas, isto é, dos comportamentos complexos culturalmente formados, demanda a apropriação do legado objetivado pela prática histórico-social. Os processos de internalização, por sua vez, se interpõem entre os planos das relações interpessoais (intersíquicas) e das relações intrapessoais (intrapíquicas); o que significa dizer que instituem-se a partir do universo de objetivações humanas disponibilizadas para cada indivíduo singular pela mediação de outros

indivíduos, ou seja, por meio de processos educativos. (MARTINS, 2013, p. 271)

A partir da dialética entre as realidades interpessoal e intrapessoal, podemos afirmar que parte do compromisso da escola é possibilitar o disciplinamento da polissemia, expandir elaborações sobre os objetos do conhecimento, e aproximar, com isso, os estudantes do pensamento conceitual, sistematizado e categorial. Porém, também é preciso trabalhar com o caráter mais dinâmico da consciência, pois sem a tensão da força dos sentidos, o processo de aprendizagem não é possível, já que o conhecimento não pode ser reduzido a seus campos mais estáveis. Por isso, a escola deve ter como prioridade atuar nos processos e não nos produtos da sua atividade de estudo, entendendo a dinâmica da unidade cognitivo-afetiva. Isso equivale a dizer que o cotidiano escolar deve proporcionar atividades com motivos bem definidos, para que os objetos de estudo apresentados pelo professor ou professora possam ser plenamente apropriados pelo corpo discente (ASBAHR, 2011).

O assentamento desses pressupostos teóricos impõe a tomada de determinados posicionamentos ao se fazer a estruturação de um pensamento e práticas científicas, tal qual se pretende aqui, a saber, a necessidade de se ter como objetivo a superação da sociedade de classes, baseada na propriedade privada.

Ao se sustentar que a construção de sentimentos e pensamentos humanos é uma tarefa educativa, implica-se no reconhecimento de que vivemos em uma sociedade marcada por antagonismos de classe, que edifica a cisão institucional, concretizada nas escolas, entre o fazer e o pensar e, também, entre o pensar, o fazer e o sentir. Esse movimento revela o entendimento real do processo produtivo dos fenômenos, as relações concretas existentes ali, sem idealismos ou categorização dos períodos históricos. É apenas com a adoção desta perspectiva que a efetiva transformação da realidade de exploração capitalista é possível:

[...] em todas as revoluções anteriores a forma da atividade permaneceu intocada, e tratava-se apenas de instaurar uma outra forma de distribuição dessa atividade, uma nova distribuição do trabalho entre outras pessoas, enquanto a revolução comunista volta-se contra a *forma* da atividade existente até então, suprime o *trabalho* e supera a dominação de todas as classes ao superar as próprias classes [...] (MARX, 2007, p. 42, grifos do autor).

A consequência da adoção de uma postura contrária a essa acima é permanecer com a oposição entre ser humano e natureza, como se a natureza não fizesse parte dos seres humanos e sua história. Assinaladas tais necessidades, do ponto de vista da Psicologia e da Educação, a Psicologia Histórico-Cultural e a Pedagogia Histórico-Crítica, como vertentes que assumem tal compromisso com a sociedade, apresentam algumas possibilidades e limitações para tais transformações.

Mendonça (2011) ressalta a importância de se pensar a escola do ponto de vista pedagógico e sociológico para poder superar seus problemas atuais, pois é por meio do desvendamento do real que as contradições e possibilidades de superação aparecem. Assim, é pressuposto fundamental que, ainda que a escola possibilite acesso aos conhecimentos historicamente acumulados, muitas restrições à classe trabalhadora são colocadas nesse processo. Em nossa sociedade, não apenas a educação, mas toda a vida social é estruturada sob a produção da mais-valia em detrimento da produção do ser humano genérico. Daí que a autora destaca, da filosofia marxista, os conceitos de alienação e estranhamento.

O estranhamento se dá na medida em que o processo educacional tem como base de seu problema as contradições do capitalismo, o que empobrece e restringe o acesso da classe trabalhadora à educação. O estranhamento mingua as possibilidades de identificação com o resultado da atividade e do sujeito com sua própria essência humana.

A alienação, de acordo com Mendonça (2011), seria um princípio organizador da educação em nossa sociedade, visto que toda a vida social está estruturada pelo trabalho que não se dá em função do ser humano e suas necessidades, mas para a produção de mais-valia e do estranhamento. Os sujeitos permanecem, assim, em sua atividade, distantes da produção, do processo e do resultado de seus trabalhos.

Em relação à atividade de trabalho de professoras e professores, a autora destaca que o processo de estranhamento fica evidente na falta de identidade do docente para com seu trabalho pedagógico, desde sua formação até as objetivações no ambiente escolar (MENDONÇA, 2011).

Uma vez que a realidade material está sempre atrelada à construção do mundo subjetivo, na atividade humana real o sujeito se distancia não apenas de seu trabalho, mas também de seu

ser genérico³¹ e de sua essência humana. No mesmo sentido, para Asbahr (2011), o sentimento de inadequação psicológica seria fruto de condições históricas alienantes, que faz com que pareça que a consciência não é autêntica. As autoras (ASBAHR, 2011; MENDONÇA, 2011) nos ajudam a pensar as discordâncias, na sociedade capitalista, entre os sentidos e os significados da atividade devido à alienação e ao estranhamento, questionando o papel social da escola em nossa realidade concreta:

Essas relações sociais alienadas penetram na consciência dos sujeitos e produz-se uma discordância entre o resultado objetivo da atividade e seu motivo, ou, em outras palavras, o conteúdo objetivo da atividade não concorda com seu conteúdo subjetivo, o que confere à consciência características particulares. A consciência humana, nesse contexto, torna-se desintegrada, fragmentada, alienada (ASBAHR, 2011, p. 92).

Ao resgatar a filosofia, Asbahr, citando Duarte (2004), demonstra que tais reflexões já estavam presentes na obra marxiana, quando Marx revela a configuração da sociedade capitalista, baseada na produção e consumo de mercadorias:

[...] o sentido é dado pelo valor de troca da força de trabalho. Como se sabe, na análise formulada por Marx, o valor de troca é indiferente ao valor de uso da mercadoria. No caso dessa mercadoria específica, a força de trabalho, o seu valor de troca é indiferente ao trabalho concreto, ou seja, ao conteúdo da ação concreta do operário. Portanto, não é apenas para o operário que o sentido do seu trabalho se dissocia do conteúdo deste, também para a sociedade esse fenômeno ocorre. Na verdade, o sentido pessoal que o trabalho tem para o operário é uma consequência do sentido que esse trabalho tem para a sociedade capitalista (DUARTE, 2004, p. 58, *apud* ASBAHR, 2011, pp. 92-93).

Esta ruptura entre significados e sentidos da atividade, portanto, não operam apenas no âmbito social, mas também no individual. O processo de desenvolvimento humano, apresentado no capítulo anterior, se encontra aqui ao se entender a atividade na sua relação com a consciência;

³¹ Ser genérico remete ao gênero humano, que faz referência à universalidade do ser humano. Entende-se que cada indivíduo recria, em sua atividade, a universalidade do gênero humano, sendo que este, por sua vez, se materializa na singularidade (sobre a dialética singular-particular-universal, consultar nota de rodapé número 27, na página 47). A genericidade é uma instância que está em constante movimento, a depender das condições históricas e sociais; dessa forma, também é possível dizer que o gênero é produzido pela atividade humana e pelas relações entre sujeitos que ela implica. Entretanto, na sociedade capitalista, a possibilidade de se desenvolver como ser genérico, ou seja, de se apropriar das objetivações do gênero humano, não é dada de forma igualitária a todas as pessoas (PASQUALINI & MARTINS, 2015).

atividade esta mediada por signos que, apropriados, geram sentidos e motivos para uma nova atividade.

Em nossa sociedade, no entanto, a tomada de consciência, ou seja, a relação do sujeito com o mundo, que se revela na produção dos sentidos, é desconectada da significação coletiva do trabalho. O fenômeno do estranhamento faz com que também as significações, os sentidos de determinado trabalho sejam estranhados do sujeito. Uma vez que as objetivações humanas se encontram banhadas nos significados sociais, e essas significações são cindidas de sua real natureza, também suas apropriações se darão de forma a ocultar seus processos na consciência individual. Ou seja, os afetos necessários à motivação para a atividade e a construção da unidade afetivo-cognitiva serão pobres com relação à sua gama de possibilidades de desenvolvimento.

Da mesma forma, podemos pensar que os professores e professoras vão constituir seus sentidos a partir de sua inserção como indivíduos no curso da história humana por meio de suas relações, que também apresentam contradições, conflitos, dramas e limites.

É na unidade singular-particular-universal que o cultural se faz objetivo³². Se a pandemia apresentou para os professores e professoras novas condições objetivas, novas relações sociais, podemos inferir quais construções subjetivas e psicológicas decorrem disso. De outra maneira, nos faz refletir sobre quais novos conteúdos de pensamento surgiram e como isso afeta, dialeticamente, suas formas de organização, ou seja, os modos de pensar e sentir esses conteúdos. Será que o sentido da exploração de suas forças de trabalho ficou mais evidente, por exemplo?

³² Pasqualini e Martins (2015), baseadas em Lukács, apresentam relação dialética presente na unidade singular-particular-universal como fundamental para a compreensão efetiva da realidade para além de sua aparência. Ainda de acordo com elas, a práxis e a pesquisa em Psicologia também devem ser orientadas por essa perspectiva.

Em síntese, tal unidade desvela a relação entre o todo e as partes, sendo que “O singular é parte de um todo. Esse todo, o universal, se cria e se realiza na interação das partes singulares. Essas partes não existem por si mesmas; elas se relacionam entre si e com o todo” (p.365). Essa tensão contínua entre singular e universal se manifesta no particular, que é a instância que realiza a mediação dessa relação. A particularidade, na análise de um fenômeno, é entendida como condicionadora da singularidade, o que possibilita a diversidade das expressões singulares. Ao mesmo tempo, ela expressa a universalidade. O ser humano, portanto, é um ser singular-particular-universal, que só pode ser compreendido nas relações complexas dessas três categorias entre si.

Como a escola na qual realizei esta pesquisa expressa as determinações universais e particulares da pandemia?

Com isso, é possível que aprofundemos nossos questionamentos acerca dos sentidos do trabalho docente durante a pandemia do novo coronavírus, considerando as consequentes perdas de controle de suas atividades devido à implementação forçada da modalidade de trabalho remoto, mediada pelas tecnologias da informação e comunicação, à desmobilização da classe, por efeito do distanciamento social, ao jogo de interesses políticos, que precarizam e sobrecarregam o trabalho, à mercantilização da educação etc.

Ainda, há de se considerar que, embora a realidade material de professores e professoras já fosse marcada pela precarização e sucateamento, ela sofreu alterações significativas com a pandemia que se inscrevem no percurso histórico humano, cujos sentidos para os trabalhadores e trabalhadoras ainda estão em curso. De tal forma, busca averiguar o diálogo e a construção dos sentidos pessoais e coletivos para essa classe profissional em sua atividade afetada pelas consequências de saúde, sanitárias, sociais, políticas e econômicas da pandemia do novo coronavírus.

Conforme assinalado por Duarte (2016a), na educação deve-se trabalhar com a transformação da concepção de mundo, o que é possível a partir do ensino de conteúdos escolares. A concepção de mundo, ou visão de mundo, pode ser compreendida como “[...] conhecimentos e posicionamentos valorativos acerca da vida, da sociedade, da natureza, das pessoas (incluindo-se a autoimagem) e das relações entre todos esses aspectos” (DUARTE, 2016a, p. 99). O contato com os conteúdos escolares proporcionam a relação entre a totalidade da atividade humana e a prática educacional, que viabiliza o domínio da natureza e a organização da sociedade.

Logo, pensando que a concepção de mundo é a idealização e interpretação, pelos seres humanos, do mundo material, ela é central na relação entre os seres humanos e fomenta práticas que estão ancoradas na estrutura social, mesmo que de forma invisibilizada, tal qual o racismo, o machismo e a divisão binária entre os gêneros. São essas práticas que dão sentido ao mundo (FILICE, 2011). Duarte, ancorado em Gramsci, ressalta:

[...] a compreensão do movimento e do devenir, para a valorização da soma de esforços e de sacrifícios que o presente custou ao passado e que o futuro custa ao presente, para a concepção da atualidade como síntese do passado, de todas as gerações passadas, que se projeta ao futuro (GRAMSCI, 1982, *apud* DUARTE 2016a, pp. 130-131)

Deste modo, apreender como professores e professoras vivenciaram o trabalho docente durante a pandemia é atuar para que se possa projetar o futuro. Por isso, vale a pena também lançar mão do questionamento do papel do profissional da Psicologia nesses espaços, que deve não apenas ouvir as queixas de seus agentes, como também transformá-las em demandas, analisando suas complexidades e, partindo daquilo que é aparente, atuar na essência dos problemas escolares.

CAPÍTULO III – PROCEDIMENTO METODOLÓGICO E DE PRODUÇÃO DOS DADOS

3.1 Procedimentos de produção

Para apreender os sentidos do trabalho, a partir da vivência da pandemia, para um grupo de professores, foram formados grupos de discussão quinzenais, por meio da plataforma *online Google Meet*, com docentes do ensino médio de uma escola pública estadual do centro-oeste paulista. A técnica de produção de dados utilizada foi o grupo focal, que se apresenta como um procedimento de abordagem qualitativa, para pesquisas que pretendem se voltar para algum tipo de atividade coletiva e focalizada (GATTI, 2005).

Ao utilizar essa técnica, espera-se que seus participantes sejam reunidos de acordo com algum critério em comum – porém não de forma completamente homogênea –, que os qualifique dentro da proposta da pesquisa para que o material colhido a partir das discussões realizadas abarque suas vivências cotidianas e pessoais. Dessa forma, a técnica do grupo focal tem como objetivo “[...] captar, a partir das trocas realizadas no grupo, *conceitos, sentimentos, atitudes, crenças, experiências e reações*, de um modo que não seria possível com outros métodos” (GATTI, 2005, p. 9, grifos meus), o que a torna adequada para cumprir com o objetivo específico desta pesquisa, de apreensão dos *sentidos* da categoria docente acerca de sua atividade de trabalho na pandemia.

Gatti (2005) destaca que, para o desenvolvimento do grupo focal, é preciso que a pessoa moderadora tenha certo estudo prévio da temática da pesquisa, de maneira que é incentivado o uso de um roteiro preliminar para orientar e estimular as discussões. Nesta pesquisa foram realizados cinco encontros com o grupo, sendo os temas discutidos em cada encontro os seguintes: 1) Pandemia e trabalho docente; 2) Pandemia e relações familiares; 3) Pandemia e saúde física e mental/relação com o tempo e o espaço; 4) Sentidos coletivos da pandemia/Sentidos pessoais da pandemia; 5) Perspectiva de futuro/plano de ação. Os anexos I a V correspondem aos roteiros elaborados previamente para condução dos encontros.

É importante pontuar que os roteiros nortearam as discussões, porém fui adicionando ou suprimindo questionamentos, conforme a fala dos professores foi me suscitando necessidades

como pesquisadora e moderadora do grupo, o que está de acordo com a possibilidade de flexibilidade e fluidez do grupo focal, sem perder de vista seu objetivo principal. Cada encontro teve duração de uma hora e ocorreram durante o segundo semestre de 2020, entre os meses de agosto e outubro.

O contato e a seleção da escola referida aconteceram em 2019, após a escola procurar, por *e-mail*, o departamento de Psicologia Social e Educacional da Universidade à qual me vinculo, solicitando uma intervenção com os estudantes do primeiro ano do ensino médio na temática do suicídio. Sendo esse meu objeto de pesquisa até então³³, o departamento me encaminhou a solicitação, sugerindo que eu respondesse à escola com uma proposta de intervenção.

Ao entrar em contato com a escola, sugeri, além do atendimento à demanda, a realização de um trabalho com os docentes, a fim de contemplar o objeto idealizado para minha pesquisa de mestrado – dialogar sobre a prevenção do suicídio com professores de ensino médio.

É importante pontuar que, antes da formação do grupo de professores, passei o ano de 2019 estreitando minhas relações com a escola e seus membros: em reuniões para dialogar com a coordenação, para pensarmos juntos os melhores dias, horários e espaços para a efetivação da produção de dados da pesquisa; participar de reuniões de Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC)³⁴ para me apresentar e apresentar minha proposta; conviver, algumas vezes, com os professores, na Sala dos Professores, no horário do intervalo das aulas; realizar algumas intervenções com os estudantes do ensino médio, cumprindo com o pedido inicial da escola, de levar discussões e abrir espaço para que os estudantes falassem sobre suicídio e educação sexual³⁵.

³³ Vide Introdução (pp. 13-20).

³⁴ Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC), se refere a uma ação permanente e integrada de formação continuada que integra a carga horária do trabalho docente e ocorre semanalmente, com supervisão da equipe gestora.

³⁵ Sobre o suicídio, foi realizado um grupo de estudos, durante um mês, com os estudantes componentes do grêmio estudantil, o que culminou na realização de um sarau, ao final, envolvendo todos os alunos e alunas, no horário do

Em 2020, após o decreto do *lockdown* no estado, entrei em contato com a escola novamente, avisando acerca da alteração da temática da pesquisa e questionando se isso, de alguma forma, perturbaria minhas possibilidades de atuação com aquele corpo escolar. A coordenação do estabelecimento continuou se mostrando aberta para que eu prosseguisse com meu trabalho, e disso decorreram algumas reuniões para contato, aproximação e apresentação da nova proposta para os professores e professoras.

Para minha surpresa, na reunião que realizei, de forma remota, com os docentes para a apresentação da nova proposta de pesquisa, muitos que já haviam se comprometido verbalmente com a participação no grupo no ano anterior, desistiram da colaboração quando receberam a notícia de que o suicídio não seria mais objeto das discussões. Foi-me até sugerido, por uma das professoras que havia se comprometido e se mostrava empolgada para participar do grupo sobre suicídio, que eu mantivesse o tema inicial.

Embora não haja dados concretos suficientes para produzir uma análise acerca dos motivos das desistências, é importante ressaltar que, hegemonicamente, a Psicologia cumpre, dentro das escolas, a função de avaliar e atribuir diagnósticos individuais, o que permeia o imaginário dos professores – isso ficou evidente em meus primeiros contatos com o corpo docente, ainda nas conversas na Sala dos Professores, quando diversas vezes me foi solicitado que “tratasse” e fizesse atendimento clínico com eles.

Há ainda a contradição que tal imaginário carrega, que é o medo de ser avaliado e julgado em seu trabalho, o que também sinaliza a falta de apoio que a categoria recebe. Portanto, uma possibilidade que indico, de forma inconclusiva, é a de que o tema da busca em apreender os sentidos do trabalho docente tenha causado o desconforto nos professores de ter sua atividade analisada, sem o oferecimento de um apoio, ao contrário do que um espaço para falar sobre suicídio supostamente faria.

intervalo. Essa prática surtiu na submissão de um artigo, que se encontra em análise para publicação. Sobre educação sexual, foram realizadas rodas de conversa com todas as turmas do primeiro ano do ensino médio.

Sendo assim, se voluntariaram quatro professores de áreas do conhecimento de Ciências Humanas e de Linguagens. Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)³⁶ antes do início dos encontros, e estavam cientes de todas as condições de gravação das reuniões, bem como dos possíveis riscos e desconfortos que tal atividade impunha.

A fim de respeitar a privacidade e o anonimato dos participantes, seus nomes foram omitidos, de forma que me referenciarei a eles por letras. Abaixo segue quadro ilustrativo com alguns dados pessoais colhidos:

Quadro 1 – Informações dos docentes participantes do grupo focal

	Professora A	Professor B	Professor C	Professor D
Identidade de gênero	Mulher	Homem	Homem	Homem
Idade	43 anos	41 anos	35 anos	37 anos
Raça	Branca	Branca	Preta	Branca
Estado civil	Casada	Casado	Casado	Solteiro
Disciplina	Sociologia e Eletivas	História	Educação Física	História
Horário das aulas	Manhã	Manhã e tarde	Manhã e tarde (também trabalha em uma escola municipal, em uma outra cidade)	Manhã e tarde
Formação	Graduação em Serviço Social	Doutorado em História	Graduação em Educação Física e especialização <i>latu sensu</i> (em andamento na época)	Graduação em História
Tem filhos? Quantos?	2 filhas	Não possui	Não possui	1 filho de 8 anos, que mora com a mãe
Com quem mora	Com o marido e duas filhas	Com a esposa e enteada	Esposa	Em uma república, com mais quatro pessoas.

³⁶ Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras – FCL - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP - Campus de Assis (CAAE 36076720.0.0000.5401).

É importante pontuar que, antes do estabelecimento da amostra dos professores, eu idealizava que seria possível realizar um recorte de gênero bem definido nesta pesquisa, haja vista que as mulheres compõem maioria entre os profissionais docentes³⁷. Entretanto, apenas uma professora se voluntariou para participar do grupo, estando presente em apenas um dos cinco encontros propostos, de forma que a maior parte dos dados produzidos nesta pesquisa diz respeito às falas de professores homens. Esse fato dificulta a comparação, porém não impede que uma análise que tenha a categoria gênero como norte seja feita.

Inicialmente, os encontros foram planejados para acontecer durante o HTPC, por já ser um período de encontro comum entre os professores, e que, por isso, supostamente não atrapalhariam suas rotinas e trabalhos. Porém, em 2020, a partir da Resolução SE 72, de 16-12-2019³⁸, implementada nas escolas estaduais paulistas, o horário de ATPC, que até então ocorria apenas uma vez na semana, passou a ser dividido pelas três áreas do conhecimento (Ciências Humanas, Linguagens, e Ciências da Natureza e Matemática), determinando horários diferentes para cada grupo.

Em conversa com o coordenador da escola, concluímos que reunir professores das três áreas para minha pesquisa seria algo dificultoso, devido à necessidade de encontrar um horário em comum para a realização dos grupos, haja vista a nova configuração dos ATPCs. Além disso, por ser responsabilidade do coordenador organizar e mediar essas reuniões, seu eu tomasse todos os horários da semana, ele ficaria sem oportunidade para discutir profundamente com os docentes questões referentes aos problemas da escola, levando-o à sobrecarga. Por fim, os professores das áreas de Humanidades e de Linguagens foram escolhidos tanto pela questão de tempo quanto por uma questão de proximidade e conforto dessas áreas com o objeto de pesquisa deste trabalho.

³⁷ De acordo com o Censo Escolar 2020, as mulheres representam a maioria da docência no Brasil, sendo que essa presença diminui conforme o nível escolar avança. Dessa forma, na Educação Infantil, mulheres representam 96,4% dos docentes, no Ensino Fundamental, 88,1%, e no Ensino Médio, 57,8% (BRASIL, 2021).

³⁸ Disponível em: <http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/72_19.HTM?Time=17/01/2020%2010:17:50>. Acesso em 11 jul. de 2021.

Os encontros foram gravados e transcritos para que as demais etapas metodológicas de produção e análise dos dados pudessem se dar.

3.2 Procedimentos de análise

Seguindo a composição da dissertação, para auxiliar os processos de produção e organização dos dados desta pesquisa, a partir da concepção teórico-metodológica da Psicologia Histórico-Cultural, a metodologia utilizada foi dos Núcleos de Significação, desenvolvida por Aguiar e Ozella, que consiste num procedimento específico da vertente histórico-dialética para pesquisas qualitativas (AGUIAR & OZELLA, 2006; AGUIAR, SOARES, MACHADO, 2015).

Tal metodologia demanda que se realize mais de um encontro com os sujeitos envolvidos, que devem ser amplos e consistentes, evitando que haja dúvidas com relação às discussões. Ao fazer uso dela, deve-se focalizar o discurso dos professores, uma vez que se entende que as palavras permitem acesso aos processos psíquicos (sentidos e significados) dos sujeitos, pois, dentro de seu contexto, são condicionadas sócio-historicamente (AGUIAR & OZELLA, 2006; AGUIAR, SOARES, MACHADO, 2015).

Assim, o referencial teórico-metodológico aqui utilizado se desdobra em uma metodologia de investigação e explicação que propõe defender uma tese. Ou seja, é uma teoria que explica a concreticidade dos fenômenos abstratos da realidade com a qual trabalha, respondendo a suas especificidades. Por isso, está alinhada com a tentativa de superação de um fazer científico supostamente neutro e técnico, para a produção de conhecimento coerente, orientada para a apreensão da totalidade do ser humano, seus movimentos e contradições.

É importante pontuar que, aqui, se entende que qualquer explicação científica vai além da descrição dos fenômenos, para o desvelamento das relações, mediações e antíteses que os sustentam objetivamente (PASQUALINI & MARTINS, 2015). Sobre isso, Tanamachi, Asbhar & Mattosinho (2013) afirmam:

Por método, aqui estamos entendendo, de acordo com Vigotski, uma forma de conhecimento que comporta os procedimentos metodológicos, às vezes denominados de metodologia de pesquisa, e que determina o objetivo da pesquisa, o caráter e a natureza da ciência. Muitas teorias da Psicologia, segundo o autor, enfatizam os procedimentos metodológicos em detrimento do

método, priorizando apenas a dimensão epistemológica do conhecimento. Mas esta ênfase nos procedimentos metodológicos, às vezes utilizados como método, não nos conduz à elaboração de conhecimento, apenas à produção de dados e mais técnicas (pp. 10-11).

Entende-se, portanto, que existem forças de significados e sentidos que atuam o tempo todo na atividade humana, podendo desvelar a realidade em sua totalidade. Com isso, o processo de análise aqui utilizado não se propõe puramente como um método técnico, mas como uma forma de conhecer a realidade ontologicamente, respeitando a integralidade do ser social. E isso se dá, nesta pesquisa, por meio da palavra, das falas dos professores como material de análise, uma vez que as palavras são signos inseridos num determinado contexto e possibilitam a apreensão dos sentidos de suas atividades.

O processo de análise dos dados e constituição dos Núcleos de Significação possui quatro etapas principais: a primeira é a identificação dos *pré-indicadores*, que se dá pela repetição de leituras flutuantes do material transcrito. A formação dos pré-indicadores se realiza na identificação de temas, que podem advir por frequência, importância, carga emocional, contradição etc. para auxiliar na compreensão do objeto pesquisado. Esse movimento, de acordo com Aguiar & Ozella (2006), geralmente resulta num quadro amplo de possibilidades de análise, o que pode ser resolvido a partir de uma filtragem seguindo o foco do objeto de pesquisa.

Trata-se do primeiro momento do processo de síntese que se pretende realizar com a apreensão dos núcleos de significação, em se que parte das abstrações, o que Aguiar, Soares & Machado (2015) associam ao primeiro momento da tríade dialética tese-antítese-síntese. Portanto, nesse ponto as palavras revelam apenas o sujeito empírico e não o sujeito histórico, concreto, da atividade.

O passo seguinte consiste na aglutinação dos pré-indicadores, possibilitando a formação dos *indicadores*. Os critérios para essa aglutinação podem ocorrer por semelhança, complementariedade ou contraposição, de forma que não necessariamente devam servir para isolar os indicadores. Nessa fase, as antíteses das falas ganham destaque, uma vez que consiste em um processo de sistematização, ou seja, de negação do dito. Isto se dá pela evidência das contradições, de tal forma que se busca superar a dimensão empírica das falas dos professores pela dimensão concreta.

A etapa da construção dos *núcleos de significação* permite observar as transformações e contradições que ocorrem no processo de construção dos sentidos e significados, a fim de ajudar a considerar tanto as condições subjetivas quanto as contextuais e históricas, apontando aspectos centrais e fundamentais para o sujeito.

Nessa fase, se passa de um processo de caráter empírico (da fala) para o interpretativo (de explicação acerca da construção do sentido); a última etapa consiste na análise dos Núcleos de Significação construídos, que deve se realizar primeiro de modo intranúcleos e, em um segundo momento, de maneira internúcleos.

Nesta etapa da pesquisa, minha análise como investigadora se faz importante para apreensão das semelhanças e/ou contradições expressas pelo sujeito, não necessariamente manifestas na aparência de seu discurso.

3.2.1 Identificação dos Pré-indicadores

A primeira etapa do processo de organização dos dados desta pesquisa, seguindo o procedimento teórico-metodológico dos Núcleos de Significação, foi a identificação dos pré-indicadores.

É importante pontuar que nas transcrições também constam mensagens enviadas pelo *chat* do *Google Meet*, que precisou ser utilizado por dois motivos durante a realização do grupo focal: por problemas técnicos, em momentos em que a captação de áudio do aparelho dos professores não estava funcionando, e quando não se sentiam confortáveis para falar em voz alta, pois havia outras pessoas na residência em que se encontravam e que não queriam que ouvissem. Nesses casos, a mensagem foi copiada e colada sem quaisquer alterações, mantendo sua forma escrita original nos quadros dos pré-indicadores e indicadores. Também foi feita a indicação, nesses quadros, de que a fala foi feita via *chat*.

Os quadros dos pré-indicadores foram construídos individualmente para cada docente que compôs o grupo focal e se encontram no Apêndice, entre as páginas 122 e 157. Os destaques em negrito e sublinhado realizados nas transcrições das falas dos docentes são parte do meu processo de produção dos dados e das marcações que fui fazendo nas falas que considerava importantes.

3.2.2 Formação dos Indicadores

Nesta etapa da pesquisa, efetivou-se a aglutinação dos pré-indicadores, elencados a partir das falas dos professores, em indicadores, seguindo os critérios de similaridade, complementariedade e contraposição, dispostos por Aguiar & Ozella (2006). Optou-se por criar um quadro único com os indicadores de todos os docentes, ao invés de um para cada participante, como foi feito na construção dos pré-indicadores.

Foram levantados quatorze indicadores, a saber: 1) Relação professor-aluno; 2) Tecnologias da Informação e da Comunicação e atividade docente durante a pandemia; 3) Conhecimento e domínio das Tecnologias da Informação e da Comunicação e suas ferramentas; 4) Perspectivas de futuro; 5) Entendimento do que é o fazer docente; 6) (Des)amparo e (des)valorização profissional; 7) Relação com outros docentes na pandemia; 8) Desafios da quarentena; 9) Pandemia: negativo X positivo; expectativas X realidade; 10) Entendimento da realidade política e econômica capitalista; 11) Significado social da atividade docente; 12) Trajetória na profissão; 13) Questões de gênero.

Os quadros dos indicadores, para consulta, encontram-se no Apêndice E, disposto entre as páginas 158 e 203.

3.2.3 Construção dos Núcleos de Significação

Na incumbência de realizar um processo de síntese e identificação de uma unidade de análise, a partir dos indicadores destacados no subtópico anterior, foram edificadas os seguintes núcleos de significação, que serão analisados no próximo capítulo:

Quadro 2 – Núcleos de Significação

Relação professor-aluno	Contexto pandêmico e sofrimento docente
TICs e atividade docente durante a pandemia	
Conhecimento e domínio das TICs e suas ferramentas	

Entendimento do que é o fazer docente	
(Des)amparo e (des)valorização profissional	
Relação com outros docentes na pandemia	
Desafios da quarentena	
Pandemia: negativo X positivo expectativas X realidade	
Questões de gênero	
Perspectivas de futuro	Questões estruturais e trabalho docente
Significado social da atividade docente	
Entendimento da realidade política e econômica capitalista	
Trajetória na profissão	

CAPÍTULO IV – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Para a Psicologia Histórico-Cultural, toda e qualquer análise deve buscar as relações entre as unidades que compõem o todo. A maneira como os elementos se relacionam configura a totalidade. Por isso, tal vertente promove, a partir do entendimento dialético dos fenômenos, o estudo das coisas buscando seu processo histórico, ou seja, sua raiz, sua gênese, de onde surge o conceito de radicalidade. Neste capítulo aprofundarei a análise e a discussão dos resultados obtidos a partir da identificação dos núcleos de significação das falas dos professores e professoras que compuseram o grupo focal.

Ressalta-se que, ao utilizar a metodologia dos Núcleos de Significação, buscou-se ir além do caráter empírico dos relatos, ou seja, para além da aparência, para apreender sua essência. Isso não significou, entretanto, o encerramento em respostas estáticas acerca dos sentidos e dos significados da atividade docente durante a pandemia do novo coronavírus, pois mesmo a totalidade pode se ampliar a partir do movimento histórico da realidade concreta.

Assim, os núcleos de significação constituídos, que organizam subtópicos neste capítulo, são: 1) Contexto pandêmico e sofrimento docente; 2) Questões estruturais e trabalho docente.

4.1 Contexto pandêmico e sofrimento docente

Constituem esse núcleo de significação os seguintes indicadores: 1) Relação professor-aluno; 2) TICs e atividade docente durante a pandemia; 3) Conhecimento e domínio das TICs e suas ferramentas; 4) Entendimento do que é o fazer docente; 5) (Des)amparo e (des)valorização profissional; 6) Relação com outros docentes na pandemia; 7) Desafios da quarentena; 8) Pandemia: negativo x positivo; expectativas x realidade, e 9) Questões de gênero.

Sendo assim, por meio do processo de síntese realizado neste núcleo, pretende-se sistematizar as vivências da pandemia para os docentes entrevistados e os sofrimentos gerados a partir dela.

É importante pontuar que somos seres humanos, logo, somos seres com necessidades biológicas, orgânicas, de relações sociais e de afeto. A pandemia do novo coronavírus e o

isolamento social que dela resultou pegou grande parte dos trabalhadores e trabalhadoras de surpresa, de forma que é preciso considerar que as sensações de incerteza e deslocamento são esperadas, até certo ponto. Entretanto, as conduções feitas pelos governos estadual e federal só fizeram exacerbar tais sensações para a categoria docente, uma vez que a autonomia do saber-fazer de sua profissão lhes foi quase que completamente podada com as TICs como mediadoras da atividade docente, que dificultaram diálogos e mobilizações coletivas capazes de construir um sentimento de pertencimento e de resistência.

O adoecimento docente não era uma novidade ou algo incomum para essa categoria antes da pandemia. Considerando que estamos sob um Estado burguês, não apenas as políticas educacionais serão marcadas pelas características do capital, como também as de saúde. Pensando no conceito de saúde, Soares & Martins (2017) apresentam como ele foi se modificando de acordo com as determinações históricas, de modo que, até hoje, dificilmente se apreende saúde a partir do sujeito concreto. As autoras destacam três formulações sobre saúde que tiveram maior influência no ideário social:

A primeira formulação, baseada no modelo biomédico mecanicista, vê a saúde como ausência de doença. Na segunda, que surgiu após a Segunda Guerra Mundial, a saúde passou a ser pensada como estado de bem-estar, o que, a partir de 1946, evoluiu para a terceira, que é a noção fenomênica, existencialista, de saúde como bem social (p. 48)

Ou seja, para a superação de uma visão de saúde que ou é positivista, técnica e binária ou reduz o sujeito à sua instância empírica, é preciso efetivar também uma superação do entendimento binário da relação sujeito-objeto, o que é característica basilar do método histórico-dialético. Em outras palavras, não devemos olhar para o sujeito adoecido isolado de sua concretude, de forma a culpabilizá-lo por seu adoecimento, mas sim entender as condições históricas e sociais que incidem sobre ele.

Nas falas dos professores participantes desta pesquisa aparecem adoecimentos físicos – tal qual lesões de músculos, problemas na coluna, fadiga, excesso de peso – e mentais – principalmente marcados pelo cansaço, alcoolismo, pela dificuldade em fazer o tempo “render”, dificuldades de concentração, mal humor, depressão, sensação de perda da identidade – acometidos ou agravados devido à rotina exaustiva de trabalho durante a quarentena.

Ainda que, do ponto de vista prático, algumas atitudes pudessem ser tomadas pelos próprios profissionais (tal qual ir à uma academia, buscar ajuda psicológica, fazer uma dieta etc), não basta para uma análise crítica reduzir a solução dos problemas à esfera individual, mesmo porque tais atitudes possivelmente aliviarão os sintomas, mas não a causa deles. Ou seja, é preciso reconhecer que as esferas da subjetividade e da objetividade atuam uma sobre a outra de maneira dialética, de forma que os processos psíquicos do sujeito, bem como seu mal-estar e adoecimento, modificam e são modificados pela realidade material.

Logo, o que o adoecimento dos docentes entrevistados nos evidencia é a falta de apoio que essa categoria recebe das instâncias que regulam sua profissão, o que revela uma grande contradição do sistema educacional na sociedade capitalista. O Estado, principal instituição responsável pela possibilidade de reprodução e emprego dessa força de trabalho, também é o responsável por precarizar e apoiar o adoecimento dessa categoria (SOARES & MARTINS, 2017). Tal descaso é evidente na fala do professor D:

É, mas não existe uma política, né, de cuidado da saúde do profissional. Não só o professor, né, do... mas de toda a comunidade escolar mesmo, né, os próprios alunos, né. Existe uma promessa, um projeto de lei aí, tal, que toda escola deveria ter um psicólogo, né, um assistente social³⁹, uma coisa assim, mas nunca vi [riso]. [...] Tampouco um *personal* [trainee] ali, né, pra fazer o professor ali, de repente fazer um... uma atividade ali, tals, uma coisa, né, enfim. Mas é isso, né. O Estado ele é... é, tem essa precariedade aí, né, falta essa, até uma certa sensibilidade, né, com relação à... às pessoas humanas que estão dentro da escola.

Essa ausência de apoio e o acometimento de sofrimento também ficou evidente na relação estabelecida entre os docentes com as TICs. Foi possível apreender o impacto da mediação das tecnologias na construção dos sentidos do trabalho de diversas formas nos discursos dos professores e da professora, seja na modificação que ela gerou na transmissão e apropriação dos conteúdos escolares, na relação professor-aluno ou na relação dos docentes entre si:

E a cobrança que hoje nós temos tendo ela é muito grande, do que a gente tinha no presencial hoje, como a parte virtual, que o nosso governador quer que coloque os alunos dentro da sala de aula independente de como esteja

³⁹ O professor se refere à Lei nº 13.935, de 11 de dezembro de 2019, que dispõe sobre a prestação de serviços de Psicologia e de Serviço Social nas escolas públicas da Educação Básica (BRASIL, 2019).

a situação de cada cidade, é, ele faz com que, é, a cobrança seja muito maior, que exija muito mais coisas, coisas que são desnecessárias, porque em nenhum momento ele chegou perguntando, ó, “Como que vocês tão?”, “Como que tá sendo? Tá sendo fácil? Os alunos tão...?”, não, cada dia cobra mais, cobra mais, só a cobrança. (Professora A)

Ah, então, a minha impressão é que também afastou um pouco mais, é, alguns pais da escola, né. Tem alguns grupos, né, de alunos, que têm pais nos grupos, principalmente do sexto ano, tem os pais que entram em contato, a gente pergunta se o filho tá fazendo atividade ou não, mas, pras outras séries, pros nonos [anos], **Ensino Médio já não tem essa, não tem essa... esse contato, né, com os pais. O que eventualmente na... no período normal, né, você tinha as reuniões, ainda que você conseguia ter um contato pessoal, falar com algum desses pais que ia lá, perguntava do filho ou, né, que a escola podia chamar o pai pra... pra conversar no caso, né, de alguma necessidade. Agora fica, a minha impressão é que fica também mais afastado.** (Professor B)

Particularmente não tenho conversado com ninguém [sobre a temática do adoecimento físico e mental]. (Professor B)

Bom, eu acho que não, **ninguém tá se preocupando muito com a nossa saúde, não. Assim, é uma coisa bem superficial, né?** Tipo assim, no começo de uma reunião pergunta “ah, galera, tá tudo bem?”, mas quem que vai querer abrir a boca lá pra falar, né? Tipo... Não... **Porque daí já sabe que vai demorar mais ainda o ATPC pra acabar,** enfim. (Professor C)

É, é o, **apenas aqui que eu consigo falar sobre o... essas questões minhas do... não sei se posso dizer alcoolismo,** né, mas... Alcoolismo, né... **E cigarro também.** Mas, enfim, não falo com ninguém, não. Às vezes isso passa pela minha cabeça até, mas é uma coisa minha, assim, que eu também vou lev... empurrando com a barriga aí, né. A gente sabe que talvez precise, né, conversar mais, falar mais, tenho essa noção, mas eu, às vezes falta a... a predisposição, a disposição de tá falando, se abrindo, né. (Professor D)

O desamparo vivenciado pelos docentes se mostra presente, portanto, nas diversas relações que eles estabelecem em sua atividade de trabalho, seja com pais, mães e/ou responsáveis, com a coordenação da escola e mesmo entre os colegas de trabalho. Quando os professores afirmam não terem “conversado com ninguém” acerca dos motivos de seus sofrimentos, deve ser compreendido que, em nenhuma instância, foi oferecido para esses trabalhadores e trabalhadoras a oportunidade de que digam e sejam escutados em suas condições, o que pode ser reflexo da competição, segregação e individualismo inerente à estrutura mercadológica do EaD (FREITAS, 2018). Sendo assim, ressalta-se aqui que a compreensão de saúde e de doença deve sempre partir do ser social, e não do indivíduo.

Pensando especificamente na questão do conteúdo, apresento as seguintes qualificações feitas pelos docentes:

Fica uma coisa meio que... né, **pra inglês ver, só pra preencher caderneta, porque a parte do ensino eu acho que, é... não tá fluindo.** (Professor B)

É a minha visão assim **dentro da... da minha disciplina com as minhas turmas, parece que não tá, não tá fluindo, assim, essa parte do ensino de fato.** Tá acontecendo as atividades, **eles tão devolvendo, mas aquela coisa é, mecânica ali, e burocrática.** (Professor B)

Mas, que nem no meu caso da Educação Física, é... em muitos casos eles pediram pra não fazer a prática em casa, com medo das crianças se machucarem e dar algum problema pro... pro [governo do] estado, né. Então tivemos o tema do judô, que teria, assim, como explorar em casa a questão dos jogos de oposição, que é mais lúdico, né, dá pra fazer em forma de brincadeira, não... não haveria problema, assim, sabe? **Mas eles não optaram e ficou bem tecnicista mesmo, só passou os movimentos do judô, os nomes, ficou muito técnico, assim, sabe?** Então, **no meu caso tá sendo muito técnico,** sabe? (Professor C)

É o **nosso meio ele fez de tudo pra manter a gente ocupado, né.** A questão das ATPCs, assim, uma coisa absurda. [...] Tipo, então o sistema nosso ele... ele foi carrasco, tipo, que nem eu tinha só duas horas de ATPC pra cumprir pela minha carga horária, sabe? E na prática não é isso que acontece, às vezes, que nem hoje eu fiquei quatro horas, sabe? Ainda que eu, depois tive que deixar um aparelho logado lá, porque senão ia contar falta. Mudou acho que... **acho que isso daí que arrebitou, sabe? Se a rotina não tivesse mudado tanto,** tivesse continuado “Ah, professor C, cê vai postar as suas coisas no dia que cê tinha aula aqui, na sexta-feira, tal, você monta lá”, beleza. **Se tivesse acontecido isso com todo mundo, aí, sem essa interferência do meio, do sistema, acho que teria sido uma caminhada mais tranquila, sabe? Mas essa... essa influência aí do tecnicismo voltou forte, né, tipo, o sistema influenciando aí o que os alunos aprendem, o que os professores têm que, têm que passar, que eu acho que desgastou, sabe? Então, esse fato, pra mim, me deixa muito chateado.** (Professor C)

É possível observar que, majoritariamente, os docentes classificaram negativamente os conteúdos escolares, associando-os a algo “técnico”, “mecânico”, “individualizado” e “sem retorno”. Tal reificação dos conteúdos escolares contraria a essência da atividade docente que é organizar e levar ao aluno e à aluna os conteúdos humanos objetivados e acumulados na cultura, a fim de que se tornem seres ativos na produção histórica.

De acordo com Duarte (2001; 2016a), a escola tem o papel de oferecer ao estudante a mediação entre as esferas cotidianas e não-cotidianas da atividade humana⁴⁰. Apropriando-se da esfera não-cotidiana, contida nos conteúdos escolares – expressos na ciência, na filosofia, na arte, na moral e na política –, os alunos e alunas têm a possibilidade de tomarem consciência da origem e significado das objetivações humanas.

Os conteúdos escolares e a ciência deveriam buscar as objetivações humanas e os processos de passagem do natural ao social contidos nelas, mesmo entendendo que essas objetivações se produzem e reproduzem no seio da alienação promovido pela sociedade de classes. Superar a dimensão cotidiana e fetichista⁴¹ significa tentar alcançar a universalidade, a essência humana, de forma que a escola e o docente se colocam como formadores de seres humanos, da sua possibilidade de inserção no gênero humano. Ou seja, são formadores de sujeitos conscientes de sua condição histórica de exploração e que buscam superá-la:

Enquanto *locus* de formação humana, a escola possibilita ao homem concreto, de forma processual, um conhecimento maior da realidade e da sua posição em relação à sociedade, sendo o ato pedagógico ele mesmo político (CANTARELLI, FACCI & CAMPOS, 2017, pp. 38-39)

No entanto, do ponto de vista dos docentes, os conteúdos escolares transmitidos por meio do trabalho remoto durante a pandemia, menos do que uma prática subjetivista, restrita ao cotidiano do estudante, se esvaziaram e tomaram a importância de servir apenas para “passar de ano”:

Eles [os alunos] acha “Ah, **quando voltar presencial a gente recupera**” ou, né, que **não vai repetir ninguém mesmo esse ano. Então o que parece é que tá sendo, né, pra alguns alunos tão fazendo esse sentido, “Ah, num vou**

⁴⁰ Newton Duarte se apoia na teoria de Agnes Heller (1929-2019) para pensar a diferenciação entre atividades cotidianas e não-cotidianas, que tem a ver com a dialética entre sujeito e sociedade, e não com atividades do “dia a dia”. Resumidamente, “As atividades diretamente voltadas para a reprodução do indivíduo, através da qual, indiretamente, contribuem para a reprodução da sociedade, são consideradas atividades cotidianas. Aquelas atividades que estão diretamente voltadas para a reprodução da sociedade, ainda que indiretamente contribuam para a reprodução do indivíduo, são consideradas não-cotidianas” (DUARTE, 2001, p. 32). Diferente dos outros animais, não há identificação entre reprodução do indivíduo e reprodução do gênero, na atividade humana.

⁴¹ O processo de fetichização consiste no ocultamento das relações sociais que estão por trás da mercadoria. Em outras palavras, é um fenômeno que dificulta ver para além da aparência das coisas, sendo uma das bases principais da alienação (MARX, 2017).

fazer nada, quando voltar às aulas a gente vê o que faz, a gente recupera” ou, né, num vai repetir, num vai reprovar ninguém esse ano, né. Então esse... até sábado um aluno do terceiro ficou, né, conversando um pouco comigo exatamente sobre isso, ele falou “Ah, professor, eu não tô fazendo nada, tô fazendo uma vez as atividades do bimestre passado, num fiz atividade de ninguém porque esse ano, né, **num vou aprender nada mesmo**”, e aí ele perguntou “**Cê acha que vai ter o quarto ano, ano que vem?**”, né, que até um certo momento aí o [governo do] estado falou que talvez teria, né, um quarto ano, ano que vem, pra compensar principalmente o pessoal do terceiro [ano do Ensino Médio], né. (Professor B)

E também acho que a ideia era voltar agora, também, né, no máximo, quando eles começaram com essa fala lá atrás, né, acho que na cabeça deles a gente voltaria o quanto antes, tipo, agora em agosto, né. É, agora já pensa assim em outubro. Então olha a diferença. E aí ficou esse discurso, né. Acho que, **realmente, num tem como cê reprovar ninguém aí numa situação dessa, mas a gente não poderia ter deixado tão explícito assim** (risos). (Professor C)

Ainda, quando questionados se questões referentes à pandemia e sua dimensão concreta foram introduzidas nos conteúdos oferecidos pelo Centro de Mídias, os professores disseram que, para eles, nada do tipo havia aparecido:

Então... uma sala ou outra eu vou, né... toco em algum assunto [relacionado à pandemia ou aos movimentos sociais que estavam tomando força nas redes e nas ruas, na época, como o *Black Lives Matter*⁴²], mas geralmente é relacionado à, à parte do conteúdo ou à parte da escola. Então, sugerindo participar de algum, assistir, acompanhar alguma outra, algum outro canal de videoaula, ou quem vai prestar vestibular, vai prestar ENEM, enfim, dou algumas dicas assim, mas sempre trabalhando ou puxando assunto com relação ao conteúdo, com relação à aula, enfim, não, não converso muito com eles, né, outros assuntos, a não ser um ou outro aluno que me chama no privado pra perguntar alguma coisa é, aí acaba virando um bate papo. Agora nos grupos eu não tenho conversado além [...] (Professor B)

É, eu acho que, por a gente não tá perto ali e... e perder esse contato, eu acho que eu acabei também, dos meus conteúdos, não aprofundando, né. Coisa que no presencial eu sempre *linkei*, né, tipo, os conteúdos com, é... **Teve um conteúdo que eu acabei passando, assim, mas bem sutil, com eles, a questão da violência contra a mulher, tal, do tema do... do Jiu Jitsu, e aí eu tava pesquisando, pesquisando, consegui ver um vídeo muito legal do jiu jitsu**

⁴² O *Black Lives Matter* é um movimento antiracista norte-americano que nasceu em 2013 e tomou força em 2020, após o assassinato cruel e covarde do cidadão preto George Floyd por um policial estadunidense, reverberando uma onda de protestos que condenavam o racismo no país. Tais manifestações também tiveram suas ressonâncias no Brasil, com mobilizações nas redes sociais e nas ruas.

como defesa pessoal. E aí eu coloquei no meu formulário, enfim, é... meio, fiz a pergunta, né, sobre qual o problema, tal. A maioria conseguiu relacionar, né, essa questão. Que nem no, com... no município geralmente eu agora trabalharia dança, é, eu trabalhei à distância, né, mas assim, foi uma coisa bem mais lúdica. Num... num quis entrar muito, não. Por não tá ali no contato, né, às vezes... E aí a gente sabe que tem pai ainda que, pô, difícil, né, a cabeça deles. E aí, às vezes, cê não vai tá ali presencial pra cê ter esse contato, essa conversa, né. Então a gente tá perdendo nisso, nessa criticidade, assim, é, o trabalho à distância ele... querendo, ou não, cê perde, não tem como. Cê não tá ali dando em tempo real pra ele [estudante], né, tipo, pra aprofundar um pouco mais, né. (Professor C)

É, eles [os conteúdos passados pelo Centro de Mídias] **fogem de polêmicas, né. A ideia é não entrar em polêmica** (risos) (Professor C)

É possível relacionar tal esvaziamento dos conteúdos escolares com um aprofundamento da fetichização do conhecimento, provocado pela dinâmica do capital. Pensando numa educação posta como mercadoria, ficam ocultos dos conhecimentos humanos a luta de classes, os processos de colonização, racialização e generificação do trabalho. Oculta-se da transmissão dos conteúdos a atividade invisibilizada do professor e da professora para se apropriar daquele conhecimento e produzir seu plano de aula, as participações em ATPCs, os horários gastos para preparo das atividades etc.

O ensino de história, por exemplo, se torna algo cronológico e determinista, como se não existissem conflitos de interesses na produção dos eventos da humanidade. Tal conteúdo, quem produziu? Para que produziu? Como foi produzido? Qual é sua gênese? Não são essas relações que aparecem na atividade do professor e da professora sob o uso das tecnologias digitais. O que aparece é que aquele conteúdo deve ser ministrado, porque é preciso “preencher a caderneta”. Sendo assim, o “consumo” dos conteúdos escolares se reduz ao consumo de seu valor de troca e não de seu valor de uso.

Tal redução à dimensão utilitária e relativização do conhecimento sistematizado é apontado por Cantarelli, Facci & Campos (2017) como um dos fatores que geram esvaziamento do conhecimento e do trabalho do docente. Não à toa, portanto, os professores relataram com frequência a sensação de perda de sentido e da identidade ao desempenharem seu trabalho com a mediação das tecnologias. Professores e professoras permaneceram, durante o ensino remoto, distanciados dos meios de produção de seu próprio trabalho e seus resultados.

É possível apreender também que o uso das TICs, além de distanciar os docentes da produção e do resultado de seu trabalho, gerou insegurança e frustração com relação ao conhecimento, acesso e uso das ferramentas tecnológicas, devido à falta de preparo que docentes e discentes tiveram na inserção das TICs na Educação:

É, eu acho que é **uma questão maior é a questão do tempo**. Eu acho que, talvez se eles já soubessem, **eu acho que se naquelas duas primeiras semanas, se a gente não tivesse tido o recesso, vamos supor, e tivesse já entrado num programa de treinamento, sabe, talvez teria sido bem melhor**. E aí ter dado as férias em julho, normal, sabe? E faltou esse tempo. Aí depois, com o negócio funcionando eles quiseram... **aí não tem jeito**, né [...] (Professor C)

É, nessa questão cultural aí também a gente pode citar a questão de que, é, **nem professor nem aluno nunca teve um preparo, uma formação, assim, uma, digamos assim, um aperfeiçoamento pra trabalhar... estar trabalhando com as tecnologias, né**. Então, é, ficou uma coisa, assim, muito chocante, né, pelo menos pra mim foi, assim, e... tá sendo ainda, até, um pouco, até hoje... mas, justamente foi o que a gente nunca teve, né, nunca teve essa cultura disso. **Se a gente pegar aí as salas de informática, aí, qualquer escola pública aí, é totalmente sucateada**, né, na nossa escola mesmo, na Nome da Escola, lá, é um cubículo com meia dúzia de computador lá, sem, acho que não tem ar, não tem nada, né, se não me engano. **Então, assim, é desumano, até, é, querer agora, tipo, jogar toda essa responsabilidade em cima do professor e aluno**, e, tipo, a gente... eu sinto, assim, que eu tenho noção da defasagem grande que esses alunos vão ter, né, essa... esse ano aí, pro ano que vem, eles vão ter que voltar, retomar muita coisa, porque eu sinto assim, que, é... **é até chato falar isso, triste, talvez, mas foi um ano perdido, assim, na Educação, assim, pros alunos de escola pública** [...] (Professor D)

“Outra coisa que me incomoda é que muitos aluno possuem habilidades para lidar com a internet e faz mal uso da dela” [mensagem enviada pelo *chat* do *Google Meet*] (Professor D)

Não, acho que um ponto que o professor C colocou que **me parece central é a questão do tempo** mesmo, né, tanto pra gente, né, que **caiu esse negócio no nosso colo pra gente ter que se virar com isso**. Foi a mesma coisa pros alunos, né... **Por mais que a gente via eles com os celulares a manhã toda na mão, mas aí é uma outra relação que eles têm com aquilo**, né, aí, pra muitas, pra várias séries ali, pra vários deles eles **não têm uma maturidade pra administrar essa questão** de se, esse ensino remoto, ou desse conteúdo, de acompanhar videoaula, de, enfim, se envolver, né, com, com o conteúdo e tentar extrair, anotar alguma coisa dali. Então, **eles também não tiveram esse tempo de se preparar, de se adaptar** aí a essa... **foi tudo um, né, do dia pra noite assim eles, tiveram que de repente, né, aprender a olhar uma pessoa falando num, quarenta e cinco minutos, cinquenta minutos numa tela lá e, enfim, sem uma... um suporte maior pra isso**. Sem contar a questão também da, do acesso, da tecnologia, enfim. **Muitos têm celular que tem que usar o**

celular do pai ou da mãe, não tem o aparelho dele. Enfim, ficou bem complicado. (Professor B)

Nas falas dos professores e professora é destacada a ausência de estrutura, condições e formação para o uso das TICs, que teve impacto direto no preparo das aulas e apropriação dos conteúdos pelos discentes:

Não, não consigo fazer essa interação [das aulas ao vivo]. Tentei no [na escola do] estado com o recurso que o próprio estado disponibiliza, né, mas os alunos se mostraram [som de deboche]. **Ninguém respondeu lá**, assim, tipo, o dia que eu quis tentar alguma coisa desse sentido assim, sabe? E, **no município fica inviável por conta do... do acesso deles mesmo**, né. São poucos, aí eu acredito que num compensa fazer. Ou cê faz pra todo mundo ou então num faz, sabe? Tipo, que nem às vezes eu **vejo nas escolas fazendo sete, oito aula o aluno participando, acho, daí acho que num tem sentido, sabe? Fica uma coisa... é... acaba excluindo, né, tipo, os outros**, assim, enfim (Professor C)

É importante retomar aqui pesquisa mencionada no Capítulo I, que buscou verificar a apropriação dos profissionais docentes acerca das TICs no início da pandemia, para nos questionarmos sobre as desigualdades sociais intrínsecas e fortalecidas pelo ensino à distância. Tal pesquisa aponta que 89% dos docentes que compuseram a amostra (15.654) não possuíam experiência anterior com o ensino remoto, e 41,8% relataram não ter recebido formação para o uso das TICs, tendo que aprender sobre seu manejo por conta própria. Ainda, 82,4% alegaram aumento das horas de trabalho usadas para preparação de aulas (GESTRADO & CNTE, 2020), o que parece também ser a realidade dos docentes entrevistados:

Porque, que nem, o *Classroom* **cada hora aparece uma coisa**, sabe, tipo, ah, agora dá procê... tem uma ferramenta xis lá que cê consegue ver o plágio, sabe, então, aí cê já **perde lá uns dez minuto lá vendo o tutorial**, teve essa novidade. Tendeu, tipo? **É muita coisa que vem dispen... duma vez, assim**. (Professor C)

[...] a questão do... da... das ferramentas, né, de... de... é, virtuais, aí, da questão das videoaulas, aí, que... é... uma coisa pra mim é uma coisa que... que... como eu já falei, né, eu não... **não tenho muito domínio, assim, né. É o feijão com arroz mesmo ali**, e tal, né. É... cês perceberam aquele dia que eu tava “catando milho” aqui no teclado, né [risos], na hora de digitar, enfim. **E aí, tipo, quando eu tava começando a... a, digamos assim, também ter um certo... uma certa sintonia aí com as ferramentas, já chegou novas ferramentas, novos... Isso daí me confunde bastante, assim, sabe? Eu confesso que eu fico bem perdido**, e aí, às vezes, é, eu também **acabo, tipo, fazendo o básico com os alunos ali e aquela coisa ali fica no... uma coisa bem fria ali mesmo, assim, às vezes parece até meio sem sentido**. É... apenas a questão burocrática, né,

de enviar... enviar plano, roteiro de estudo, é... **É como o professor B falou, né, é maquiagem**, né. (Professor D)

Além disso, os professores relataram que tinham conhecimento que alunos e alunas faziam uso frequente e constante de celulares antes da pandemia, o que não significou a adesão dos estudantes nas tarefas escolares por meio remoto. Questiono, portanto, se o uso contínuo e cotidiano das tecnologias é a mesma coisa que saber fazer uso de todas as vantagens dessas ferramentas, o que nos leva à discussão sobre a democratização não apenas do acesso aos aparelhos tecnológicos, como também da Internet e dos conteúdos acumulados aos quais ela dá acesso.

De acordo com Caldas & Caldas (2019), o Brasil é o único país em que se gasta mais de três horas e meia por dia, em média, navegando em redes sociais, em que a média nacional de tempo de navegação na Internet é de nove horas diárias, o que torna inegável a importância da Internet na vida dos brasileiros e brasileiras, tendo impactos diretos na organização democrática de nosso país.

Entretanto, embora o acesso à Internet seja fortemente disseminado no país, não se deve esquecer que a maior parte da existência tecnológica é comandada pelo mercado. É preciso ter cuidado com as promessas de que as TICs irão “salvar” a educação, uma vez que, ao mesmo tempo em que elas têm o potencial para informatizar, o manejo e a disseminação da informação feito por meio das plataformas tecnológicas não são neutros e não ocorrem sem estímulos ideológicos e comerciais. Tais interesses reverberam na acumulação do banco de dados (*big-data*) e nas análises realizadas a partir dela (CALDAS & CALDAS, 2019).

Freitas (2018) propõe um debate importante, pensando no avanço das plataformas de aprendizagem *online*, chamando atenção para o perigo que o uso desqualificado dessas ferramentas pode ocasionar, levando em consideração os algoritmos dos *softwares* e a coleta que eles podem fazer de dados pessoais. Por isso, o autor afirma que “[...] os tomadores de decisão em políticas educacionais não devem confiar na autorregulamentação da indústria para proteger a privacidade das crianças e a qualidade de sua educação” (p. 123), de modo que pais, mães, docentes, estudantes e autoridades políticas devem verter forças para criar sanções fortes e realistas tendo em vista regulamentar o uso de programas e plataformas de aprendizagem.

Não podemos esquecer duas das possíveis consequências desastrosas da falta de proteção com relação ao uso de dados de usuários: as eleições para presidência dos Estados Unidos da América (EUA), que deu vitória à Donald Trump, em 2016, e a eleição do atual (anti)presidente Jair Bolsonaro, em 2018, ambos processos eleitorais marcados fortemente pela disseminação de *fake news*, que partiram de dados de usuários armazenados nas redes.

No mesmo sentido, Branco & Neves (2020) ressaltam o fato de o Centro do Professorado Paulista (CPP) considerar uma violação ao princípio constitucional da privacidade os docentes terem de disponibilizar seu número de telefone pessoal para poderem trabalhar. De acordo com os autores, o CPP ainda alerta que é uma questão que pode ferir não apenas a privacidade, como também a segurança desses sujeitos. Entretanto, ao invés de se mostrarem atentos a tal violação, o uso de *WhatsApp*, *Facebook* e *Instagram* foi incentivado nos pareceres do Conselho Nacional de Educação (CNE, 2020a).

Posto isso, reafirmo a indagação feita por Facci & Urt (2017, p. 14): “Professores [e professoras] adoecem por que não conseguem seguir as regras impostas nas frentes do trabalho pedagógico ou adoecem por que não conseguem ensinar, cumprir com o significado social dado à sua profissão?”.

Pensando no significado social da atividade docente, a Pedagogia Histórico-Crítica e a Psicologia Histórico-Cultural entendem que ele consiste em uma coprodução intencional entre docente e estudante, cujo resultado direto deve ser a humanização dos sujeitos (CANTERELLI, FACCI & CAMPOS, 2017).

A humanização, que deveria ser o resultado básico do processo de ensino-aprendizagem, quando não acontece, pode ser adoecedora, uma vez que o trabalho e sua objetivação se tornam estranhas ao trabalhador e à trabalhadora. O mal-estar dos docentes, portanto, não se reduziu ao adoecimento físico e mental, pois podemos entender que a desumanização, promovida nos moldes do ensino à distância, também revela uma forma de alienação e sofrimento vivenciada pelos profissionais.

A lacuna que afetou o processo de ensino e de aprendizagem também modificou a relação professor-estudante, causando o adoecimento docente, uma vez que o motivo da atividade de

ambos passa a ser algo estritamente técnico, burocrático, o que, conseqüentemente empobrece a construção dos sentidos subjetivos de professores e professoras.

Acrescento que a humanização não se dá somente por meio da relação docente-aluno, mas também da relação de todos os agentes escolares entre si, incluindo professor-professor. O distanciamento dos colegas de trabalho e a ausência do pertencimento coletivo e do vínculo afetivo que tais relações proporcionavam também foi algo que contribuiu para a “frieza” e para a desqualificação da atividade docente, que ficou destituída do contato direto entre as pessoas envolvidas na situação do ensinar e do aprender, como contam os professores e a professora:

Mas a gente, com esse distanciamento, eu acho que, é... ficou aquele elo que a gente tem como professor, um com o outro, a gente conversava, a gente troca experiências, a gente colocar nossos problemas. É, isso ficou muito afastado. (Professora A)

Não sei, pensando, é, talvez nesse impacto coletivo, talvez eu acho que, meio que, desuniu, assim, né, tipo, a gente fica muito, é... longe, meio que num tem mais aquele contato, né, que tinha no presencial, né, então acho que impactou nessa parte, assim, é, porque a gente não tá conseguindo saber, assim, direito, o que tá acontecendo na vida dos outros professores, né, e isso é muito ruim, né, acabou favorecendo aí várias coisas pra desunir ainda mais a classe, eu acho. Eu penso que nesse momento a gente tá mais fragilizado nesse ponto, né, desunião, é... Tipo, se precisar fazer qualquer tipo de mobilização acho que tá, tá pior assim, nesse formato que nós estamos, né. (Professor C)

Então, é... logicamente, né, essa coisa do... do quarto pro banheiro, do banheiro pra cozinha, e não ter esse social, né, não ter essa coisa de, como eu falei, né, essa coisa de ir trocar uma ideia mesmo, de... de... de um *happy hour*, assim, igual na lá na... na escola Nome da Escola, em Palmital, eu tinha um, é, aula sexta-feira lá à tarde, aí saía da aula, tinha um grupo de professores onde a gente se encontrava e, geralmente numa *chopperia*, fazia aquele *happy hour*, trocava aquela ideia federal, **voltava alegre pra casa, satisfeito ou às vezes cansado, mas com uma satisfação, assim, de... de... de ter aquela... aquela troca, né, de energia ali com... com os professores** e voltar mais, assim, descarregado mesmo, né, porque principalmente aulas à tarde, né, com adolescentes, são, geralmente são pesadas, assim, no sentido de desgaste. **E aí aquele *happy hour* ali, ele, aliviava bastante, assim, né [...]** (Professor D)

Dessa forma, o esvaziamento dos sentidos do trabalho docente, manifesto pelos professores e professora que compuseram esta pesquisa, está ligado às mudanças impostas pela realidade pandêmica, mas que já estavam em curso anteriormente a esse período, e que foram

intensificadas devido à incapacidade de mobilização coletiva e perda de autonomia que marcaram a docência.

Embora apresente conclusões de teor liberal em sua pesquisa, Xavier (2014) nos convida a pensar sobre a construção da identidade do profissional docente. A autora aponta o conjunto de mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas como mobilizadoras de uma instabilidade acerca dos papéis da escola e do docente, bem como dos objetivos do ensino:

O processo de expansão das oportunidades escolares tem levado ao aumento das responsabilidades sociais dos professores, ampliando, também, as exigências sobre os resultados do seu trabalho, impondo, cada vez mais intensamente, que eles promovam alterações no modo como vinham desenvolvendo seu ofício. Isso requer um processo de renegociação identitária, colocando o professor diante de seus limites profissionais. Esse processo exacerba, também, o sentimento de desamparo perante as autoridades governamentais que, muitas vezes, não têm respostas⁴³ para o encaminhamento de problemas cotidianos, tal como o da violência urbana (entre outros), que tem interferido, cada vez mais, na dinâmica das escolas (XAVIER, 2014, p. 836)

A atividade educativa, de forma consciente ou não, sempre possui um sentido político. O sofrimento docente gerado durante o ensino remoto acaba motivando o docente a cumprir com suas obrigações pela necessidade de atender às tarefas e burocracias colocadas, de maneira virtual, pelo governo do estado, e não pelas ações inerentes à atividade docente.

Desapropriar o docente de seus instrumentos de trabalho – conteúdos e métodos –, de sua autonomia e de seu pertencimento coletivo, deixa o trabalhador e a trabalhadora alienado e alienada dos sentidos de suas atividades, despotencializado e despotencializada de seu papel formador de humanidade, e distante do gênero humano. Além disso, quando confrontados com a implementação do ensino à distância, os docentes se veem resistindo contra interesses de grandes corporações que têm muito poder e influência na introdução das novas tecnologias nas escolas.

⁴³ “Não têm respostas” ou, a meu ver e dadas às reflexões contidas nesta pesquisa, muitas vezes não têm interesse em oferecer soluções radicais.

Freitas (2018), atualizado sobre a mercantilização da educação, pontua que o individualismo é a proposta da reforma empresarial da educação, que também possui teor conservador e reacionário, visando, com isso, manter os sujeitos adequados ao *status quo*. Sujeitos adequados têm menos possibilidades de pressionar o Estado e a economia por mudanças radicais, por serem menos engajados politicamente. Assim, a segregação e a elitização do sistema educacional e de seus agentes se consolida, e a organização capitalista se mantém sem grandes ameaças.

Por fim, neste tópico, pretendo pincelar algumas reflexões acerca da influência de gênero nas produções dos sentidos do trabalho docente durante a pandemia. Como mencionado no Capítulo I, pesquisas indicam que o isolamento social foi mais intenso para mulheres, uma vez que, além de terem de suas jornadas de trabalho fora de casa, são elas que majoritariamente desempenham a atividade reprodutiva da sociedade capitalista, exemplificada nos afazeres domésticos e cuidado de filhos e filhas, que não pôde ser interrompida durante a quarentena (BETIM, 2021; JAFFE & BHATTACHARYA, 2020).

Entretanto, é importante lembrar que a amostra desta pesquisa foi composta majoritariamente por homens (3/4) brancos (2/3), e que a única professora participante esteve presente em apenas um dos cinco encontros realizados, de maneira que não foi possível desenvolver um estudo comparativo aprofundado a partir dos discursos dos docentes.

Com relação ao trabalho reprodutivo, por exemplo, não foram mencionadas dificuldades ou sobrecarga de trabalho devido às tarefas domésticas ou cuidado com filhos e filhas, com exceção de dois momentos: em que um dos professores mencionou sair para ir ao mercado, mas como uma forma de tentar descontrair e ter algum contato social, diante do isolamento; e outro momento em que um dos professores, por ser divorciado, relatou estar sentindo muita falta de seu filho, que estava sob os cuidados da mãe há um mês.

Presume-se que essa lacuna no que diz respeito à menção ao trabalho reprodutivo seja um indício de que professores homens foram impactados de formas qualitativamente diferente, por precisarem dispendir menos tempo na realização do trabalho doméstico, o que é apontado nas seguintes falas do professor C:

“A questão de falta de estrutura me incomoda muito minha esposa querer sempre me deixar no melhor lugar para trabalhar, e ela fica se virando pela casa. Queria equilibrar mas ela diz que não precisa” [mensagem enviada pelo *chat do Google Meet*]

Ah, eu acho que... eu acho que não, mas, assim, eu... **eu penso que, pras mulheres, professoras, pra qualquer uma profissão, né, tá sendo, acho que três, quatro vezes pior do que pra gente, né.** Eu acho, assim, até, poxa, seria interessante ter a visão duma mulher aqui pra, pra gente ver, porque às vezes eu acho que eu reclamo de barriga cheia, entendeu? Tipo, porque, é, **eu tenho uma esposa que me dá todo suporte, sabe? A gente, ela meio que não deixa eu fazer as coisas, porque ela fala “Não, deixa que eu faço, tranquilo”, sabe? Essa questão de divisão de tarefas e tudo o mais.** Mas, é... eu fico pensando, porque, tipo, é loucura, né, **a professora que, ainda que tem filho, já pensou?** E, de repente tem um marido que... que tá fazendo trabalho fora, vamo supor, o cara não tá ali pra dar uma mão, pra ajudar. Meu, a pessoa tá na linha pra surtar, eu acho, né, tipo. E tem muitas que tão dando conta, sabe?

Ainda, foi possível depreender, da fala dos professores, suas percepções acerca de comportamentos de professoras com que conviviam:

[...] E... enfim, mas, ainda **até comentando isso com a minha orientadora, ela falou, “Isso acontece, infelizmente, por uma cultura que vem lá de trás e que a mulher aceita tudo”, entendeu? Tipo, “Ah, por que que eles fizeram isso?”, porque a mulher vai acabar, vai... vai dar problema tudo, mas ela aceita, entendeu? Tipo, culturalmente, infelizmente, tem essa visão, né, mas... Mas, assim, por que assim, ah, geralmente elas montam o grupo delas também, né.** Então acho que não tem como a gente saber muito, assim, essa. **Às vezes escapa um comentário ou outro, às vezes cê consegue perceber, “Pô, tal professora tá nervosa, né”, tal.** Mas... mas eu acho que pra elas o impacto deve ter sido bem mais forte, né (Professor C).

É, também não consigo, não consigo perceber, não, muita coisa, não [da diferença de gênero na vivência da pandemia]. É... **tirando minha ex-mulher, né, se é que posso falar, que ela ficou bem mal mesmo, bem mal mesmo. Inclusive ainda está mal.** Mas, isso daí acabei ficando sabendo, mas de colegas, assim, não fiquei sabendo de ninguém, não. **Fora algumas demonstração de irritabilidade, né, que a gente percebe às vezes que acaba, é... digamos assim, expondo ali, né, na hora, assim, acaba falando nos grupos, assim, uma coisa de, de excesso, de sobrecarga mesmo de trabalho, assim, né, de coisas inúteis às vezes, do nosso ponto de vista do professor, né.** Como eu falei, das questões burocráticas aí, cê vê que é só pra preencher papel e ter lá pra cumprir o protocolo, sendo que podia ter coisa muito mais importante pra tá fazendo, né. É isso. (Professor D)

Nota-se que os professores qualificam as atitudes de suas colegas como manifestações de “nervosismo”, “irritabilidade” e “excesso”. Nesse sentido, entende-se que historicamente na ciência, a anatomia e o comportamento afetivo de mulheres foram estudados de um ponto de

vista patologizante. A Psicanálise foi a corrente que empreendeu maiores esforços para o estudo da mente e do corpo das mulheres, por se debruçar ao entendimento da histeria e, com Freud foi que se começou a entender os processos de conversão de forma respeitosa (MCWILLIAMS, 2014).

Atualmente entende-se que o diagnóstico da histeria, ou Transtorno de Personalidade Histriônica, como conceitua o Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais (DSM) (APA, 2014, p. 667), pode ser entendido como:

Indivíduo com personalidades históricas sentem muita ansiedade, são muito intensos e reativos, especialmente de modo interpessoal. Eles são calorosos, enérgicos, intuitivamente gostam de “gente” e são atraídos para situações de risco e drama pessoal. Eles podem estar tão viciados na excitação, que passam de uma crise para outra. Devido a seu nível de ansiedade e aos conflitos pelos quais passam, **sua capacidade emotiva pode parecer superficial, artificial e exagerada para os outros**. Além disso, seus sentimentos podem mudar com muita rapidez. (MCWILLIAMS, 2014, p. 340, grifos meus)

Não cabe nesta pesquisa realizar um debate teórico e clínico acerca do conceito de histeria e suas evoluções. O que se pretende é destacar o fato de, apesar de atualmente ser consenso no ramo científico que personalidades histriônicas não acometam apenas mulheres, é comum remanescerem socialmente significações que buscam degradar a imagem e as capacidades psicológicas e biológicas das mulheres.

Federici (2017) discute como a construção da imagem das mulheres foi, por muito tempo, forjada para atender a interesses ideológicos do patriarcado e, assim, justificar o controle masculino sobre elas. Hoje a própria psicanálise reconhece a importância das organizações sociais e culturais no acometimento da histeria (FERENCZI, 2011), porém, muitas vezes tais processos são ocultados ou ignorados quando se pensa o sofrimento de mulheres, sendo este comumente associado à “fraqueza”, “drama” ou “exagero”. Isso nos leva a pensar que há um estigma social que parece esperar que mulheres não “deem conta” da carga de trabalho, bem como as culpabilizar por possíveis fracassos, o que reforça a invisibilidade do trabalho de produção e reprodução social que elas desempenham diariamente.

Canterelli, Facci & Campos (2017) mencionam em seu texto uma pesquisa realizada com docentes, na qual foi possível perceber que é comum, entre esses profissionais, existir uma

desconfiança com relação à veracidade do adoecimento que resulta em afastamento de colegas. De tal forma, é possível perceber que já existe uma relativização do sofrimento que recai sobre docentes. Importante seria pesquisas serem desenvolvidas na temática a fim de constatar se tal desconfiança é qualitativamente diferente com relação ao sofrimento de professoras mulheres (brancas e pretas), considerando as influências do patriarcado e da colonização, para um recorte concreto da generificação e racialização da divisão social do trabalho.

Ainda dentro das reflexões sobre gênero, um dos professores relatou uma preocupação, devido ao fato de ser um professor homem em contato com mães e alunas, o que o incomodava por duvidar do entendimento que algumas pessoas poderiam fazer disso:

É, eu acho que também **a linguagem digital ela é complicada por conta do... da... da questão da interpretação, né, acho que por isso que a gente também fica bem na defensiva, né. Porque às vezes uma frase que cê coloca ali um jeito, às vezes a pessoa vai entender de outro, né, é... com essa questão de *prints* [ferramenta que possibilita capturar uma foto da tela do celular ou do computador que está aberta, utilizando o próprio *hardware*] e tudo mais, então a gente acaba, assim, meio que pra se defender, assim, falando só o estritamente necessário mesmo, né.**

É, teve um episódio... deve até hoje eu não sei se o pai era da prefeitura ou não, mas ele recebeu uma mensagem, assim, do nada, perguntando, ah, quem eu era, sabe? Tipo, no mínimo devia ser o marido de alguma mãe de aluno, né, tipo, que viu o celular lá e foi... Então por isso que eu falo que é complicado, né, então a gente tem que...

É, eu já sou meio encanado com isso, ainda mais teve uma época, a questão de assédio aí tava bem forte, né, saiu uma reportagem de assédio de professor em cima de alunos, enfim... eu acho que, é... por isso a comunicação mesmo [via *WhatsApp* com as mães dos estudantes] ela é bem restrita, assim, sabe?

Não, é porque, às vezes, tipo... é, no... o contexto da mensagem, né, às vezes dá um... cê quis dizer uma coisa, né, e... principalmente a gente professor homem, tipo assim, às vezes vai, é... ou aluna, né, tipo, ou até mesmo essa questão de tá ali conversando com a mãe de aluna, né, pode dar, às vezes “Ah, tá puxando muita conversa”, sabe? “Tá dando muito assunto”, sabe? Então, eu tenho meio essa preocupação, assim.

Mas, assim, é, mas a gente tá sujeito. **A partir do momento que a gente deu o nosso número, né, o aluno teve acesso, eu acho que ficamos expostos, né, a verdade é essa.**

Ainda que acredite serem dados insuficientes para realizar um debate racial e de gênero profundo nesta pesquisa, é importante pontuar que a produção dos sentidos atribuídos ao trabalho docente não é desconectada dessas categorias.

Por fim, as condições objetivas postas pela pandemia do novo coronavírus aprofundaram uma realidade de sofrimento que já era presente para docentes da Educação Básica. O uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação evidenciaram o desejo da ideologia burguesa de burocratizar, tornar técnico e cindido o processo de ensino e de aprendizagem.

É possível perceber que o nível de precarização a que chegou o trabalho dos professores e das professoras complicam o aspecto volitivo da atividade docente, com impactos sociais e subjetivos. De tal forma, a dimensão psíquica desses profissionais também fica fragilizada, os distanciando dos sentidos de suas práxis.

4.2 Questões estruturais e trabalho docente

Neste tópico, que representa o núcleo de significação “Questões estruturais e trabalho docente”, destacam-se questões emergentes das falas dos professores e da professora, referentes às suas vivências de trabalho dentro e fora da pandemia. Constituem este núcleo os indicadores: 1) Perspectivas de futuro; 2) Entendimento da realidade política e econômica capitalista; 3) Trajetória na profissão.

Foi possível apreender, no procedimento de análise, que os discursos dos docentes seguiam, em grande medida, o movimento entre passado, presente e futuro, de maneira que, para a construção deste núcleo, foram resgatadas postulações da Psicologia Histórico-Cultural acerca da memória e da construção de sentidos (MARTINS, 2013; REY, 2007; VIGOTSKI, 2018; VIGOTSKI & LEONTIEV, 2020).

De acordo com a teoria Histórico-Cultural, o psiquismo humano consiste na imagem subjetiva da realidade objetiva (MARTINS, 2013), cuja formação se dá por meio das relações que o sujeito estabelece no seio da cultura, situadas sócio-historicamente. É a mediação dos signos e instrumentos da cultura, sendo um desses signos a linguagem, que fará com que o sujeito

internalize o acúmulo de objetivações humanas cristalizadas na cultura, modificando sua estrutura psíquica interna e, com isso, modificando também sua realidade material.

O psiquismo humano, portanto, se constitui como uma síntese de múltiplas determinações, expressas numa unidade. O sentido seria a unidade afetivo-cognitiva produzida por meio da atividade do sujeito, que expressa as dimensões sociais e culturais do contexto em que se deu:

O sentido subjetivo é uma forma pela qual a multiplicidade de elementos presentes na subjetividade social, assim como todas as condições objetivas da vida do mundo social, se organizam numa dimensão emocional e simbólica, possibilitando ao homem e a seus distintos espaços sociais novas práticas que, em seus desdobramentos e nos processos emergentes que vão se produzindo nesse caminho, constituem o desenvolvimento humano em todos os seus aspectos, dentro dos novos contextos de organização social que, por sua vez, participam da definição desses processos e se transformam no curso dos mesmos (REY, 2007, p. 174)

É nessa possibilidade de transformação que inserimos o conceito de sentido na dimensão temporal. Kosik (1976) nos convida a pensar que o ser humano tem a possibilidade de configurar o presente com base no futuro, dinâmica que só pode ser compreendida a partir do pensamento dialético: “Só a dialética do próprio movimento das coisas *transforma* o futuro, desvaloriza o futuro imediato como falsidade ou unilateralidade e reivindica como verdade do futuro mediato” (KOSIK, 1976, p. 224, grifos do autor). O futuro mediato é aquele que o ser humano se insere ativamente na construção, tendo consciência de seu processo e subordinando-o a suas motivações.

Nesse sentido, Vigostki (2018), em estudo em que trata da atividade criadora humana, menciona a possibilidade humana de imaginar e criar o futuro a partir das experiências e sensações vivenciadas no passado pelo sujeito, acumuladas em um todo complexo da consciência. A função criadora é diferente da memória, resumida na reconstituição do passado, a reprodução de eventos anteriores é uma função que nos auxilia na adaptação de circunstâncias repetidas, habituais, cotidianas. Já a possibilidade de criar e combinar fatores nunca experienciados é algo que pode ser cada vez mais diversificado, o que nos possibilita, inclusive, imaginar e lutar por regimes políticos e econômicos que não sejam baseados na exploração de

classes. As objetivações da humanidade seriam, portanto, “imaginação cristalizada” e, por isso, a criação seria a regra e não a exceção da atividade humana.

A memória, entretanto, não é processo menos importante para a compreensão desse movimento. Martins (2013) destaca: “A experiência histórica da humanidade seria impossível na ausência de uma propriedade psíquica cuja função central fosse o registro e o armazenamento dos traços que resultam dela, ou seja, seria impossível na ausência da memória” (p. 154).

É na atividade humana do presente que o ser humano, partindo de seu passado, consegue idealizar a transformar o futuro. O conceito de práxis é o que desvela o caráter criador da realidade do ser humano, apenas possível de ser apreendido em sua totalidade pelo método materialista dialético, uma vez que, ao não contrapor prática e teoria, abarca a unidade entre sujeito e objeto, entre ser humano e mundo, entre produto e produtividade (KOSIK, 1976).

Tal movimento saltou das narrativas dos professores e da professora que teceram esta pesquisa, de forma que podemos pensar a produção dos sentidos inserido neste movimento, uma vez que a tridimensionalidade do tempo (passado, presente e futuro) faz parte da existência humana e se manifesta da atividade trabalho.

Retomando a narrativa dos docentes, destacamos neste núcleo o resgate feito por eles de suas trajetórias na profissão docente (passado) e as articulações realizadas em seus discursos com as perspectivas de futuro, considerando a realidade concreta na qual se encontram (presente), o que fica evidente na fala do Professor B:

[...] essa situação de isolamento ter tornado mais evidente essa importância do professor, **a frustração às vezes é quase, né, proporcional à expectativa, né, da importância do trabalho, porque, é... a gente reconhece a importância cada vez maior, necessária, né, desse trabalho do professor, ao mesmo tempo parece que cê fica cada vez mais limitado, né, nas suas ações, nas suas... no seu impacto, né. Aí isso já era um pouco, já era perceptível dentro da sala de aula, e agora nesse contexto de afastamento parece que ficou ainda mais inviabilizado, né. Então, né, me causa, assim, uma frustração muito grande. E uma, até uma... uma coisa meio de insegurança também com relação ao próprio, é... futuro profissional, assim, num sei. Então ao mesmo tempo que eu reconheço essa importância cada vez maior do trabalho docente, essa importância ela se reve... é... ela volta, né, como uma grande, um grande peso, né, que causa alguma frustração também não**

atingir, né, um... o mínimo ali, né, pra contribuir, pra melhoria desse quadro social aí, que é catastrófico. (Professor B)

Posto dessa forma, tem-se que a abordagem teórico-metodológica sustentada nesta pesquisa visa superar concepções que reduzem a memória ao “puro” amadurecimento orgânico. A memória lógica, como função psicológica superior, é algo que depende do desenvolvimento orgânico cerebral – a saber, o amadurecimento da amígdala e do hipocampo, no sistema límbico –, mas, mais do que isso, depende das operações semânticas realizadas no pensamento. O entendimento do aspecto semântico da memória é o que lhe atribui lógica, que a integra ao pensamento, haja vista que ocorre a junção de elementos memorizados separados. Aqui têm função primordial os significados sociais das palavras, que ajudam a organizar a memória.

Dessa forma, entendemos que os sentidos dos docentes construídos acerca de sua atividade dependem das trajetórias de vida dos professores e professoras e a forma como elas estão organizadas e significadas em suas memórias. O que não quer dizer, portanto, que os sentidos construídos sejam estáticos. É justamente por sua ligação com a memória que eles têm ligação com o futuro e podem ser ressignificados:

É, eu tenho muito medo de usar a memória, porque a memória ela não é muito confiável, né. Ela é sempre atravessada com... de vários, vários elementos ali. Então a minha ideia de seguir essa carreira, de entrar, né, nessa carreira, ela tá um pouco desconectada da realidade. Então, assim que eu terminei o Ensino Médio, lá em 95, eu tinha uma ideia do que era, né, professor, eu tinha uma visão do que era ser professor. Só que entre esse período de 95 até 2002, quando eu fui entrar na faculdade, eu passei trabalhando, fazendo um monte de coisa, e a, né, depois que eu fiz a faculdade, que eu fui começar a pensar em entrar em sala de aula e enfim, aí eu recuei um pouco, aí eu fui pra pós-graduação, aí passei mais ainda, dez, doze anos, né, fora, distante da realidade de fato do que é a sala de aula. **Então entre o que eu imaginava do que era a sala de aula lá de 1995, até a sala de aula que eu fui entrar agora, né, nos anos dois mil e dezessete aí, é muito diferente do que eu imaginava, né. E é bastante diferente também do que eu ouvia, né, na faculdade, enfim. Apesar do curso de História aqui da [nome da universidade] ser uma licenciatura, eu acho que falta muito pra ele formar ali professor, né. Ele forma basicamente mais pesquisador. Então o foco do departamento ele é basicamente incentivar, estimular a pesquisa, iniciação científica, e as disciplinas da minha época, as disciplinas que eram de educação, eram uma várzea, né, ninguém levava a sério, nem as professoras que as davam, nem os alunos que faziam [risos]. Então, é, didática, enfim, eu não sabia nem, né, preencher uma caderneta, né, eu não sabia nem como que era a estrutura, né, do funcionamento de uma escola, a questão da atribuição de aula, né, a própria matriz curricular, como é que se trabalhava, as habilidades, tudo**

o mais, enfim, havia uma distância muito grande, né, entre a minha formação no período que eu fiz ali da [nome da universidade] com a realidade do que era a sala de aula. [...] Então tem uma distância aí de quase 20 anos daquilo que eu imaginava que era ser professor, daquilo que é, né, dentro da sala hoje em dia. E foi um choque muito grande, né, foi uma, parece um banho de realidade, porque você vem com toda uma trajetória ali de pós-graduação, de... toda aquela balela de ficar publicando, indo em congresso e tudo o mais, só que cê não tem contato de fato com a realidade, né, com o chão da escola e com o que que acontece ali dentro. E ali dentro da sala de aula a pegada é outra, né, não adianta você, é, falar, enfim, pode falar trinta língua lá dentro que não adianta nada se você não falar a língua da molecada. E aí, 2017 foi um ano, assim, de aprendizado que valeram pros dozes anos de pós-graduação. (Professor B)

Bom, é... **eu sou filha de professora**, né, minha mãe foi, agora é aposentada, como professora do estado, então eu sempre tinha aquele lado que, é, eu gostava de ir com a minha mãe pra ir pra escola, tal, fazia, né, sempre tanto junto com ela. Quando eu cresci e terminei eu falei que eu não ia mais por esse lado, que eu não ia ser professora, que eu não queria. E aí eu optei por fazer Serviço Social. Fiz a minha primeira faculdade, como Serviço Social, mas aí **parece que era destinado**, porque tudo... aí eu fui fazer estágio, caí na Educação, aí quando eu peguei um emprego de seletivo na prefeitura eu fui trabalhar com crianças especiais, na Educação de novo, né. E aí eu fui obrigada a ter que fazer minha segunda faculdade de Pedagogia, porque pra mim atuar como Assistente Social com as crianças, é, déficit de aprendizagem, eu teria que ter Pedagogia. Me ingressei num Pedagogia. Aí, vai e vem, vai e vem, **fiz a inscrição no estado, entrei, né, achando que eu ia conseguir dar aula maravilhosamente bem, junto... igual a minha mãe dava. Ilusão, né, [...]** (Professora A)

Xavier (2014, p. 829), articulando sobre a construção histórica e social da profissão docente, lança luz à “[...] insistência dos governos em interferir no trabalho docente [...]”, que teria como objetivo moldar os profissionais dessa categoria de acordo com o projeto de sociedade que sustenta suas políticas. As falas dos docentes nos confirmam isso, nas associações que eles estabeleceram, diversas vezes, entre política e a realidade que vivenciavam:

E se a gente tá no chão da escola, é uma coisa de repente é mais... cê consegue se unir com os outros professores, de repente tenta mobilizar, né. Nesse formato tá complicado de ter essa mobilização, né. Até mesmo de conscientização dos alunos. Acho que, em 2015, quando o [então governador do estado de São Paulo, Geraldo] Alckmin tentou aquela reforma de [Reforma do Ensino Médio]... e os professores conseguiram, é... enganar os alunos, que eles ficaram dentro das escolas, tal, acho que aquilo foi um movimento bacana, sabe? De... **da histórico-crítica ali mesmo na... na veia, né. Tipo, os alunos brigando, lutando pelos direitos deles, né. Teve ali seu efeito depois do, como todo político, os cara deixou a poeira abaixar e depois eles vieram e eles colocaram as reformas que eles queriam, né. Mas, de primeiro momento, deu certo, né, aquela resistência.** E nesse momento a gente tá... tá

f... tá ali, gerado disso, né, não tá conseguindo se mobilizar, né. As coisas tão acontecendo, teve a Reforma do... da Previdência, do estado de São Paulo, tentou-se, é... diminuir, fizeram a movimentação, mas não teve jeito, aumentaram pra 14%, igual eles queriam, **então eles tão fazendo o que quer, né, com o funcionalismo público**, isso é... **é influência do neoliberalismo na... na essência, isso que é.** (Professor C)

“A gente percebe os efeitos da falta de educação
E esse momento em que muitas pessoas são contra ciência
falta muita consciência histórica, política e de classe pra sociedade brasileira” [mensagens enviadas pelo chat do Google Meet] (Professor D)

Dessa forma, as políticas de sucateamento e desvalorização da profissão docente afetam não apenas a prática desses profissionais, como também a produção de afetos nessa atividade, manifesta nos sentimentos de desamparo, desvalorização, cansaço, incerteza, sobrecarga, solidão, enfim, nas diversas formas de sofrimento expressas em suas falas. Vê-se, nas narrativas dos professores e da professora, a força da realidade concreta em suas vidas:

Esse ano [2020] é igual os cara tava falando, tinha que dele... zerar, sei lá eu! (Professor C)

Então eu acho que essa... essa condição nos causa ainda mais ansiedade, mais angústia, assim, nesse sentido, né. E, é, pensar no futuro, assim, é, já é um pouco já, né, é, essa coisa... pelo menos pra mim, assim, já é um pouco, que me deixa muito ansioso. E... e me referindo às ferramentas tecnológicas, é uma coisa que ainda me dá mais pavor ainda, né, pelo meu analfabetismo mesmo tecnológico. Eu sei que a gente, é, ainda tem a possibilidade de ter alguns cursos, tal, aí, né, é... ter uma... um aprofundamento aí, nas ferramentas tecnológicas, né, aprender um pouco mais sobre isso, é, mas ao mesmo tempo eu também sei que tem a questão dos alunos, né, até que ponto também os alunos tão preparados pra lidar com... com a tecnologias? Continuar... A gente, é, não cansa de dizer, né, a... o abismo social que a gente percebeu agora, né, com a pandemia, principalmente na Educação, então é uma coisa que, é, sinceramente prefiro até não ficar muito pensando, assim, mas eu sei que num tem como fugir, né, da nossa realidade. Porém, ainda pra mim ainda tem mais um agravante, né, no caso do... do professor C e B ainda são efetivos, né, ainda tem ali uma certa estabilidade. A minha ainda tenho mais uma, por eu ser temporário, ainda tem mais essa angústia, de ter mais incerteza em cima de incerteza, então, por isso que eu tento não ficar muito, é... porque senão, é... pode ser que... a gente acabe ficando meio mal com isso, assim. Então, apesar de eu ter essa noção, né, dos desafios, dos novos desafios aí, principalmente com relação à tecnologia, é, existem outras angústias, né, mais profundas talvez, até. (Professor D)

Então... eu acho que **isso deprime bastante**. E aí a gente vê os alunos que não, né, dificilmente se interessam, ou que não têm muita vontade, não tem

preocupação com nada, ou que, né, **adere às... às ideias fáceis aí, de... essas ideias autoritárias, violentas. É... eu acho que... é triste, muito triste.** (Professor B)

Da vontade de “zerar” o ano, de “parar com tudo”, apreende-se a frustração com relação às condições de trabalho que vivenciaram durante a pandemia, e do desejo que isso remetia neles de começar algo novo, “do zero”, em condições diferentes das atuais, como se o passado pudesse ser esquecido, ou até que se retornasse a um período anterior à pandemia, que poderia trazer melhores perspectivas de futuro.

Tal dinâmica fica evidente quando os professores trazem suas trajetórias de vida e se deparam com as contradições da memória que tinham do que era o fazer docente e seus significados, com o que se depararam quando adentraram o “chão da escola” e o que construíam como perspectivas de futuro para a atividade docente no Brasil e no mundo. Suas trajetórias entram em choque com a realidade que presenciam nas escolas e tornam dificultosa a imaginação de um futuro melhor para suas profissões e para a Educação:

O cenário futuro, infelizmente, eu não vejo com... com otimismo, não. É, o que parece ser, o que se aponta aí é a precarização do trabalho, né, o desmonte, sucateamento, privatização, né, o ataque ao estado, né, ao servidor público. É o que tá se desenhando, aí, que tão fazendo já, né, há um bom tempo e que, possivelmente, agora, com toda essa... essa crise econômica, né, que tá, já vinha, que vai ser agravar ainda mais, é, né, aí, uma desculpa aí, pra eles já engatarem em reformas e mais reformas aí que vão, né, impactar cada vez mais de maneira negativa, né, pra escola, pra universidade pública, pros professores, enfim. Então eu vejo com bastante pessimismo até, esse futuro próximo, assim. E, né, até médio prazo, mesmo que se consiga mudar esses governos, pra reverter esse estrago vai... vai muito tempo ainda. (Professor B)

Ó, no mundo dos sonhos a gente pensa que essa pandemia, é... teve todo esse impacto, infelizmente, negativo, né, mas... que, **se as autoridades colocassem, né, prestassem atenção e oferecessem condições iguais, né, pra todos, porque a pandemia escancarou a desigualdade social e se todo mundo tivesse acesso às tecnologias e nós também bem mais preparados, né, penso que seria o ideal aí pro nosso futuro. Mas a gente sabe que não é esse o interesse, o interesse é sucatear cada vez mais e, enfim, então a perspectiva pro futuro não é boa, assim, se a gente for parar pra estudar e ver o que que tá acontecendo em, é, em torno da Educação. A gente espera que tenha uma reviravolta e não aconteça, né, o que aconteceu nos Estados Unidos, né, com o sucateamento das escolas públicas, né, enfim, terceirização e tudo o mais. Mas o cenário, infelizmente, caminha pra isso, né. Mas, num cenário ideal, poxa, já pensou que legal os alunos todos com computador em casa? Tendo**

acesso à Internet, e **dominando essas ferramentas de e-mail, de e-mail institucional**, enfim. Ia facilitar a vida de todo mundo, né. (Professor C)

É possível pensar também que o movimento histórico e a realidade concreta influenciam a construção da identidade docente, que é muito mais subjetiva, plural e heterogênea, do que a imagem racional e objetiva, que marcou por muito tempo e imagem e as políticas dirigidas a essa categoria (XAVIER, 2014). De tal forma, é inegável que a construção dos sentidos e significações acerca da atividade docente, para cada um dos professores, além de estar entrelaçada com sua história de vida, está ligada ao processo de socialização na sociedade capitalista e às condições que ela impõe à profissão.

Quando os professores relembrem suas trajetórias de vida, as contradições do que eles tinham como significado social do que era ser professor e professora quando eram crianças, comparado ao que eles tiveram como formação nos cursos de graduação e pós-graduação e a realidade escolar, ficam evidentes e corroboram para seus processos de imaginação de um futuro.

A construção dos sentidos da atividade docente, portanto, mais do que dependente do cumprimento de tarefas burocráticas ou acadêmicas, para os profissionais entrevistados, estava intimamente ligada ao aspecto subjetivo, às suas memórias e à humanização intrínseca à relação professor-aluno.

Por esse ângulo, os docentes manifestaram ansiar pelo retorno às atividades presenciais, o relacionando com algo que recobriria sua vitalidade. O processo de ensino e de aprendizagem, por ser humanizador, é vitalizador, e revela a necessidade do estar em conjunto, em coletivo, para recobrar as esperanças. O trabalho que atribui sentido, faz eles se sentirem “vivos, úteis, produtivos”, pertencentes a uma classe, apesar da exploração, pois coloca o trabalhador e a trabalhadora em contato com sua potência:

Eu vim estudando bastante a questão do papel da Educação, né, eu acho que o que fica mais forte, assim, é essa questão da **humanização**, né. E, assim, eu fico bem preocupado com isso, né, porque é muito tempo, né, sem esse contato, então eu acho que a grande preocupação agora é, **como que a gente vai voltar, né, nessa questão humana?** (Professor C)

Bom, essa questão é fundamental mesmo, como o professor D e o C colocaram, né, desse contato, desse retorno, né, um contato, aproximação, né, essa... sentir mais esse calor humano novamente, né, que tá tão... **tá tão fria essas telas aí**

que a gente tem se comunicado, né, então... E até, né, esperar realmente que, né, seja logo aprovada essa vacina, que ela funcione, que a gente consiga começar a caminhar nessa vacinação em massa aí, pra que, né, 2021 aí, né, marque o fim dessa pandemia aí, que a gente, né, consiga aí até 2022 começar a retornar um pouco aquelas... aqueles encontros, né, mais, é... necessários aí que a gente precisa ter, né, pessoalmente, trocar ideia, de sentar num boteco, tomar uma cerveja e... sem... sem muita, né, neura. Sem achar que tá morrendo ou matando alguém. Então, acho que isso, né, faz parte aí dessa expectativa aí de futuro, e ter, né, retomar um pouco desse, daquele contato que a gente perdeu um pouco esse ano, né, ou precisou deixar em suspenso aí esse ano, essa humanização, aí de tudo. E do contato, obviamente, com todo o pessoal da escola, né. Toda aquela gritaria, enfim, aquilo que era... que em algum momento até incomodava, hoje faz uma falta tremenda... Cê sentir aquela vida, né, pulsando ali dentro da sala, dentro da escola, né, dar risada com os colegas, né. Enfim, tudo isso fica... né, cria uma saudade bem, bem grande, assim, de... da sociabilidade que aquele espaço produz, né, dentro da sala de aula, nos intervalos, por aí vai. (Professor B)

Ah, eu só espero que a gente sobreviva, né, eu particularmente não conheço ninguém, assim, que tenha sido acometido pelo Covid, tal, tenho nenhum parente também, e eu espero, assim, que as colegas, os professores, né, a Educação, né, em geral, assim, todos os profissionais, sobrevivam, né, e que a gente possa voltar, né, voltar a ter esse contato entre nós professores, né, as reuniões, os simples intervalos das aulas, ter esse contato com os alunos, as crianças, os adolescentes passam muita energia pra gente, assim como consomem também, né, mas, é... Faz a gente se sentir vivo, se sentir útil, se sentir produtivo. (Professor D)

Brunner (2004) pensa em crise de mundos de vida como uma das transformações principais da sociedade, que envergam os sistemas educacionais. Utiliza o termo “*déficit de socialização*”, de Juan Carlos Tedesco⁴⁴, que configura o rompimento das agências de socialização – tal qual a família, a escola, as igrejas, as comunidades locais, o Estado –, expresso, além de outras formas, no desgaste da figura do professor como agente socializador e no surgimento de novas formas de socialização, que viriam a competir com essas agências mais clássicas – como a televisão e a Internet. Por isso, estaríamos vivendo um período de ausência de utopia, em que não temos como saber o que esperar do futuro e das outras pessoas.

Tal mudança cultural é relacionada, pelo autor, com a transformação na construção dos significados e sentidos. Uma sociedade em que não se pode vislumbrar o futuro, para ele, é onde

⁴⁴ TEDESCO, Juan Carlos. *El Nuevo Pacto Educativo*. Buenos Aires : Alauda-Anaya, 1995.

reina a anomia. O enfraquecimento das agências socializadoras tradicionais força o indivíduo a buscar construir sozinho a própria identidade, a própria narrativa, a própria biografia, enfim, ser um empreendedor de si, o que gera sentimentos fortes de pressão, angústia e estresse. O caráter cada vez mais individualizante do processo de socialização é uma das explicações para a atual crise na construção de sentidos que vivenciamos.

É, eu concordo com o professor C novamente, né, **essa questão da tecnologia ela não é, né, obviamente, neutra, né**, isenta ali de interesses que vêm, que vêm por trás, e que é uma característica aí dessa, né, desse neoliberalismo aí que vai, né, consumindo tudo, né, e todo mundo, né, **todas as forças possíveis aí vão sendo tragadas nessa... nessa nova forma aí de exploração do capital.** (Professor B)

Paulo Freire (2009), pensando a relação entre TICs e Educação, cujos interesses ideológicos na implementação são percebidos pelos docentes, defende que é preciso ter uma postura crítica com relação a seu uso. De um lado, é impossível frear seus avanços e negar certa importância e auxílio que essas tecnologias poderiam trazer para a área, uma vez que consistem em produções científicas; porém, quando seu uso é feito de maneira indiscriminada de forma a ameaçar a vida e o bem-estar dos seres humanos, estamos diante de um problema ético e político, que induz à desesperança:

O progresso científico e tecnológico que não responde fundamentalmente aos interesses humanos, às necessidades de nossa existência, perdem para mim, sua significação. A todo avanço tecnológico haveria de corresponder o empenho real de resposta imediata a qualquer desafio que pusesse em risco a alegria de viver dos homens e mulheres. A um avanço tecnológico que ameaça a milhares de mulheres e de homens de perder seu trabalho deveria corresponder outro avanço tecnológico que estivesse a serviço do atendimento das vítimas do progresso anterior. Como se vê, esta é uma questão ética e política e não tecnológica. O problema me parece muito claro. Assim como não posso usar minha liberdade de fazer coisas, de indagar, de caminhar, de agir, de criticar para esmagar a liberdades dos outros de fazer e de ser, assim também não poderia ser livre para usar os avanços científicos e tecnológicos que levam milhares de pessoas à desesperança. Não se trata, acrescentemos, de inibir a pesquisa e frear os avanços mas de pô-los a serviço dos seres humanos. A aplicação de avanços tecnológicos com o sacrifício de milhares de pessoas é um exemplo a mais de quanto podemos ser transgressores da ética universal do ser humano e o fazemos em favor de uma ética pequena, a do mercado, a do lucro (FREIRE, 2009, pp. 130-131).

Os docentes assinalaram estar conscientes dos obstáculos impostos pela estrutura política e econômica da sociedade capitalista, diante dos quais alguns se mostraram mais otimistas do

que outros. Dois dos professores relataram que, apesar das dificuldades, não conseguem se imaginar em outra área que não a Educação. O que conseguem imaginar como meio para superação de tal estado de frustração e desânimo é o investimento pessoal em formações, momentos de lazer, a tentativa de acompanhar os aprimoramentos das TICs e as maneiras como elas têm se instaurado na educação, e do acompanhamento diário junto com os estudantes, recobrando as esperanças, sem negar o movimento da realidade:

Agora, é, a gente sabe que é uma coisa que veio pra ficar, né. Tem que ver aí que não vai ter como fugir disso, então é tentar se aprimorar também nisso, né, pensar por esse lado aí, apesar que tem hora que eu tenho vontade de montar uma barraquinha de coco na praia, né, mas [risos]... Mas eu sei que a minha função é essa ainda, como o professor C disse lá no começo, também não me vejo fora da área da Educação e eu sei que a gente tem que, né, a gente como professor, sempre tem que tá buscando aí mais conhecimento, seja onde for, né. (Professor D)

[...] pelo menos eu, assim, não consigo me ver fora da Educação, sabe, tipo? Mas... mas talvez eu me veja, assim, de repente tendo que adaptar esse novo momento, sabe? Tipo, essa questão do híbrido e tudo o mais, sabe? Eu acho que isso é uma coisa que, infelizmente, tá vindo pra ficar, então, é, eu acho que a ideia pro futuro é... é dominar cada vez mais essas ferramentas, por mais que eu saiba que isso seja uma coisa do mercado, pra acabar com a educação pública, e tudo o mais, porém vai ser a nossa realidade, né. Se a gente não se adequar, de repente, tá fora, né, então... Eu acho que, pensando na pandemia, eu acho que é isso, é tentar melhorar essas, essas ferramentas e tals pra aproximar do aluno, né. Porque já se cogita também começar 2021 nesse formato, né, se nada der certo com as vacinas, e tudo o mais. Então eu acho que a gente vai ter que, talvez fazer um trabalho, assim, pra que tenha uma aproximação maior que teve esse ano, né. (Professor D)

Portanto, ao falar de esperança, não se nega a força da alienação que se exerce nas objetivacões humanas, em especial aqui no processo de ensino e de aprendizagem escolar. Esperança quer dizer ter conhecimento de tais estruturas de opressão e querer ter a possibilidade de mudá-las. Constatar os processos de alienação e estranhamento intrínsecos ao estado mercantilizado da educação não significa depreender que este é a única condição para ela.

Nas palavras de Paulo Freire: “A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo. Só há História onde há tempo problematizado e não pré-dado. A inexorabilidade do futuro é a negação da História” (FREIRE, 2009, p. 29). Portanto, esperar implicar o resgate da memória, uma vez que, para poder haver esperança e transformação da realidade, é indispensável o acúmulo da história humana. Se

podemos imaginar nosso futuro, podemos tentar criá-lo no presente. É por isso que nós, seres humanos, não somos apenas seres de passado, de uma história estática e determinista: “É exatamente a atividade criadora que faz do homem um ser que se volta para o futuro, erigindo-o e modificando seu presente” (VIGOTSKI, 2018, p. 16).

Portanto, a transformação do futuro se dá a partir das possibilidades apresentadas pelas condições sociais e históricas. Transformar a natureza é atuar no futuro e essa atuação é marcada pela subjetividade dos sujeitos, sejam seus sentimentos, sofrimentos ou esperanças. As incertezas que as condições estruturais submeteram os docentes, durante a pandemia do novo coronavírus, com relação a seu trabalho, dificultaram a construção de perspectivas de futuro para esses profissionais, sim. Porém, ao mesmo tempo, é possível observar que a resistência também é uma ideia carregada de sentimentos para eles:

“Resistência é a palavra de ordem

Em todos os sentidos

Um dia após o outro

Bastante sentidos, emocionalmente

com as coisas que acontecem no cotidiano

e no mundo

A política brasileira dispensa comentários” [mensagens enviadas pelo *chat* do *Google Meet*] (Professor D)

“Resistir contra nós mesmos

Vem muito mais pensamentos negativos do que positivos, talvez pelo cansaço

muitos” [mensagem enviada pelo *chat* do *Google Meet*] (Professor C)

Interessante, que se resistir contra nós mesmo, então é porque é... ó, além de toda questão muitos, né, política aí do Brasil é que é deprimente mesmo, né. Uma coisa que eu tenho feito é tentado até limitar também um pouco o acesso as... algumas notícias, senão às vezes também cê acorda com vontade de explodir o país, né, porque, puta merda. (Professor B)

A resistência, para os docentes, implicaria não apenas resistir contra o sistema, mas também contra a força de seus pensamentos negativos e memórias que dificultam o vislumbre de um futuro.

Assim, a esperança desses profissionais parece fazer, principalmente, em dois aspectos: na retomada das aulas presenciais, o que traria vitalidade, e no investimento em qualificação e

formação pessoal, para poderem enfrentar e resistir contra a desumanização do ensino e do processo educacional como um todo:

Eu acho que a ideia por trás do ensino híbrido, é justamente isso, né, um professor conseguir dar conta de, sei lá, ao invés de uma sala de 40, ele dá conta de 200, né, tipo assim. Então eu acho que, tudo que tá vindo por trás aí desse *looby* que é da tecnologia, tal, do ensino à distância, eu acho que tem, tá relacionado com isso, né. Então pra gente é preocupante, acho que por isso que... que tem que tá com as antenas ligadas e tentar tá por dentro desse movimento, né, e tentar esse movimento de resistência também, né, tipo, pra de repente não deixar o ensino público virar isso que eles tão querendo, né. (Professor C)

É, eu já perdi a ilusão que o professor poderia ser um super-herói que ia salvar o mundo faz tempo. Mas, é... a gente pensa, né, nessa coisa de... de dias melhores, né? Eu acho que a maioria, todos os professores têm essa coisa, né, esse otimismo, essa... essa perspectiva de que as coisas vão melhorar e a gente tá aí no dia-a-dia, né, com todas as dificuldades, com todas as intempéries, né, tamo aí lutando [...] Mas, enfim, é... a gente tem que, né, que ter alguma, algum fio de esperança, né e tentar enxergar alguma luz no fim do túnel, né, como se diz no ditado popular, porque tem que se agarrar a alguma coisa, acreditar em alguma coisa, né. É... eu acho que pra gente que é das Ciências Humanas, assim, é um... tem muito essa coisa de entender o ser humano ali, o aluno, né, as relações humanas, né, a sociedade humana, e tentar ajudar o mínimo que for possível aí, né, contribuir o mínimo que for possível pra, é, tentar transformar um pouco pra melhor, a sociedade como um todo, o planeta, né. Principalmente na hora de votar, né, se a gente for ver bem aí esses dias atuais aí [risos]. (Professor D)

Segundo Rey (2007), apreender a produção dos sentidos no movimento da história é primordial para entender que a personalidade dos professores e das professoras estão em permanente desenvolvimento. Para o autor, “uma característica essencial da subjetividade é sua capacidade para subverter a ordem institucional que caracteriza a organização hegemônica de qualquer ordem social” (REY, 2007, pp. 173-174). Esse é um dos principais elementos para a mudança da sociedade: as tensões e contradições que a subjetividade apresenta sobre a força da produção humana, amparada pelo domínio dos instrumentos e signos.

A imaginação e a criação de um novo cenário e de sentidos menos alienados para a Educação e a atividade docente, portanto, exige o domínio das objetivações humanas, exige humanização e querer/ser ativo nesse processo. É preciso que os agentes escolares não deixem de se deixar afetar pela alegria de seu trabalho:

É, então a citação é o Marcelino citando o Paulo Freire no livro Pedagogia da Animação, página 113. **“O educador não pode cansar de viver a alegria do educando. No momento em que ele já não se alegra, não se arrepiia diante de uma alegria, da alegria da descoberta, é que ele já está ameaçado de burocratizar a mente”**. É muito fera e muito, assim, atual, né? (Professor C)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática e o principal objetivo deste estudo foi apreender o sentido do trabalho para um grupo de professores e professoras de uma escola pública em um município de pequeno porte do interior paulista. De maneira mais específica, se pretendeu identificar os elementos mais expressivos na composição do sentido acerca do trabalho docente, constituído por meio da vivência da pandemia, e ponderar sobre como esse contexto interferiu sobre as relações coletivas, com os estudantes, com os conteúdos escolares e, sobretudo, como a mediação das tecnologias se fez presente nas ações docentes produzindo modos de pensar, sentir e agir durante esse tempo pandêmico.

No momento da redação final desta pesquisa, as escolas estaduais se encontravam novamente com o formato das aulas presenciais, com a obrigatoriedade de apresentação de comprovante de vacinação e implementação de medidas de segurança contra a contaminação por COVID-19, tal como o uso de máscara de proteção pessoal e distanciamento social (SEDUC, 2022). Entretanto, o cenário pandêmico encontra-se longe de ser mitigado e tudo aponta para que novas ondas de contaminação em massa voltem a acontecer por período indefinido, de forma que não há previsão para o abandono das medidas de segurança.

Por isso, os sentidos constituídos pela categoria docente acerca de sua atividade na pandemia não é um assunto que se esgota aqui e que, muito menos, pode ignorar o que já foi vivenciado durante o período de isolamento social e de atividades remotas, com toda a complexidade de efeitos que ele teve na atividade desses trabalhadores e trabalhadoras.

Reconhece-se que esta pesquisa foi construída com base em vivências de professores da rede estadual paulista, de uma escola da região central de uma cidade do interior em que havia apenas três escolas. Dessa maneira, há algumas particularidades que não podem ser generalizadas para a categoria docente, como, por exemplo, o fato de não ter havido estudantes que precisaram recorrer ao material didático impresso por não possuírem acesso a aparelhos tecnológicos e redes para conexão à Internet – o que não significou, entretanto, que as famílias possuíam condições adequadas para o estudo remoto.

Os resultados das análises nos indicaram duas referências constitutivas dos sentidos desse trabalho no contexto da pandemia: uma de caráter estrutural que condiciona o trabalho docente no bojo de uma conjuntura política, econômica e social, duramente impactada pela pandemia, e outra que desvela o sofrimento individual de cada docente, agravado por meio de diferentes tipos de vivências, individuais e coletivas, inauguradas pela situação pandêmica.

As duas referências nucleares: “*Questões estruturais e trabalho docente*” e “*Contexto pandêmico e sofrimento docente*” foram representativas da contradição perene entre as condições objetivas e subjetivas que, como unidade dialética, constituem os conteúdos da consciência e respaldam o funcionamento psicológico das pessoas.

As falas dos professores e professora nos mostraram que é impossível o entendimento sobre o sentido da atividade docente, sem recorrer a uma análise de conjuntura e da realidade da Educação, descolada dos processos de luta de classes intrínsecos ao sistema capitalista em que vivemos, mesmo porque o projeto político-pedagógico que pauta o trabalho e a rotina escolar é construído segundo o modelo dessa sociedade vigente, experienciando conflitos de interesse ideológico o tempo todo.

Dessa forma, reforça-se o entendimento de que a construção dos sentidos se dá dentro de relações sociais inseridas numa interação cultural e histórica específica, mediada por signos que constituirão um processo de singularização dentro de um campo semântico particular. Assim sendo, a construção dos sentidos deve ser entendida como um sistema que integra diversas dimensões de maneira complexa (BARROS, *et. al.*, 2009).

Por isso, não cabe a ingenuidade, mesmo que “bem intencionada”, de achar que é possível instaurar novas significações e objetivos para a escola como um espaço institucional, construindo algo “novo” para ela, sem diálogo com o passado. Não há condições históricas para isso. O que precisamos é reconhecer, sustentar e reforçar a ideia da educação escolar como atividade mediadora entre a prática social global e a do indivíduo, de onde vem sua possibilidade de ser transformadora e emancipadora, apesar de seu caráter alienante (DUARTE, 2001).

Foi possível observar que os professores não se distanciaram, totalmente, das significações sociais de sua atividade; há consciência da importância e da função transformadora

que essa atividade cumpre no bojo da sociedade atual. Porém, as contradições se evidenciam em suas falas quando apontam o adoecimento, o esgotamento, o isolamento e a solidão que acompanharam, de maneira análoga à barbaridade, o trabalho remoto imposto durante a pandemia do novo coronavírus, quase que forçando uma desistência de tentar fazer de suas práticas, humanas.

As ponderações desse grupo de professores tornaram evidentes como a constituição dos sentidos da sua atividade, durante a vivência desse tempo de pandemia, dependeu, intimamente, das suas experiências passadas. As referências atuais – concepções, sentimentos, sofrimentos e ações – foram elaboradas com base em circunstâncias remotas – o que pensavam e sentiam em relação à carreira docente, a comparação com o trabalho de outras pessoas –, mas acopladas às demandas atuais, o que denota o *sentido* como um conteúdo sintetizado, que inclui passado, presente e futuro, emoldurado pela situação atual.

Na investigação dos sentidos que compõem a semântica do grupo de docentes, portanto, foi possível apreender as zonas de estabilidade e de instabilidade que os englobam dialeticamente, que são carregados pelas dimensões da cognição, da afetividade e da volição.

Embora as condições materiais e históricas apresentadas para os docentes mobilizem angústias e mal-estares, suas vivências e apropriações do passado permitem que sua atividade seja mediada também pela esperança, de maneira que o trabalho docente como resistência, em “todos os sentidos”, constitui as significações dos professores que compuseram esta pesquisa.

No tocante aos elementos mais expressivos na composição do *sentido*, reforça-se o desamparo experienciado pelos docentes em diversas esferas: na relação com pais, mães e responsáveis, com a coordenação da escola, com outros docentes e com os alunos e alunas. Tal realidade precisa ser entendida quando a Psicologia se propõe a adentrar no espaço escolar, para que possa tentar suprir essa falta de apoio, reconhecendo as condições materiais que a impõem, mesmo porque o sentido não esgota a complexidade do contexto investigado, mas expressa a relação entre a atividade individual e a realidade concreta (REY, 2007). Por se inscrever nesse percurso histórico global, inclusive, há de se destacar que existem efeitos da pandemia que ainda

não percebemos, aos quais precisamos nos atentar para reconhecer sua constituição objetiva e subjetiva.

Destaco, por fim, o papel que a Psicologia Educacional e Escolar tem a cumprir com relação a isso, não apenas pelo fato de, hoje, sua atuação nas escolas ser previsto por lei (BRASIL, 2019), mas porque a Psicologia, em sua interface com a Educação, tem o compromisso ético e político de auxiliar na construção de um ambiente de socialização, de ensino e de aprendizagem emancipador e que possibilite a construção de sentidos não alienantes, papel este que deve ser desempenhado em conjunto com a comunidade escolar (CFP, 2013).

Um questionamento que esta pandemia tornou aparente é: o que precisamos de fato fazer para que todas as pessoas tenham direito a uma vida com saúde, educação, moradia e alimentação de forma digna?

Bom, não cabe nesta pesquisa responder por todas essas áreas, mas é inegável que repensar e refazer uma educação que opere na lógica do mercado é urgente. A luta por uma educação e uma sociedade emancipadas deve prever mobilizações sociais nos âmbitos docentes, acadêmicos, estudantis, sindicais, das redes municipais e estaduais de ensino e federal. Nenhuma revolução é construída isoladamente.

Temos, então, na seara da Psicologia, que somar forças com os professores e professoras e os demais agentes escolares, tendo em vista desenvolver teorias e práticas dentro de uma perspectiva crítica, que nos façam resistir contra os mecanismos que querem nos tirar a esperança e a riqueza do gênero humano. Também é imprescindível verter forças para a mobilização de políticas públicas e a manutenção delas, bem como para a transformação do cotidiano, tendo o respeito e as boas condições de trabalho para os profissionais da educação como premissas indiscutíveis.

Que possamos imaginar, esperar e produzir novos sentidos para a Educação, começando já, e mirando o horizonte pós-pandemia.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sérgio. Núcleos de significação como instrumento para apreensão da constituição de sentidos. *Psicologia ciência e profissão*, n. 26, v. 2, pp. 222-245, 2006.
- AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; SOARES, Júlio Ribeiro; MACHADO, Virgínia Campos. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. *Cadernos de pesquisa*, n. 155, v. 45, pp. 56-75, jan./mar., 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/198053142818>.
- ALONSO, Kátia Morosov. A expansão do ensino superior no Brasil e a EaD: dinâmicas e lugares. *Educação & Sociedade* [online]. 2010, v. 31, n. 113, pp. 1319-1335. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302010000400014>>. Acesso em 26 jun. 2021. Epub 03 jan 2011. ISSN 1678-4626. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302010000400014>.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5*. 5 ed. Porto Alegre : Artmed, 2014.
- ARRUZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Cinzia. *Feminismo para os 99%*. São Paulo : Boitempo, 2019.
- ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira. “*Por que aprender isso, professora?*” *Sentido pessoal e atividade de estudo na Psicologia Histórico-Cultural*. Tese (Doutorado em Psicologia), Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira. Sentido pessoal, significado social e atividade de estudo: uma revisão teórica. *Revista quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*. v. 18, n. 2, pp. 265-272, mai./ago., 2014.
- AVELAR, Marina. *Educação e COVID-19: cenário para o avanço da privatização?*. In: Campanha Nacional pelo Direito à Educação [online]. Disponível em: <https://campanha.org.br/analises/marina-avelar/educacao-e-covid-19-cenario-para-o-avanco-da-privatizacao/>. Acesso em 04 jun. 2021.
- BARROS, João Paulo Pereira; et. al. O conceito de “sentido em Vygotsky: Considerações epistemológicas e suas implicações para a investigação psicológica. *Psicologia & Sociedade*, v. 21, n. 2, pp. 174-181, 2009.
- BEATÓN, Guillermo Arias. Vivência, atribuição de sentido e subjetivação da atividade, a comunicação e relações sociais. In: BERNARDES, Maria Eliza Mattosinho; BEATÓN, Guillermo Arias (org.). *Trabalho, Educação e Lazer: contribuições do enfoque histórico-cultural para o desenvolvimento humano*. São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades, 2017. pp. 143-209.
- BERNARDES, Maria Eliza Mattosinho. *Mediações simbólicas na atividade pedagógica: contribuições do enfoque histórico-cultural para o ensino e aprendizagem*. 2006. Tese

(Doutorado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BETIM, Felipe. “Não estudo nada há um ano. Fico em casa limpando e cozinhando”. *El País*. 13 de Abril de 2021, São Paulo. Disponível em < <https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-04-13/nao-estudo-nada-ha-um-ano-fico-em-casa-limpando-e-cozinhando.html?rel=lom> > Acesso em 14 abr. 2021.

BHATTACHARYA, Tithi. O que é a teoria da reprodução social?. *Revista Outubro*, n. 32, 1º sem, 2019.

BRANCO, Juliana Cordeiro Soares; NEVES, Inajara de Salles Viana. Trabalho docente em tempos de COVID-19: EaD e Educação Remota Emergência. *Revista de Educação, Ciência e Cultura*, Canoas, v. 25, n. 3, pp. 19-34, 2020. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.18316/recc.v25i3.7382>> Acesso em 03 fev. 2022.

BRASIL. *Decreto Nº 9.057/2017*. Diário oficial da União, nº 100, sexta-feira, 26 de maio de 2017, pp. 3-4.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

BRASIL. *Lei nº 13.935/2019*: dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. Brasília, 2019. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13935.htm > Acesso em 28 jan. de 2022.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Censo da educação básica 2020 : resumo técnico [recurso eletrônico] – Brasília : Inep, 2021. 70 p. : il. Disponível em <https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resumo_tecnico_censo_escolar_2020.pdf> Acesso em 10 jan. 2022.

BRUNNER, Joaquín José. Educação no encontro com as novas tecnologias. In: TEDESCO, J. C. (org.). *Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?*. São Paulo : Cortez; Buenos Aires : Instituto Internacional de Planeamiento de la Educacion; Brasília : UNESCO, 2004, pp. 17-75.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O (orgs.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia*. 3 ed., São Paulo : Cortez, 2007.

BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (orgs.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em Psicologia*. 3 ed., São Paulo : Cortez, 2007.

CALDAS, Camilo Onoda Luiz; CALDAS, Pedro Neris Luiz. Estado, democracia e tecnologia: conflitos políticos e vulnerabilidade no contexto do *big-data*, das *fake news* e das *shitstorms*. *Perspectivas em Ciência da Informação [online]*, v. 24, n. 02, pp. 196-220, 2019. Disponível

em: <<https://doi.org/10.1590/1981-5344/3604>> Acesso em 30 jan. 2022. *Epub* 02 Set 2019. ISSN 1981-5344.

CANTARELLI, Adriana Gonzaga; FACCI, Marilda Gonçalves Dias; CAMPOS, Herculano Ricardo Campos. Trabalho docente e personalidade: alienação e adoecimento. In: FACCI, M. G.; URT, S. C. (orgs.). *Precarização do trabalho, adoecimento e sofrimento do professor*. Teresina : EDUFPI, pp. 19-44, 2017.

CARA, Daniel. Contra a barbárie, o direito à educação. In: CÁSSIO, F. (org.). *Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar*. São Paulo : Boitempo, 2019. pp. 21-28.

CETIC.BR. TIC *Domicílios 2019 – Principais resultados*. 26 de Maio de 2020. Disponível em: <https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2019_coletiva_imprensa.pdf> Acesso em 26 jun. 2021.

COLUCCI, Cláudia. Com pandemia, SP registra 25% de mortes a mais entre negros e 11,5% entre brancos em 2020. *Folha de São Paulo*. 19 de Março de 2021. Disponível em <<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2020/10/4883191-feminicidios-crescem-durante-a-pandemia-casos-de-violencia-domestica-caem.html>> Acesso em 27 jun. 2020.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (CFP). *Referências técnicas para a atuação de psicólogas(os) na Educação Básica*. Brasília : CFP, 2013.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. *Parecer CNE/CP nº 5/2020, de 28 de abril de 2020*, que trata da reorganização do calendário escolar e da possibilidade de cômputo de atividades não presenciais para fins de cumprimento da carga horária mínima anual, em razão da pandemia da COVID-19. Brasília, 2020a.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. *Parecer CNE/CP nº: 11/2020, de 07 de julho de 2020*, que trata das orientações educacionais para a realização de aulas e atividades pedagógicas presenciais e não presenciais no contexto da pandemia. Brasília, 2020b.

COSTA, Simone da Silva. Pandemia e desemprego no Brasil. *Revista de Administração Pública [online]*, v. 54, n. 4, pp. 969-978, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/0034-761220200170> <https://doi.org/10.1590/0034-761220200170x>>. *Epub* 28 ago. 2020. ISSN 1982-3134. <https://doi.org/10.1590/0034-761220200170>. Acesso em 27 jun. 2021.

CENTER FOR SYSTEMS SCIENCE AND ENGINEERING (CSSE). *COVID-19 Dashboard*. Disponível em: <<https://coronavirus.jhu.edu/map.html>>. Acesso em 09 fev. 2022.

DUARTE, Newton. *Educação escolar, teoria do cotidiano e a escola de Vigotski*. 3 ed. revisada e ampliada. Campinas : Autores Associados, 2001.

DUARTE, Newton. Vigotski e a pedagogia histórico-crítica: a questão do desenvolvimento psíquico. *Nuances: estudos sobre Educação*, Presidente Prudente, São Paulo. v. 24, n. 1, pp. 19-29, jan.-abr., 2013.

- DUARTE, Newton. *Os conteúdos escolares e a ressurreição dos mortos: contribuição à teoria histórico-crítica do currículo*. Campinas : Autores Associados, 2016a.
- DUARTE, Newton. A relação entre apropriação e objetivação. In: DUARTE, N. A *individualidade para-si*. Campinas : Autores Associados, pp. 21-54, 2016b.
- ELOY, Consuelo Biacchi; et. al. O método histórico-dialético contribuições da teoria das representações sociais e da psicologia sócio-histórica. In: CONSTANTINO, E. P. (org.). *Percursos da pesquisa qualitativa em Psicologia*. São Paulo: Art & Ciência. 2007. pp. 39-59.
- FACCI, Marilda Gonçalves Dias; URT, Sônia da Cunha. Apresentação. In: FACCI, M. G.; URT, S. C. (orgs.). *Precarização do trabalho, adoecimento e sofrimento do professor*. Teresina : EDUFPI, pp. 12-18, 2017.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo : Elefante, 2017.
- FERENCZI, Sándor. *Obras completas: psicanálise I*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- FERNANDES, Florestan. *A conspiração contra a escola pública*. Marília : Lutas Anticapital. 2020.
- FILICE, Renísia Cristina Garcia. *Raça e classe na gestão da educação básica brasileira: a cultura na implementação de políticas públicas*. Campinas : Autores Associados, 2011.
- FONTES, Virgínia. Mesa de abertura do XV Encontro Regional SP da ABRAPSO, Práxis, Compromisso Ético-Político e as Transformações Sociais nos 40 Anos da ABRAPSO [online]. 31 mar. de 2021. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=MiklJAiwYfQ>> Acesso em 27 jul. 2021.
- FREIRE, Paulo. *Educação e Mudança*. 12ª Edição. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Edição especial 1.000.000 exemplares. São Paulo : Paz e Terra, 2009.
- FREITAS, Luiz Carlos de. *A reforma empresarial da educação: nova direita, velhas ideias*. São Paulo : Expressão Popular, 2018.
- FRIEDRICH, Janette. A idéia de instrumento psicológico. In: FRIEDRICH, J. *Lev Vigotski: mediação, aprendizagem e desenvolvimento: uma leitura filosófica e epistemológica*. Campinas : Mercado de Letras, 2012.
- FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. *Educação escolar em tempos de pandemia, informe nº 02*, 2020. Disponível em: <<https://www.fcc.org.br/fcc/wp-content/uploads/2020/09/educacao-pandemia-info2-a4.pdf>>. Acesso em 26 jun. 2020.

GATTI, Bernardete Angelina. *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas*. Líber livros : Brasília. 2005.

GATTI, Bernardete Angelina. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. *Estudos avançados*. n. 34, v. 100, 2020.

GESTRADO & CNTE. *Relatório técnico – Trabalho docente em tempos de pandemia*. 2020.

GOMES, Cláudia Aparecida Valderramas. *O afetivo para a psicologia histórico-cultural: considerações sobre o papel da educação escolar*. 170 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências. Marília, 2008.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, pp. 223-244, 1984.

GOUVÊA, Elisa; VALDERRAMAS GOMES, Cláudia. Presença-ausência de considerações críticas sobre medicalização escolar em periódicos de psicologia e educação (2010-2015). *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, n. 11, v.1, pp. 222-243, 2021. Disponível em <doi: <http://dx.doi.org/10.26864/PCS.v11.n1.10>> Acesso em 16 jul. 2021.

GÓES, Maria Cecília Rafael de; CRUZ, Maria Nazaré da. Sentido, significado e conceito: notas sobre as contribuições de Lev Vigostki. *Pro-posições*, v. 17, n. 2 (50), mai. –ago., 2006.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Censo da Educação Superior Notas Estatísticas 2019*. Disponível em <https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2020/Notas_Estatisticas_Censo_da_Educacao_Superior_2019.pdf> Acesso em 25 jun. 2021.

JAFFE, Sarah; BHATTACHARYA, Tithi. Reprodução social e a pandemia, com Tithi Bhattacharya. *Revista movimento*. 07 de Abril de 2020. Disponível em <<https://movimentorevista.com.br/2020/04/reproducao-social-e-a-pandemia-com-tithi-bhattacharya/>> Acesso em 15 abr. 2020.

KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2 ed., 1976.

LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley (org.). *Psicologia Social: o homem em movimento*. 8 ed. São Paulo : Editora Brasiliense, 1989.

LEONTIEV, Alexei Nikolaevich. Apêndice: Problemas psicológicos do carácter consciente do estudo. In: LEONTIEV, A. N. *Actividad, conciencia y personalidad*. Buenos Aires: Ediciones Ciencias del Hombre, pp. 183-234, 1978.

LUKÁCS, Georg. Introdução aos escritos de Marx e Engels. In: LUKÁCS, G. *Ensaio sobre literatura*. Editora Civilização Brasileira, pp. 11-43, 1965.

MARTINS, Lúcia Márcia. *O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico cultural e da pedagogia histórico-crítica*. Bauru,

2011. pp. 27-60. Tese (Livre Docência), Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis.

MARTINS, Lígia Márcia. *O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural*. Campinas : Autores Associados. 2013.

MARTINS, Lígia Márcia. Prefácio. In: *Trabalho, educação e lazer: contribuições do enfoque histórico-cultural para o desenvolvimento humano*. BERNARDES, M. E. M.; BEATÓN, G. A. (orgs.). São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades, pp. 11-18, 2017.

MARX, Karl. *A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B., Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)*. São Paulo : Boitempo, 2007.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo : Boitempo, 2010.

MARX, Karl. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo : Boitempo, 2011.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital*. 2 ed. São Paulo : Boitempo, 2017.

MASCARO, Alysson Leandro. *Crise e pandemia* [recurso eletrônico]. São Paulo : Boitempo, 2020.

MCWILLIAMS, Nancy. *Diagnóstico psicanalítico: entendendo a estrutura da personalidade no processo clínico*. 2 ed. Porto Alegre : Artmed, 2014.

MEIRA, Marisa Eugênia Melillo Meira; ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. *Psicologia escolar: teorias críticas*. São Paulo : Casa do Psicólogo®, 2003.

MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima. A crise dos sentidos e significados na escola: a contribuição do olhar sociológico. *Caderno Cedes*, Campinas, v. 31, n. 85, pp. 341-357, set.-dez., 2011.

MENDONÇA, José Ricardo Costa de; et al. Políticas públicas para o Ensino Superior a Distância: um exame do papel da Universidade Aberta do Brasil. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação* [online]. 2020, v. 28, n. 106, pp. 156-177. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-40362019002801899>>. Acesso em 26 jun. 2020. Epub 02 Dez 2019. ISSN 1809-4465. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362019002801899>.

NOVAES, Henrique Tahan; OKUMURA, Julio Hideyshi. A tragédia educacional brasileira no século XX: diálogos com Florestan Fernandes. Marília : Lutas Anticapital, 2020.

OLIVEIRA, Walter Pinto de; BITTENCOURT, Wanderley José Mantovani. A evasão na EaD: Uma análise sobre os dados e relatórios, ano base 2017, apresentados pelo Inep, UAB e Abed. *Revista Educação Pública*, v. 20, nº 3, 21 de janeiro de 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/3/a-evasao-na-ead-uma-analise-sobre-os-dados-e-relatorios-ano-base-2017-apresentados-pelo-inep-uab-e-abed>. Acesso em 25 jun. 2021.

OLIVEIRA, Fábio Nogueira de; RIOS, Flavia. Consciência negra e socialismo: mobilização racial e redes socialistas na trajetória de Hamilton Cardoso (1953-1999). *Contemporânea*. ISSN: 2236-532X, v. 4, n. 2, pp. 507-530, jul.-dez., 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). *Prevenção do suicídio: manual para Professores e Educadores*. Genebra: OMS, 2000.

PASQUALINI, Juliana Campregher; MARTINS, Lígia Márcia. Dialética singular-particular-universal: implicações do método materialista dialético para a psicologia. *Psicologia & Sociedade*, v. 27, n. 2, pp. 362-371, 2015.

PATTO, Maria Helena de Souza. *Psicologia e ideologia: uma introdução crítica à psicologia escolar*. São Paulo : T. A. Queiroz, 1984.

PATTO, Maria Helena de Souza. *A produção do fracasso escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo : T.A. Queiroz, 1990.

PATTO, Maria Helena Souza. O ensino a distância e a falência da educação. *Revista Educação e Pesquisa*, v. 39, n. 2, pp. 303-318, abri.-jun., 2013.

PETO, Lucas Carvalho; VERÍSSIMO, Danilo Saretta. Objetividade e atividade sensível: a crítica marxiana à questão da subjetividade nas filosofias de Hegel e Feuerbach. *Psicología, conocimiento y sociedad*, v. 10, n. 1, pp. 240-260, may.-oct., 2020.

PIERRO, Bruno de. Para além da sala: fechamento de escolas e universidades durante a pandemia de Covid-19 traz à tona debate sobre educação a distância. *Pesquisa FAPESP*, São Paulo, ano 21, n. 292, pp. 82-87, jun. de 2020. ISSN 1519-8774.

REY, Fernando González. As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. *Psicologia da educação*, São Paulo, 24, pp. 155-179, 1º sem de 2007.

ROMANELLI, Nancy. A questão metodológica na produção vigotskiana e a dialética marxista. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n. 2, p. 199-208, abr.-jun., 2011.

ROSSI, Marina; MENDONÇA, Heloísa. “Prefiro perder um ano a perder um filho”: o debate sobre a volta às aulas presenciais em São Paulo. *El País Brasil*. São Paulo. 27 de Agosto de 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-08-27/prefiro-perder-um-ano-a-perder-um-filho-o-debate-sobre-a-volta-as-aulas-presenciais-em-sao-paulo.html>. Acesso em 30 ago. 2020.

SALDANÃ, Paulo. Escolas deverão ter volta escalonada com aulas presenciais e a distância. *Folha de São Paulo*. 04 jun. de 2020. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/06/escolas-deverao-ter-volta-escalonada-com-aulas-presenciais-e-a-distancia.shtml?origin=folha>>. Acesso em 26 jun. 2020.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *A cruel pedagogia do vírus* [recurso eletrônico]. São Paulo : Boitempo, 2020.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política*. São Paulo : Cortez : Autores Associados, 1988.

SAVIANI, Dermeval. O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias. In: FERRETI, C. J.; et. al (org.). *Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar*. Rio de Janeiro : Vozes, 1994. pp. 151-167.

SAVIANI, Dermeval. Florestan Fernandes e a educação. *Estudos Avançados*. v. 10, n. 26, pp. 71-87. 1996.

SAVIANI, Dermeval. *Mesa Educação: desafios do nosso tempo, Congresso Virtual UFBA [online]*. 18 de maio de 2020. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=6w0vELx0EvE&feature=youtu.be>> Acesso em 12 jun. 2020.

SÃO PAULO (Estado). Decreto nº 53.536, de 9 de outubro de 2008. Institui o Programa Universidade Virtual do Estado de São Paulo - UNIVESP, para expansão do ensino superior público do Estado de São Paulo, e dá providências correlatas. *Diário Oficial do Estado de São Paulo*, São Paulo, 10 out. 2008.

SÃO PAULO (Estado). Decreto nº 64.982, de 15 de maio de 2020: institui o Programa Centro de Mídias da Educação de São Paulo – CMSP e dá providências correlatas. *Diário Oficial - Executivo*, 16/05/2020, p.1.

SÃO PAULO (Estado). Resolução Seduc, de 18-3-2020: fixa normas quanto à reorganização dos calendários escolares, devido ao surto global do Coronavírus, para o Sistema de Ensino do Estado de São Paulo, e dá outras providências. 19/03/2020. Disponível em <<https://decentro.educacao.sp.gov.br/resolucao-seduc-de-18-3-2020/>> Acesso em 25 jun. 2021.

SEDUC. Governo de SP anuncia novo plano de ampliação da retomada das aulas presenciais para agosto [online]. 16 de junho de 2021a. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/governo-de-sp-anuncia-novo-plano-de-ampliacao-da-retomada-das-aulas-presenciais-para-agosto/>. Acesso em 25 jun. 2021.

SEDUC. O impacto da pandemia na educação: avaliação amostral da aprendizagem dos estudantes [online]. Abril de 2021b. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/wp-content/uploads/2021/04/Apresenta%C3%A7%C3%A3o-Estudo-Amostral.pdf>. Acesso em 29 dez. 2021.

SEDUC. Resolução SEDUC Nº 9, de 28-01-2022: Dispõe sobre a realização das aulas e atividades presenciais nas instituições de educação básica no ano letivo de 2022, no contexto da pandemia de COVID-19, e dá providências correlatas [online]. 29 de janeiro de 2022. Disponível em: <http://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.aspx?link=%2f2022%2fexecutivo+secao+i%2fjaneiro%2f29%2fpag_0052_6265ed852b511ee9ad7b5da03ebcece6.pdf&pagina=52&data=29/01/2022&caderno=Executivo%20I&paginaordenacao=100052>. Acesso em 02 fev. 2022.

SILVA, Yasmin Aparecida Cassetari da. *Vozes do silêncio: lesbofobias e a processualidade suicida*. 208 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Assis). 2019.

SOARES, Valéria Antônia Benevides Solano; MARTINS, Lígia Márcia. Relações entre sofrimento/adoecimento do professor e formação docente. In: FACCI, M. G.; URT, S. C. (orgs.). *Precarização do trabalho, adoecimento e sofrimento do professor*. Teresina : EDUFPI, pp. 45- 73, 2017.

SOUZA, Paulo Rogério de; PEREIRA MELO, José Joaquim; FERNANDES GOMES, Renan Willian. Condorcet e a origem da instrução pública apoiada nos princípios de liberdade e igualdade. *Anais do evento X Congresso Nacional de Educação (EDUCERE) e I Seminário internacional de representações sociais, subjetividade e educação (SIRSSE), da Pontifícia Universidade Católica do Paraná*. 2011.

TANAMACHI, Elenita de Rício; ASBAHR, Flávia da Silva Ferreira; BERNARDES, Maria Eliza Mattosinho. As proposições de Vigotski para transformar o método de Marx no “Capital” que falta à psicologia. *Anais do II Evento de Método e Metodologia em Materialismo Histórico Dialético e Psicologia Histórico-Cultural Universidade Estadual de Maringá*. ISSN 2318-7220. 2013.

TEDESCO, Juan Carlos (org.). Introdução. In: *Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?*. São Paulo : Cortez; Buenos Aires : Instituto Internacional de Planeamiento de la Educacion; Brasília : UNESCO, 2004.

TEÓFILO, Sarah. Feminicídios crescem durante a pandemia; casos de violência doméstica caem. *Correio Braziliense*. 19 de outubro de 2020. Disponível em <<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2020/10/4883191-feminicidios-crescem-durante-a-pandemia-casos-de-violencia-domestica-caem.html>> Acesso em 27 jun. 2021.

TOASSA, Gisele. Conceito de Consciência em Vigostki. *Psicologia USP*, n. 17, v. 2, pp. 59-83, 2006.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. O método instrumental em psicologia. In: VIGOTSKI, L. S. *Teoria e método em psicologia*. 2ª ed., São Paulo : Martins Fontes, pp. 93-101, 1999.

VYGOTSKI, Lev Semenovich. *Obras escogidas* (Tomo 1). Madrid : Visor, 1991.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo : Martins Fontes, 2000.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *Imaginação e criação na infância*. São Paulo : Expressão Popular, 2017.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch; LEONTIEV, Alexei Nikolaievitch. Prefácio para o livro de A. N. Leontiev o desenvolvimento da memória. *Caderno CEDES*, Campinas, v. 40, n. 111, pp.114-122, mai.-ago., 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/CC225970>> Acesso em 20 jan. 2022.

XAVIER, Libânia Nacif. A construção social e histórica da profissão docente: uma síntese necessária. *Revista Brasileira de Educação*, v. 19, n. 59, out.-dez., 2014.

YASUI, Silvio. *Rupturas e encontros: desafios da reforma psiquiátrica brasileira* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010, 190 p. Loucura & Civilização collection. ISBN 978-85-7541-362-3. <https://doi.org/10.7476/9788575413623>.

APÊNDICE A - Pré-indicadores construídos a partir das falas da professora A

PROFESSORA A
[...] hoje agora o professor é, ele tem outra visão, os pais têm outra visão do que é um professor em sala de aula, situação um pouquinho que a gente passa todos os dias.
Mas a gente, com esse distanciamento, eu acho que, é... ficou aquele elo que a gente tem como professor, um com o outro, a gente conversava, a gente troca experiências, a gente colocar nossos problemas. É, isso ficou muito afastado.
Então hoje a gente tá vivendo em função de um celular de um computador, a gente não tem aquele contato diário que a gente tinha com os outros professores pra gente estar dialogando , porque hoje eu trabalho com uma máquina e eu vivo em função do meu celular , né, então foi uma coisa que ficou muito diferente, mudou muito o nosso ritmo de vida hoje.
E a cobrança que hoje nós temos tendo ela é muito grande , do que a gente tinha no presencial hoje, como a parte virtual, que o nosso governador quer que coloque os alunos dentro da sala de aula independente de como esteja a situação de cada cidade, é, ele faz com que, é, a cobrança seja muito maior, que exija muito mais coisas, coisas que são desnecessárias , porque em nenhum momento ele chegou perguntando, ó, “Como que vocês tão?”, “Como que tá sendo? Tá sendo fácil? Os alunos tão... ?”, não, cada dia cobra mais, cobra mais, só a cobrança.
[...] eu acho que é revoltante , às vezes, a gente se sente muitas vezes tanto frustrado como revoltado , que a gente é tão cobrado , a gente é tão exigido das coisas , e a gente tem que fazer com tanta perfeição , e aí a gente pega o aluno , a gente tá quase implorando pra ele, pra ele fazer alguma coisa , mesmo ele sabendo da dificuldade que tem, né, que eles também tão passando , mas pra gente tá muito difícil, ainda mais eu agora que tô com uma matéria nova [disciplina de Eletiva de empreendedorismo] e ficou mais difícil ainda. Que aí quando você tem uma matéria que já vem no currículo deles, eles já têm dificuldade em fazer, ainda mais agora comigo, com a matéria nova, então, quase zero.
O mais difícil é você, é... às vezes ir atrás de material concreto, isso e aquilo, porque às vezes você precisava de terceiros, né, e... Mas os alunos foram bem, tal, fizeram, né. Mas às vezes eles questionavam, assim, “Ai, professora, último ano, não tem necessidade disso”, sabe? Mas aí você vem com... com aquela, não é uma matéria nova e foi colocada e vai dar nota igual às outras. Mas foi um desafio, tá sendo um desafio bem grande, porque, assim, é o outro ano eu dava Sociologia, né, então você tem um cronograma, você tem um caderninho, todo certinho, que você estuda ele e você faz, você não tem que correr atrás do que que você vai dar, como você vai dar. Essa [disciplina de Eletivas] não, essa é você.
Não, continua a mesma coisa [o sentido que ela dá para a profissão docente durante a pandemia]. Eu acho que, assim, em matérias de apoio, de... de aula, até, foi até melhor. Eu só tenho mais dificuldade em relação aos alunos terem me mandando alguma coisa.
Bom, é... eu sou filha de professora , né, minha mãe foi, agora é aposentada, como professora do estado, então eu sempre tinha aquele lado que, é, eu gostava de ir com a minha mãe pra ir pra escola,

tal, fazia, né, sempre tando junto com ela. Quando eu cresci e terminei eu falei que eu não ia mais por esse lado, que eu não ia ser professora, que eu não queria. E aí eu optei por fazer Serviço Social. Fiz a minha primeira faculdade, como Serviço Social, mas aí **parece que era destinado**, porque tudo... aí eu fui fazer estágio, caí na Educação, aí quando eu peguei um emprego de seletivo na prefeitura eu fui trabalhar com crianças especiais, na Educação de novo, né. E aí eu fui obrigada a ter que fazer minha segunda faculdade de Pedagogia, porque pra mim atuar como Assistente Social com as crianças, é, déficit de aprendizagem, eu teria que ter Pedagogia. Me ingressei num Pedagogia. Aí, vai e vem, vai e vem, **fiz a inscrição no estado, entrei, né, achando que eu ia conseguir dar aula maravilhosamente bem, junto... igual a minha mãe dava. Ilusão, né, [...]**

[...] porque cheguei, igual o professor B falou, **não sabia nem preencher uma caderneta, caí de paraquedas numa sala de aula, falei, “E agora?”**, né? **Outra realidade, outro mundo, é... alunos totalmente diferentes daquela... do mundo que eu presenciei**, né, e que a escola, quando veio a minha pós, ela faz uma preparação pra você que não é nada com uma sala de aula. É lindo, maravilhoso na faculdade, mas na hora que a gente cai lá na sala de aula a gente fala, “Nossa, eu não sei nada”. E foi isso que... eu tive que, lá em 2018, quando eu entrei pro estado, que eu comecei a aprender, porque foi igual o professor B falou, a gente acha que a gente sabe tudo, que a gente vai chegar lá e eles vão ficar mudinho e... e que você vai fazer aquilo, você chega lá, você não sabe nada, e você tem que aprender com eles e falar a língua deles, porque senão você não consegue dar aula, né. Muitas vezes saí da sala de aula, depois entrava na sala dos professor, começava a chorar de nervoso, porque eu não ter conseguido desenvolver meu trabalho, mas fui aprendendo. Quer dizer, estou aprendendo hoje ainda.

APÊNDICE B - Pré-indicadores construídos a partir das falas do professor B

PROFESSOR B
Ai, eu fiquei meio... Ainda tô, ainda, meio... que aprendendo ainda a lidar com essas questões, com essas plataformas, e até com o próprio contato, esse contato distante aí com os alunos, né. Que... que eu tenho percebido, assim, que até aqueles alunos que dentro do contexto normal da sala, tinha uma interação, tinha uma participação, eles acabam... acabaram sumindo, boa parte. Principalmente do... tenho mais ensino médio, né. Tem uma sala só de... quer dizer, tenho uma sala só de sexto ano, mas tenho o nono ano também que já são um pouco maior, maiorzinho, às vezes eles até... até trabalham um pouco dentro com essas novas tecnologias. Agora, o sexto ano eu não consegui trabalhar com ele no [Google] Classroom, tive que trabalhar pelo WhatsApp, mandar mensagem pelo WhatsApp, é... mandar vídeo, mandar algumas, é... atividades bem curtas, que nem o Formulário [Google Forms], que, é... o empenho deles ou a devolutiva deles é praticamente zero. Quase... é... cê fala, ele, menos da metade da sala faz a atividade, você puxa um dia a devolutiva das atividades no grupo e não tem uma resposta, parece que não tem ninguém no grupo. O Ensino Médio algumas salas não tão muito diferente disso, mas tem alguma... algum retorno um pouco maior, nem se for pra te criticar também. “Ah, professor, tá passando muita coisa” (risos).
Não, eu não tô. Eu não gravei vídeo, eu faço... eu envio alguma videoaula, é... pra aprofundar o conteúdo, alguma coisa assim, mas que eu pego do YouTube mesmo. [...] De algum canal lá, e aí eu mando, é... ou alguma atividades pelo Formulário [Google Forms], pelo [Google] Classroom e aí com texto, recorto de livro didático, enfim, imagens, análise de imagens, mas trabalhar com [gravando] vídeo eu não tô, não dei esse passo, não, acho que não sei se vou conseguir também, não (risos). Gravar vídeo pra... pra eles...
Então tem sido, assim, em parte frustrante, né, cê fica meio que, parece que no escuro. Vai, propõe atividade, envia, mas fica aquela coisa fria, né. Alguns alunos devolvem as atividades, né, provavelmente eles pegaram a resposta de algum lugar ou alguém fez ou passou pro outro, enfim, fica aquela coisa só pra cumprir, só pra preencher caderneta só, né, com alguma nota, porque cê não tem uma... cê não sabe realmente se ele se apropriou de alguma coisa daquilo.
Fica uma coisa meio que... né, pra inglês ver, só pra preencher caderneta, porque a parte do ensino eu acho que, é... não tá fluindo.
É a minha visão assim dentro da... da minha disciplina com as minhas turmas, parece que não tá, não tá fluindo, assim, essa parte do ensino de fato. Tá acontecendo as atividades, eles tão devolvendo, mas aquela coisa é, mecânica ali, e burocrática.
Então... uma sala ou outra eu vou, né... toco em algum assunto [relacionado à pandemia ou aos movimentos sociais que estavam tomando força nas redes e nas ruas, na época, como o <i>Black Lives Matter</i>], mas geralmente é relacionado à, à parte do conteúdo ou a parte da escola. Então, sugerindo participar de algum, assistir, acompanhar alguma outra, algum outro canal de videoaula, ou quem vai prestar vestibular, vai prestar ENEM, enfim, dou algumas dicas assim, mas sempre trabalhando ou puxando assunto com relação ao conteúdo, com relação à aula, enfim, não, não converso muito

com eles, né, outros assuntos, a não ser um ou outro aluno que me chama no privado pra perguntar alguma coisa é, aí acaba virando um bate papo. Agora nos grupos eu não tenho conversado além [...]

[...] dentro da sala até rola brincadeiras, eles conversam, eles, né, até durante a explicação da aula, né, cê percebe se o aluno tá prestando atenção ou não, se ele interage ou não, agora ali cê fica, né, **completamente cego com relação a isso. Cê não sabe que que ele tá fazendo do outro lado, quem tá fazendo atividade pra ele, se ele fez, se ele não fez, né, se alguém fez pra ele. Então tem casos que tem, principalmente sexto ano, que cê percebe que não foi o... a criança que escreveu aquilo, mas aí cê vai... fica... meio...** Assim, essa parte de interação com os alunos eu achei... meio complicado, assim, é difícil.

Outros que me escreve falando, “Ah, porque é muita coisa”, ah, se dá pra mandar pro privado ao invés de fazer no Classroom, assim, não muita coisa, assim.

Tem alguns pontos, um, pelo menos, que me chamou atenção, que é duma... uma aluna do segundo ano, segundo ano C, que na sala de aula era bem complicado, né, ou ela dormia na sala, fazia nada, ficava deitada ou ela só bagunçava, ria e, enfim, não prestava atenção em nada. E ela tem sido uma das que, sempre que eu passo atividade, ela é uma das que vem perguntar pra mim no privado, manda mensagem, pergunta, manda a resposta dela, pergunta pra saber se tá certo. Então essa foi uma coisa que me surpreendeu.

Eu, **no princípio**, quando veio essa suspensão das aulas e a gente teve que trabalhar eu falei “Ah, vai ser, vai ser bacana. Acho que vai...”. Mas aí eu vi que não foi... não tá sendo assim, não... Até tentei, né, me adaptar com algumas... a questão do vídeo, questão, né, de fazer algumas atividades diferentes, mas eu acabo, **acabo que na real sai o feijão com arroz lá, básico lá, [...]** não me adaptei com a questão da tecnologia pra inovar ou propor alguma coisa que fuja disso.

É, não, não conhecia o Classroom e não conhecia o Google Formulários [Google Forms] também. **Tive que, que aprender um pouco a mexer com isso também.**

Eles [os alunos] acha “Ah, **quando voltar presencial a gente recupera**” ou, né, que **não vai repetir ninguém mesmo esse ano. Então o que parece é que tá sendo, né, pra alguns alunos tão fazendo esse sentido, “Ah, num vou fazer nada, quando voltar às aulas a gente vê o que faz, a gente recupera**” ou, né, num vai repetir, num vai reprovar ninguém esse ano, né. Então esse... até sábado um aluno do terceiro ficou, né, conversando um pouco comigo exatamente sobre isso, ele falou “Ah, professor, eu não tô fazendo nada, tô fazendo uma vez as atividades do bimestre passado, num fiz atividade de ninguém porque esse ano, né, **num vou aprender nada mesmo**”, e aí ele perguntou “**Cê acha que vai ter o quarto ano, ano que vem?**”, né, que até um certo momento aí o [governo do] estado falou que talvez teria, né, um quarto ano, ano que vem, pra compensar principalmente o pessoal do terceiro [ano do Ensino Médio], né.

E aí esse rapaz falou, “Ah, eu espero que tenha, que aí eu quero fazer quarto ano, que eu quero ficar, eu quero ir pra sala. **Não tô conseguindo acompanhar as aulas**”, que “**tá difícil**”, “**tem professor que passa um monte de coisa**”, num sei que tem, enfim... Só que aí aquela outra coisa, **quando ele tava dentro da sala ele não aproveitava também**, e aí, enfim... E aí a... a conversa dele é que esse... que esse ano o [governo do] estado não vai deixar reprovar ninguém, enfim, então **ele não vai ficar se matando pra fazer nada agora, acompanhando as videoaulas, que ele não tá aprendendo**

nada. Né, eu falo, ó, né, “Eu não sei a questão do quarto ano, ano que vem, não sei se vai ter isso, acho até difícil, talvez”, porque envolveria até ter mais professores, envolveria até ter espaço físico pra abrir mais uma sala, no caso lá de [nome da cidade em que a escola fica], de manhã tem todas as salas ocupadas, não teria onde colocar o quarto ano, né, se abrisse uma quarta, um quarto ano do Ensino Médio. Então **tem uma... uma série de questões aí que eu não sei se isso vai, né, vai adiante.** Então falei pra ele, ó, num... num se fiar muito, nessa de que ano que vem recupera, enfim, né. Ah, se tem professor que tá, que “cê acha que tá passando muita coisa, faz metade, pelo menos, né, mas tenta acompanhar”, tenta, né, tirar algum proveito disso, tal. Mas aí ele falou “Ah não, num vou fazer, não”. Então... É... **Por ele assim eu fico imaginando outros, né, que devem tá nesse mesmo... nesse mesmo pensamento aí [...]**

Não, acho que um ponto que o professor C colocou que **me parece central é a questão do tempo mesmo, né, tanto pra gente, né, que caiu esse negócio no nosso colo pra gente ter que se virar com isso. Foi a mesma coisa pros alunos, né... Por mais que a gente via eles com os celulares a manhã toda na mão, mas aí é uma outra relação que eles têm com aquilo, né, aí, pra muitas, pra várias séries ali, pra vários deles eles não têm uma maturidade pra administrar essa questão de se, esse ensino remoto, ou desse conteúdo, de acompanhar videoaula, de, enfim, se envolver, né, com, com o conteúdo e tentar extrair, anotar alguma coisa dali. Então, eles também não tiveram esse tempo de se preparar, de se adaptar aí a essa... foi tudo um, né, do dia pra noite assim eles, tiveram que de repente, né, aprender a olhar uma pessoa falando num, quarenta e cinco minutos, cinquenta minutos numa tela lá e, enfim, sem uma... um suporte maior pra isso. Sem contar a questão também da, do acesso, da tecnologia, enfim. Muitos têm celular que tem que usar o celular do pai ou da mãe, não tem o aparelho dele. Enfim, ficou bem complicado.**

O princípio lá, logo que suspenderam as atividades, o primeiro canal que a gente criou, né, pra manter a comunicação com eles foi os grupos ali de *WhatsApp*. E aí depois **cada professor tem meio que criado uma estratégia ali de conduzir as atividades, né.** Eu, no meu caso, o sexto ano eu mantive apenas pelo *WhatsApp* mesmo. Não, **não consegui fazer com que eles migrassem pro Classroom.** Agora as outras salas, os nonos, primeiros, segundos, terceiros [anos] eu **tenho tentado concentrar, pelo menos o envio das atividades, receber as atividades, lá pelo Classroom.** E aí o contato de avisar, da... dar informe, e aí vai pelo... pelo grupo do *WhatsApp* mesmo.

Então, dentro da disciplina de História ou aquilo que tá sendo seguido, né, pela... pelo Centro de Mídias e do Currículo Paulista, não tá, não tá sendo contemplado ou sendo trabalhado [conteúdos referentes ao contexto pandêmico e as discussões que estavam emergindo, na época, sobre racismo]. Aí eu tenho, né, introduzido dentro do que... do que dá pra gente encaixar ali no tema. Como são, é, questões ali que dá pra, tem várias frentes de discussão [o áudio do professor ficou ruim nesse momento]. Aí dá pra... dá pra encaixar, né, algumas atividades, alguns conteúdos ali que atravessa, né, o currículo oficial. Mas ele não tá... não tá sendo abordado. Pelo menos nas aulas de História, nem uma dessas, é... atividades aí [falou algo que não deu pra entender, devido ao chiado no áudio] [...] plano que fala sobre a questão dos povos da antiguidade, dos povos indígenas da América você consegue trabalhar a questão da diversidade étnica, por exemplo, cultural... Ah... No segundo ano quando tá falando da... das viagens marítimas você consegue fazer o *link*, por exemplo, com aquela, aquele movimento de... de derrubada das estátuas dos escravocratas, né, na Inglaterra, nos Estados Unidos e tal. **Tento fazer esses... essas pontes aí com o tempo presente. Mas não tá, né, pelo... como aparece, né, trabalhado lá pelo Centro de Mídias não.**

É, e até o que essas questões podia gerar de discussão dentro da sala, né. Porque aí agora cê não tem essa condição de discutir com a sala, né, fazer a sala, os alunos discutirem esses assuntos. Fica... né, cada um no seu canto e dá a sua opinião, dá a sua resposta, mas não tem aquele debate dentro da sala. Ano passado eu fiz algumas experiências com seminários, tratando, né, de... desses assuntos com seminários, e saíam, assim, uns debates muito... muito bons, assim. A questão do fascismo, comunismo, feminismo, né, racismo... Aí você monta os grupos e põe eles pra... pra debater. Aí fica bacana. Mas com esse, né, com esse trabalho remoto num consegue, pelo menos não consigo visualizar como isso seria possível.

É, em História, né, tem lá a proposta do Currículo [Paulista], então... só que eles reduzem, né, eles... fizeram um resumo do que seria trabalho no bimestre, então as videoaulas são, meio que pula alguns conteúdos e foca em outros. No começo ainda, cê, é... um dia, na segunda tinha aula de História e na outra semana a aula de História era na sexta. Num tinha uma... uma organização também. Agora tá mais ou menos, né, conseguiram fechar mais ou menos um... um horário. Então quarta-feira tem aula de história pro sexto ano. **É... então, tá mais ou menos agora, né... construindo ali uma rotina** [e isso já era agosto!]. **Mas no começo, cê ficava sabendo que podia ter aula na semana. E às vezes mudava, dava algum problema ainda que no... no... pro mesmo dia mudava a aula ainda.**

É, eu percebi que mudou um pouco a... um pouco não, mudou bastante a rotina, né, agora de ficar mais tempo em casa. Antes eu tinha a rotina de sair de casa, né, toda manhã, aí voltava só depois do almoço. Agora, né, passo o dia todo em casa e... Enfim, isso pra mim foi, tá sendo ainda diferente. É que agora eu já acostumei um pouco com essa nova rotina, né. Antes eu tinha horário era eu acordava 5 horas da manhã pra... pra ir pra escola, agora eu posso acordar mais tarde. Enfim... eu acho que... é, do que eu tenho percebido um pouco eu acho que agora que eu tô começando a acostumar ainda. Eu estranhei bastante no... no princípio. Na verdade, **eu ficava bastante inquieto, né, queria sair de casa de todo jeito** (risos), mas num... é, **ficava, né... caçando alguma coisa pra fazer pra poder me prender aqui, aqui dentro**. Não ficar tanto pensando em sair pra... pra rua. [...] porque senão toda hora ficava querendo arrumar uma desculpa: “Ah, precisa ir no mercado”, “Precisa fazer tal coisa”, “Precisa fazer tal coisa”, mas não precisava na verdade, era só pra sair [risos].

É... eu acho que, no meu caso, mudou um pouco, sim. Agora acho que mais afastou do que aproximou [das pessoas que moram com ele], né... Meio... meio estranho, assim [...] **É... Eu acho que já fico querendo... esperando.... precisando dum momento sozinho. Um momento fora... fora de casa.**

Bom, por um lado, cozinhei bastante, continuo cozinhando bastante, engordando. Mimando bastante o gatinho (risos).

[...] eu percebo que eu fiquei bem ranzinza. Eu fiquei... Né, me sinto ainda, meio incomodado. Com a situação, assim.

E é uma coisa de louco, porque agora que cê fica o dia todo em casa, parece que o tempo não rende, né. Eu achava “Nossa, vou ficar em casa vou conseguir fazer um monte de coisa”, né, vou desafogar aquilo que tava atrasado. E aí **parece que, né, eu acordo, dali a pouco já tá dando a hora de dormir de novo e o dia passou e eu num... num fiz um terço do que eu... eu havia**

planejado. Parece que o tempo tem passado mais rápido, aí. E é interessante, porque **cê fica o dia todo em casa**, fala “Pô, agora eu consigo fazer um monte de coisa”, e não consigo (riso nervoso).

Misturou tudo, né? A questão do trabalho, com a casa, com... E aí tem... **tem aluno mandando mensagem qualquer hora do dia, da noite. Cê não desliga, cê não separa mais**, né, um pouco nessa relação.

É, os amigos a gente conversa, né, pelo.... pelo *WhatsApp* mesmo, manda mensagem. **Agora a família, que é minha mãe e minha vó, elas não... não usam tecnologias, né, elas não... Elas é o telefone fixo ainda, nem celular, então a única forma de contato é ligando...** ligando, falando pelo telefone mesmo e não... a última vez que fui pra lá foi fevereiro, né. Fui ainda lá no Carnaval, antes do... do isolamento. E, né, em condições normais eu ia uma vez por mês, a cada... cada dois meses eu ia lá visitá-las, né.

É uma coisa bem estranha assim, porque, uma rotina normal na escola você tá conversando, tá falando, né, a todo momento que você tá lá. Ou na sala de aula ou na sala dos professores, cê não fica, é, isolado, é muito difícil. Agora, nesse período, desse período pra cá, desde que suspendeu aí as atividades da escola, praticamente eu não tenho contato, conversar, pessoalmente com alguém, com ninguém fora daqui de casa. **Então, quando eu saio, eu saio pra ir ao mercado, fazer alguma coisa, mas, é... né, aquele contato, né... hm... não pessoal, assim, então, de trocar uma ideia, de conversar com... com ninguém mais, já uns indo pra cinco meses, seis meses.**

Ah, então, a minha impressão é que também afastou um pouco mais, é, alguns pais da escola, né. Tem alguns grupos, né, de alunos, que têm pais nos grupos, principalmente do sexto ano, tem os pais que entram em contato, a gente pergunta se o filho tá fazendo atividade ou não, mas, pras outras séries, pros nonos [anos], **Ensino Médio já não tem essa, não tem essa... esse contato, né, com os pais. O que eventualmente na... no período normal, né, você tinha as reuniões, ainda que você conseguia ter um contato pessoal, falar com algum desses pais que ia lá, perguntava do filho ou, né, que a escola podia chamar o pai pra... pra conversar no caso, né, de alguma necessidade. Agora fica, a minha impressão é que fica também mais afastado.**

Então, no contexto que a gente tinha a reunião de pais, aí a gente conseguia, né, falar de um modo geral, né, da sala, do contexto da sala, da escola, das atividades que faziam na escola. Tinha, né, uma... uma ação que a coordenação fazia que era fazer uma *premiaçãozinha* dos alunos que se destacavam durante o bimestre, então os pais iam pra receber certificado com... com a aluna ou com o aluno. E agora, né, essas... essas ações assim elas ficaram um pouco mais, a minha, **minha impressão é que ficaram um pouco mais distantes, então... No caso do sexto ano, que eu tenho uma sala, os pais quando entram em contato é especificamente pra perguntar se o filho enviou a atividade, ou qual atividade que ele precisa fazer e ponto. E aí, no contexto de quando a gente tinha o contato na sala, né, das reuniões, você podia, né, falar do comportamento, você observava o aluno, qual que era o comportamento dele na sala, né, se ele era participativo, se ele era disperso. Agora, né, esses assuntos você não consegue mais, pelo menos eu num... não entro, assim, não vejo como conversar. Então fica uma coisa bem pontual, assim, “Ah, né, minha filha entregou a atividade?” ou “O que que tá faltando pra ela?”, “O que que tem que fazer”, “Ah, é tal, tal”, ponto. Então, me parece que ficou mais, é... pontual, assim, esse contato.**

[...] acho que esses seis merece parece que têm sido tão... **pesado, tão intensos**, assim, que **tem afetado bastante mesmo, tem desgastado bastante**. E eu, assim, quando imaginei a situação, né, nossa, vamos ter que, vai ficar um tempo isolados, tal, não tinha essa percepção de como seria, de como ia ser. Não tinha essa... essa ideia, né, que esse **estranhamento** que causou e de como essa mudança de rotina ela foi tão **sentida, assim, tão pesada**. Talvez porque a gente tava tão **imerso naquela outra forma de... de se organizar e de ver que quando aquilo teve que ser suspenso por um tempo a coisa ficou meio sem... parece que sem chão, sem rumo**.

Interessante, que se resistir contra nós mesmo, então é porque é... ó, além de toda questão muitos, né, política aí do Brasil é que é deprimente mesmo, né. Uma coisa que eu tenho feito é **tentado até limitar também um pouco o acesso as... algumas notícias, senão às vezes também cê acorda com vontade de explodir o país, né, porque, puta merda**.

Mas, tirando essa parte que é deprimente pra caramba, né, eu tenho percebido que... que às vezes eu **fico tentando reproduzir aquilo que eu fazia antes nessa outra rotina agora, né**. “Ah, cê tem que fazer alguma coisa, não pode ficar simplesmente em casa sem fazer nada”. Então, tem aquela, no princípio que eu ficava procurando coisa pra fazer, porque eu queria sair de casa, parece que eu tava tentando, né, reproduzir uma lógica, um modo ou uma forma de, que eu encarava antes, agora nessa nova rotina. Ou seja, tem que fazer alguma coisa, cê não pode ficar em casa simplesmente sem fazer nada. Cê tem que produzir alguma coisa, tem que fazer alguma coisa. E... às vezes eu me pego ainda pensando isso, “Porra, fiquei o dia inteiro em casa e não fiz nada”, peraí, será que cê não fez nada mesmo o dia inteiro?

Ah, é... **deprimente acho que completamente, assim, nessa situação da Educação, né**. O de como a Educação ela é, né, **historicamente, né, bombardeada aqui**. E o fruto disso a gente tá vendo, né, agora, de como a sociedade, com uma **Educação tão fragilizada** ela consegue, né, se tornar essa... essa coisa que a gente tá vendo aí, né. Esse **conjunto de pessoas e completamente sem caráter algum**, né. Essa **violência**, essa, toda essa... **tragédia**, né, que a gente tá passando. Acho que, em parte, né, a gente tá vendo aí que a falta de Educação ou a precarização da Educação, ela pode provocar aí um **desastre, né, gigantesca pra um país**, né, e no caso agora a gente tá vendo que leva à **morte à muita gente**, né, a questão não só da violência, mas da morte mesmo, por **ignorar a princípios básicos**, né, aí de... de como lidar com essa situação. Então quando eu vejo, assim, essa questão, do... do professor eu falo, porra, e a gente olha pra trás um pouco e vê como isso foi, nem sempre negligenciado, aí... fica... né, ajuda a explicar um pouco porque a sociedade brasileira é assim até... até hoje. E o que, **quanto ainda vai demorar, né, pra ser transformar isso. Porque toda essa... é... esse descaso que vem sendo acumulado vai levar ainda gerações e gerações pra ter uma... uma mudança mais ou menos, né...**

Então... eu acho que **isso deprime bastante**. E aí a gente vê os alunos que não, né, dificilmente se interessam, ou que não têm muita vontade, não tem preocupação com nada, ou que, né, **adere às... às ideias fáceis aí, de... essas ideias autoritárias, violentas**. É... eu acho que... **é triste, muito triste**.

Isso foi algo que eu senti, assim, muito, quase que imediato, essa... esse reflexo no físico, assim. Principalmente com relação ao peso, eu comecei a engordar rapidinho, assim. **Engordei quase 10 kg em... sei lá, em... 40 dias, ou menos**.

Então o começo da pandemia isso foi muito. **E eu tenho alguns problemas de coluna, né. Eu tenho bico de papagaio, essas coisas. E o aumento do peso ferrou tudo, aumentou pra caramba as dores nas costas.** Aí eu fui, né, fiz um mês de fisioterapia em junho, entre junho e julho, né, pra tentar amenizar um pouco, aí a recomendação era, né, fazer musculação, fazer academia e perder peso, né. Não fiz nenhuma delas, por enquanto [risos]. Né, então, essa parte foi, assim imediato. **Aí eu comecei muito aquela coisa de comer. De comer e muito doce. Nossa, fiquei um mês quase que vidrado em doce, não conseguia, é... parar de pensar em comer doce.** Aí agora eu tô tranquilo. Segurei a onda, segurei bastante, cortei um pouco... num parei de comer, mas diminuí bem.

Mas também não consegui ainda, não tenho pique pra preencher caderneta agora, não. Não sei, é estranho. Nossa... É uma coisa... Parece... Vai um pouco nesse sentido do que o professor C falou, né, de dificuldade, assim, que a gente tinha, antes da pandemia. Agora, **na sala cê sempre tem aquele grupo que te ignora, né, que não faz atividades, enfim. E agora parece que, se sente que todo mundo, quase, tá te ignorando, né.** Cê até... até aqueles bons alunos tão abandonando o barco, **você não tem uma devolutiva, né... de nenhuma espécie, né, praticamente, nem satisfatória. E aí fica muito, assim, parece que cê não tá realizando de fato um trabalho, né, cê tá ali, meio que, maquiando uma situação.**

Agora cê fica praticamente às cegas. Você passa atividade, né, burocraticamente o aluno devolve, mas cê não tem uma... **cê não sente, né, o que que tá acontecendo ali, com o aluno. É uma coisa muito fria, distante.** Porque agora o que parece, né, **que tá todo mundo te ignorando, enfim.** Até que eles tão fazendo, **quando fazem ali é por... é pra cumprir obrigaçãozinha ali, fica aquela, né, uma coisa bastante distante.** [...] Que se você tinha uma distância com eles dentro da sala, com alguns grupos você tinha uma distância razoável, né, cê conseguia atingir, mobilizar eles, agora parece que ficou muito maior.

Não, diretamente eu, né, ninguém falou isso, assim, pra mim, mas, né, em rede social você vê postagens, assim, que insinuam, né, essa questão. “Ah, fulano tá recebendo sem trabalhar”, né, enfim. Como se a gente tivesse aqui sentado, tomando cerveja o dia inteiro, né, e não tem nada o que fazer, né, não tem que montar, mandar o benditos planos de aula, não tem que ficar acessando, né, *WhatsApp*, acessando Central de Mídias, enfim. **Como se... fosse uma opção nossa, “Ah, eu tô, tá aqui de boa sem fazer nada, recebendo”,** então é... é duro aí. **Mas isso reforça o que uma boa parte do senso comum tem com relação a funcionário público, né, acha que funcionário público é tudo vagabundo, que, né, que não trabalha, que, né, tem que acabar com a mamata, é, meio que vai nessa direção essa... esse pensamento aí.** Então, né, num me espanta muito que tenha pessoas que falem isso, né. Já falavam antes, né, **que professor não dá aula, agora, então.** É, outra que professor é doutrinador, que é isso e aquilo, enfim, toda aquela baboseira que a gente, né, já vinha ouvindo falar desde antes. Então agora num foge muito aqueles que pensam assim, não, que a gente tá recebendo sem trabalhar.

Ah, é... Enfim... É... frustrante, né, decepcionante, assim, quanto, né, cidadão mesmo pensar, né, **que isso não é um apontamento isolado, mas é uma... um pensamento, né, recorrente ou que é quase uma característica da cultura política brasileira, essa visão do funcionalismo público como um parasita, né, sendo que, né, a gente sabe que, é, tá se constituindo algumas castas aí que essas sim que são as verdadeiras parasitas aí do Estado, né, não o funcionalismo público nessa, no baixo aqui**

da pirâmide. Mas... E aí, enfim, é uma... uma longa discussão, né, que vai acho que em volta, **remete até o sentido do que é, como se formou o Estado no Brasil, o Estado patrimonial no Brasil.** Então se criou essa, essa visão de que quem tá [trabalhando como funcionário público] no estado é... só tá mamando nas tetas lá e de boa, não faz nada. É difícil classificar, assim. **Eu sei que mobiliza um monte de sentimento, assim, de frustração, de raiva também, mas... um pouco nisso, a gente tenta compreender, né, como que isso se forma e a quem, né, esse... esse pensamento também interessa, né. É o pensamento que vai bem ao encontro do modelo da Reforma Administrativa, da privatização, né, que coloca o funcionário público como um grande vilão, um grande aí, grupo aí que é responsável, né, pelas, pelo atraso do Estado, pelo gasto do Estado. E que pra aqueles que tão de fora, né, é uma visão meio que sedutora, né? Achar um culpado. Sempre mais fácil é achar o culpado, né, apontar o dedo pra uma outra pessoa e dizer que ela que é a culpada por uma situação que é evidentemente mais complexa e longa, né, de se explicar.**

Cê tem o ATPC na unidade, cê tem o ATPC, né, na Diretoria [de ensino], cê tem o ATPC no Centro de Mídias. Cê fica... né, cê perde seis horas, praticamente, ouvindo, né, muita coisa que num resolve nada, né.

É, então, dessas aí eu acompanho, obviamente, o ATPC da escola e o ATPC da diretoria. O ATPC da Centro de Mídias eu não acompanho, sinceramente eu não acompanho. [...] É [obrigatória]. **Eu logo⁴⁵, mas eu não ouço nada, vou fazer outra coisa.** Eu num... não dou atenção.

Particularmente não tenho conversado com ninguém [sobre a temática do adoecimento físico e mental]

É, também não... não consigo perceber, não [diferenças de gênero na vivência da pandemia] ... **não tenho contato tão próximo assim pra perceber** como que as... as colegas lá têm lidado com... com isso. Mas eu acho que concordo plenamente com o professor C colocou aí, a situação é... é bem mais pesada, né, pra elas, me parece.

Né, então, a gente vai meio que acumulando coisas ali e faz o que parece que o tempo, né, tá voando. Cê acorda, quanto cê olha já é cinco horas da tarde já e cê vê, poxa, mais um dia se foi e eu... sei lá que que... Então, sei lá, **fico um período, assim, meio que parece que em suspenso. Sinto meio que vagando, assim, não tem muita, cê perde um pouco a referência, né, ou perde a identidade, como o professor C já colocou.**

[...] eu acho que essa situação esse ano ela, né, colocou aí várias, é, **tensões que já existiam antes que parece que ficaram mais evidentes agora com relação, por exemplo, essa questão do ensino à distância, do ensino híbrido, e da própria importância da figura do professor dentro, né, duma sala de aula. Eu acho que isso ficou bastante, é... visível agora, nesse afastamento que a gente teve da sala de aula. Né, e acho que parte dos alunos acho que reconhecem, percebeu isso. É, parte da sociedade, né, voltou a alimentar um pouco aquela, aquele... preconceito com relação ao funcionário público, porque agora acha que professor tá recebendo sem trabalhar e, pro [Governo do] estado parece que fica um pouco nessa também, de, né, por eles, né, jogava todo**

⁴⁵ Do verbo “logar”.

mundo de volta pra sala, mas, né, já que não vai dar pra tocar colocar todo mundo de volta pra sala, sobrecarrega a gente com uma série de... de outras atividades que vão, né, consumindo a gente nesse trabalho remoto.

E aí parece que enquanto categoria isso, né, contribui com aquilo que o professor C falou, né, **vai desagregando um pouco, né, a gente perde o contato com os colegas, com os companheiros da... da escola, de outras escolas, e desune um pouco, né, o... em termos de grupo, em termos de coletivo.**

Participando eu não tô. A gente ouve algum comentário, algum grupo, algum colega posta alguma coisa nos grupos, né, de alguma reunião que tá tendo, de alguma ação que a APEOESP [Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo], né, vai fazer ou pretende fazer, mas, é, são notícias, assim, pontuais, que circulam, mas não tem envolvimento, não tenho tido um contato mais próximo, não.

Basicamente isso. É a **sobrecarga de atividades, assim, que não tem relevância pedagógica nenhuma**, acredito eu que... Esse monte de ATPC que a gente tem que fazer, de acompanhar *chat*, Centro de Mídias e **coisas afins que não tem muito impacto, né, no que deveria ser o nosso trabalho ali**, enfim.

É, meio que quase uma punição, né. “Tá em casa? Peraí, cê vai...”

essa situação de isolamento ter tornado mais evidente essa importância do professor, **a frustração às vezes é quase, né, proporcional à expectativa, né, da importância do trabalho, porque, é... a gente reconhece a importância cada vez maior, necessária, né, desse trabalho do professor, ao mesmo tempo parece que cê fica cada vez mais limitado, né, nas suas ações, nas suas... no seu impacto, né. Aí isso já era um pouco, já era perceptível dentro da sala de aula, e agora nesse contexto de afastamento parece que ficou ainda mais inviabilizado, né. Então, né, **me causa, assim, uma frustração muito grande. E uma, até uma... uma coisa meio de insegurança também com relação ao próprio, é... futuro profissional**, assim, num sei. **Então ao mesmo tempo que eu reconheço essa importância cada vez maior do trabalho docente, essa importância ela se reve... é... ela volta, né, como uma grande, um grande peso, né, que causa alguma frustração também não atingir, né, um... o mínimo ali, né, pra contribuir, pra melhoria desse quadro social aí, que é catastrófico.****

O cenário futuro, infelizmente, eu não vejo com... com otimismo, não. É, o que parece ser, o que se aponta aí é a precarização do trabalho, né, o desmonte, sucateamento, privatização, né, o ataque ao estado, né, ao servidor público. É o que tá se desenhando, aí, que tão fazendo já, né, há um bom tempo e que, **possivelmente, agora, com toda essa... essa crise econômica, né, que tá, já vinha, que vai ser agravar ainda mais, é, né, aí, uma desculpa aí, pra eles já engatarem em reformas e mais reformas aí que vão, né, impactar cada vez mais de maneira negativa, né, pra escola, pra universidade pública, pros professores, enfim. Então eu vejo com bastante pessimismo, até, esse futuro próximo, assim. E, né, até médio prazo, mesmo que se consiga mudar esses governos, pra reverter esse estrago vai... vai muito tempo ainda.**

É, plano ideal só uma revolução, né. Mas [risos]... não tá na ordem do dia, infelizmente, pro Brasil, não. Pelo menos com meu olhar meio pessimista eu não consigo enxergar possibilidades

aí de uma grande transformação... E aí o que dá pra fazer no futuro é meio que tentar enxugar o gelo do que, né, vem sendo destruído aí aos poucos aí, e vai continuar sendo destruído e a gente vai tentando lidar aí com as migalhas, com os cacos que vão ficando.

É, eu tenho muito medo de usar a memória, porque a memória ela não é muito confiável, né. Ela é sempre atravessada com... de vários, vários elementos ali. Então a minha ideia de seguir essa carreira, de entrar, né, nessa carreira, ela tá um pouco desconectada da realidade. Então, assim que eu terminei o Ensino Médio, lá em 95, eu tinha uma ideia do que era, né, professor, eu tinha uma visão do que era ser professor. Só que entre esse período de 95 até 2002, quando eu fui entrar na faculdade, eu passei trabalhando, fazendo um monte de coisa, e a, né, depois que eu fiz a faculdade, que eu fui começar a pensar em entrar em sala de aula e enfim, aí eu recuei um pouco, aí eu fui pra pós-graduação, aí passei mais ainda, dez, doze anos, né, fora, distante da realidade de fato do que é a sala de aula. **Então entre o que eu imaginava do que era a sala de aula lá de 1995, até a sala de aula que eu fui entrar agora, né, nos anos dois mil e dezessete aí, é muito diferente do que eu imaginava, né. E é bastante diferente também do que eu ouvia, né, na faculdade, enfim. Apesar do curso de História aqui da [nome da universidade] ser uma licenciatura, eu acho que falta muito pra ele formar ali professor, né. Ele forma basicamente mais pesquisador. Então o foco do departamento, ele é basicamente incentivar, estimular a pesquisa, iniciação científica, e as disciplinas da minha época, as disciplinas que eram de educação, eram uma várzea, né, ninguém levava a sério, nem as professoras que as davam, nem os alunos que faziam [risos].** Então, é, didática, enfim, eu não sabia nem, né, preencher uma caderneta, né, eu não sabia nem como que era a estrutura, né, do funcionamento de uma escola, a questão da atribuição de aula, né, a própria matriz curricular, como é que se trabalhava, as habilidades, tudo o mais, enfim, havia uma distância muito grande, né, entre a minha formação no período que eu fiz ali da [nome da universidade] com a realidade do que era a sala de aula. Então isso foi, né, foi mantendo essa distância daquilo que eu esperava que ia ser, ser professor, daquilo que acabou, que eu acabei descobrindo na prática, na realidade ali, quando, né, eu assumi o cargo lá em 2017. Então tem uma distância aí de quase 20 anos daquilo que eu imaginava que era ser professor, daquilo que é, né, dentro da sala hoje em dia. E foi um choque muito grande, né, foi uma, parece um banho de realidade, porque você vem com toda uma trajetória ali de pós-graduação, de... **toda aquela balela de ficar publicando, indo em congresso e tudo o mais, só que cê não tem contato de fato com a realidade, né, com o chão da escola e com o que que acontece ali dentro. E ali dentro da sala de aula a pegada é outra, né, não adianta você, é, falar, enfim, pode falar trinta língua lá dentro que não adianta nada se você não falar a língua da molecada. E aí, 2017 foi um ano, assim, de aprendizado que valeram pros dozes anos de pós-graduação, porque fez eu ter que rever tudo que eu não, que eu achava que eu sabia, que eu não sabia, e rever também o que que... como que esses cursos tão formando, né, professores também. Como que tá tão distante, né, a formação da realidade da sala. E aí o que... **um dos primeiros choques que eu tive, ou impacto, não sei, foi a... como que eu posso dizer, uma palavra não muito agressiva? Mas a falta de valorização mesmo dos alunos pelo professor. Tipo, cê chegava na sala, às vezes cê sentia que você era um estorvo ali pra eles, né. Eles queriam ter qualquer um lá menos você. Isso é uma coisa muito, é, chocante, assim, porque eu ainda vinha com uma memória, eu vinha com uma ideia lá de 1995 ainda que cê tinha uma... uma certa... respeito, até admiração, né, pra carreira, né, do professor.** Então eu tive professores que, né, eu me recordo deles até hoje, eu admirava realmente eles, né. Principalmente os professores de Geografia e de História, que eram as disciplinas que eu mais, é, tinha afinidade, assim. Então, né, eu gostava, admirava, valorizava, via, né. Agora cê... [som**

de deboche] me senti quase que um estorvo, né, ali dentro da sala. **E isso foi, é, foi um dos pontos ali que no começo eu fiquei bem... é... chacoalhado**, assim. E aí depois cê vai se, né, não sei se por bem ou por mal, você vai meio que se moldando também ao ritmo ali, né, da... da sala de aula. **Então no começo cê chegam querendo levar tudo a ferro e fogo, querendo botar o terror, fazer tal coisa, cobrar de maneira, né, dura, e cê vai vendo que dar murro em ponta de faca, né, cada 50 minutos cê entra numa outra... numa outra batalha que você não ganha, você só... só sai dali só aos pedaços.** Então aos poucos você vai também se moldando, porque cê deixa de ser, achar que cê tá... que cê vai mudar ali pela... pela força, né, então cê tenta ir levando o jogo, né, vai sendo mais ameno um pouco, deixa de cobrar tanto, deixa de ser tão exigente às vezes. **Não sei se isso é bom, ou se é ruim, né, enfim, se você tá se dobrando ao sistema e deixando a... a coisa correr, enfim, foi um... Quando eu lembro um pouco desse porquê que eu fui ser professor, assim, eu fico pensando, poxa, por quê!?** [risos] Aí eu [risos]... **Aí eu lembro, bom, eu tinha uma... uma visão disso, né, mas que depois quando chegou na realidade era um pouco mais diferente, já tinha mudado um pouco.** Agora, como eu disse, não posso confiar muito na memória, porque eu não sei se minha memória de aluno, a memória que eu tenho do meu tempo de aluno realmente condiz com a realidade que era ser professor lá nos anos 90. Pode ser que também não, pode ser que eu esteja, né, equivocado e que eu projete essa memória boa lá atrás pra tentar justificar... Mas, enfim, com todos os riscos aí de usar a memória eu acho que é um pouco isso, tem esse hiato aí, né, de afastamento da sala de aula. Então a última memória que eu tenho de uma sala de aula era ainda quando eu tava lá no Ensino Médio, lá em 95, e depois quando eu fui entrar, já nos anos dois mil e tantos aí, com uma realidade mais... é, bem mais, é... diferente, eu acredito, né, complicada.

[...] essa atuação em sala de aula ela é... é aprendizado constante, né. Cada sala que cê pega, cada turma é uma turma diferente, é um grupo diferente, são pessoas ali que, né, vão exigir de você um... uma resposta ali, mais, é, adequada, enfim. Esses anos aí que eu já tenho, que eu tenho estado na sala de aula, todo ano, toda turma é uma novidade, é uma surpresa que exige de você uma, né, uma atenção, ali, pra você se... se preparar, né, pra eles. Então isso é... **isso eu acho muito bacana da profissão, que não deixa... cê não pode ser acomodar nunca.** Bom, há casos e casos, mas enfim [risos]. **É... se você for levar de fato, né, você sempre tem que tá se renovando, todo ano, toda turma, né, é um aprendizado constante.**

É, eu concordo com essa linha que o professor C comentou, **dessa entrada no ensino híbrido aí, é algo que vai se impondo cada vez mais, né, acho que vai se tornar aí uma das, né, das frentes da educação aí nos próximos anos e é algo que a gente vai ter que lidar com isso, né, e tentar lidar da melhor forma.** Explorar esse... essas tecnologias, **explorar essa... essa relação, né, de uma maneira que possa, né, favorecer uma educação mais inclusiva, mais, é... transformadora.** E aí o desafio é isso, né, fazer com que, né, tanto nós professores, né, como os alunos, né, consigam, é, utilizar essas ferramentas aí, né, de uma maneira mais... é... apropriada, né, ou **explorar elas melhor, diferente um pouco do que essa primeira experiência que a gente viu esse ano, né...** Tudo bem que agora foi meio que, né, imposto, pelas condições da pandemia, mas a experiência parece que não foi assim das mais proveitosas pra ambos os lados, né, nem pra nós nem pros alunos. E aí acho que esse é um dos desafios aí pra docência pro... pro que vem aí pros próximos anos, né.

E aí, fora isso, já, imediatamente pra 2021, a gente tem essa questão de como que vai ser esse retorno às aulas, né, que ainda parece muito... tudo muito obscuro ainda, tudo muito ainda meio que perdido, sem saber como que vai ser esse retorno em 2021. Né, a gente viu a preocupação muito grande nessa tentativa de retomada das aulas agora, em outubro, né, muita pressão dos dirigentes de ensino, das prefeituras, pra liberarem, né, a volta presencial, né, o Dória, né, o governador lá de uma maneira até que astuta, né, ele jogou essa questão do retorno para os municípios, né, mas ao mesmo tempo ele pressiona, né, as prefeituras pra que esse retorno ocorra, né, então em alguns casos a gente tem, né, relatos de dirigentes mesmo pressionando, né, prefeito a alterar decreto, como aconteceu aqui em Assis, né, permitindo a volta do ensino médio e depois o Ministério Público intervindo, né, enfim. E a preocupação grande disso me parece, né, é em relação aos colégio particulares que eles querem garantir a matrícula deles pro ano que vem, né. Então eles querem voltar esse ano e mostrar que eles têm condições ainda de atender, de receber esses alunos pro ano que vem e garantir essas matrículas pro ano que vem, né. E pelo menos tenho visto pouco como que o estado tá se estruturando, né, estruturando as escolas pra receber, né, o início das aulas no ano que vem, qual, como que vai ser essa estrutura que a escola vai oferecer pra esse retorno das aulas? Né, a questão dos equipamentos de higiene, de banheiros, enfim, a estrutura física mesmo da escola tá sendo, é, pensada ou readaptada pra essa nova realidade? Então me parece que essa... esse retorno ano que vem também vai ser, é... meio que feito, né, ali... a toque de caixa, ali na banheira das almas ali pra depois quando tiver chegando as vésperas do retorno, aí vem com todo, né, um... um discurso ali, mas que parece que não tá sendo muito bem planejado, não. Pelo menos até onde eu tenho acompanhado, né. Pode ser que eu esteja enganado. Uma parte eu acho que é isso, ainda uma incerteza muito grande, né, com relação a esse retorno, e uma... um aspecto que parece ser quase certo que a gente vai, cada vez mais, lidar, trabalhar, utilizar aí os recursos tecnológicos, né, que me parece aí que vai ser o desenho aí desse futuro próximo.

É, eu concordo com o professor C novamente, né, **essa questão da tecnologia ela não é, né, obviamente, neutra, né**, isenta ali de interesses que vêm, que vêm por trás, e que é uma característica aí dessa, né, desse neoliberalismo aí que vai, né, consumindo tudo, né, e todo mundo, né, todas as forças possíveis aí vão sendo tragadas nessa... nessa nova forma aí de exploração do capital.

E, com relação ao papel aí do docente, né, do professor, eu ainda vejo a tecnologia de um ponto de vista acho que talvez meio conservador, nesse sentido de achar ainda que o melhor ainda é o professor em sala de aula, né, não vai ser... A tecnologia ela pode, sei lá, aproximar algumas situações, como tá acontecendo agora, numa condição excepcional, né, de afastamento, mas numa condição, né, de retorno aí, né, segura pra todo mundo, eu, né, não vejo a tecnologia ou essas ferramentas aí que são apresentadas como um, né, substituto à altura, né, do trabalho do professor em sala. Né, então, a função do professor ainda, acredito eu, é dentro da sala de aula, do contato direto, né, com outros... é... seres humanos ali, né. Conversar com uma tela é extremamente, é [suspiro]... difícil! Né, eu tenho percebido isso esses tempos agora e sinceramente eu não sei como esses *YouTubers* conseguem fazer essas coisas, porque eu... ô, coisa chata, assim, de, né... eu tenho feito algumas reuniões com alguns alunos, né, e, assim, aqui a gente ainda consegue ver vocês, né, cêis tão com a câmera ligada. **Agora, os alunos ficam tudo com a câmera fechada, você fica conversando com... só o símbolo do nome que aparece, cê não sabe se a pessoa tá lá, se ela não tá, enfim, cê fica meio que, né, fazendo umas...** enfim, isso faz parte desse desafio que

a gente tem que ter, né, que a gente tá enfrentando, mas é algo que... **do ponto de vista aí da docência ou da eficiência dessa atividade eu não tenho muita certeza se ela é muito produtiva, não.** Enfim... **Embora inúmeros defensores aí das tecnologias, né, pra Educação, eu tenho ainda os dois pé atrás ainda com relação a isso, né, e a função do historiador...** do historiador não, do professor, né, na sala de aula.

Eu tenho reclamado constantemente dessa questão da tecnologia, né, a gente não pode esquecer, como o professor D já falou aí, isso é algo que veio pra ficar, né, então, essa resistência aí ela é também um pouco, né... impensada, talvez, ou irrefletida da minha parte, que é óbvio que não tem como você voltar o tempo e abolir isso. Isso é algo, é um processo histórico que veio, que vai ficar, não vai... a gente não vai voltar a um estágio anterior a essa tecnologia, né. E isso, obviamente, inclui a Educação, né. Então a gente, né, vai, né, como todo momento novo, todo contexto novo que se abre, ele causa alguma, né, ansiedade, alguma apreensão aí dessas, por essas mudanças que, aí, de uma forma ou de outra, se reflete ou numa visão mais pessimista, no caso, né, da minha parte, reclamando um pouco demais, às vezes, né, não vendo os ganhos que isso pode trazer, né. Como o professor C comentou agora, foi o que a gente teve pra trabalhar agora e, de certa forma, né, supriu ali, bem, ou mal, a necessidade que foi criada por conta desse contexto, né, então ainda bem que existiu, que existe essa possibilidade aí agora da gente ter esse contato, né, virtual aí, aqui entre nós, com os colegas, com o alunos, né.

Bom, essa questão é fundamental mesmo, como o professor D e o C colocaram, né, desse contato, desse retorno, né, um contato, aproximação, né, essa... sentir mais esse calor humano novamente, né, que tá tão... **tá tão fria essas telas aí que a gente tem se comunicado, né, então... E até, né, esperar realmente que, né, seja logo aprovada essa vacina, que ela funcione, que a gente consiga começar a caminhar nessa vacinação em massa aí, pra que, né, 2021 aí, né, marque o fim dessa pandemia aí, que a gente, né, consiga aí até 2022 começar a retornar um pouco aquelas... aqueles encontros, né, mais, é... necessários aí que a gente precisa ter, né, pessoalmente, trocar ideia, de sentar num boteco, tomar uma cerveja e... sem... sem muita, né, neura. Sem achar que tá morrendo ou matando alguém.** Então, acho que isso, né, faz parte aí dessa expectativa aí de futuro, e ter, né, **retomar um pouco desse, daquele contato que a gente perdeu um pouco esse ano, né, ou precisou deixar em suspenso aí esse ano, essa humanização, aí de tudo.** E do contato, obviamente, com todo o pessoal da escola, né. Toda aquela gritaria, enfim, aquilo que era... que em algum momento até incomodava, hoje faz uma falta tremenda... **Cê sentir aquela vida, né, pulsando ali dentro da sala, dentro da escola**, né, dar risada com os colegas, né. Enfim, tudo isso fica... né, **cria uma saudade bem, bem grande, assim, de... da sociabilidade que aquele espaço produz, né, dentro da sala de aula, nos intervalos, por aí vai.**

APÊNDICE C - Pré-indicadores construídos a partir das falas do professor C

PROFESSOR C
É, o desafio maior mesmo de tudo é a desigualdade social, né, tipo, porque a gente, se a gente tivesse a estrutura que a escola particular tem, a gente taria navegando aí com mais tranquilidade, né, cada um dando a aula no seu horário, assim. Ah, o desgaste seria bem menor, né.
E também a questão até mesmo de realização pessoal, né, tipo, que acaba abalando um pouco. Meio que perde um pouco aquela identidade nossa, né, que nem, pelo menos no meu caso, que é, tipo, a gente gosta de ir pra quadra e tudo o mais, né, então... a minha disciplina sofreu mais ainda, por conta disso.
Então é um trabalho dobrado, ao mesmo tempo que eu gravo vídeos, eu também tenho que transportar esses vídeos pra linguagem escrita, então isso demanda um tempo grande assim, é... então, aí os dias vão passando nisso, sabe, tipo, dando devolutiva pra aluno... No município eu tentei o máximo explorar a questão das práticas, das brincadeiras em casa, com a família, e o retorno tá sendo até positivo. No estado já não... num... num tive esse retorno assim de prática, sabe? Tipo, o dia que eu pedi um desafio prático ninguém aderiu, foi meio desanimador assim. Então no estado tá sendo um ensino mais tecnicista mesmo, né, texto, interpretação de texto e receber exercício no Formulário [Google Forms], basicamente em cima disso.
eu acabei optando por... por esse caminho, sabe, de gravar uns vídeos mesmo com as brincadeiras explicando pros pais e, mas assim, gera todo um desgaste, né, a questão da gravação e do vídeo, editar. E eu ainda tenho essa outra desvantagem de não ter criança em casa, então, eu acabo às vezes, querendo me comparar muito, assim, às vezes tem, os professores que às vezes têm, né, às vez sobrinho mais próximo, e aí fica diferente, né, cê gravar, tem mais opções, né. Então, mas assim, os pais tão dando retorno super positivo, eles falam que as crianças gostam quando vê o vídeo, né, então. Acho que foi um caminho assim, que, que deu certo, nos anos iniciais.
Não, quem grava é minha esposa. Até brincando, a diretora de imagem, tal, né. Então aí acaba também, daí tem que alocar toda a agenda, né, dela, tudo. Então cê vê que muda totalmente, né, o funcionamento. Mas tem... tem dado certo. Aí editar, eu que gosto de editar, no aplicativo mesmo, do celular.
É, eu já... já vinha trabalhando, que em 2017 tive a chance de fazer um curso da Diretoria de Ensino de Assis, então já, o Formulário, o Classroom, é... aí no que eu acabei, agora que eu tô me aprofundando mais é a questão dos programas pra editar vídeo mesmo, tipo, o próprio PowerPoint, é, montar o PowerPoint com animação foi uma coisa que eu me dediquei bastante aí a ver os tutoriais, né que, que dá uma diferença você montar um PowerPoint jogando os efeitos lá pra aparecer [...] Então, tem essa, esse... esse outro lado, né, de... de a gente tá buscando.
Mas o problema é que veio muita coisa ao mesmo tempo, entendeu? Tipo, que nem, imagina a gente, um professor que de repente não tinha o domínio de nenhuma das ferramentas lá no Google, aí de repente aparece um monte dessas coisas e, então e aí ficou tudo meio que embaralhado, sabe, tipo... E aí é uma coisa que a gente não teve esse tempo, né, pá, pra sentar... e aí é onde que gera

tudo esses problemas, né, eu acho, tipo, desde a gente querer fazer um monte de coisa e não, não conseguir nem os alunos, né, acompanhar.

É, eu acho que é **uma questão maior é a questão do tempo**. Eu acho que, talvez se eles já soubessem, **eu acho que se naquelas duas primeiras semanas, se a gente não tivesse tido o recesso, vamos supor, e tivesse já entrado num programa de treinamento, sabe, talvez teria sido bem melhor**. E aí ter dado as férias em julho, normal, sabe? E faltou esse tempo. Aí depois, com o negócio funcionando eles quiseram... **aí não tem jeito**, né [...]

Porque, que nem, o *Classroom* **cada hora aparece uma coisa**, sabe, tipo, ah, agora dá procê... tem uma ferramenta xis lá que cê consegue ver o plágio, sabe, então, aí cê já **perde lá uns dez minuto lá vendo o tutorial**, teve essa novidade. Tendeu, tipo? **É muita coisa que vem dispen... duma vez, assim.**

É, que nem ontem, eu tava **totalmente já fora do meu horário**, quatro alunas seguidas mandando mensagem perguntando que que tava faltando pra elas. Aí eu tive que abrir o celular, tipo, no meu [Google] Drive, lá na... nas pasta lá do meus formulário e vê que que tava faltando pra cada uma, sabe? É, **então não adianta falar “Ah, não, professor tem que estabelecer horário, num sei o que”, isso aí num existe, sabe? O aluno mando pocê, cê não vai responder?** Tipo... Eu, particularmente, **eu sempre respondi, mesmo fora de horário, que talvez é o único horário que ele [o aluno] tire**, consegui, né, então... é, então eu sempre adotei essa postura, sabe? Tipo, de tentar atender, independente do horário. Às vezes, que nem, num dava, eu falava, ó, dava o *feedback*, falava “Meu, agora eu não vou conseguir te dar essa resposta. Amanhã cedinho eu abro meu computador e te... te passo”, sabe?

Mas acho que isso aí ainda é gostoso [o aluno mandar mensagem perguntando das atividades, mesmo que fora do horário de trabalho do professor], **porque cê vê que o aluno tá interessado, né**, mas são coisas que vai, que **dá um certo desgaste**, né.

Então, é, é o que eu falo, no município [na escola municipal em que ele leciona] tá um pouco melhor, assim, essa questão, né. Porque como eu gravo vídeo, né, então eu consigo ali passar pra eles, ah, não só a questão corporal da brincadeira, mas um pouco da história e tudo o mais, né. No estado tá sendo mais apropriação mesmo da teoria, é, então... E aí eu tô seguindo o que vem do, é... o que, no... no Centro de Mídias, né, conforme a aula que passa lá eu monto o formulário, sabe? Tipo, tá meio bem, **bem tecnicista assim mesmo**, sabe? Eu, eu tentei fazer algumas coisas, que nem, montar uma videoaula, eu fiz pra eles, mas, assim o **retorno zero** também, sabe? **Cê fica quase a tarde inteira pra, pra gravar, tal, e cê num vê um retorno**, assim, né, então... E aí **duas vezes que eu pedi desafios práticos eles se negaram, assim.**

Ah, eu, eu num sei, viu? Da onde vem esse desânimo deles [dos estudantes]. Se é a questão da falta de estrutura mesmo, porque a maioria tá acessando pelo celular, né, e é horrível, né, cê fazer isso pelo celular. Tipo, eu acho que gera tudo... E também o próprio discurso, porque eu acho que se ficou, né, no começo, né, que “Ah, não, tudo bem, depois o aluno não vai reprovar, num sei o quê”. **Acabou que sendo um tiro no pé, sabe, essa... essa coisa de num querer prejudicar ninguém, é, querendo ou não saiu pela culatra, sabe? Isso é uma fala geral dos professores, porque daí perdeu um pouco o sentido, né.** Então o aluno pensa, ó, “Num vou fazer nada que depois eu consigo me recuperar”, né?

E também acho que a ideia era voltar agora, também, né, no máximo, quando eles começaram com essa fala lá atrás, né, acho que na cabeça deles a gente voltaria o quanto antes, tipo, agora em agosto, né. É, agora já pensa assim em outubro. Então olha a diferença. E aí ficou esse discurso, né. Acho que, **realmente, num tem como cê reprovar ninguém aí numa situação dessa, mas a gente não poderia ter deixado tão explícito assim** (risos).

Ainda **no começo eu achei que seria uma vantagem, né, de repente fazer o ATPC remoto**, por conta da viagem, né, até, até ficava filosofando assim, falei “pô, isso é uma coisa que podia ficar depois, né”, mas, como uma opção, né, mas **acho que o encontro presencial acho que num tem como abrir mão, não, porque faz falta**. E, mas era, e foi engraçado, porque no começo, tipo **as primeiras reuniões tinha aquela empolgação**, né, de ser, a gente ficou quase três semanas ali naquela coisa do recesso, daí viu todo mundo, nossa, *mó* legal, num sei o que. Mas agora já chegou também, **já tá enfadonho**, assim, né. **A hora que cê fala que tem ATPC, nossa, cê fala “nossa (risos), tem o ATPC online”, né, tipo assim** (risos)...

Não, não consigo fazer essa interação [das aulas ao vivo]. Tentei no [na escola do] estado com o recurso que o próprio estado disponibiliza, né, mas os alunos se mostraram [som de deboche]. **Ninguém respondeu lá**, assim, tipo, o dia que eu quis tentar alguma coisa desse sentido assim, sabe? E, **no município fica inviável por conta do... do acesso deles mesmo**, né. São poucos, aí eu acredito que num compensa fazer. Ou cê faz pra todo mundo ou então num faz, sabe? Tipo, que nem às vezes eu **vejo nas escolas fazendo sete, oito aula o aluno participando, acho, daí acho que num tem sentido, sabe? Fica uma coisa... é... acaba excluindo, né, tipo, os outros**, assim, enfim.

Também acaba, que nem, eu sou [não entendi o que ele falou] do município, **acaba gerando esse desgaste, eu tive que entrar em dez grupos [do WhatsApp], né. Fora os cinco grupos do... do estado, né, então, são quinze grupos** aí, que... É, um pra cada sala, **tem que administrar, né?**

É, até é bom foi aprender isso, né, montar grupos sem precisar adicionar os alunos, né. Tem aquele esquema de criar um grupo falso lá, daí cê manda o *link*, enfim, tem vários macetes, **vários nuances aí que foi bacana aprender**, né.

É, eu acho que, por a gente não tá perto ali e... e perder esse contato, eu acho que eu acabei também, dos meus conteúdos, não aprofundando, né. Coisa que no presencial eu sempre *linkei*, né, tipo, os conteúdos com, é... **Teve um conteúdo que eu acabei passando, assim, mas bem sutil, com eles, a questão da violência contra a mulher, tal, do tema do... do Jiu Jitsu**, e aí eu tava pesquisando, pesquisando, consegui ver um vídeo muito legal do *jiu jitsu* como defesa pessoal. E aí eu coloquei no meu formulário, enfim, é... meio, fiz a pergunta, né, sobre qual o problema, tal. A maioria conseguiu relacionar, né, essa questão. Que nem no, com... no município geralmente eu agora trabalharia dança, é, eu trabalhei à distância, né, mas assim, foi uma coisa bem mais lúdica. Num... num quis entrar muito, não. Por não tá ali no contato, né, às vezes... E aí a gente sabe que tem pai ainda que, pô, difícil, né, a cabeça deles. E aí, às vezes, cê não vai tá ali presencial pra cê ter esse contato, essa conversa, né. Então a gente tá perdendo nisso, nessa criticidade, assim, é, o trabalho à distância ele... querendo, ou não, cê perde, não tem como. Cê não tá ali dando em tempo real pra ele [estudante], né, tipo, pra aprofundar um pouco mais, né.

É, é o Currículo Paulista, né, só que, assim, o, pelo menos no meu caso, **às vezes acontece, lá no Currículo [Paulista], no nosso caderno, tal, ser um tema no começo, e eles pega o outro, sabe?**

Então **meio que quebra suas pernas**. Assim, às vezes, que nem, já, no começo do novo bimestre, dos outros bimestres, eu já tinha montado, tipo, Formulário pra o tema x, que era, em tese, o que seria da época ali mesmo no Currículo. Aí ele, no, lá no Centro de Mídias começaram com o outro pra baixo, aí já... desorganizou, assim, sabe? Então... Mas é tudo já... Agora eles começaram a postar o material que eles expõem antes. Cê consegue ter acesso ao que eles vão falar, sabe? Isso foi muito legal. Dá pra gente, cê consegue se programar.

É, **eles fogem de polêmicas, né. A ideia é não entrar em polêmica** (risos), né, tipo... Mas, que nem no meu caso da Educação Física, é... em muitos casos eles pediram pra não fazer a prática em casa, com medo das crianças se machucarem e dar algum problema pro... pro [governo do] estado, né. Então tivemos o tema do judô, que teria, assim, como explorar em casa a questão dos jogos de oposição, que é mais lúdico, né, dá pra fazer em forma de brincadeira, não... não haveria problema, assim, sabe? **Mas eles não optaram e ficou bem tecnicista mesmo, só passou os movimentos do judô, os nomes, ficou muito técnico, assim, sabe?** Então, **no meu caso tá sendo muito técnico**, sabe? Se... agora em alguns temas eles tão se arriscando a pedir pros alunos fazerem, a questão de alongamento, da ginástica laboral, é, alguma ginástica de conscientização corporal, o Yoga, o Pilates, aí eles tão sugerindo pros alunos fazerem em casa. Eu tô indo no embalo e tentando fazer que os alunos gravem, né, façam os movimentos, tal, encaminhando vários canais, assim, eu faço a seleção pra eles, uma curadoria muito grande e mando só o “*crème de la crème*” mesmo do... do... de canais do YouTube pra que eles possam...

Mas mesmo assim eu **não tive nenhum retorno ainda, nem um aluno falou “Pô, professor, que legal, esse canal”, num sei o quê, “Ó, tô fazendo”,** sabe tipo? [som de deboche] **Cê fica no vácuo total.**

“Melhor por chat: Eu fiquei mais chato do que o normal, alterações de humor, em momentos aproximou mais, mas em outros sinto que existe um desgaste. Acredito que em uma média prejudicou, aquela sensação de 6 anos em 6 meses”
[mensagem enviada pelo chat do Google Meet]

“A questão de falta de estrutura me incomoda muito minha esposa querer sempre me deixar no melhor lugar para trabalhar, e ela fica se virando pela casa. Queria equilibrar mas ela diz que não precisa”
[mensagem enviada pelo chat do Google Meet]

O meu foi mais relacionado à questão de trabalho mesmo, né, as questões de... de mexer em *PowerPoint*, essas coisas assim, que deu mais tempo pra... pra fuçar, mas fora outras demandas, por conta de tá fazendo o mestrado também, então esses dias até tava vendo, eu... eu tinha montado o ano, com algumas folgas, né, pra poder ir pra Bauru, poder retornar com calma, e **aí com o modelo remoto ficou, é, essas folgas meio que sumiram, assim, sabe?** Tipo, **eu parei pra pensar, as minhas folgas ou eu tava sempre sentado, produzindo o projeto pra entregar no meio do ano, ou lendo alguma coisa referente, sabe?** Então, **eu não consegui ter esse tempo, sabe, pra tentar fazer outra coisa, a outro campo aí do lazer, sabe?** E olha que eu tô estudando lazer, né [risos], e eu não consegui dar conta de... de explorar outros campos. Mas, é... eu sabia que seriam dois anos bem complicados mesmo de mestrado, né, aí juntou por ser [Mestrado] Profissional e ter essa... essa característica de ter que tá trabalhando, aí então...

É esquisito. Às vezes tem... tem semana que fico a semana toda, né, tipo, sem... sem sair mesmo, só... E aí às vezes vai lá no domingo, lá na... na minha mãe, tal, ou na minha sogra, o próprio na rua, assim, dá a impressão de que cê tá em outro... Perde... **Dá a impressão de que cê tá perdendo um pouco a identidade**, assim, tem hora, sabe? **Porque, ironicamente, é... eu perdi minha identidade, assim, né? Tá tendo mais tempo pra estudar, tal, mas só que o mestrado talvez tá me afastando da minha prática, assim, tipo, eu não tô tendo tanto tempo pra me dedicar ao... a esse modelo de ensino que precisaria de mais dedicação, no caso.**

É, no... no município eu senti que, assim, foi... teve uma certa aproximação pelo formato que foi adotado, né, a questão, dá... numa plataforma, que aí os pais precisam ajudar as crianças, e eles dão as devolutivas, então isso ajudou a aproximar um pouco mais. E também eu entrei em todos os grupos, também, do *WhatsApp*, então se eles têm dúvida eles enviam lá no privado [*chat* pessoal do professor, via *WhatsApp*], é uma coisa que no presencial geralmente eles não teriam acesso, né, o número de telefone. Então teve esse outro lado, né. É... e isso no município. **No estado tá terrível, tipo... por eu ter oitavos anos e Ensino Médio, então não tem muito esse intermédio dos pais mais, né. Então é onde tá bem distante assim, eu acho. Eu tento todos os jeitos lá, a comunicação, tal, mas, é bem... bem precária assim.**

É, eu acho que também a linguagem digital ela é complicada por conta do... da... da questão da interpretação, né, acho que por isso que a gente também fica bem na defensiva, né. **Porque às vezes uma frase que cê coloca ali um jeito, às vezes a pessoa vai entender de outro, né, é... com essa questão de *prints*** [ferramenta que possibilita capturar uma foto da tela do celular ou do computador que está aberta, utilizando o próprio *hardware*] **e tudo mais, então a gente acaba, assim, meio que pra se defender, assim, falando só o estritamente necessário mesmo, né.**

É, teve um episódio... deve, até hoje eu não sei se o pai era da prefeitura ou não, mas ele recebeu uma mensagem, assim, do nada, perguntando, ah, quem eu era, sabe? Tipo, no mínimo devia ser o marido de alguma mãe de aluno, né, tipo, que viu o celular lá e foi... Então por isso que eu falo que é complicado, né, então a gente tem que...

É, eu já sou meio encanado com isso, ainda mais teve uma época, a questão de assédio, aí tava bem forte, né, saiu uma reportagem de assédio de professor em cima de alunos, enfim... eu acho que, é... por isso a comunicação mesmo ela é bem restrita, assim, sabe?

Não, é porque, às vezes, tipo... é, no... o contexto da mensagem, né, às vezes dá um... cê quis dizer uma coisa, né, e... principalmente a gente professor homem, tipo assim, às vezes vai, é... ou aluna, né, tipo, ou até mesmo essa questão de tá ali conversando com a mãe de aluna, né, pode dar, às vezes “Ah, tá puxando muita conversa”, sabe? “Tá dando muito assunto”, sabe? Então, eu tenho meio essa preocupação, assim.

Mas, assim, é, mas a gente tá sujeito. **A partir do momento que a gente deu o nosso número, né, o aluno teve acesso, eu acho que ficamos expostos, né, a verdade é essa.**

E aí não existe isso, né, “Ah, não vou te atender agora porque não tá no meu horário de serviço”, né, tipo. Então às vezes aconteceu já algumas demandas fora do horário, né, e eu acho que é isso que sobrecarrega. Por mais que seja coisinha simples, entendeu? Mas eu acho que o fato de cê parar o que cê tá fazendo, no seu horário que não era de trabalho já... já acaba gerando um *stress* ali,

né. Então... acho que esse... **Porque o nosso horário de trabalho geralmente eles estão trabalhando, então também não tem como cobrar deles que eles sigam o nosso horário, né.**

É, acho que foi, é... **está sendo um processo de autoconhecimento bem grande, né, tipo. Mas eu acho que a sensação maior a essa, a impressão é que vivemos, tipo, seis anos em seis meses, né,** acho que esse ensino... esse modelo de vida, assim, traz, né. Pelo menos pra mim, né, uma observação pessoal, assim.

“Resistir contra nós mesmos

Vem muito mais pensamentos negativos do que positivos, talvez pelo cansaço muitos”

[mensagem enviada pelo chat do Google Meet]

É, não é, a gente... o duro, assim, até então, até começar a fazer o curso [Mestrado Profissional] eu num, é... **durante a minha formação eu não tinha passado, sabe, por autores como... A Aranha, o Libâneo, tipo, Saviani, então, aí depois que começa a conhecer, assim, aí cê... a gente começa a perceber, que nem, pô, lendo a obra do Freitas agora, essa Reforma Empresarial, é um livro fantástico, que ele canta a bola de tudo o que tá acontecendo, sabe? [...]** tudo o que tá acontecendo agora, né, **o neoliberalismo tentando acabar com o funcionalismo público, atacando agora com essa Nova Reforma que vai vir.** E lá ele comenta que a mídia apoia. E, realmente a [emissora de televisão, TV] Globo agora do nada começou a fazer um *lobby* passando dessas reformas, sabe? Tipo, então, é, cê vê que logo, logo vai acontecer aquilo que ele tá citando lá, né, a questão da terceirização das escolas. Aí, as escolas por... é, mantidas por *vouchers*, enfim. Cê vê que não tá longe de acontecer aquilo, então é um... é um processo bem... bem complicado, assim. Querendo ou não afeta também.

E se a gente tá no chão da escola, é uma coisa de repente é mais... cê consegue se unir com os outros professores, de repente tenta mobilizar, né. Nesse formato tá complicado de ter essa mobilização, né. Até mesmo de conscientização dos alunos. Acho que, em 2015, quando o [então governador do estado de São Paulo, Geraldo] Alckmin tentou aquela reforma de [Reforma do Ensino Médio]... e os professores conseguiram, é... engajar os alunos, que eles ficaram dentro das escolas, tal, acho que aquilo foi um movimento bacana, sabe? De... **da histórico-crítica ali mesmo na... na veia, né. Tipo, os alunos brigando, lutando pelos direitos deles, né. Teve ali seu efeito depois do, como todo político, os cara deixou a poeira abaixar e depois eles vieram e eles colocaram as reformas que eles queriam, né. Mas, de primeiro momento, deu certo, né, aquela resistência.** E nesse momento a gente tá... tá f... tá ali, gerado disso, né, não tá conseguindo se mobilizar, né. As coisas tão acontecendo, teve a Reforma do... da Previdência, do estado de São Paulo, tentou-se, é... diminuir, fizeram a movimentação, mas não teve jeito, aumentaram pra 14%, igual eles queriam, **então eles tão fazendo o que quer, né, com o funcionalismo público, isso é... é influência do neoliberalismo na... na essência, isso que é.**

É, eu acho que nesse período, **a questão física ela caiu bastante, né,** que eu vinha num ritmo treinando e tudo o mais, praticando futevôlei, né, e... E aí com a pandemia tive... tivemos que parar, tal, e aí eu fui entrar numa de treinar em casa, né, pegar essas lives, tal, e aí acabei lesionando a... meu músculo adutor. Daí tratei também na quarentena, aí tudo. E aí agora tô na... num processo de retomada. Aí no... na semana *off* que a gente teve, né, eu falei “Ah, vou aproveitar”, dei uma escapada e falei “Ah, vou pro futevôlei, né”. Aí, **tava jogando, aí lesionei também uma coisa que eu nunca**

tinha lesionado que era o abdômen, sabe? Então agora eu tô conseguindo me recuperar e tentando... e fazendo os exercícios, alongamentos, tal. Mas foi uma questão, assim, que eu sempre tentei fazer, principalmente os posturais, né, pra... pra aguentar a rotina aí sentado, né. Insisti bastante nesses exercícios aí, principalmente do... pra membro superior.

E a questão da parte mental, é... acho que a gente acabou... é aquela questão que eu tinha comentado, a perda de identidade e... e aí a questão que o professor D comentou da concentração, tipo... já tá complicado ler, assim, no computador, sabe? É, tinha duas leituras pra fazer do mestrado pras aulas de segunda, eu parei, me organizei, sentei, não dei conta. Falei, meu, aí eu vou ter que começar a imprimir os textos pra ver se melhora, sabe? Porque **ler no note [notebook] já num... tipo assim, meio que não desce mais, sabe?** Então teve esse efeito negativo, né, tipo... E, querendo ou não, era um... um momento de estudo, né, tipo, a gente ficava na escola, no ar livre, **de repente no final de semana cê tinha um gás pra sentar, ler e escrever ou participar de algum curso. Chegou num ponto que cê não consegue, não aguenta mais nem ver live**, de, por mais interessante que seja, tipo, é complicado. É, prejudicou nesse... nesse aspecto, eu acho.

É, eu acho que pela minha matéria, pela minha disciplina ser constituída na prática, né, tipo... ter a parte prática assim, pra mim ela... essa pandemia ela abala, assim, bastante por conta disso, né. **De repente, é... cê vê que cê não tá conseguindo atingir, né. Fazer aquilo que era pra ser feito, tal. Os alunos vivenciarem as práticas corporais, enfim. E aí, meio que entra nessa mesmo, de, de repente, é, cê não vê sentido, né, no... no que cê tá fazendo, né.** Então a pandemia trouxe... Mas, com relação a exacerbar alguma coisa de antes, tipo, acho que mais essa questão de organização, né, que sempre... era uma coisa, **no presencial, é, eu gostava de deixar em ordem, sabe? Mas era uma coisa que sugava bastante, sabe? Caderneta, essas coisas, não poder errar lá na caderneta, tal, e a pandemia ela veio e aí, de repente, cê meio que perde sentido nisso.** Minhas cadernetas elas tão tudo... tipo, do estado, tá tudo atrasado, tudo... coisa que não ficava no presencial, sabe? Então... Até vou tentar sexta-feira pegar e dar um jeito, assim, dar uma arrumada, sabe? Passar os conteúdos, tal. Porque **o próprio sistema ele foi... foi levando a isso, sabe? Essa coisa da aula vir pronta, lá do Centro de Mídia, tal. A gente meio que perdeu o protagonismo**, assim, a gente... E aí acabou influenciando nisso.

É o **nosso meio ele fez de tudo pra manter a gente ocupado, né.** A questão das ATPCs, assim, uma coisa absurda. [...] Tipo, então o sistema nosso ele... ele foi carrasco, tipo, que nem eu tinha só duas horas de ATPC pra cumprir pela minha carga horária, sabe? E na prática não é isso que acontece, às vezes, que nem hoje eu fiquei quatro horas, sabe? Ainda que eu, depois tive que deixar um aparelho logado lá, porque senão ia contar falta. Mudou acho que... **acho que isso daí que arreventou, sabe? Se a rotina não tivesse mudado tanto**, tivesse continuado “Ah, professor C, cê vai postar as suas coisas no dia que cê tinha aula aqui, na sexta-feira, tal, você monta lá”, beleza. **Se tivesse acontecido isso com todo mundo, aí, sem essa interferência do meio, do sistema, acho que teria sido uma caminhada mais tranquila, sabe? Mas essa... essa influência aí do tecnicismo voltou forte, né, tipo, o sistema influenciando aí o que os alunos aprendem, o que os professores têm que, têm que passar, que eu acho que desgastou, sabe? Então, esse fato, pra mim, me deixa muito chateado.** Que nem, quinta-feira é um dia que eu dava aula só na prefeitura, aí eu já tenho que parar às 10h30 pra acompanhar a aula do oitavo ano, que a aula do oitavo ano é só na quinta. Essas quebras de rotina que... que complicou, assim, sabe? E eles começaram com um discurso, “Ah

não, o professor ele vai acompanhar no dia que ele dava aula”, tipo, aí depois já mudou o discurso, “Não, tem que acompanhar no dia que a aula acontece”, sabe?

E aí isso meio que desconectou a gente dos alunos, eu acho, sabe? Tipo... E, porque daí, às vezes na apostila lá tava uma coisa, lá no Centro de Mídias eles adiantam a matéria ou não aborda aquele tema. Uma coisa atravessada, sabe? Disso aí influenciou também nesse desgaste, eu acho.

Bom, eu acho que não, **ninguém tá se preocupando muito com a nossa saúde, não. Assim, é uma coisa bem superficial, né?** Tipo assim, no começo de uma reunião pergunta “ah, galera, tá tudo bem?”, mas quem que vai querer abrir a boca lá pra falar, né? Tipo... Não... **Porque daí já sabe que vai demorar mais ainda o ATPC pra acabar, enfim.**

[...] tipo assim, se o... **se o Estado não tivesse, é, entrado tanto nesse meio, entendeu, de quando e como o professor ensinar, eu acho que as escolas poderiam ter tido mais autonomia, entendeu?** De repente a gente, no momento organizar um momento nosso lá, sabe, tipo, é... uma *live* com os alunos ou, sei lá, sabe? **Mas o negócio ficou tão pesado, né, tanta, tanto ATPC, tanta aula pra acompanhar no Centro de Mídias** que faltou [não entendi a palavra que ele usou, talvez tenha sido “verba”]. **Não tem como você querer fazer nada diferenciado.**

Eu acho que é meio apavorante, assim, essa questão da volta, também, além da doença, mas essa questão dessa mudança de paradigma, né, porque agora a gente vai ser muito cobrado, né, dessa questão do ensino híbrido, dessa questão de “Ah, do professor num ficar lá mais na lousa, num sei o que”, de repente já mandar o texto pro aluno, daí, ixi, sei lá, de repente criar outras estratégias dentro da sala. Porém, nós que estamos lá dentro, a gente sabe que o que segura uma sala, tipo, é você fazer uma boa seleção do que você vai passar na lousa, você ter aquele tempo ali que você passa na lousa, o alunos dão uma extravasada mas eles copiam, depois você vai, troca uma ideia sobre o texto, tal. A gente que as metodologias ativas, numa sala super lotada com quarenta alunos, ela tende a não dar certo, entendeu?. Você vai fazer as ilhas lá que eles falam, meu, não cabe, é muita gente. **Você vê assim, esses vídeos de, de ensino híbrido, num sei o que, é tudo sala pequena, meu, com vinte, vinte cinco aluno. Aí eles querem que faça isso no, numa sala com quarenta, sabe?** Tipo, eu acho que vai gerar essa confusão, e, assim, os alunos às vezes vão querer cobrar, “Professor, não vou copiar, não, por que não passa um vídeo?”, num sei o que. Eu tô meio preocupado com isso também, sabe? Tipo, porque, **por mais que eles estejam, assim, sei lá, eu acho que também a gente não deu esse passo, assim que todo tá falando que deu, entendeu? Por conta dessa estrutura. Enquanto as salas foram superlotadas, meu, esquece esse negócio de... de sala de ensino híbrido, num vai, isso aí é outra realidade.**

No... no município a minha diretora ela faz alguns movimentos interessantes, assim, sabe? Fazer uns... umas mensagens, assim, de apoio, tudo o mais, tal. **Mas a gente sente que os professores tão cada vez mais desconectados,** assim, né, mais, pelo menos, eu assim... Que nem, no município eu tinha, sempre tinha uma relação bem próxima, né, com as professoras da sala, a gente tinha o HE [Horário de Estudo], tal, e... e **vai** cansando. Daí se tem que ficar, tipo, às vezes manda mensagem, assim, pra falar de tal aluno, às vezes elas também têm a demanda delas, sabe, tipo... é... Porque no município, que nem, eu tô nos grupos lá mas eu não sei o... a... quem é mãe de quem, né, entendeu? Porque eu entrei por *link*, né, então você não tem os números anotados.

Mas no município eu vejo que, assim, pelo menos a minha diretora também agora ela ficou sem a coordenadora, que adoeceu, e sem a vice dela, que saiu. Então ela tem feito, assim, meu, tipo, parou um pouco o tecnicismo lá dos HEs e ela abre mão, fala, “Ó, cêis, nesse momento, procura uma *live* legal pra vocês, que tem a ver com saúde ou com a educação mesmo”, dá esse tempo pra gente, sabe? Não fica fazendo a gente cumprir lá o horário, é, pra... apenas pra constar, né. Acho que, eu achei um movimento interessante dela, nesse sentido. E até mesmo nos HEs anteriores, ela tinha bastante preocupação com a nossa saúde, assim. Mas as coisas, assim é sempre mais... o município ele é sempre mais humano, assim, eu vejo, né, do que o estado, né. Por conta da estrutura mesmo, né, de... de escola e tudo o mais, né. Muda muito, né.

Ah, eu acho que... eu acho que não, mas, assim, eu... **eu penso que, pras mulheres, professoras, pra qualquer uma profissão, né, tá sendo, acho que três, quatro vezes pior do que pra gente, né.** Eu acho, assim, até, poxa, seria interessante ter a visão duma mulher aqui pra, pra gente ver, porque às vezes eu acho que eu reclamo de barriga cheia, entendeu? Tipo, porque, é, **eu tenho uma esposa que me dá todo suporte, sabe? A gente, ela meio que não deixa eu fazer as coisas, porque ela fala “Não, deixa que eu faço, tranquilo”, sabe? Essa questão de divisão de tarefas e tudo o mais.** Mas, é... eu fico pensando, porque, tipo, é loucura, né, **a professora que, ainda que tem filho, já pensou?** E, de repente tem um marido que... que tá fazendo trabalho fora, vamo supor, o cara não tá ali pra dar uma mão, pra ajudar. Meu, a pessoa tá na linha pra surtar, eu acho, né, tipo. E tem muitas que tão dando conta, sabe? E... enfim, mas, ainda **até comentando isso com a minha orientadora, ela falou, “Isso acontece, infelizmente, por uma cultura que vem lá de trás e que a mulher aceita tudo”, entendeu? Tipo, “Ah, por que que eles fizeram isso?”, porque a mulher vai acabar, vai... vai dar problema tudo, mas ela aceita, entendeu? Tipo, culturalmente, infelizmente, tem essa visão, né, mas... Mas, assim, por que assim, ah, geralmente elas montam o grupo delas também, né.** Então acho que não tem como a gente saber muito, assim, essa. **Às vezes escapa um comentário ou outro, às vezes cê consegue perceber, “Pô, tal professora tá nervosa, né”, tal.** Mas... mas eu acho que pra elas o impacto deve ter sido bem mais forte, né.

É, eu acho, que nem, o meu gatilho é quando vou tentar fazer alguma coisa relacionado a isso, que nem, às vezes montar um formulário, é... postar lá a tarefa no *Classroom*, enfim, fazer a seleção do conteúdo ali e o negócio não flui, entendeu? Às vezes tem dia que, meu, eu paro e penso, **“Cara eu fiquei a manhã inteira pra postar duas tarefas, uma pro terceiro ano e outra pro segundo”.** Isso me deixa muito pistola, sabe, tipo. E... É isso, acho que **quando não dá conta dessa demanda aí, aí dá a sensação de burro, assim, sabe? Tipo, é uma coisa muito ruim, sabe? Tipo, que dá um sentimento horrível, sabe?** Tipo, porque é uma coisa que cê sabe fazer, entendeu, tipo, mas eu acho que por conta dessa pressão de ser tanta coisa misturada, cê não dá conta, entendeu?

Ah, acho que impacta diretamente, né, **a questão do espaço** e... porque, assim, eu acabei ficando **mais introspectivo**, é, a minha esposa até ela comentou, fala, tipo, se ela num... num falar, **eu fico o dia inteiro aqui na frente do computador e não percebo, sabe?** Tipo, é... **Pra mim exacerbou, assim, uma característica minha, né, que é a questão meio, de... de gostar aí da tela, tal, uma coisa meio até um espectro do autismo, tal.** Mas é bem leve, assim, só que... é... **trabalhar nesse formato exacerbou isso, entendeu? Porque daí eu... eu me cobro de tá sempre aqui na frente nos horários que em tese era pra eu tá na escola.** Então acho que isso é um fator que me leva a ficar muito tempo aqui na frente. É, **assisti algumas lives, de algumas dicas, tipo, de parar a cada**

uma hora para dez minutos, pra dar uma, pro olho dar uma descansada, tal, tenho tentado fazer isso.

Não sei, pensando, é, talvez nesse impacto coletivo, talvez eu acho que, meio que, desuniu, assim, né, tipo, a gente fica muito, é... longe, meio que num tem mais aquele contato, né, que tinha no presencial, né, então acho que impactou nessa parte, assim, é, porque a gente não tá conseguindo saber, assim, direito, o que tá acontecendo na vida dos outros professores, né, e isso é muito ruim, né, acabou favorecendo aí várias coisas pra desunir ainda mais a classe, eu acho. Eu penso que nesse momento a gente tá mais fragilizado nesse ponto, né, desunião, é... Tipo, se precisar fazer qualquer tipo de mobilização acho que tá, tá pior assim, nesse formato que nós estamos, né.

No tutorial é tudo maravilhoso, lindo, aí quando cê vai montar, é, cê vê que dá muito trabalho, né, então. É, que nem eu falei, aquela logística que eu acabei optando com as crianças do município, de gravar as atividades, tal, já é uma, já chegou num ponto que tão meio esgotada já, com isso. Que nem, tá difícil de organizar os horários com a minha esposa, pra ela gravar também, sabe? Então foi gerando todo esse desgaste, que agora começa a complicar, sabe? Ainda até hoje eu brinquei com ela, amanhã eu acho que vou terceirizar, vou ter que pegar umas atividades já pronta do *YouTube* e postar, né, porque não tem jeito [risos gerais]. Ficou muito complicado. E aí a direção pede, tipo, pra postar na plataforma três dias antes da postagem, pra eles conferirem, então, meu, fica desumano [risos]. Aí não tem como.

É, na verdade a gente deixa aquele “bom dia” ali pra garantir a nossa presença [nas aulas *online* por meio do Centro de Mídias], porque a direção tá ali, né. É só pra dizer, né, tô aqui, né, tô assistindo esse negócio aqui.

Ó, no mundo dos sonhos, a gente pensa que essa pandemia, é... teve todo esse impacto, infelizmente, negativo, né, mas... que, se as autoridades colocassem, né, prestassem atenção e oferecessem condições iguais, né, pra todos, porque a pandemia escancarou a desigualdade social e se todo mundo tivesse acesso às tecnologias e nós também bem mais preparados, né, penso que seria o ideal aí pro nosso futuro. Mas a gente sabe que não é esse o interesse, o interesse é sucatear cada vez mais e, enfim, então a perspectiva pro futuro não é boa, assim, se a gente for parar pra estudar e ver o que que tá acontecendo em, é, em torno da Educação. A gente espera que tenha uma reviravolta e não aconteça, né, o que aconteceu nos Estados Unidos, né, com o sucateamento das escolas públicas, né, enfim, terceirização e tudo o mais. Mas o cenário, infelizmente, caminha pra isso, né. Mas, num cenário ideal, poxa, já pensou que legal os alunos todos com computador em casa? Tendo acesso à Internet, e dominando essas ferramentas de *e-mail*, de *e-mail institucional*, enfim. Ia facilitar a vida de todo mundo, né.

É, eu acho que o segredo é a gente buscar nosso desenvolvimento mesmo, né, tipo, profissional e pessoal, né, pra que, de repente, se for extinto mesmo nós tenhamos uma outra possibilidade aí, né, de, pra... de trabalho, tudo mais, né. Gosto muito da questão do lazer, que eu também tô trabalhando no meu mestrado e, no projeto, e trabalha justamente isso, né, tipo, trabalhar o lazer como forma de desenvolvimento pessoal, né, e social, pra você romper com a realidade e tudo o mais. Então acho que é a gente aproveitar o nosso tempo, que nós temos, e tentar investir em nessa parte, é... da formação pessoal mesmo, através de cursos e formações e até mesmo dos interesses do lazer. De repente a gente descobre um outro talento, numa outra área que nós nem imaginávamos,

então, né. Tem que, se não como uma maneira de já pensar numa outra profissão, mas como uma maneira de explorar mesmo, com os conteúdos do lazer, né.

[...] mais um impacto negativo que essa pandemia, com o isolamento e o ensino remoto trouxe, eu acho que, no meu caso, isso porque eu sempre fui uma pessoa que sempre gostou muito de fazer esses cursos, sabe? Tipo, que era mediado aí pela tecnologia e tudo mais. Mas, agora como eu fico muito tempo na frente do computador, tipo, perdeu o interesse, assim, né. Perdeu aquela pegada de, pô eu vejo vários cursos legais, aqueles encartes, *link* [?], meu, não dá coragem de me inscrever, porque cê fala “que hora que cê vai fazer isso?” [risos], né. Cê pensa, “é mais tempo na frente do computador”. Então tem esse agravante ainda.

É, eu acho que pensando assim **na minha trajetória, vem mais com um encantamento com a questão do ensinar**, né, tipo, acho que tá sempre teve ligado, assim. **Eu cresci acompanhando meu pai em escolinha de futebol e vendo assim a paixão que as crianças tinham, que os adolescentes tinham por ele, tal**, e acabei seguindo nesse caminho, assim, nessa parte de escolinha de futebol, tal, e aí depois, durante a graduação, acabei indo pro lado escolar, né, **mas, assim, foi bem numa inocência, assim, sabe? Do ensinar, assim, sabe?** Sem... **hoje estudando mais a fundo, tals, a gente percebe as questões por trás, né, das ideologias que tem, e aí você tem que lutar contra isso**, e tudo o mais. Mas, assim, na minha inocência eu já sempre tive essa questão da... de querer oferecer pras escolas de periferia, que foi onde eu sempre atuei mais, tipo, a melhor educação, tipo, o melhor jogo, o jogo que tava mais em evidência, sabe? Pra que as crianças pudessem conhecer, enfim. É, **e aí estudando um pouquinho, daí por isso que acabei me identificando bastante com a Pedagogia Histórico-Crítica, do [Dermeval] Saviani, tal, que ele é um defensor aí das lutas de classes e tudo mais, então aí eu fui vendo que, que de repente eu tinha ali minha... a... essa questão, essa inocência de querer levar o melhor pras classes menos favorecidas era... faz parte aí duma pedagogia, né, achei muito interessante isso.**

É, eu acho que até no último encontro a gente, você pediu pra fazer esse exercício, né, e o duro, assim, a gente para pra pensar, **pelo menos eu, assim, não consigo me ver fora da Educação, sabe, tipo?** Mas... **mas talvez eu me veja, assim, de repente tendo que adaptar esse novo momento, sabe?** Tipo, essa questão do híbrido e tudo o mais, sabe? Eu acho que isso é uma coisa que, infelizmente, tá vindo pra ficar, então, é, **eu acho que a ideia pro futuro é... é dominar cada vez mais essas ferramentas, por mais que eu saiba que isso seja uma coisa do mercado, pra acabar com a educação pública, e tudo o mais, porém vai ser a nossa realidade, né. Se a gente não se adequar, de repente, tá fora, né, então...** Eu acho que, pensando na pandemia, eu acho que é isso, é tentar melhorar essas, essas ferramentas e tals pra aproximar do aluno, né. **Porque já se cogita também começar 2021 nesse formato, né, se nada der certo com as vacinas, e tudo o mais. Então eu acho que a gente vai ter que, talvez fazer um trabalho, assim, pra que tenha uma aproximação maior que teve esse ano, né.**

Eu acho que a ideia por trás do ensino híbrido, é justamente isso, né, um professor conseguir dar conta de, sei lá, ao invés de uma sala de 40, ele dá conta de 200, né, tipo assim. Então eu acho que, tudo que tá vindo por trás aí desse lobby que é da tecnologia, tal, do ensino à distância, eu acho que tem, tá relacionado com isso, né. Então pra gente é preocupante, acho que por isso que... que tem que tá com as antenas ligadas e tentar tá por dentro desse movimento,

né, e tentar esse movimento de resistência também, né, tipo, pra de repente não deixar o ensino público virar isso que eles tão querendo, né.

Eu acho, assim, teve quartas-feiras, eu acho que tipo, eu saí, assim, achando “Pô, eu tava muito reclamão”, sabe? Tipo, é, tava muito pessimista. Mas eu acho que talvez, depende... teve quarta-feira [dia dos nossos encontros], assim, que às vezes a aula da tarde que eu tô fazendo foi muito cansativa, e aí chegou bem cansado já na hora da reunião, então talvez isso tenha afetado. É... **mas, assim, eu acho que foi bom porque a gente sempre refletia, né, tipo assim, “ah, num é o ideal, mas pelo menos a gente tá tendo trabalho”, né.** E aí tentava sempre melhorar, né, alguns pontos e ficar menos reclamão, né [risos]. Eu achei que teve dia de tá muito reclamão [risos]. Foi uma reflexão que eu fiz, assim.

Eu vim estudando bastante a questão do papel da Educação, né, eu acho que o que fica mais forte, assim, é essa questão da **humanização**, né. E, assim, eu fico bem preocupado com isso, né, porque é muito tempo, né, sem esse contato, então eu acho que a grande preocupação agora é, **como que a gente vai voltar, né, nessa questão humana?** Então, isso tanto pra gente, quanto pros alunos, né. E eu acho que essa é a grande pegada, assim, da Educação, é isso, né, a questão da humanização aí que eu acho que vai ser o grande trabalho nosso, né. Como o J falou aí, **ali na escola tem a troca, né, de... essa sinergia** que tem, e pra gente fez muita falta isso, principalmente... assim, acho que todos os professores sentem isso, né, e, **pra minha área ainda que é sinestésica, né, então acho que acaba sentindo ainda mais, né, a questão de não ter essa relação ali, né, que a gente tem na quadra, tals.** Isso ficou... a Educação Física ficou ainda mais prejudicada ainda, né, tipo, em relação a outras disciplinas.

É, então a citação é o Marcelino citando o Paulo Freire no livro Pedagogia da Animação, página 113. **“O educador não pode cansar de viver a alegria do educando. No momento em que ele já não se alegra, não se arrepiá diante de uma alegria, da alegria da descoberta, é que ele já está ameaçado de burocratizar a mente”.** É muito fera e muito, assim, atual, né?

APÊNDICE D - Pré-indicadores construídos a partir das falas do professor D

PROFESSOR D
“Moro com mais quatro pessoas [em uma república] e desde o início da pandemia, três deles voltaram para suas respectivas cidades O único que ficou é uber e tenho pouco contato com ele O silêncio é bom, mas as vezes é deprimente” [mensagens enviadas pelo <i>chat</i> do <i>Google Meet</i>]
“Na minha opinião ajuda bastante as atividades virtuais da escola [ajudam a distrair a cabeça]” [mensagem enviada pelo <i>chat</i> do <i>Google Meet</i>]
“Porém minha ex mulher tem alguns probleminhas de saúde e eu evitava de sair de casa já que meu filho mora com ela visitava [meu filho] até então [até antes da pandemia] agora as coisas estão bem complicadas a mãe dele está passando por um momento difícil, como depressão e síndrome do pânico segundo ela Ai ela teve que morar com a irmã dela e já faz um mês que não vejo meu filho sendo que antes quando eu estava vendo ele ,era do portão pra fora” [mensagens enviadas pelo <i>chat</i> do <i>Google Meet</i>]
“O C faz terapia com comida eu ultimamente faço com bebida rss [tipo de risada na linguagem da Internet] infelizmente aumentei minhas doses diárias [diárias] de álcool infelizmente” [mensagens enviadas pelo <i>chat</i> do <i>Google Meet</i>]
“Até minhas leituras diminui o ritmo falta concentração No começo estava um pouco mais animado agora já bateu um certo desânimo” [mensagens enviadas pelo <i>chat</i> do <i>Google Meet</i>]
“[matinha contato com família, amigos e amigas] pelo whatsapp também mando mensagens para meu filho e minha mãe” [mensagens enviadas pelo <i>chat</i> do <i>Google Meet</i>]
“Mas esse negócio de ficar no portão me deixava mal” [mensagens enviadas pelo <i>chat</i> do <i>Google Meet</i>]
“a distância dificulta a relação professor aluno” [mensagem enviada pelo <i>chat</i> do <i>Google Meet</i>]

“O que percebo nos últimos dias é **um certo relaxamento dos alunos e até mesmo dos pais por conta da dúvida que existe, de como ficará esse ano, os alunos, mais ou menos sabem que não serão reprovados**

não existe muita motivação para estudar, se é que posso falar assim”

[mensagens enviadas pelo *chat* do *Google Meet*]

“Outra coisa que me incomoda é que muitos alunos possuem habilidades para lidar com a internet e faz mal uso da dela”

[mensagem enviada pelo *chat* do *Google Meet*]

“**Resistência é a palavra de ordem**

Em todos os sentidos

Um dia após o outro

Bastante sentidos, emocionalmente

com as coisas que acontecem no cotidiano

e no mundo

A política brasileira dispensa comentários”.

[mensagens enviadas pelo *chat* do *Google Meet*]

“Sim evitar pensamentos negativos e tentar canalizar coisas boas

De algum lugar”

[mensagens enviadas pelo *chat* do *Google Meet*]

“A gente percebe os efeitos da falta de educação

E esse momento em que muitas pessoas são contra ciência

falta muita consciência histórica, política e de classe pra sociedade brasileira”

[mensagens enviadas pelo *chat* do *Google Meet*]

“Ocorreu um caso de aluno que bloquearam professores para impedir o envio de atividades

Não manjo nada disso ,mas as professora estavam bravas”.

[mensagens enviadas pelo *chat* do *Google Meet*]

É... há umas duas semanas atrás eu comecei a... a fazer caminhada de novo. Voltei a fazer uma caminhada porque eu tava me sentindo, assim, até com uma certa falta de ar, assim, fadiga. Né, **uma fadiga, assim, meio estranha até. É... eu acho que conta muito a questão da ansiedade, né.** A ansiedade eu acho que... e aí o sedentarismo também, né, acabou, é, mais aquilo que eu tinha falado, né, semana retrasada, né, a questão do, é... das doses etílicas, e do... e do tabagismo, é. E, enfim. Aumentou bastante e eu acho que acabaram estando diretamente ligados também, né, a questão emocional, né, a questão psicológica da mente mesmo, né. É, tanto é que **pra mim falta muita concentração, eu mal consigo ler um livro**, faz duas... mais de duas semanas que eu tô com um livro aí e não saí da décima página ainda. E, mas, é isso, agora tô tentando aí, né. Como tá tendo essa previsão também de volta às aulas, tal, aí quero ver se eu volto um pouco melhor também, né. Um pouco mais inspirado. Daí porque, é... **essa quarentena aí ela foi bastante desgastante e angustiante mesmo**, assim. E tô cuidando um pouco mais da alimentação também, né. Só preciso controlar o álcool mesmo que tá difícil [risos]. **Todo dia eu bebo.**

Fazem seis meses já que... que eu fiquei sem... que eu estava sem jogar um *futebolzinho*, pelo menos, né. E aí a *caminhadinha* também tá ajudando. Mas eu acho que... agora, é... eu acho que o pior já passou, né, aquela agonia mesmo do início, de... muita... [falou algo que não consegui entender]... aí o medo também, né, o receio da... da questão do vírus e... né, saber como isso ia, né, se proceder assim, né. Então acho que isso aí tá ajudando bastante assim, né. Apesar de que no começo foi muito mais difícil assim, por conta do... do impacto e do momento que eu tava vivendo emocional também, né. Tinha... fazia alguns meses que eu tava me recuperando da separação e tals, tava tendo mais contato com meu filho, aí perdi todo esse... esse contato, essa coisa de sair final de semana e... enfim, né.

[...] a questão do... da... das ferramentas, né, de... de... é, virtuais, aí, da questão das videoaulas, aí, que... é... uma coisa pra mim é uma coisa que... que... como eu já falei, né, eu não... **não tenho muito domínio, assim, né. É o feijão com arroz mesmo ali**, e tal, né. É... cês perceberam aquele dia que eu tava “catando milho” aqui no teclado, né [risos], na hora de digitar, enfim. **E aí, tipo, quando eu tava começando a... a, digamos assim, também ter um certo... uma certa sintonia aí com as ferramentas, já chegou novas ferramentas, novos... Isso daí me confunde bastante, assim, sabe? Eu confesso que eu fico bem perdido**, e aí, às vezes, é, eu também **acabo, tipo, fazendo o básico com os alunos ali e aquela coisa ali fica no... uma coisa bem fria ali mesmo, assim, às vezes parece até meio sem sentido**. É... apenas a questão burocrática, né, de enviar... enviar plano, roteiro de estudo, é... **É como o professor B falou, né, é maquiagem**, né.

[...] essa questão de... **ter um certo constrangimento, né, de sair na rua**. Pô, é complicado mesmo isso, né. Às vezes a gente pensa mesmo isso, porque **às vezes existe aquele olhar, né, do senso comum, das pessoas, de achar que professor também é folgado**, né...

E aí, essa... a gente vê aí a Reforma Administrativa, né. Tudo vai... o... o... tudo vai se conectando e englobando ali, e põe tudo na mesma panela, tal.

Mas, assim, o que eu tô querendo dizer, na verdade, é que... é... se tivesse na sala de aula as coisas, é, por mais que sejam complicadas, assim, né, no dia-a-dia ali, às vezes, não é sempre também, né, é... Eu... a... **já tô sentindo muita falta, assim, da sala de aula**, até mesmo pelo tempo, né, qualquer professor deve tá aí com essa sensação de, né, de... tá fora da sala da aula e **você no computador e... tá indo pra onde, fazer o quê?** E às vezes fico meio nessa, assim, sabe?

É, mas não existe uma política, né, de cuidado da saúde do profissional. Não só o professor, né, do... mas de toda a comunidade escolar mesmo, né, os próprios alunos, né. Existe uma promessa, um projeto de lei aí, tal, que toda escola deveria ter um psicólogo, né, um assistente social, uma coisa assim, mas nunca vi [riso].

Tampouco um *personal* [trainee] ali, né, pra fazer o professor ali, de repente fazer um... uma atividade ali, tals, uma coisa, né, enfim. Mas é isso, né. **O Estado ele é... é, tem essa precariedade aí, né, falta essa, até uma certa sensibilidade, né, com relação à... às pessoas humanas que estão dentro da escola**.

E, por exemplo, eu sinto que, eu leciono em três escolas, né, em Palmital, Tarumã, é, quer dizer, duas escolas em Tarumã e uma em Palmital, e aí **percebo que às vezes é muita enxurrada de informação**, é muita coisa, e... e às vezes essas coisinhas, assim, de “tem que tá lá”, “tá logado”,

“tem que tá num sei o que”, eu deixo pra ver até onde vai. **Tem coisa que eu acho que é importante, tem coisa que eu acho que é muito... é muito... muita especulação, né?** É, igual no ATPC aí, o professor lá falando daquela questão lá, o professor guardião, né, uma coisa... **cada dia é uma coisa.** Eu demorei pra mim entender o que era esse professor guardião aí, mas enfim, aí agora eu tô mais ligado, até mando uma mensagem lá no grupo falando, tal, sobre... que eu tô *online*, tal, mas é... é, como se diz, né, a devolutiva é baixíssima, né? **Ninguém se importa muito, mas é, também, é como eu tava falando, né, como, tipo, eu tô, sim, é... como eu posso dizer, assim? Indo conforme, ah... o vento, assim, bate, sabe? Bem estressado.**

Indo sem perder a cabeça, sem despirocar, porque, é, a gente sabe que tá tudo indefinido, né, a questão da vida dos alunos, por exemplo, a questão de notas, a questão de... de faltas, a questão de... Então, é... **eu me sinto impotente até, às vezes,** sem querer... eu não vou abraçar o mundo e também não tenho essa pretensão mesmo, né, mas, enfim, é, vou indo e esperando, aguardando ver o que que vai dar aí, chegar nessa reta final, existe a previsão de voltar agora em outubro, parcialmente, então é tenta assimilar tudo isso, né, porque é o que todo mundo já tá cansado de saber, né, **é um ano atípico, um ano diferente, então se a gente pudesse encerrar já em outubro pra acabar e começar de novo, né, mas não tem jeito, né, então, tem que esperar aí e aguardar, ter paciência também, ter um pouco de serenidade, né?** Pra num...

É, nessa questão cultural aí também a gente pode citar a questão de que, é, **nem professor nem aluno nunca teve um preparo, uma formação, assim, uma, digamos assim, um aperfeiçoamento pra trabalhar... estar trabalhando com as tecnologias, né.** Então, é, ficou uma coisa, assim, muito chocante, né, pelo menos pra mim foi, assim, e... tá sendo ainda, até, um pouco, até hoje... mas, justamente foi o que a gente nunca teve, né, nunca teve essa cultura disso. **Se a gente pegar aí as salas de informática, aí, qualquer escola pública aí, é totalmente sucateada,** né, na nossa escola mesmo, na Nome da Escola, lá, é um cubículo com meia dúzia de computador lá, sem, acho que não tem ar, não tem nada, né, se não me engano. **Então, assim, é desumano, até, é, querer agora, tipo, jogar toda essa responsabilidade em cima do professor e aluno,** e, tipo, a gente... eu sinto, assim, que eu tenho noção da defasagem grande que esses alunos vão ter, né, essa... esse ano aí, pro ano que vem, eles vão ter que voltar, retomar muita coisa, porque eu sinto assim, que, é... **é até chato falar isso, triste, talvez, mas foi um ano perdido, assim, na Educação, assim, pros alunos de escola pública, assim, eu sinto que... que eles não conseguiram acrescentar nada, produzir nada, é... Sabe? Até mesmo por conta da, de tá todo mundo meio perdido mesmo, né, muitos com, é... várias questões de... de... de... infraestrutura, aluno sem aparelho, sem... sem, é... várias coisas, né, influenciaram tudo isso daí.**

Então, é, eu acho que 2020, como eu já falei, né, se pudesse ser apagado, assim... Mas não pode. Então, é... **eu tenho esse sentimento, assim, de que ano que vem, próximo ano, tipo, vai, a gente vai ter que, se a gente acha que já tá trabalhando, assim, bastante, vamo ter que trabalhar mais ainda,** tal. Fico imaginando, assim, retomar muita coisa.

E também a gente não sabe, né, porque os alunos vão passar, os alunos do terceiro colegial, por exemplo, o que vai acontecer com eles, né? Se formar, tal, ano que vem vai ter o quarto ano, num vai. Enfim, é esse... é essa coisa bem... tem uma, como eu posso dizer, assim? **Não tem uma certeza, né? Não tem uma certeza de nada.**

É, é o, apenas aqui que eu consigo falar sobre o... essas questões minhas do... não sei se posso dizer alcoolismo, né, mas... Alcoolismo, né... E cigarro também. Mas, enfim, não falo com ninguém, não. Às vezes isso passa pela minha cabeça até, mas é uma coisa minha, assim, que eu também vou lev... empurrando com a barriga aí, né. A gente sabe que talvez precise, né, conversar mais, falar mais, tenho essa noção, mas eu, às vezes falta a... a predisposição, a disposição de tá falando, se abrindo, né.

É, também não consigo, não consigo perceber, não, muita coisa, não [da diferença de gênero na vivência da pandemia] . É... tirando minha ex-mulher, né, se é que posso falar, que ela ficou bem mal mesmo, bem mal mesmo. Inclusive ainda está mal. Mas, isso daí acabei ficando sabendo, mas de colegas, assim, não fiquei sabendo de ninguém, não. Fora algumas demonstração de irritabilidade, né, que a gente percebe às vezes que acaba, é... digamos assim, expondo ali, né, na hora, assim, acaba falando nos grupos, assim, uma coisa de, de excesso, de sobrecarga mesmo de trabalho, assim, né, de coisas inúteis às vezes, do nosso ponto de vista do professor, né. Como eu falei, das questões burocráticas aí, cê vê que é só pra preencher papel e ter lá pra cumprir o protocolo, sendo que podia ter coisa muito mais importante pra tá fazendo, né. É isso.

Ah, eu no começo também tive alguns momentos aí de baixa estima aí, né? Até uma certa... acredito que era um estado meio depressivo, assim, principalmente aos finais de semana, domingo. Domingo acho que era o pior dia, é... a questão da solidão também, né, de ficar olhando pras paredes, de não ter com quem conversar e pelo momento que eu tava passando também, acho que juntou muita coisa, tipo, então teve vários momentos, assim, bem deprimentes, assim, mesmo, assim. É, em todos os sentidos, de... é... de ficar mal mesmo. Mas, como eu falei, já tá passando, né, tá passando essa angústia, essa agonia, e acho que já faz um mês, assim, que eu tô me sentindo mais vivo, assim, se é que eu posso dizer isso, porque teve um período alguns meses atrás aí que eu tava, é, até, posso dizer, um zumbi ou um cadáver vivo [riso nervoso]. Não, acho que eu tô exagerando, não é pra tanto assim, mas, é, assim, tava bem pra baixo mesmo. Agora acho que já, depois de seis meses também, né, acho que a gente vai caindo na realidade aí e agora eu sou um pouco ansioso pra volta mesmo aí, vamo ver como é que vai ser isso, como é que vai ficar, né. Mas um pouco melhor, né, um pouco melhor do que, acho que a fase, fase pior já passou.

Então, é... logicamente, né, essa coisa do... do quarto pro banheiro, do banheiro pra cozinha, e não ter esse social, né, não ter essa coisa de, como eu falei, né, essa coisa de ir trocar uma ideia mesmo, de... de... de um *happy hour*, assim, igual na lá na... na escola Nome da Escola, em Palmital, eu tinha um, é, aula sexta-feira lá à tarde, aí saía da aula, tinha um grupo de professores onde a gente se encontrava e, geralmente numa *chopperia*, fazia aquele *happy hour*, trocava aquela ideia federal, voltava alegre pra casa, satisfeito ou às vezes cansado, mas com uma satisfação, assim, de... de... de ter aquela... aquela troca, né, de energia ali com... com os professores e voltar mais, assim, descarregado mesmo, né, porque principalmente aulas à tarde, né, com adolescentes, são, geralmente são pesadas, assim, no sentido de desgaste. E aí aquele *happy hour* ali ele, aliviada bastante, assim, né. Finais de semana, cê poder sair de casa e jogar um futebol, igual eu, que é uma coisa que eu gosto bastante, né. Então essa limitação aí foi bastante prejudicial, sim, principalmente a questão da física mesmo, né, eu percebo. Como eu falei, já tive fadiga, sábado passado eu fui jogar um futebol, me deu falta de ar, parecia que eu ia ter um infarto, então... é... aí junta, né, com os meus vícios e... é... piorou, prejudicou bastante, né, com certeza.

Ah, sim, eu também acredito que talvez, né, a partir de agora, assim [som interrompido pelo microfone de A, que estava ligado]. **A família do aluno [...] talvez, é... tenha um pouco mais de admiração, né, da importância e... e até mesmo dê mais valor mesmo, né, não só pro professor, mas pros profissionais da Educação, né, a escola como um todo, né. É... porque muitas vezes, é, durante, né, o tempo das aulas normais, né, nas aulas presenciais, às vezes isso passa batido, né. E, não que eu acredite que, nossa, isso vá mudar, né, a consciência dos alunos, de alguns pais, mas que, é, uma grande parte percebeu a, talvez a importância, né... eu vejo pela minha própria família, né, a... meu irmão e a esposa dele, quatro filho, e... e eles percebem o quanto que é difícil, né, filho dois pequenos, dois adolescentes, e eles percebem o quanto é difícil de conter, eles trabalham o dia inteiro, não ter ninguém ali pra direcionar ali, né.** Por mais que chegue as atividades, é, impressa ou *online*, né, precisa de alguém ali. Então é, talvez eu acho que nesse sentido aí as pessoas passem a ter um, uma outra visão, né, um outro ponto de vista, com relação ao professor.

É, eu também, a atividade aí de militância, também não... [não consegui entender direito o que ele disse, pois seu áudio ficou baixo e travou].

A impressão que... que se dá é que, é, parece que eles querem arrumar alguma coisa, né. Tipo, professor “não faz nada”, né...

E até tem um... **uma coordenadora de uma escola em Palmital e eu percebo isso, né. Uma certa... querendo colocar uma coisa que não existe, tipo, uma pressãozinha, assim, olha, é, “Pega isso, senão vai ficar com falta”.** Na onde tá falando que se eu não entregar um roteiro de estudo **cê vai ficar com falta, sabe?** Umas coisas absurdas, assim. Mas também nem entra em questão, porque é só escutar por um ouvido e soltar pelo outro.

Mas, enfim, é que tem o Centro de Mídias, né, onde são transmitidas as aulas e... e aí tem o *chat*, que seria, teria uma certa dinâmica, né, com os alunos. É, mas é o que eu falei, **até eles deram uma aperfeiçoada lá, agora eu tô começando a entender melhor como funciona aquilo lá, porém eles esqueceram de combinar com os alunos.** Continua na mesma, é a mesma coisa. **A baixa participação que existia nos grupos de WhatsApp, no Google Classroom continua a mesma coisa que esse chat.** E aquela coisa que eu tinha comentado do professor guardião lá, tal lá, na outra... na outra reunião que teve, né. **O professor até fica ali, mas é uma sala de, um, se é que pode dizer, né, um chat fantasma ali, porque só fica você ali, né.** “Bom dia, vamo lá, pessoal, vamo participar”, mas, tipo, num... Pelo menos comigo, é, tenho nove turmas e nenhuma participou até o presente momento.

É, eu já perdi a ilusão que o professor poderia ser um super-herói que ia salvar o mundo faz tempo. Mas, é... a gente pensa, né, nessa coisa de... de dias melhores, né? Eu acho que a maioria, todos os professores têm essa coisa, né, esse otimismo, essa... essa perspectiva de que as coisas vão melhorar e a gente tá aí no dia-a-dia, né, com todas as dificuldades, com todas as intempéries, né, **tamo aí lutando [...]** [o microfone do professor ficou mudo por um tempo]. Tá caindo, não sei se é minha Internet ou o que que é. **Mas, enfim, é... a gente tem que, né, que ter alguma, algum fio de esperança, né, e tentar enxergar alguma luz no fim do túnel, né, como se diz no ditado popular, porque tem que se agarrar a alguma coisa, acreditar em alguma coisa, né. É... eu acho que pra gente que é das Ciências Humanas, assim, é um... tem muito essa coisa de entender o ser humano ali, o aluno, né, as relações humanas, né, a sociedade humana, e**

tentar ajudar o mínimo que for possível aí, né, contribuir o mínimo que for possível pra, é, tentar transformar um pouco pra melhor, a sociedade como um todo, o planeta, né. **Principalmente na hora de votar, né, se a gente for ver bem aí esses dias atuais aí [risos].**

É, eu também não vejo com bons olhos, não, aí, o futuro próximo aí, por tudo que a gente tá vendo, né. Essa coisa do, é... **da destruição mesmo de quase todas as áreas, né, não só da Educação.** [...] Mas é claro que existe essa tendência, né, de... se não ficar à distância, né, logicamente, pelo menos se tornar híbrido, né. Ter essa mescla aí de aula presencial e à distância. Mas é, como eu falei, não vejo com bons olhos, não, aí, é, esse sentido docente aí, né. Essa coisa que remonta ao século XIX, né, quadro negro, sala de aula enfileirada ali, as carteiras enfileiradas, tal, professor lá na frente. **Então é, eu não vejo, não tenho uma perspectiva boa. Não por hora, pelo menos.**

E eu imagino que culturalmente o Brasil também não tem essa coisa de, assim, principalmente as crianças, adolescentes, de estudar à distância, né, não tem essa disciplina, sabe? Essa coisa... Porque exige um certo critério, né, pra você estudar à distância. Não é, **cê tá em casa, é... acaba relaxando, né, eu percebo isso. Até mesmo porque, por conta de que, é... muitas vezes a dificuldade ela existe, queira sim, queira não, é preciso de alguém pra nortear, né, isso tudo aí, né.**

Ah, eu, quando entrei na faculdade, sim, né. Até a hora de cair na realidade, dentro da sala de aula, aí **cê percebe que, que não é tão lindo assim, né.** Mas, é como eu falei antes, né, eu acho que a maioria dos professores, né, lecionam porque gostam mesmo, né, gostam do contato ali, tal, com os alunos, da convivência escolar, é... **Porque se for ver, assim, tipo, é, não que as pessoas pensem isso, mas não é tão ruim assim, ser professor, né, é, podia ser um pouco mais valorizado eu acho, né.** Mas hoje, hoje em dia a gente percebe que, né, se a gente chegar numa sala de terceiro colegial, por exemplo, lá no começo do ano ou no final do ano e perguntar se alguém tem interesse em ser professor, eu acho que **dificilmente alguém vai levantar a mão, assim, porque eles mesmos acabam percebendo, né, é... quanto é difícil assim, tipo, essa, essa coisa da precariedade mesmo, principalmente nas escolas públicas, que é a nossa realidade.**

[...] Mas... mas quem sabe isso um dia muda, né, a partir do momento em que, é... tipo, ocorrer mais... mais investimento mesmo, né, essa coisa de se tornar uma cultura mesmo, né, uma pátria de livros, tal, educação. **Se a gente quer atingir o desenvolvimento como nação é preciso ter um povo educado, né.** Então, talvez isso um dia faça mais sentido, né, pra poucos.

Então eu acho que essa... essa condição nos causa ainda mais ansiedade, mais angústia, assim, nesse sentido, né. E, é, pensar no futuro, assim, é, já é um pouco já, né, é, essa coisa... pelo menos pra mim, assim, já é um pouco, que me deixa muito ansioso. E... e me referindo às ferramentas tecnológicas, é uma coisa que ainda me dá mais pavor ainda, né, **pelo meu analfabetismo mesmo, tecnológico.** Eu sei que a gente, é, ainda tem a possibilidade de ter alguns cursos, tal, aí, né, é... ter uma... um aprofundamento aí, nas ferramentas tecnológicas, né, aprender um pouco mais sobre isso, é, mas ao mesmo tempo eu também sei que tem a questão dos alunos, né, até que ponto também os alunos tão preparados pra lidar com... com a tecnologias? Continuar... A gente, é, não cansa de dizer, né, a... o abismo social que a gente percebeu agora, né, com a pandemia, principalmente na Educação, então é uma coisa que, é, sinceramente prefiro até não ficar muito pensando, assim, mas eu sei que num tem como fugir,

né, da nossa realidade. Porém, ainda pra mim, ainda tem mais um agravante, né, no caso do... do professor C e B ainda são efetivos, né, ainda tem ali uma certa estabilidade. A minha ainda tenho mais uma, por eu ser temporário, ainda tem mais essa angústia, de ter mais incerteza em cima de incerteza, então, por isso que eu tento não ficar muito, é... porque senão, é... pode ser que... a gente acabe ficando meio mal com isso, assim. Então, apesar de eu ter essa noção, né, dos desafios, dos novos desafios aí, principalmente com relação à tecnologia, é, existem outras angústias, né, mais profundas talvez, até.

É, eu tento pensar sempre pro lado positivo também nessa questão, assim, eu acho que se for uma coisa, assim, que venha pra somar, que seja... que tenha uma utilidade de um objetivo, né, bastante útil, assim, né, **principalmente em relação aos alunos, né, que eles saibam mesmo utilizar**, é, eu vejo que pode ser muito bom, assim. Agora, existem outras questões também, né, a gente vê aí, por exemplo o Secretário da Educação vai criar um programa aí pra, é... financiar computador pros professores, né. Só que não pode esquecer que a própria escola também precisa de computadores, os alunos precisam de computadores, senão não vai adiantar só os professores terem computadores, né. [...] Então, assim, **essa questão da tecnologia ela é... ela é muito, eu vejo com bons olhos, eu vejo a sua utilidade, assim, apesar de eu achar indispensável ali o contato presencial entre professor e aluno, acho fundamental, né, sentir o aluno ali se ele tá realmente conseguindo entender aquilo que você tá falando ou se, é... é... como o professor B falou, né, é difícil cê conversar com um computador, com uma tela.**

Agora, é, a gente sabe que é uma coisa que veio pra ficar, né. **Tem que ver aí que não vai ter como fugir disso, então é tentar se aprimorar também nisso, né, pensar por esse lado aí, apesar que tem hora que eu tenho vontade de montar uma barraquinha de coco na praia, né, mas [risos]... Mas eu sei que a minha função é essa ainda, como o professor C disse lá no começo, também não me vejo fora da área da Educação e eu sei que a gente tem que, né, a gente como professor, sempre tem que tá buscando aí mais conhecimento, seja onde for, né.**

É, eu até tava pensando aqui, né, agora que, tipo, **eu achei, bem, assim, legal os encontros, achei que depois deu pra refletir bastante, porque acho que esse próprio exercício de falar, de se comunicar, de às vezes desabafar mesmo com algumas frustrações, decepções, algumas coisas da vida mesmo, às vezes coisa simples, né, da nossa vida, é... né, como eu havia comentado que eu tinha passado a beber muito mais depois que, né, a pandemia começou, e isso me fez refletir um pouco mais, né, algumas, é... direcionamentos, né, das perguntas também com relação à saúde, alimentação, eu passei a pensar bastante na hora de comer, enfim... achei que foi muito produtivo, bastante produtivo, acho que acrescentou bastante, assim, os encontros, e, pra mim ainda mais, né, como eu falei, que nos últimos tempos, agora já voltou um pessoal da casa aqui, tal, já tenho algumas companhias, apesar de num ver o dia inteiro, mas no início tinha essa questão ainda da solidão mesmo, assim, de só ter as paredes pra conversar [risinho]. Dá um de louco e conversar com as paredes. Então é, eu achei bastante legal, assim. Eu saí, assim, às vezes até um pouco mais aliviado, assim, de poder me expressar um pouco, né, como eu falei algumas, algumas ansiedades mesmo, né, com relação à minha vida e a tudo que tá acontecendo, né, nesse momento cabuloso.**

Ah, eu só espero que a gente sobreviva, né, eu particularmente não conheço ninguém, assim, que tenha sido acometido pelo Covid, tal, tenho nenhum parente também, e **eu espero, assim, que as**

colegas, os professores, né, a Educação, né, em geral, assim, todos os profissionais, sobrevivam, né, e que a gente possa voltar, né, voltar a ter esse contato entre nós professores, né, as reuniões, os simples intervalos das aulas, ter esse contato com os alunos, as crianças, os adolescentes passam muita energia pra gente, assim como consomem também, né, mas, é... Faz a gente se sentir vivo, se sentir útil, se sentir produtivo. Eu espero que a gente consiga, assim, ter essa... essa relação mesmo emocional, né, das pessoas, né. Como eu gosto de usar, a sociedade humana, né, a gente poder de novo cumprimentar com a mão, dar um abraço, um beijo, um, né... coisa simples mesmo, né. Eu falo isso até mesmo porque eu sofri bastante, né, nos últimos dias, nos últimos tempos aí, pelo contato com meu filho, assim, né. Essa questão da proibição de vê-lo, de trazer na minha casa, de visitar a vó, de ver de fora do portão, assim, foi uma coisa que pegou bastante, assim. Apesar de eu ter conseguido saber lidar, até certo ponto eu acho, então eu espero que todos nós consigamos, né, sair aí ilesos em todos os sentidos, não só... não só pela questão do vírus, mas mentalmente também, né, emocionalmente também.

APÊNDICE E – Quadros dos Indicadores construídos a partir do pré-indicadores

[...] eu acho que é revoltante, às vezes, a gente se sente muitas vezes tanto frustrado como revoltado, que a gente é tão cobrado, a gente é tão exigido das coisas, e a gente tem que fazer com tanta perfeição, e aí a gente pega o aluno, a gente tá quase implorando pra ele, pra ele fazer alguma coisa, mesmo ele sabendo da dificuldade que tem, né, que eles também tão passando, mas pra gente tá muito difícil, ainda mais eu agora que tô com uma matéria nova [disciplina de Eletiva de empreendedorismo] e ficou mais difícil ainda. Que aí quando você tem uma matéria que já vem no currículo deles, eles já têm dificuldade em fazer, ainda mais agora comigo, com a matéria nova, então, quase zero. (Professora A)	Relação professor-aluno
Ai, eu fiquei meio... Ainda tô, ainda, meio... que aprendendo ainda a lidar com essas questões, com essas plataformas, e até com o próprio contato, esse contato distante aí com os alunos, né. Que... que eu tenho percebido, assim, que até aqueles alunos que dentro do contexto normal da sala, tinha uma interação, tinha uma participação, eles acabam... acabaram sumindo, boa parte. Principalmente do... tenho mais ensino médio, né. Tem uma sala só de... quer dizer, tenho uma sala só de sexto ano, mas tenho o nono ano também que já são um pouco maior, maiorzinho, às vezes eles até... até trabalham um pouco dentro com essas novas tecnologias. Agora, o sexto ano eu não consegui trabalhar com ele no [Google] Classroom, tive que trabalhar pelo WhatsApp, mandar mensagem pelo WhatsApp, é... mandar vídeo, mandar algumas, é... atividades bem curtas, que nem o Formulário [Google Forms], que, é... o empenho deles ou a devolutiva deles é praticamente zero. Quase... é... cê fala, ele, menos da metade da sala faz a atividade, você puxa um dia a devolutiva das atividades no grupo e não tem uma resposta, parece que não tem ninguém no grupo. O Ensino Médio algumas salas não tão muito diferente disso, mas tem alguma... algum retorno um pouco maior, nem se for pra te criticar também. “Ah, professor, tá passando muita coisa” (risos). (Professor B)	
[...] dentro da sala até rola brincadeiras, eles conversam, eles, né, até durante a explicação da aula, né, cê percebe se o aluno tá prestando atenção ou não, se ele interage ou não, agora ali cê fica, né, completamente cego com relação a isso. Cê não sabe que que ele tá fazendo do outro lado, quem tá fazendo atividade pra ele, se ele fez, se ele não fez, né, se alguém fez pra ele. Então tem casos que tem, principalmente sexto ano, que cê percebe que não foi o... a criança que escreveu aquilo, mas aí cê vai... fica... meio... Assim, essa parte de interação com os alunos eu achei... meio complicado, assim, é difícil. (Professor B)	

Outros que me escreve falando, “Ah, porque é muita coisa”, ah, se dá pra mandar pro privado ao invés de fazer no <i>Classroom</i>, assim, não muita coisa, assim. (Professor B)	
Tem alguns pontos, um, pelo menos, que me chamou atenção, que é duma... uma aluna do segundo ano, segundo ano C, que na sala de aula era bem complicado, né, ou ela dormia na sala, fazia nada, ficava deitada ou ela só bagunçava, ria e, enfim, não prestava atenção em nada. E ela tem sido uma das que, sempre que eu passo atividade, ela é uma das que vem perguntar pra mim no privado, manda mensagem, pergunta, manda a resposta dela, pergunta pra saber se tá certo. Então essa foi uma coisa que me surpreendeu. (Professor B)	
Eles [os alunos] acha “Ah, quando voltar presencial a gente recupera” ou, né, que não vai repetir ninguém mesmo esse ano. Então o que parece é que tá sendo, né, pra alguns alunos tão fazendo esse sentido, “Ah, num vou fazer nada, quando voltar às aulas a gente vê o que faz, a gente recupera” ou, né, num vai repetir, num vai reprovar ninguém esse ano, né. Então esse... até sábado um aluno do terceiro ficou, né, conversando um pouco comigo exatamente sobre isso, ele falou “Ah, professor, eu não tô fazendo nada, tô fazendo uma vez as atividades do bimestre passado, num fiz atividade de ninguém porque esse ano, né, num vou aprender nada mesmo”, e aí ele perguntou “Cê acha que vai ter o quarto ano, ano que vem?”, né, que até um certo momento aí o [governo do] estado falou que talvez teria, né, um quarto ano, ano que vem, pra compensar principalmente o pessoal do terceiro [ano do Ensino Médio], né. (Professor B)	
Mas mesmo assim eu não tive nenhum retorno ainda, nem um aluno falou “Pô, professor, que legal, esse canal”, num sei o que, “Ó, tô fazendo”, sabe tipo? [som de deboche] Cê fica no vácuo total. (Professor C)	
“a distância dificulta a relação professor aluno” [mensagem enviada pelo <i>chat</i> do <i>Google Meet</i>] (Professor D)	
“Ocorreu um caso de aluno que bloquearam professores para impedir o envio de atividades Não manjo nada disso ,mas as professora estavam bravas”. [mensagens enviadas pelo <i>chat</i> do <i>Google Meet</i>] (Professor D)	
Então hoje a gente tá vivendo em função de um celular de um computador, a gente não tem aquele contato diário que a gente tinha com os outros professores pra gente estar dialogando, porque hoje eu trabalho com uma máquina e eu vivo em função do meu celular, né,	TICs e atividade docente durante a pandemia

então foi uma coisa que ficou muito diferente, mudou muito o nosso ritmo de vida hoje. (Professora A)	
Não, eu não tô. Eu não gravei vídeo, eu faço... eu envio alguma videoaula, é... pra aprofundar o conteúdo, alguma coisa assim, mas que eu pego do <i>YouTube</i> mesmo. [...] De algum canal lá, e aí eu mando, é... ou alguma atividades pelo Formulário [<i>Google Forms</i>], pelo [<i>Google</i>] <i>Classroom</i> e aí com texto, recorto de livro didático, enfim, imagens, análise de imagens, mas trabalhar com [gravando] vídeo eu não tô, não dei esse passo, não, acho que não sei se vou conseguir também, não (risos). Gravar vídeo pra... pra eles... (Professor B)	
Então tem sido, assim, em parte frustrante, né, cê fica meio que, parece que no escuro. Vai, propõe atividade, envia, mas fica aquela coisa fria, né. Alguns alunos devolvem as atividades, né, provavelmente eles pegaram a resposta de algum lugar ou alguém fez ou passou pro outro, enfim, fica aquela coisa só pra cumprir, só pra preencher caderneta só, né, com alguma nota, porque cê não tem uma... cê não sabe realmente se ele se apropriou de alguma coisa daquilo. (Professor B)	
Fica uma coisa meio que... né, pra inglês ver, só pra preencher caderneta, porque a parte do ensino eu acho que, é... não tá fluindo. (Professor B)	
É a minha visão assim dentro da... da minha disciplina com as minhas turmas, parece que não tá, não tá fluindo, assim, essa parte do ensino de fato. Tá acontecendo as atividades, eles tão devolvendo, mas aquela coisa é, mecânica ali, e burocrática. (Professor B)	
Então... uma sala ou outra eu vou, né... toco em algum assunto [relacionado à pandemia ou aos movimentos sociais que estavam tomando força nas redes e nas ruas, na época, como o <i>Black Lives Matter</i>], mas geralmente é relacionado à, à parte do conteúdo ou a parte da escola. Então, sugerindo participar de algum, assistir, acompanhar alguma outra, algum outro canal de videoaula, ou quem vai prestar vestibular, vai prestar ENEM, enfim, dou algumas dicas assim, mas sempre trabalhando ou puxando assunto com relação ao conteúdo, com relação à aula, enfim, não, não converso muito com eles, né, outros assuntos, a não ser um ou outro aluno que me chama no privado pra perguntar alguma coisa é, aí acaba virando um bate papo. Agora nos grupos eu não tenho conversado além [...] (Professor B)	
Então, dentro da disciplina de História ou aquilo que tá sendo seguido, né, pela... pelo Centro de Mídias e do Currículo Paulista, não tá, não tá sendo contemplado ou sendo trabalhado [conteúdos referentes ao contexto pandêmico e as discussões que estavam emergindo, na época, sobre racismo]. Aí eu tenho, né, introduzido dentro do que... do que dá pra gente encaixar ali no tema. Como são, é, questões ali que dá pra, tem várias	

frentes de discussão [o áudio do professor ficou ruim nesse momento]. Aí dá pra... dá pra encaixar, né, algumas atividades, alguns conteúdos ali que atravessa, né, o currículo oficial. Mas ele não tá... não tá sendo abordado. Pelo menos nas aulas de História, nem uma dessas, é... atividades aí [falou algo que não deu pra entender, devido ao chiado no áudio] [...] plano que fala sobre a questão dos povos da antiguidade, dos povos indígenas da América você consegue trabalhar a questão da diversidade étnica, por exemplo, cultural... Ah... No segundo ano quando tá falando da... das viagens marítimas, você consegue fazer o *link*, por exemplo, com aquela, aquele movimento de... de derrubada das estátuas dos escravocratas, né, na Inglaterra, nos Estados Unidos e tal. **Tento fazer esses... essas pontes aí com o tempo presente. Mas não tá, né, pelo... como aparece, né, trabalhado lá pelo Centro de Mídias não.** (Professor B)

É, e até o que essas questões podia gerar de discussão dentro da sala, né. Porque aí agora **cê não tem essa condição de discutir com a sala, né, fazer a sala, os alunos discutirem esses assuntos. Fica... né, cada um no seu canto e dá a sua opinião, dá a sua resposta, mas não tem aquele debate dentro da sala.** Ano passado eu fiz algumas experiências com seminários, tratando, né, de... desses assuntos com seminários, e saíam, assim, uns debates muito... muito bons, assim. A questão do fascismo, comunismo, feminismo, né, racismo... Aí você monta os grupos e põe eles pra... pra debater. Aí fica bacana. Mas com esse, né, com esse trabalho remoto num consegue, pelo menos não consigo visualizar como isso seria possível. (Professor B)

É, em História, né, tem lá a proposta do Currículo [Paulista], então... só que eles reduzem, né, eles... fizeram um resumo do que seria trabalho no bimestre, então as videoaulas são, meio que pula alguns conteúdos e foca em outros. No começo ainda, cê, é... um dia, na segunda tinha aula de História e na outra semana a aula de História era na sexta. Num tinha uma... uma organização também. Agora tá mais ou menos, né, conseguiram fechar mais ou menos um... um horário. Então quarta-feira tem aula de história pro sexto ano. **É... então, tá mais ou menos agora, né... construindo ali uma rotina** [e isso já era agosto!]. **Mas no comecinho, cê ficava sabendo que podia ter aula na semana. E às vezes mudava, dava algum problema ainda que no... no... pro mesmo dia mudava a aula ainda.** (Professor B)

É uma coisa bem estranha assim, porque, uma rotina normal na escola você tá conversando, tá falando, né, a todo momento que você tá lá. Ou na sala de aula ou na sala dos professores, cê não fica, é, isolado, é muito difícil. Agora, nesse período, desse período pra cá, desde que suspendeu aí as atividades da escola, praticamente eu não tenho contato, conversar, pessoalmente com alguém, com ninguém fora daqui de casa. **Então, quando eu saio, eu saio pra ir ao mercado, fazer alguma coisa, mas, é... né, aquele contato, né... hm... não pessoal, assim, então, de trocar uma ideia, de conversar com... com ninguém mais, já uns indo pra cinco meses, seis meses.** (Professor B)

Agora cê fica praticamente às cegas. Você passa atividade, né, burocraticamente o aluno devolve, mas cê não tem uma... **cê não sente, né, o que que tá acontecendo ali, com o aluno. É uma coisa muito fria, distante.** Porque **agora o que parece, né, que tá todo mundo te ignorando,** enfim. Até que eles tão fazendo, **quando fazem ali é por... é pra cumprir obrigaçõzinha ali, fica aquela, né, uma coisa bastante distante.** [...] Que se você tinha uma distância com eles dentro da sala, com alguns grupos você tinha uma distância razoável, né, cê conseguia atingir, mobilizar eles, agora parece que ficou muito maior. (Professor B)

Cê tem o ATPC na unidade, cê tem o ATPC, né, na Diretoria [de ensino], cê tem o ATPC no Centro de Mídias. Cê fica... né, cê perde seis horas, praticamente, ouvindo, né, muita coisa que num resolve nada, né. (Professor B)

É, então, dessas aí eu acompanho, obviamente, o ATPC da escola e o ATPC da diretoria. O ATPC da Centro de Mídias eu não acompanho, sinceramente eu não acompanho. [...] É [obrigatória]. **Eu logo, mas eu não ouço nada, vou fazer outra coisa.** Eu num... não dou atenção. (Professor B)

É, meio que quase uma punição, né. “Tá em casa? Peraí, cê vai...” (Professor B)

E, com relação ao papel aí do docente, né, do professor, eu ainda vejo a tecnologia de um ponto de vista acho que talvez meio conservador, nesse sentido de achar ainda que o melhor ainda é o professor em sala de aula, né, não vai ser... A tecnologia ela pode, sei lá, aproximar algumas situações, como tá acontecendo agora, numa condição excepcional, né, de afastamento, mas numa condição, né, de retorno aí, né, segura pra todo mundo, eu, né, não vejo a tecnologia ou essas ferramentas aí que são apresentadas como um, né, substituto à altura, né, do trabalho do professor em sala. Né, então, a função do professor ainda, acredito eu, é dentro da sala de aula, do contato direto, né, com outros... é... seres humanos ali, né. Conversar com uma tela é extremamente, é [suspiro]... difícil! Né, eu tenho percebido isso esses tempos agora e sinceramente eu não sei como esses *YouTubers* conseguem fazer essas coisas, porque eu... ô, coisa chata, assim, de, né... eu tenho feito algumas reuniões com alguns alunos, né, e, assim, aqui a gente ainda consegue ver vocês, né, cêis tão com a câmera ligada. **Agora, os alunos ficam tudo com a câmera fechada, você fica conversando com... só o símbolo do nome que aparece, cê não sabe se a pessoa tá lá, se ela não tá, enfim, cê fica meio que, né, fazendo umas...** enfim, isso faz parte desse desafio que a gente tem que ter, né, que a gente tá enfrentando, mas é algo que... **do ponto de vista aí da docência ou da eficiência dessa atividade eu não tenho muita certeza se ela é muito produtiva, não.** Enfim... Embora inúmeros defensores aí das tecnologias, né, pra Educação, eu tenho ainda os dois pé atrás ainda com relação a isso, né, e a função do historiador... do historiador não, do professor, né, na sala de aula. (Professor B)

Eu tenho reclamado constantemente dessa questão da tecnologia, né, a gente não pode esquecer, como o professor D já falou aí, isso é algo que veio pra ficar, né, então, essa resistência aí ela é também um pouco, né... impensada, talvez, ou irrefletida da minha parte, que é óbvio que não tem como você voltar o tempo e abolir isso. Isso é algo, é um processo histórico que veio, que vai ficar, não vai... a gente não vai voltar a um estágio anterior a essa tecnologia, né. E isso, obviamente, inclui a Educação, né. Então a gente, né, vai, né, como todo momento novo, todo contexto novo que se abre, ele causa alguma, né, ansiedade, alguma apreensão aí dessas, por essas mudanças que, aí, de uma forma ou de outra, se reflete ou numa visão mais pessimista, no caso, né, da minha parte, reclamando um pouco demais, às vezes, né, não vendo os ganhos que isso pode trazer, né. Como o professor C comentou agora foi o que a gente teve pra trabalhar agora e, de certa forma, né, supriu ali, bem, ou mal, a necessidade que foi criada por conta desse contexto, né, então ainda bem que existiu, que existe essa possibilidade, aí, agora, da gente ter esse contato, né, virtual aí, aqui entre nós, com os colegas, com o alunos, né. (Professor B)

É, o desafio maior mesmo de tudo é a desigualdade social, né, tipo, porque a gente, se a gente tivesse a estrutura que a escola particular tem a gente taria navegando aí com mais tranquilidade, né, cada um dando a aula no seu horário, assim. Ah, o desgaste seria bem menor, né. (Professor C)

[...] eu acabei optando por... por esse caminho, sabe, de gravar uns vídeos mesmo com as brincadeiras explicando pros pais e, mas assim, **gera todo um desgaste**, né, a questão da gravação e do vídeo, editar. **E eu ainda tenho essa outra desvantagem de não ter criança em casa, então, eu acabo às vezes, querendo me comparar muito, assim, às vezes tem, os professores que às vezes têm, né, às vez sobrinho mais próximo, e aí fica diferente, né, cê gravar, tem mais opções, né.** Então, mas assim, os pais tão dando retorno super positivo, eles falam que as crianças gostam quando vê o vídeo, né, então. **Acho que foi um caminho assim, que, que deu certo, nos anos iniciais.** (Professor C)

Não, quem grava é minha esposa. Até brincando, a diretora de imagem, tal, né. Então aí acaba também, daí **tem que alocar toda a agenda, né, dela, tudo.** Então cê vê que **muda totalmente, né, o funcionamento.** Mas tem... tem dado certo. Aí editar, eu que gosto de editar, no aplicativo mesmo, do celular. (Professor C)

É, que nem ontem, eu tava **totalmente já fora do meu horário**, quatro alunas seguidas mandando mensagem perguntando que que tava faltando pra elas. Aí eu tive que abrir o celular, tipo, no meu [Google] Drive, lá na... nas pasta lá do meus formulário e vê que que tava faltando pra cada uma, sabe? É, **então não adianta falar “Ah, não, professor tem que estabelecer horário, num sei o que”, isso aí num existe, sabe? O aluno mando pocê, cê não vai responder?** Tipo... Eu, particularmente, **eu sempre respondi, mesmo fora de horário, que talvez é o único horário que ele [o aluno] tire**, conseguiu, né, então... é, então eu sempre adotei essa postura, sabe? Tipo, de tentar atender, independente do horário. Às vezes, que nem, num dava, eu falava, ó, dava o *feedback*, falava “Meu, agora eu não vou conseguir te dar essa resposta. Amanhã cedinho eu abro meu computador e te... te passo”, sabe? (Professor C)

Então, é, é o que eu falo, no município [na escola municipal que ele leciona] tá um pouco melhor, assim, essa questão, né. Porque como eu gravo vídeo, né, então eu consigo ali passar pra eles, ah, não só a questão corporal da brincadeira, mas um pouco da história e tudo o mais, né. No estado tá sendo mais apropriação mesmo da teoria, é, então... E aí eu tò seguindo o que vem do, é... o que, no... no Centro de Mídias, né, conforme a aula que passa lá eu monto o formulário, sabe? Tipo, tá meio bem, **bem tecnicista assim mesmo**, sabe? Eu, eu tentei fazer algumas coisas, que nem, montar uma videoaula, eu fiz pra eles, mas, assim o **retorno zero** também, sabe? **Cê fica quase a tarde inteira pra, pra gravar, tal, e cê num vê um retorno**, assim, né, então... E aí **duas vezes que eu pedi desafios práticos eles se negaram, assim**. (Professor C)

Também acaba, que nem, eu sou [não entendi o que ele falou] do município, **acaba gerando esse desgaste, eu tive que entrar em dez grupos** [do *WhatsApp*], né. **Fora os cinco grupos do... do estado, né, então, são quinze grupos** aí, que... É, um pra cada sala, **tem que administrar, né?** (Professor C)

É, eu acho que, por a gente não tá perto ali e... e perder esse contato, eu acho que eu acabei também, dos meus conteúdos, não aprofundando, né. Coisa que no presencial eu sempre *linkei*, né, tipo, os conteúdos com, é... **Teve um conteúdo que eu acabei passando, assim, mas bem sutil, com eles, a questão da violência contra a mulher, tal, do tema do... do Jiu Jitsu**, e aí eu tava pesquisando, pesquisando, consegui ver um vídeo muito legal do *jiu jitsu* como defesa pessoal. E aí eu coloquei no meu formulário, enfim, é... meio, fiz a pergunta, né, sobre qual o problema, tal. A maioria conseguiu relacionar, né, essa questão. Que nem no, com... no município geralmente eu agora trabalharia dança, é, eu trabalhei à distância, né, mas assim, foi uma coisa bem mais lúdica. Num... num quis entrar muito, não. Por não tá ali no contato, né, às vezes... E aí a gente sabe que tem pai ainda que, pô, difícil, né, a cabeça deles. E aí, às vezes, cê não vai tá ali presencial pra cê ter esse contato, essa conversa, né. Então a gente tá perdendo nisso, nessa criticidade, assim, é, o trabalho à distância ele... querendo, ou não, cê perde, não tem como. Cê não tá ali dando em tempo real pra ele [estudante], né, tipo, pra aprofundar um pouco mais, né. (Professor C)

É, é o Currículo Paulista, né, só que, assim, o, pelo menos no meu caso, às vezes acontece, lá no Currículo [Paulista], no nosso caderno, tal, ser um tema no começo, e eles pega o outro, sabe? Então meio que quebra suas pernas. Assim, às vezes, que nem, já, no começo do novo bimestre, dos outros bimestres, eu já tinha montado, tipo, Formulário pra o tema x, que era, em tese, o que seria da época ali mesmo no Currículo. Aí ele, no, lá no Centro de Mídias começaram com o outro pra baixo, aí já... desorganizou, assim, sabe? Então... Mas é tudo já... Agora eles começaram a postar o material que eles expõem antes. Cê consegue ter acesso ao que eles vão falar, sabe? Isso foi muito legal. Dá pra gente, cê consegue se programar. (Professor C)

É, eles fogem de polêmicas, né. A ideia é não entrar em polêmica (risos), né, tipo... Mas, que nem no meu caso da Educação Física, é... em muitos casos eles pediram pra não fazer a prática em casa, com medo das crianças se machucarem e dar algum problema pro... pro [governo do] estado, né. Então tivemos o tema do judô, que teria, assim, como explorar em casa a questão dos jogos de oposição, que é mais lúdico, né, dá pra fazer em forma de brincadeira, não... não haveria problema, assim, sabe? Mas eles não optaram e ficou bem tecnicista mesmo, só passou os movimentos do judô, os nomes, ficou muito técnico, assim, sabe? Então, no meu caso tá sendo muito técnico, sabe? Se... agora em alguns temas eles tão se arriscando a pedir pros alunos fazerem, a questão de alongamento, da ginástica laboral, é, alguma ginástica de conscientização corporal, o Yoga, o Pilates, aí eles tão sugerindo pros alunos fazerem em casa. Eu tô indo no embalo e tentando fazer que os alunos gravem, né, façam os movimentos, tal, encaminhando vários canais, assim, eu faço a seleção pra eles, uma curadoria muito grande e mando só o “*crème de la crème*” mesmo do... do... de canais do YouTube pra que eles possam... (Professor C)

O meu foi mais relacionado à questão de trabalho mesmo, né, as questões de... de mexer em *PowerPoint*, essas coisas assim, que deu mais tempo pra... pra fuçar, mas fora outras demandas, por conta de tá fazendo o mestrado também, então esses dias até tava vendo, eu... eu tinha montado o ano, com algumas folgas, né, pra poder ir pra Bauru, poder retornar com calma, e aí com o modelo remoto ficou, é, essas folgas meio que sumiram, assim, sabe? Tipo, eu parei pra pensar, as minhas folgas ou eu tava sempre sentado, produzindo o projeto pra entregar no meio do ano, ou lendo alguma coisa referente, sabe? Então, eu não consegui ter esse tempo, sabe, pra tentar fazer outra coisa, a outro campo aí do lazer, sabe? E olha que eu tô estudando lazer, né [risos], e eu não consegui dar conta de... de explorar outros campos. Mas, é... eu sabia que seriam dois anos bem complicados mesmo de mestrado, né, aí juntou por ser [Mestrado] Profissional e ter essa... essa característica de ter que tá trabalhando, aí então... (Professor C)

E aí não existe isso, né, “Ah, não vou te atender agora porque não tá no meu horário de serviço”, né, tipo. Então às vezes aconteceu já algumas demandas fora do horário, né, e eu acho que é isso que sobrecarrega. Por mais que seja coisinha simples, entendeu? Mas eu acho que o fato de cê parar o que cê tá fazendo, no seu horário que não era de trabalho já... já acaba gerando um *stress* ali, né. Então... acho que esse... **Porque o nosso horário de trabalho geralmente eles estão trabalhando, então também não tem como cobrar deles que eles sigam o nosso horário**, né. (Professor C)

É o nosso meio ele fez de tudo pra manter a gente ocupado, né. A questão das ATPCs, assim, uma coisa absurda. [...] Tipo, então o sistema nosso ele... ele foi carrasco, tipo, que nem eu tinha só duas horas de ATPC pra cumprir pela minha carga horária, sabe? E na prática não é isso que acontece, às vezes, que nem hoje eu fiquei quatro horas, sabe? Ainda que eu, depois tive que deixar um aparelho logado lá, porque senão ia contar falta. Mudou acho que... **acho que isso daí que arrebitou, sabe? Se a rotina não tivesse mudado tanto**, tivesse continuado “Ah, professor C, cê vai postar as suas coisas no dia que cê tinha aula aqui, na sexta-feira, tal, você monta lá”, beleza. **Se tivesse acontecido isso com todo mundo, aí, sem essa interferência do meio, do sistema, acho que teria sido uma caminhada mais tranquila, sabe? Mas essa... essa influência aí do tecnicismo voltou forte, né, tipo, o sistema influenciando aí o que os alunos aprendem, o que os professores têm que, têm que passar, que eu acho que desgastou, sabe? Então, esse fato, pra mim, me deixa muito chateado.** Que nem, quinta-feira é um dia que eu dava aula só na prefeitura, aí eu já tenho que parar às 10h30 pra acompanhar a aula do oitavo ano, que a aula do oitavo ano é só na quinta. Essas quebras de rotina que... que complicou, assim, sabe? E eles começaram com um discurso, “Ah não, o professor ele vai acompanhar no dia que ele dava aula”, tipo, aí depois já mudou o discurso, “Não, tem que acompanhar no dia que a aula acontece”, sabe? (Professor C)

E aí isso meio que desconectou a gente dos alunos, eu acho, sabe? Tipo... E, porque daí, às vezes na apostila lá tava uma coisa, lá no Centro de Mídias eles adiantam a matéria ou não aborda aquele tema. Uma coisa atravessada, sabe? Disso aí influenciou também nesse desgaste, eu acho. (Professor C)

É, na verdade a gente deixa aquele “bom dia” ali pra garantir a nossa presença [nas aulas *online* por meio do Centro de Mídias], porque a direção tá ali, né. É só pra dizer, né, tô aqui, né, tô assistindo esse negócio aqui. (Professor C)

[...] mais um impacto negativo que essa pandemia, com o isolamento e o ensino remoto trouxe, eu acho que, no meu caso, isso porque eu sempre fui uma pessoa que sempre gostou muito de fazer esses cursos, sabe? Tipo, que era mediado aí pela tecnologia e tudo mais. Mas, agora como eu fico muito tempo na frente do computador, tipo, perdeu o interesse, assim, né. Perdeu aquela pegada de, pô eu vejo vários cursos legais, aqueles encartes, *link* [?], meu, não dá coragem de me inscrever, porque cê fala “que hora que cê vai fazer isso?” [risos], né. Cê pensa, “é mais tempo na frente do computador”. Então tem esse agravante ainda. (Professor C)

E, por exemplo, eu sinto que, eu leciono em três escolas, né, em Palmital, Tarumã, é, quer dizer, duas escolas em Tarumã e uma em Palmital, e aí **percebo que às vezes é muita enxurrada de informação**, é muita coisa, e... e às vezes essas coisinhas, assim, de “tem que tá lá”, “tá logado”, “tem que tá num sei o que”, eu deixo pra ver até onde vai. **Tem coisa que eu acho que é importante, tem coisa que eu acho que é muito... é muito... muita especulação, né?** É, igual no ATPC aí, o professor lá falando daquela questão lá, o professor guardião, né, uma coisa... **cada dia é uma coisa**. Eu demorei pra mim entender o que era esse professor guardião aí, mas enfim, aí agora eu tô mais ligado, até mando uma mensagem lá no grupo falando, tal, sobre... que eu tô *online*, tal, mas é... é, como se diz, né, a devolutiva é baixíssima, né? **Ninguém se importa muito, mas é, também, é como eu tava falando, né, como, tipo, eu tô, sim, é... como eu posso dizer, assim? Indo conforme, ah... o vento, assim, bate, sabe? Bem estressado.** (Professor D)

Mas, enfim, é que tem o Centro de Mídias, né, onde são transmitidas as aulas e... e aí tem o *chat*, que seria, teria uma certa dinâmica, né, com os alunos. É, mas é o que eu falei, **até eles deram uma aperfeiçoada lá, agora eu tô começando a entender melhor como funciona aquilo lá, porém eles esqueceram de combinar com os alunos**. Continua na mesma, é a mesma coisa. **A baixa participação que existia nos grupos de WhatsApp, no Google Classroom continua a mesma coisa que esse chat**. E aquela coisa que eu tinha comentado do professor guardião lá, tal lá, na outra... na outra reunião que teve, né. **O professor até fica ali, mas é uma sala de, um, se é que pode dizer, né, um chat fantasma ali, porque só fica você ali**, né. “Bom dia, vamo lá, pessoal, vamo participar”, mas, tipo, num... Pelo menos comigo, é, tenho nove turmas e nenhuma participou até o presente momento. (Professor D)

É, eu tento pensar sempre pro lado positivo também nessa questão, assim, eu acho que se for uma coisa, assim, que venha pra somar, que seja... que tenha uma utilidade de um objetivo, né, bastante útil, assim, né, **principalmente em relação aos alunos, né, que eles saibam mesmo utilizar**, é, eu vejo que pode ser muito bom, assim. Agora, existem outras questões também, né, a gente vê aí, por exemplo o Secretário da Educação vai criar um programa aí pra, é... financiar computador pros professores, né. Só que não pode esquecer que a própria escola também precisa de computadores, os alunos precisam de computadores, senão não vai adiantar só os professores terem computadores, né. [...] Então, assim, **essa questão da tecnologia ela é... ela é muito, eu vejo com bons olhos, eu vejo a sua utilidade, assim, apesar de eu achar indispensável ali o contato presencial entre professor e aluno, acho fundamental, né, sentir o aluno ali se ele tá realmente conseguindo entender aquilo que você tá falando ou se, é... é... como o professor B falou, né, é difícil cê conversar com um computador, com uma tela.** (Professor D)

É, não, não conhecia o *Classroom* e não conhecia o *Google* Formulários [*Google Forms*] também. **Tive que, que aprender um pouco a mexer com isso também.** (Professor B)

Não, acho que um ponto que o professor C colocou que **me parece central é a questão do tempo** mesmo, né, tanto pra gente, né, que **caiu esse negócio no nosso colo pra gente ter que se virar com isso. Foi a mesma coisa pros alunos, né... Por mais que a gente via eles com os celulares a manhã toda na mão, mas aí é uma outra relação que eles têm com aquilo**, né, aí, pra muitas, pra várias séries ali, pra vários deles eles **não têm uma maturidade pra administrar essa questão** de se, esse ensino remoto, ou desse conteúdo, de acompanhar videoaula, de, enfim, se envolver, né, com, com o conteúdo e tentar extrair, anotar alguma coisa dali. Então, **eles também não tiveram esse tempo de se preparar, de se adaptar** aí a essa... **foi tudo um, né, do dia pra noite assim eles, tiveram que de repente, né, aprender a olhar uma pessoa falando num, quarenta e cinco minutos, cinquenta minutos numa tela lá e, enfim, sem uma... um suporte maior pra isso.** Sem contar a questão também da, do acesso, da tecnologia, enfim. **Muitos têm celular que tem que usar o celular do pai ou da mãe**, não tem o aparelho dele. Enfim, ficou bem complicado. (Professor B)

O princípio lá, logo que suspenderam as atividades, o primeiro canal que a gente criou, né, pra manter a comunicação com eles foi os grupos ali de *WhatsApp*. E aí depois **cada professor tem meio que criado uma estratégia ali de conduzir as atividades**, né. Eu, no meu caso, o sexto ano

Conhecimento e domínio das TICs e suas ferramentas

eu mantive apenas pelo *WhatsApp* mesmo. Não, **não consegui fazer com que eles migrassem pro Classroom**. Agora as outras salas, os nonos, primeiros, segundos, terceiros [anos] eu **tenho tentado concentrar, pelo menos o envio das atividades, receber as atividades, lá pelo Classroom**. E aí o contato de avisar, da... dar informe, e aí vai pelo... pelo grupo do *WhatsApp* mesmo. (Professor B)

É, eu já... já vinha trabalhando, **que em 2017 tive a chance de fazer um curso da Diretoria de Ensino de Assis, então já, o Formulário, o Classroom, é... aí no que eu acabei, agora que eu tô me aprofundando mais é a questão dos programas pra editar vídeo, mesmo, tipo, o próprio PowerPoint, é, montar o PowerPoint com animação foi uma coisa que eu me dediquei bastante aí, a ver os tutoriais**, né que, que dá uma diferença você montar um *PowerPoint* jogando os efeitos lá pra aparecer [...] Então, tem essa, esse... esse outro lado, né, de... **de a gente tá buscando**. (Professor C)

Mas **o problema é que veio muita coisa ao mesmo tempo**, entendeu? Tipo, que nem, imagina a gente, um professor que de repente não tinha o domínio de nenhuma das ferramentas lá no *Google*, aí de repente aparece um monte dessas coisas e, então e aí **ficou tudo meio que embaralhado**, sabe, tipo... E aí **é uma coisa que a gente não teve esse tempo, né, pá, pra sentar...** e aí é onde que gera tudo esses problemas, né, eu acho, tipo, desde a gente querer fazer um monte de coisa e não, não conseguir nem os alunos, né, acompanhar. (Professor C)

É, eu acho que é **uma questão maior é a questão do tempo**. Eu acho que, talvez se eles já soubessem, **eu acho que se naquelas duas primeiras semanas, se a gente não tivesse tido o recesso, vamos supor, e tivesse já entrado num programa de treinamento, sabe, talvez teria sido bem melhor**. E aí ter dado as férias em julho, normal, sabe? E faltou esse tempo. Aí depois, com o negócio funcionando eles quiseram... **aí não tem jeito**, né [...] (Professor C)

Porque, que nem, o *Classroom* **cada hora aparece uma coisa**, sabe, tipo, ah, agora dá procê... tem uma ferramenta xis lá que cê consegue ver o plágio, sabe, então, aí cê já **perde lá uns dez minuto lá vendo o tutorial**, teve essa novidade. Tendeu, tipo? **É muita coisa que vem dispen... duma vez, assim**. (Professor C)

Não, não consigo fazer essa interação [das aulas ao vivo]. Tentei no [na escola do] estado com o recurso que o próprio estado disponibiliza, né, mas os alunos se mostraram [som de deboche]. **Ninguém respondeu lá**, assim, tipo, o dia que eu quis tentar alguma coisa desse sentido assim, sabe? E, **no município fica inviável por conta do... do acesso deles mesmo**, né. São poucos, aí eu acredito que num compensa fazer. Ou cê faz pra todo mundo ou então num faz, sabe? Tipo, que nem às vezes eu **vejo nas escolas**

fazendo sete, oito aula o aluno participando, acho, daí acho que num tem sentido, sabe? Fica uma coisa... é... acaba excluindo, né, tipo, os outros, assim, enfim. (Professor C)

“Outra coisa que me incomoda é que muitos aluno possuem habilidades para lidar com a internet e faz mal uso da dela”

[mensagem enviada pelo chat do Google Meet] (Professor D)

[...] a questão do... da... das ferramentas, né, de... de... é, virtuais, aí, da questão das videoaulas, aí, que... é... uma coisa pra mim é uma coisa que... que... como eu já falei, né, eu não... **não tenho muito domínio, assim, né. É o feijão com arroz mesmo ali**, e tal, né. É... cês perceberam aquele dia que eu tava “catando milho” aqui no teclado, né [risos], na hora de digitar, enfim. **E aí, tipo, quando eu tava começando a... a, digamos assim, também ter um certo... uma certa sintonia aí com as ferramentas, já chegou novas ferramentas, novos... Isso daí me confunde bastante, assim, sabe? Eu confesso que eu fico bem perdido, e aí, às vezes, é, eu também acabo, tipo, fazendo o básico com os alunos ali e aquela coisa ali fica no... uma coisa bem fria ali mesmo, assim, às vezes parece até meio sem sentido. É... apenas a questão burocrática, né, de enviar... enviar plano, roteiro de estudo, é... É como o professor B falou, né, é maquiar, né.** (Professor D)

É, nessa questão cultural aí também a gente pode citar a questão de que, é, **nem professor nem aluno nunca teve um preparo, uma formação, assim, uma, digamos assim, um aperfeiçoamento pra trabalhar... estar trabalhando com as tecnologias, né.** Então, é, ficou uma coisa, assim, muito chocante, né, pelo menos pra mim foi, assim, e... tá sendo ainda, até, um pouco, até hoje... mas, justamente foi o que a gente nunca teve, né, nunca teve essa cultura disso. **Se a gente pegar aí as salas de informática, aí, qualquer escola pública aí, é totalmente sucateada, né, na nossa escola mesmo, na Nome da Escola, lá, é um cubículo com meia dúzia de computador lá, sem, acho que não tem ar, não tem nada, né, se não me engano. Então, assim, é desumano, até, é, querer agora, tipo, jogar toda essa responsabilidade em cima do professor e aluno, e, tipo, a gente... eu sinto, assim, que eu tenho noção da defasagem grande que esses alunos vão ter, né, essa... esse ano aí, pro ano que vem, eles vão ter que voltar, retomar muita coisa, porque eu sinto assim, que, é... é até chato falar isso, triste, talvez, mas foi um ano perdido, assim, na Educação, assim, pros alunos de escola pública, assim, eu sinto que... que eles não conseguiram acrescentar nada, produzir nada, é... Sabe? Até mesmo por conta da, de tá todo mundo meio perdido mesmo, né, muitos com, é... várias questões de... de... de... infraestrutura, aluno sem aparelho, sem... sem, é... várias coisas, né, influenciaram tudo isso daí.** (Professor D)

E eu imagino que culturalmente o Brasil também não tem essa coisa de, assim, principalmente as crianças, adolescentes, de estudar à distância, né, não tem essa disciplina, sabe? Essa coisa... Porque exige um certo critério, né, pra você estudar à distância. Não é, cê tá em casa, é... acaba relaxando, né, eu percebo isso. Até mesmo porque, por conta de que, é... muitas vezes a dificuldade ela existe, queira sim, queira não, é preciso de alguém pra nortear, né, isso tudo aí, né. (Professor D)

E aí esse rapaz falou, “Ah, eu espero que tenha, que aí eu quero fazer quarto ano, que eu quero ficar, eu quero ir pra sala. **Não tô conseguindo acompanhar as aulas**”, que “**tá difícil**”, “**tem professor que passa um monte de coisa**”, num sei que tem, enfim... Só que aí aquela outra coisa, **quando ele tava dentro da sala ele não aproveitava também**, e aí, enfim... E aí a... a conversa dele é que esse... que esse ano o [governo do] estado não vai deixar reprovar ninguém, enfim, então **ele não vai ficar se matando pra fazer nada agora, acompanhando as videoaulas, que ele não tá aprendendo nada**. Né, eu falo, ó, né, “Eu não sei a questão do quarto ano, ano que vem, não sei se vai ter isso, acho até difícil, talvez”, porque envolveria até ter mais professores, envolveria até ter espaço físico pra abrir mais uma sala, no caso lá de [nome da cidade em que a escola fica], de manhã tem todas as salas ocupadas, não teria onde colocar o quarto ano, né, se abrisse uma quarta, um quarto ano do Ensino Médio. Então **tem uma... uma série de questões aí que eu não sei se isso vai, né, vai adiante**. Então falei pra ele, ó, num... num se fiar muito, nessa de que ano que vem recupera, enfim, né. Ah, se tem professor que tá, que “cê acha que tá passando muita coisa, faz metade, pelo menos, né, mas tenta acompanhar”, tenta, né, tirar algum proveito disso, tal. Mas aí ele falou “Ah não, num vou fazer, não”. Então... É... **Por ele assim eu fico imaginando outros, né, que devem tá nesse mesmo... nesse mesmo pensamento aí [...]** (Professor B)

essa situação de isolamento ter tornado mais evidente essa importância do professor, **a frustração às vezes é quase, né, proporcional à expectativa, né, da importância do trabalho, porque, é... a gente reconhece a importância cada vez maior, necessária, né, desse trabalho do professor, ao mesmo tempo parece que cê fica cada vez mais limitado, né, nas suas ações, nas suas... no seu impacto, né. Aí isso já era um pouco, já era perceptível dentro da sala de aula, e agora nesse contexto de afastamento parece que ficou ainda mais inviabilizado, né. Então, né, me causa, assim, uma frustração muito grande. E uma, **até uma... uma coisa meio de insegurança também com relação ao próprio, é... futuro profissional**, assim, num sei. **Então ao mesmo tempo que eu reconheço essa importância cada vez maior do trabalho docente, essa importância ela se reve... é... ela volta, né, como uma grande, um grande peso, né,****

Perspectivas de futuro

que causa alguma frustração também não atingir, né, um... o mínimo ali, né, pra contribuir, pra melhoria desse quadro social aí, que é catastrófico. (Professor B)

O cenário futuro, infelizmente, eu não vejo com... com otimismo, não. É, o que parece ser, o que se aponta aí é a precarização do trabalho, né, o desmonte, sucateamento, privatização, né, o ataque ao estado, né, ao servidor público. É o que tá se desenhando, aí, que tão fazendo já, né, há um bom tempo e que, **possivelmente, agora, com toda essa... essa crise econômica, né, que tá, já vinha, que vai ser agravar ainda mais, é, né, aí, uma desculpa, aí, pra eles já engatarem em reformas e mais reformas aí, que vão, né, impactar cada vez mais de maneira negativa, né, pra escola, pra universidade pública, pros professores, enfim. Então eu vejo com bastante pessimismo até, esse futuro próximo, assim. E, né, até médio prazo, mesmo que se consiga mudar esses governos, pra reverter esse estrago vai... vai muito tempo ainda.** (Professor B)

É, plano ideal só uma revolução, né. Mas [risos]... não tá na ordem do dia, infelizmente, pro Brasil, não. Pelo menos com meu olhar meio pessimista eu não consigo enxergar possibilidades aí, de uma grande transformação... E aí, o que dá pra fazer no futuro é meio que tentar enxugar o gelo do que, né, vem sendo destruído aí aos poucos aí, e vai continuar sendo destruído e a gente vai tentando lidar aí com as migalhas, com os cacos que vão ficando. (Professor B)

É, eu concordo com essa linha que o professor C comentou, **dessa entrada no ensino híbrido aí, é algo que vai se impondo cada vez mais, né, acho que vai se tornar aí uma das, né, das frentes da educação aí nos próximos anos e é algo que a gente vai ter que lidar com isso, né, e tentar lidar da melhor forma.** Explorar esse... essas tecnologias, **explorar essa... essa relação, né, de uma maneira que possa, né, favorecer uma educação mais inclusiva, mais, é... transformadora.** E aí, o desafio é isso, né, fazer com que, né, tanto nós professores, né, como os alunos, né, consigam, é, utilizar essas ferramentas aí, né, de uma maneira mais... é... apropriada, né, ou explorar elas melhor, diferente um pouco do que essa primeira experiência que a gente viu esse ano, né... Tudo bem que agora foi meio que, né, imposto, pelas condições da pandemia, mas a experiência parece que não foi assim das mais proveitosas pra ambos os lados, né, nem pra nós nem pros alunos. E aí acho que esse é um dos desafios aí pra docência pro... pro que vem aí pros próximos anos, né. (Professor B)

E aí, fora isso, já, **imediatamente pra 2021 a gente tem essa questão de como que vai ser esse retorno às aulas, né, que ainda parece muito... tudo muito obscuro ainda, tudo muito ainda meio que perdido, sem saber como que vai ser esse retorno em 2021. Né, a gente viu a preocupação muito grande nessa tentativa de retomada das aulas**

agora, em outubro, né, muita pressão dos dirigentes de ensino, das prefeituras, pra liberarem, né, a volta presencial, né, o Dória, né, o governador lá de uma maneira até que astuta, né, ele jogou essa questão do retorno para os municípios, né, mas ao mesmo tempo ele pressiona, né, as prefeituras pra que esse retorno ocorra, né, então em alguns casos a gente tem, né, relatos de dirigentes mesmo pressionando, né, prefeito a alterar decreto, como aconteceu aqui em Assis, né, permitindo a volta do ensino médio e depois o Ministério Público intervindo, né, enfim. E a preocupação grande disso me parece, né, é em relação aos colégio particulares que eles querem garantir a matrícula deles pro ano que vem, né. Então eles querem voltar esse ano e mostrar que eles têm condições ainda de atender, de receber esses alunos pro ano que vem e garantir essas matrículas pro ano que vem, né. E pelo menos tenho visto pouco como que o estado tá se estruturando, né, estruturando as escolas pra receber, né, o início das aulas no ano que vem, qual, como que vai ser essa estrutura que a escola vai oferecer pra esse retorno das aulas? Né, a questão dos equipamentos de higiene, de banheiros, enfim, a estrutura física mesmo da escola tá sendo, é, pensada ou readaptada pra essa nova realidade? Então me parece que essa... esse retorno ano que vem também vai ser, é... meio que feito, né, ali... a toque de caixa, ali na banheira das almas ali pra depois quando tiver chegando as vésperas do retorno, aí vem com todo, né, um... um discurso ali, mas que parece que não tá sendo muito bem planejado, não. Pelo menos até onde eu tenho acompanhado, né. Pode ser que eu esteja enganado. Uma parte eu acho que é isso, ainda uma incerteza muito grande, né, com relação a esse retorno, e uma... um aspecto que parece ser quase certo que a gente vai, cada vez mais, lidar, trabalhar, utilizar aí os recursos tecnológicos, né, que me parece aí que vai ser o desenho aí desse futuro próximo. (Professor B)

Bom, essa questão é fundamental mesmo, como o professor D e o C colocaram, né, desse contato, desse retorno, né, um contato, aproximação, né, essa... sentir mais esse calor humano novamente, né, que tá tão... **tá tão fria essas telas, aí, que a gente tem se comunicado**, né, então... E até, né, **esperar realmente que, né, seja logo aprovada essa vacina, que ela funcione, que a gente consiga começar a caminhar nessa vacinação em massa aí, pra que, né, 2021 aí, né, marque o fim dessa pandemia aí, que a gente, né, consiga aí até 2022 começar a retornar um pouco aquelas...** aqueles encontros, né, mais, é... **necessários aí que a gente precisa ter, né, pessoalmente, trocar ideia, de sentar num boteco, tomar uma cerveja e... sem... sem muita, né, neura. Sem achar que tá morrendo ou matando alguém.** Então, acho que isso, né, faz parte aí dessa expectativa aí de futuro, e ter, né, **retomar um pouco desse, daquele contato que a gente perdeu um pouco esse ano, né, ou precisou deixar em suspenso aí esse ano, essa humanização, aí de tudo.** E do contato, obviamente, com todo o pessoal da escola, né. Toda aquela gritaria, enfim, aquilo que era... que em algum

momento até incomodava, hoje faz uma falta tremenda... **Cê sentir aquela vida, né, pulsando ali dentro da sala, dentro da escola**, né, dar risada com os colegas, né. Enfim, tudo isso fica... né, **cria uma saudade bem, bem grande, assim, de... da sociabilidade que aquele espaço produz, né, dentro da sala de aula, nos intervalos, por aí vai.** (Professor B)

E também acho que a ideia era voltar agora, também, né, no máximo, quando eles começaram com essa fala lá atrás, né, acho que na cabeça deles a gente voltaria o quanto antes, tipo, agora em agosto, né. É, agora já pensa assim em outubro. Então olha a diferença. E aí ficou esse discurso, né. Acho que, **realmente, num tem como cê reprovar ninguém aí numa situação dessa, mas a gente não poderia ter deixado tão explícito assim** (risos). (Professor C)

**“Resistir contra nós mesmos
Vem muito mais pensamentos negativos do que positivos, talvez pelo cansaço
muitos”**
[mensagem enviada pelo *chat* do Google Meet] (Professor C)

Eu acho que é meio apavorante, assim, essa questão da volta, também, além da doença, mas essa questão dessa mudança de paradigma, né, **porque agora a gente vai ser muito cobrado, né, dessa questão do ensino híbrido, dessa questão de “Ah, do professor num ficar lá mais na lousa, num sei o que”**, de repente já mandar o texto pro aluno, daí, ixi, sei lá, de repente criar outras estratégias dentro da sala. Porém, nós que estamos lá dentro, a gente sabe que o que segura uma sala, tipo, é você fazer uma boa seleção do que cê vai passar na lousa, você ter aquele tempo ali que cê passa na lousa, o alunos dão uma extravasada mas eles copiam, depois cê vai, troca uma ideia sobre o texto, tal. A gente que as metodologias ativas, numa sala super lotada com quarenta alunos, ela tende a não dar certo, entendeu?. Cê vai fazer as ilhas lá que eles falam, meu, não cabe, é muita gente. **Cê vê assim, esses vídeos de, de ensino híbrido, num sei o que, é tudo sala pequena, meu, com vinte, vinte cinco aluno. Aí eles querem que faça isso no, numa sala com quarenta, sabe?** Tipo, eu acho que vai gerar essa confusão, e, assim, os alunos às vezes vão querer cobrar, “Professor, não vou copiar, não, por que não passa um vídeo?”, num sei o que. Eu tô meio preocupado com isso também, sabe? Tipo, porque, **por mais que eles estejam, assim, sei lá, eu acho que também a gente não deu esse passo, assim que todo tá falando que deu, entendeu? Por conta dessa estrutura. Enquanto as salas foram superlotadas, meu, esquece esse negócio de... de sala de ensino híbrido, num vai, isso aí é outra realidade.** (Professor C)

É, então a citação é o Marcelino citando o Paulo Freire no livro Pedagogia da Animação, página 113. **“O educador não pode cansar de viver a alegria do educando. No momento em que ele já não se alegra, não se**

arrepia diante de uma alegria, da alegria da descoberta, é que ele já está ameaçado de burocratizar a mente”. É muito fera e muito, assim, atual, né? (Professor C)

Ó, no mundo dos sonhos a gente pensa que essa pandemia, é... teve todo esse impacto, infelizmente, negativo, né, mas... que, **se as autoridades colocassem, né, prestassem atenção e oferecessem condições iguais, né, pra todos, porque a pandemia escancarou a desigualdade social e se todo mundo tivesse acesso às tecnologias e nós também bem mais preparados, né, penso que seria o ideal aí pro nosso futuro. Mas a gente sabe que não é esse o interesse, o interesse é sucatear cada vez mais e, enfim, então a perspectiva pro futuro não é boa**, assim, se a gente for parar pra estudar e ver o que tá acontecendo em, é, em torno da Educação. **A gente espera que tenha uma reviravolta e não aconteça**, né, o que aconteceu nos Estados Unidos, né, com o sucateamento das escolas públicas, né, enfim, terceirização e tudo o mais. **Mas o cenário, infelizmente, caminha pra isso, né. Mas, num cenário ideal, poxa, já pensou que legal os alunos todos com computador em casa? Tendo acesso à Internet, e dominando essas ferramentas de e-mail, de e-mail institucional**, enfim. Ia facilitar a vida de todo mundo, né. (Professor C)

É, eu acho que **o segredo é a gente buscar nosso desenvolvimento mesmo, né, tipo, profissional e pessoal, né, pra que, de repente, se for extinto mesmo nós tenhamos uma outra possibilidade** aí, né, de, pra... de trabalho, tudo mais, né. Gosto muito da questão do lazer, que eu também tô trabalhando no meu mestrado e, no projeto, e trabalha justamente isso, né, tipo, trabalhar o lazer como forma de desenvolvimento pessoal, né, e social, pra você romper com a realidade e tudo o mais. Então acho que é a gente aproveitar o nosso tempo, que nós temos, e **tentar investir nessa parte, é... da formação pessoal mesmo**, através de cursos e formações e até mesmo dos interesses do lazer. De repente a gente descobre um outro talento, numa outra área que nós nem imaginávamos, então, né. Tem que, se não como uma maneira de já pensar numa outra profissão, mas como uma maneira de explorar mesmo, com os conteúdos do lazer, né. (Professor D)

É, eu acho que até no último encontro a gente, você pediu pra fazer esse exercício, né, e o duro, assim, a gente para pra pensar, **pelo menos eu, assim, não consigo me ver fora da Educação, sabe, tipo?** Mas... **mas talvez eu me veja, assim, de repente tendo que adaptar esse novo momento**, sabe? Tipo, essa questão do híbrido e tudo o mais, sabe? Eu acho que isso é uma coisa que, infelizmente, tá vindo pra ficar, então, é, **eu acho que a ideia pro futuro é... é dominar cada vez mais essas ferramentas, por mais que eu saiba que isso seja uma coisa do mercado, pra acabar com a educação pública, e tudo o mais, porém vai ser a nossa realidade, né. Se a gente não se adequar, de repente, tá fora, né, então...** Eu acho

que, pensando na pandemia, eu acho que é isso, é tentar melhorar essas, essas ferramentas e tals pra aproximar do aluno, né. **Porque já se cogita também começar 2021 nesse formato, né, se nada der certo com as vacinas, e tudo o mais. Então eu acho que a gente vai ter que, talvez fazer um trabalho, assim, pra que tenha uma aproximação maior que teve esse ano, né.** (Professor D)

Eu vim estudando bastante a questão do papel da Educação, né, eu acho que o que fica mais forte, assim, é essa questão da **humanização**, né. E, assim, eu fico bem preocupado com isso, né, porque é muito tempo, né, sem esse contato, então eu acho que a grande preocupação agora é, **como que a gente vai voltar, né, nessa questão humana?** Então, isso tanto pra gente, quanto pros alunos, né. E eu acho que essa **é a grande pegada, assim, da Educação, é isso, né, a questão da humanização aí que eu acho que vai ser o grande trabalho nosso**, né. Como o J falou aí, **ali na escola tem a troca, né, de... essa sinergia** que tem, e pra gente fez muita falta isso, principalmente... assim, acho que todos os professores sentem isso, né, e, **pra minha área ainda que é sinestésica, né, então acho que acaba sentindo ainda mais, né, a questão de não ter essa relação ali, né, que a gente tem na quadra, tals.** Isso ficou... a Educação Física ficou ainda mais prejudicada ainda, né, tipo, em relação a outras disciplinas. (Professor D)

“Resistência é a palavra de ordem

Em todos os sentidos

Um dia após o outro

Bastante sentidos, emocionalmente

com as coisas que acontecem no cotidiano e no mundo

A política brasileira dispensa comentários”.

[mensagens enviadas pelo chat do Google Meet] (Professor D)

Indo sem perder a cabeça, sem despirocar, porque, é, a gente sabe que tá tudo indefinido, né, a questão da vida dos alunos, por exemplo, a questão de notas, a questão de... de faltas, a questão de... Então, é... **eu me sinto impotente até, às vezes**, sem querer... eu não vou abraçar o mundo e também não tenho essa pretensão mesmo, né, mas, enfim, é, vou indo e esperando, aguardando ver o que que vai dar aí, chegar nessa reta final, existe a previsão de voltar agora em outubro, parcialmente, então é tenta assimilar tudo isso, né, porque é o que todo mundo já tá cansado de saber, né, **é um ano atípico, um ano diferente, então se a gente pudesse encerrar já em outubro pra acabar e começar de novo, né, mas não tem jeito, né, então, tem que esperar aí e aguardar, ter paciência também, ter um pouco de serenidade, né?** Pra num... (Professor D)

Então, é, eu acho que 2020, como eu já falei, né, se pudesse ser apagado, assim... Mas não pode. Então, é... **eu tenho esse sentimento, assim, de que ano que vem, próximo ano, tipo, vai, a gente vai ter que, se a gente acha**

que já tá trabalhando, assim, bastante, vamo ter que trabalhar mais ainda, tal. Fico imaginando, assim, retomar muita coisa. (Professor D)

E também a gente não sabe, né, porque os alunos vão passar, os alunos do terceiro colegial, por exemplo, o que vai acontecer com eles, né? Se formar, tal, ano que vem vai ter o quarto ano, num vai. Enfim, é esse... é essa coisa bem... tem uma, como eu posso dizer, assim? **Não tem uma certeza, né? Não tem uma certeza de nada.** (Professor D)

É, eu já perdi a ilusão que o professor poderia ser um super-herói que ia salvar o mundo faz tempo. Mas, é... a gente pensa, né, nessa coisa de... de dias melhores, né? Eu acho que a maioria, todos os professores têm essa coisa, né, esse otimismo, essa... essa perspectiva de que as coisas vão melhorar e a gente tá aí no dia-a-dia, né, com todas as dificuldades, com todas as intempéries, né, tamo aí lutando [...] [o microfone do professor ficou mudo por um tempo]. Tá caindo, não sei se é minha Internet ou o que que é. **Mas, enfim, é... a gente tem que, né, que ter alguma, algum fio de esperança, né e tentar enxergar alguma luz no fim do túnel, né, como se diz no ditado popular, porque tem que se agarrar a alguma coisa, acreditar em alguma coisa, né. É... eu acho que pra gente que é das Ciências Humanas, assim, é um... tem muito essa coisa de entender o ser humano ali, o aluno, né, as relações humanas, né, a sociedade humana, e tentar ajudar o mínimo que for possível aí, né, contribuir o mínimo que for possível pra, é, tentar transformar um pouco pra melhor, a sociedade como um todo, o planeta, né. Principalmente na hora de votar, né, se a gente for ver bem aí esses dias atuais aí** [risos]. (Professor D)

É, eu também não vejo com bons olhos, não, aí, o futuro próximo aí, por tudo que a gente tá vendo, né. Essa coisa do, é... **da destruição mesmo de quase todas as áreas, né, não só da Educação.** [...] Mas é claro que existe essa tendência, né, de... se não ficar à distância, né, logicamente, pelo menos se tornar híbrido, né. Ter essa mescla aí de aula presencial e à distância. Mas é, como eu falei, não vejo com bons olhos, não, aí, é, esse sentido docente aí, né. Essa coisa que remonta ao século XIX, né, quadro negro, sala de aula enfileirada ali, as carteiras enfileiradas, tal, professor lá na frente. **Então é, eu não vejo, não tenho uma perspectiva boa. Não por hora, pelo menos.** (Professor D)

[...] Mas... mas quem sabe isso um dia mude, né, a partir do momento em que, é... tipo, ocorrer mais... mais investimento mesmo, né, essa coisa de se tornar uma cultura mesmo, né, uma pátria de livros, tal, educação. **Se a gente quer atingir o desenvolvimento como nação, é preciso ter um povo educado, né.** Então, talvez isso um dia faça mais sentido, né, pra poucos. (Professor D)

Então eu acho que essa... essa condição nos causa ainda mais ansiedade, mais angústia, assim, nesse sentido, né. E, é, pensar no futuro, assim, é, já é um pouco já, né, é, essa coisa... pelo menos pra mim, assim, já é um pouco, que me deixa muito ansioso. E... e me referindo às ferramentas tecnológicas, é uma coisa que ainda me dá mais pavor ainda, né, pelo meu analfabetismo mesmo tecnológico. Eu sei que a gente, é, ainda tem a possibilidade de ter alguns cursos, tal, aí, né, é... ter uma... um aprofundamento aí, nas ferramentas tecnológicas, né, aprender um pouco mais sobre isso, é, mas ao mesmo tempo eu também sei que tem a questão dos alunos, né, até que ponto também os alunos tão preparados pra lidar com... com a tecnologias? Continuar... A gente, é, não cansa de dizer, né, a... o abismo social que a gente percebeu agora, né, com a pandemia, principalmente na Educação, então é uma coisa que, é, sinceramente prefiro até não ficar muito pensando, assim, mas eu sei que num tem como fugir, né, da nossa realidade. Porém, ainda, pra mim ainda tem mais um agravante, né, no caso do... do professor C e B ainda são efetivos, né, ainda tem ali uma certa estabilidade. A minha ainda tenho mais uma, por eu ser temporário, ainda tem mais essa angústia, de ter mais incerteza em cima de incerteza, então, por isso que eu tento não ficar muito, é... porque senão, é... pode ser que... a gente acabe ficando meio mal com isso, assim. Então, apesar de eu ter essa noção, né, dos desafios, dos novos desafios aí, principalmente com relação à tecnologia, é, existem outras angústias, né, mais profundas talvez, até. (Professor D)

Agora, é, a gente sabe que é uma coisa que veio pra ficar, né. Tem que ver aí que não vai ter como fugir disso, então é tentar se aprimorar também nisso, né, pensar por esse lado aí, apesar que tem hora que eu tenho vontade de montar uma barraquinha de coco na praia, né, mas [risos]... Mas eu sei que a minha função é essa ainda, como o professor C disse lá no começo, também não me vejo fora da área da Educação e eu sei que a gente tem que, né, a gente como professor, sempre tem que tá buscando aí mais conhecimento, seja onde for, né. (Professor D)

Ah, eu só espero que a gente sobreviva, né, eu particularmente não conheço ninguém, assim, que tenha sido acometido pelo Covid, tal, tenho nenhum parente também, e eu espero, assim, que as colegas, os professores, né, a Educação, né, em geral, assim, todos os profissionais, sobrevivam, né, e que a gente possa voltar, né, voltar a ter esse contato entre nós professores, né, as reuniões, os simples intervalos das aulas, ter esse contato com os alunos, as crianças, os adolescentes passam muita energia pra gente, assim como consomem também, né, mas, é... Faz a gente se sentir vivo, se sentir útil, se sentir produtivo. Eu espero que a gente consiga, assim, ter essa... essa relação mesmo emocional, né, das pessoas, né. Como eu gosto de usar, a sociedade humana, né, a gente poder de novo cumprimentar com a mão, dar um abraço, um

beijo, um, né... coisa simples mesmo, né. Eu falo isso até mesmo porque eu sofri bastante, né, nos últimos dias, nos últimos tempos aí, pelo contato com meu filho, assim, né. Essa questão da proibição de vê-lo, de trazer na minha casa, de visitar a vó, de ver de fora do portão, assim, foi uma coisa que pegou bastante, assim. Apesar de eu ter conseguido saber lidar, até certo ponto eu acho, então eu espero que todos nós consigamos, né, sair aí ilesos em todos os sentidos, não só... não só pela questão do vírus, mas mentalmente também, né, emocionalmente também. (Professor D)

O mais difícil é você, é... às vezes ir atrás de material concreto, isso e aquilo, porque às vezes você precisava de terceiros, né, e... Mas os alunos foram bem, tal, fizeram, né. Mas às vezes eles questionavam, assim, “Ai, professora, último ano, não tem necessidade disso”, sabe? Mas aí você vem com... com aquela, não é **uma matéria nova e foi colocada e vai dar nota igual às outras**. Mas foi um desafio, tá sendo um desafio bem grande, porque, assim, é o outro ano eu dava Sociologia, né, então você tem um cronograma, você tem um caderninho, todo certinho, que você estuda ele e você faz, você não tem que correr atrás do que que você vai dar, como você vai dar. Essa [disciplina de Eletivas] não, essa é você. (Professora A)

Não, continua a mesma coisa [o sentido que ela dá para a profissão docente durante a pandemia]. Eu acho que, assim, **em matérias de apoio, de... de aula, até, foi até melhor**. Eu só tenho mais dificuldade em relação aos alunos tarem me mandando alguma coisa. (Professora A)

[...] porque cheguei, igual o professor B falou, **não sabia nem preencher uma caderneta, caí de paraquedas numa sala de aula**, falei, “E agora?”, né? **Outra realidade, outro mundo, é... alunos totalmente diferentes daquela... do mundo que eu presenciei**, né, e que a escola, quando veio a minha pós, ela faz uma preparação pra você que não é nada com uma sala de aula. É lindo, maravilhoso na faculdade, mas na hora que a gente cai lá na sala de aula a gente fala, “Nossa, eu não sei nada”. E foi isso que... eu tive que, lá em 2018, quando eu entrei pro estado, que eu comecei a aprender, porque foi igual o professor B falou, a gente acha que a gente sabe tudo, que a gente vai chegar lá e eles vão ficar mudinho e... e que você vai fazer aquilo, você chega lá, você não sabe nada, e você tem que aprender com eles e falar a língua deles, porque senão você não consegue dar aula, né. Muitas vezes saí da sala de aula, depois entrava na sala dos professor, começava a chorar de nervoso, porque eu não ter conseguido desenvolver meu trabalho, mas fui aprendendo. Quer dizer, estou aprendendo hoje ainda. (Professora A)

Entendimento do que é o fazer docente

Então, no contexto que a gente tinha a reunião de pais, aí a gente conseguia, né, falar de um modo geral, né, da sala, do contexto da sala, da escola, das atividades que faziam na escola. Tinha, né, uma... uma ação que a coordenação fazia que era fazer uma *premiaçãozinha* dos alunos que se destacavam durante o bimestre, então os pais iam pra receber certificado com... com a aluna ou com o aluno. E agora, né, essas... essas ações assim elas ficaram um pouco mais, a minha, **minha impressão é que ficaram um pouco mais distantes, então...** No caso do sexto ano que eu tenho uma sala, os pais quando entram em contato é especificamente pra perguntar se o filho enviou a atividade, ou qual atividade que ele precisa fazer e ponto. E aí, no contexto de quando a gente tinha o contato na sala, né, das reuniões, você podia, né, falar do comportamento, você observava o aluno, qual que era o comportamento dele na sala, né, se ele era participativo, se ele era disperso. Agora, né, esses assuntos você não consegue mais, pelo menos eu num... não entro, assim, não vejo como conversar. Então fica uma coisa bem pontual, assim, “Ah, né, minha filha entregou a atividade?” ou “O que que tá faltando pra ela?”, “O que que tem que fazer”, “Ah, é tal, tal”, ponto. Então, me parece que ficou mais, é... pontual, assim, esse contato. (Professor B)

[...] acho que esses seis meses parece que têm sido tão... **pesado, tão intensos**, assim, que tem afetado bastante mesmo, tem desgastado bastante. E eu, assim, quando imaginei a situação, né, nossa, vamos ter que, vai ficar um tempo isolados, tal, não tinha essa percepção de como seria, de como ia ser. Não tinha essa... essa ideia, né, que esse **estranhamento** que causou e de como essa mudança de rotina ela foi tão sentida, assim, tão pesada. Talvez porque a gente tava tão imerso naquela outra forma de... de se organizar e de ver que quando aquilo teve que ser suspenso por um tempo a coisa ficou meio sem... parece que **sem chão, sem rumo**. (Professor B)

Mas também não consegui ainda, não tenho pique pra preencher caderneta agora, não. Não sei, **é estranho**. Nossa... É uma coisa... Parece... Vai um pouco nesse sentido do que o professor C falou, né, de dificuldade, assim, que a gente tinha, antes da pandemia. Agora, **na sala cê sempre tem aquele grupo que te ignora, né, que não faz atividades, enfim. E agora parece que, se sente que todo mundo quase tá te ignorando**, né. Cê até... até aqueles bons alunos tão abandonando o barco, você não tem uma devolutiva, né... de nenhuma espécie, né, praticamente, nem satisfatória. E aí fica muito, assim, parece que cê não tá realizando de fato um trabalho, né, **cê tá ali, meio que, maquiando uma situação**. (Professor B)

Né, então, a gente vai meio que acumulando coisas ali e faz o que parece que o tempo, né, tá voando. Cê acorda, quanto cê olha já é cinco horas da

tarde já e cê vê, poxa, mais um dia se foi e eu... sei lá que que... Então, sei lá, **fico um período, assim, meio que parece que em suspenso. Sinto meio que vagando, assim, não tem muita, cê perde um pouco a referência, né, ou perde a identidade, como o professor C já colocou.** (Professor B)

Basicamente isso. É a **sobrecarga de atividades, assim, que não tem relevância pedagógica nenhuma**, acredito eu que... Esse monte de ATPC que a gente tem que fazer, de acompanhar *chat*, Centro de Mídias e **coisas afins que não tem muito impacto, né, no que deveria ser o nosso trabalho ali**, enfim. (Professor B)

[...] essa atuação em sala de aula ela é... é aprendizado constante, né. Cada sala que cê pega, cada turma é uma turma diferente, é um grupo diferente, são pessoas ali que, né, vão exigir de você um... uma resposta ali, mais, é, adequada, enfim. Esses anos aí que eu já tenho, que eu tenho estado na sala de aula, todo ano, toda turma é uma novidade, é uma surpresa que exige de você uma, né, uma atenção, ali, pra você se... se preparar, né, pra eles. Então isso é... **isso eu acho muito bacana da profissão, que não deixa... cê não pode ser acomodar nunca.** Bom, há casos e casos, mas enfim [risos]. É... **se você for levar de fato, né, você sempre tem que tá se renovando, todo ano, toda turma, né, é um aprendizado constante.** (Professor B)

E **também a questão até mesmo de realização pessoal**, né, tipo, que **acaba abalando um pouco.** Meio que **perde um pouco aquela identidade nossa**, né, que nem, pelo menos no meu caso que é, tipo, a gente gosta de ir pra quadra e tudo o mais, né, então... a **minha disciplina sofreu** mais ainda, por conta disso. (Professor C)

Então **é um trabalho dobrado**, ao mesmo tempo que eu gravo vídeos, eu também tenho que transportar esses vídeos pra linguagem escrita, então isso demanda um tempo grande assim, é... então, aí os dias vão passando nisso, sabe, tipo, dando devolutiva pra aluno... No município eu tentei o máximo explorar a questão das práticas, das brincadeiras em casa, com a família, e o retorno tá sendo até positivo. **No estado já não... num... num tive esse retorno assim de prática**, sabe? Tipo, **o dia que eu pedi um desafio prático ninguém aderiu**, foi **meio desanimador** assim. Então no estado tá sendo um **ensino mais tecnicista** mesmo, né, texto, interpretação de texto e receber exercício no Formulário [*Google Forms*], basicamente em cima disso. (Professor C)

Ah, eu, eu num sei, viu? Da onde vem esse desânimo deles [dos estudantes]. Se é a questão da falta de estrutura mesmo, porque a maioria tá acessando pelo celular, né, e é horrível, né, cê fazer isso pelo celular. Tipo, eu acho que gera tudo... E também o próprio discurso, porque eu acho que se ficou, né, no começo, né, que “Ah, não, tudo bem, depois o aluno não vai reprovar, num sei o quê”. **Acabou que sendo um tiro no pé, sabe, essa... essa coisa**

de num querer prejudicar ninguém, é, querendo ou não saiu pela culatra, sabe? **Isso é uma fala geral dos professores, porque daí perdeu um pouco o sentido, né.** Então o aluno pensa, ó, “Num vou fazer nada que depois eu consigo me recuperar”, né? (Professor C)

É esquisito. Às vezes tem... tem semana que fico a semana toda, né, tipo, sem... sem sair mesmo, só... E aí, às vezes vai lá no domingo, lá na... na minha mãe, tal, ou na minha sogra, o próprio na rua, assim, dá a impressão de que cê tá em outro... Perde... **Dá a impressão de que cê tá perdendo um pouco a identidade**, assim, tem hora, sabe? **Porque, ironicamente, é... eu perdi minha identidade, assim, né? Tá tendo mais tempo pra estudar, tal, mas só que o mestrado talvez tá me afastando da minha prática, assim, tipo, eu não tô tendo tanto tempo pra me dedicar ao... a esse modelo de ensino que precisaria de mais dedicação, no caso.** (Professor C)

É, eu acho que pela minha matéria, pela minha disciplina ser constituída na prática, né, tipo... ter a parte prática assim, pra mim ela... essa pandemia ela abala, assim, bastante por conta disso, né. **De repente, é... cê vê que cê não tá conseguindo atingir, né. Fazer aquilo que era pra ser feito, tal. Os alunos vivenciarem as práticas corporais, enfim. E aí, meio que entra nessa mesmo, de, de repente, é, cê não vê sentido, né, no... no que cê tá fazendo, né.** Então a pandemia trouxe... Mas, com relação a exacerbar alguma coisa de antes, tipo, acho que mais essa questão de organização, né, que sempre... era uma coisa, **no presencial, é, eu gostava de deixar em ordem, sabe? Mas era uma coisa que sugava bastante, sabe? Caderneta, essas coisas, não poder errar lá na caderneta, tal, e a pandemia ela veio e aí, de repente, cê meio que perde sentido nisso. Minhas cadernetas elas tão tudo... tipo, do estado, tá tudo atrasado, tudo... coisa que não ficava no presencial, sabe? Então... Até vou tentar sexta-feira pegar e dar um jeito, assim, dar uma arrumada, sabe? Passar os conteúdos, tal. Porque **o próprio sistema ele foi... foi levando a isso, sabe?** Essa coisa da aula vir pronta, lá do Centro de Mídia, tal. **A gente meio que perdeu o protagonismo**, assim, a gente... E aí acabou influenciando nisso. (Professor C)**

[...] tipo assim, se o... se o Estado não tivesse, é, **entrado tanto nesse meio, entendeu, de quando e como o professor ensinar, eu acho que as escolas poderiam ter tido mais autonomia, entendeu?** De repente a gente, no momento organizar um momento nosso lá, sabe, tipo, é... uma *live* com os alunos ou, sei lá, sabe? **Mas o negócio ficou tão pesado, né, tanta, tanto ATPC, tanta aula pra acompanhar no Centro de Mídias que faltou [não entendi a palavra que ele usou, talvez tenha sido “verba”]. Não tem como cê querer fazer nada diferenciado.** (Professor C)

É, eu acho, que nem, o meu gatilho é quando vou tentar fazer alguma coisa relacionado a isso, que nem, às vezes montar um formulário, é... postar lá a

tarefa no *Classroom*, enfim, fazer a seleção do conteúdo ali e o negócio não flui, entendeu? Às vezes tem dia que, meu, eu paro e penso, “**Cara eu fiquei a manhã inteira pra postar duas tarefas, uma pro terceiro ano e outra pro segundo**”. Isso me deixa muito pistola, sabe, tipo. E... É isso, acho que **quando não dá conta dessa demanda aí, aí dá a sensação de burro, assim, sabe? Tipo, é uma coisa muito ruim, sabe? Tipo, que dá um sentimento horrível, sabe?** Tipo, porque é uma coisa que cê sabe fazer, entendeu, tipo, mas eu acho que por conta dessa pressão de ser tanta coisa misturada, cê não dá conta, entendeu? (Professor C)

“O que percebo nos últimos dias é **um certo relaxamento dos alunos e até mesmo dos pais por conta da dúvida que existe, de como ficará esse ano, os alunos, mais ou menos sabem que não serão reprovados** não existe muita motivação para estudar, se é que posso falar assim” [mensagens enviadas pelo *chat* do *Google Meet*] (Professor D)

Mas, assim, o que eu tô querendo dizer, na verdade, é que... é... se tivesse na sala de aula as coisas, é, por mais que sejam complicadas, assim, né, no dia-a-dia ali, às vezes, não é sempre também, né, é... Eu... a... **já tô sentindo muita falta, assim, da sala de aula**, até mesmo pelo tempo, né, qualquer professor deve tá aí com essa sensação de, né, de... tá fora da sala da aula e **você no computador e... tá indo pra onde, fazer o quê?** E às vezes fico meio nessa, assim, sabe? (Professor D)

E a **cobrança que hoje nós tamos tendo ela é muito grande**, do que a gente tinha no presencial hoje, como a parte virtual, **que o nosso governador quer que coloque os alunos dentro da sala de aula independente de como esteja a situação de cada cidade, é, ele faz com que, é, a cobrança seja muito maior, que exija muito mais coisas, coisas que são desnecessárias**, porque **em nenhum momento ele chegou perguntando, ó, “Como que vocês tão?”**, “Como que tá sendo? Tá sendo fácil? Os alunos tão...?”, não, cada dia cobra mais, cobra mais, só a cobrança. (Professora A)

Ah, então, a minha impressão é que também afastou um pouco mais, é, alguns pais da escola, né. Tem alguns grupos, né, de alunos, que têm pais nos grupos, principalmente do sexto ano, tem os pais que entram em contato, a gente pergunta se o filho tá fazendo atividade ou não, mas, pras outras séries, pros nonos [anos], **Ensino Médio já não tem essa, não tem essa... esse contato, né, com os pais. O que eventualmente na... no período normal, né, você tinha as reuniões, ainda que você conseguia ter um contato pessoal, falar com algum desses pais que ia lá, perguntava do filho ou, né, que a escola podia chamar o pai pra...**

(Des)amparo e
(des)valorização
profissional

conversar no caso, né, de alguma necessidade. Agora fica, a minha impressão é que fica também mais afastado. (Professor B)

Particularmente não tenho conversado com ninguém [sobre a temática do adoecimento físico e mental]. (Professor B)

É, no... no município eu senti que, assim, foi... teve uma certa aproximação pelo formato que foi adotado, né, a questão, dá... numa plataforma, que aí os pais precisam ajudar as crianças, e eles dão as devolutivas, então isso ajudou a aproximar um pouco mais. E também eu entrei em todos os grupos, também, do *WhatsApp*, então se eles têm dúvida eles enviam lá no privado [*chat* pessoal do professor, via *WhatsApp*], é uma coisa que no presencial geralmente eles não teriam acesso, né, o número de telefone. Então teve esse outro lado, né. É... e isso no município. **No estado tá terrível, tipo... por eu ter oitavos anos e Ensino Médio, então não tem muito esse intermédio dos pais mais, né. Então é onde tá bem distante assim, eu acho. Eu tento todos os jeitos lá, a comunicação, tal, mas, é bem... bem precária assim.** (Professor C)

Bom, eu acho que não, **ninguém tá se preocupando muito com a nossa saúde, não. Assim, é uma coisa bem superficial, né?** Tipo assim, no começo de uma reunião pergunta “ah, galera, tá tudo bem?”, mas quem que vai querer abrir a boca lá pra falar, né? Tipo... Não... **Porque daí já sabe que vai demorar mais ainda o ATPC pra acabar,** enfim. (Professor C)

No... no município a minha diretora ela faz alguns movimentos interessantes, assim, sabe? Fazer uns... umas mensagem, assim, de apoio, tudo o mais, tal. **Mas a gente sente que o professores tão cada vez mais desconectados,** assim, né, mais, pelo menos, eu assim... Que nem, no município eu tinha, sempre tinha uma relação bem próxima, né, com as professoras da sala, a gente tinha o HE [Horário de Estudo], tal, e... e **vai** cansando. Daí se tem que ficar, tipo, às vezes manda mensagem, assim, pra falar de tal aluno, às vezes elas também têm a demanda delas, sabe, tipo... é... Porque no município, que nem, eu tô nos grupos lá mas eu não sei o... a... quem é mãe de quem, né, entendeu? Porque eu entrei por *link*, né, então cê não tem os número anotado. (Professor C)

Mas no município eu vejo que, assim, pelo menos a minha diretora também agora ela ficou sem a coordenadora, que adoeceu, e sem a vice dela, que saiu. Então ela tem feito, assim, meu, tipo, parou um pouco o tecnicismo lá dos HEs e ela abre mão, fala, “Ó, cêis, nesse momento, procura uma live legal pra vocês, que tem a ver com saúde ou com a educação mesmo”, dá esse tempo pra gente, sabe? Não fica fazendo a gente cumprir lá o horário, é, pra... apenas pra constar, né. Acho que, eu achei um movimento interessante dela, nesse sentido. E até mesmo nos HEs anteriores, ela tinha bastante preocupação com a nossa saúde, assim. Mas as coisas, assim é sempre mais... o **município ele é sempre**

mais humano, assim, eu vejo, né, do que o estado, né. Por conta da estrutura mesmo, né, de... de escola e tudo o mais, né. Muda muito, né. (Professor C)

É, mas não existe uma política, né, de cuidado da saúde do profissional. Não só o professor, né, do... mas de toda a comunidade escolar mesmo, né, os próprios alunos, né. Existe uma promessa, um projeto de lei aí, tal, que toda escola deveria ter um psicólogo, né, um assistente social, uma coisa assim, mas nunca vi [riso]. (Professor D)

Tampouco um *personal* [trainee] ali, né, pra fazer o professor ali, de repente fazer um... uma atividade ali, tals, uma coisa, né, enfim. Mas é isso, né. O Estado, ele é... é, tem essa precariedade aí, né, falta essa, até uma certa sensibilidade, né, com relação à... às pessoas humanas que estão dentro da escola. (Professor D)

É, é o, apenas aqui que eu consigo falar sobre o... essas questões minhas do... não sei se posso dizer alcoolismo, né, mas... Alcoolismo, né... E cigarro também. Mas, enfim, não falo com ninguém, não. Às vezes isso passa pela minha cabeça até, mas é uma coisa minha, assim, que eu também vou lev... empurrando com a barriga aí, né. A gente sabe que talvez precise, né, conversar mais, falar mais, tenho essa noção, mas eu, às vezes falta a... a predisposição, a disposição de tá falando, se abrindo, né. (Professor D)

E até tem um... uma coordenadora de uma escola em Palmital e eu percebo isso, né. Uma certa... querendo colocar uma coisa que não existe, tipo, uma pressãozinha, assim, olha, é, “Pega isso, senão vai ficar com falta”. Na onde tá falando que se eu não entregar um roteiro de estudo cê vai ficar com falta, sabe? Umas coisas absurdas, assim. Mas também nem entra em questão, porque é só escutar por um ouvido e soltar pelo outro. (Professor D)

É, eu até tava pensando aqui, né, agora que, tipo, eu achei, bem, assim, legal os encontros, achei que depois deu pra refletir bastante, porque acho que esse próprio exercício de falar, de se comunicar, de às vezes desabafar mesmo com algumas frustrações, decepções, algumas coisas da vida mesmo, às vezes coisa simples, né, da nossa vida, é... né, como eu havia comentado que eu tinha passado a beber muito mais depois que, né, a pandemia começou, e isso me fez refletir um pouco mais, né, algumas, é... direcionamentos, né, das perguntas também com relação à saúde, alimentação, eu passei a pensar bastante na hora de comer, enfim... achei que foi muito produtivo, bastante produtivo, acho que acrescentou bastante, assim, os encontros, e, pra mim ainda mais, né, como eu falei, que nos últimos tempos, agora já voltou um pessoal da casa aqui, tal, já tenho algumas companhias, apesar de num ver o dia inteiro, mas no início tinha essa questão ainda da solidão mesmo, assim, de só ter as paredes pra conversar [risinho]. Dá um de louco e conversar

com as paredes. **Então é, eu achei bastante legal, assim. Eu saí, assim, às vezes até um pouco mais aliviado, assim, de poder me expressar um pouco, né, como eu falei algumas, algumas ansiedades mesmo, né, com relação à minha vida e a tudo que tá acontecendo, né, nesse momento cabuloso.** (Professor D)

Mas a gente, **com esse distanciamento, eu acho que, é... ficou aquele elo que a gente tem como professor, um com o outro, a gente conversava, a gente troca experiências, a gente colocar nossos problemas. É, isso ficou muito afastado.** (Professora A)

E aí parece que enquanto categoria isso, né, contribui com aquilo que o professor C falou, né, **vai desagregando um pouco, né, a gente perde o contato com os colegas, com os companheiros da... da escola, de outras escolas, e desune um pouco, né, o... em termos de grupo, em termos de coletivo.** (Professor B)

Participando eu não tô. A gente ouve algum comentário, algum grupo, algum colega posta alguma coisa nos grupos, né, de alguma reunião que tá tendo, de alguma ação que a APEOESP [Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo], né, vai fazer ou pretende fazer, mas, é, são notícias, assim, pontuais, que circulam, mas não tem envolvimento, não tenho tido um contato mais próximo, não. (Professor B)

Não sei, pensando, é, **talvez nesse impacto coletivo, talvez eu acho que, meio que, desuniu, assim, né, tipo, a gente fica muito, é... longe, meio que num tem mais aquele contato, né, que tinha no presencial, né, então acho que impactou nessa parte, assim, é, porque a gente não tá conseguindo saber, assim, direito, o que tá acontecendo na vida dos outros professores, né, e isso é muito ruim, né, acabou favorecendo aí várias coisas pra desunir ainda mais a classe, eu acho. Eu penso que nesse momento a gente tá mais fragilizado nesse ponto, né, desunião, é... Tipo, se precisar fazer qualquer tipo de mobilização acho que tá, tá pior assim, nesse formato que nós estamos, né.** (Professor C)

É, eu também, a atividade aí de militância, também não... [não consegui entender direito o que ele disse, pois seu áudio ficou baixo e travou]. (Professor D)

Relação com outros docentes na pandemia

É, eu percebi que mudou um pouco a... um pouco não, mudou bastante a rotina, né, agora de ficar mais tempo em casa. Antes eu tinha a rotina de sair

Desafios da quarentena

de casa, né, toda manhã, aí voltava só depois do almoço. Agora, né, passo o dia todo em casa e... Enfim, isso pra mim foi, tá sendo ainda diferente. É que agora eu já acostumei um pouco com essa nova rotina, né. Antes eu tinha horário era eu acordava 5 horas da manhã pra... pra ir pra escola, agora eu posso acordar mais tarde. Enfim... eu acho que... é, do que eu tenho percebido um pouco eu acho que agora que eu tô começando a acostumar ainda. Eu estranhei bastante no... no princípio. Na verdade, **eu ficava bastante inquieto, né, queria sair de casa de todo jeito** (risos), mas num... é, **ficava, né... caçando alguma coisa pra fazer pra poder me prender aqui, aqui dentro**. Não ficar tanto pensando em sair pra... pra rua. [...] porque senão toda hora ficava querendo arrumar uma desculpa: “Ah, precisa ir no mercado”, “Precisa fazer tal coisa”, “Precisa fazer tal coisa”, mas não precisava, na verdade, era só pra sair [risos]. (Professor B)

É... eu acho que, no meu caso, mudou um pouco, sim. Agora acho que mais afastou do que aproximou [das pessoas que moram com ele], né... Meio... meio estranho, assim [...] **É... Eu acho que já fico querendo... esperando.... precisando dum momento sozinho. Um momento fora... fora de casa.** (Professor B)

Bom, por um lado cozinhei bastante, continuo cozinhando bastante, engordando. Mimando bastante o gatinho (risos). (Professor B)

[...] eu percebo que eu fiquei bem ranzinza. Eu fiquei... Né, me sinto ainda, meio incomodado. Com a situação, assim. (Professor B)

E é uma coisa de louco porque agora que cê fica o dia todo em casa parece que o tempo não rende, né. Eu achava “Nossa, vou ficar em casa vou conseguir fazer um monte de coisa”, né, vou desafogar aquilo que tava atrasado. E aí **parece que, né, eu acordo, dali a pouco já tô dando a hora de dormir de novo e o dia passou e eu num... num fiz um terço do que eu... eu havia planejado. Parece que o tempo tem passado mais rápido**, aí. E é interessante, porque cê fica o dia todo em casa, fala “Pô, agora eu consigo fazer um monte de coisa”, e não consigo (riso nervoso). (Professor B)

Misturou tudo, né? A questão do trabalho, com a casa, com... E aí tem... **tem aluno mandando mensagem qualquer hora do dia, da noite. Cê não desliga, cê não separa mais**, né, um pouco nessa relação. (Professor B)

É, os amigos a gente conversa, né, pelo.... pelo *WhatsApp* mesmo, manda mensagem. **Agora a família, que é minha mãe e minha vó, elas não... não usam tecnologias, né, elas não... Elas é o telefone fixo ainda, nem celular, então a única forma de contato é ligando...** ligando, falando pelo telefone mesmo e não... a última vez que fui pra lá foi fevereiro, né. Fui ainda lá no Carnaval, antes do... do isolamento. E, né, em condições normais eu ia uma vez por mês, a cada... cada dois meses eu ia lá visitá-las, né. (Professor B)

Interessante, que se resistir contra nós mesmo, então é porque é... ó, além de toda questão muitos, né, política aí do Brasil é que é deprimente mesmo, né. Uma coisa que eu tenho feito é tentado até limitar, também, um pouco o acesso às... algumas notícias, senão às vezes, também, cê acorda com vontade de explodir o país, né, porque, puta merda. (Professor B)

Mas, tirando essa parte que é deprimente pra caramba, né, eu tenho percebido que... que às vezes eu fico tentando reproduzir aquilo que eu fazia antes nessa outra rotina agora, né. “Ah, cê tem que fazer alguma coisa, não pode ficar simplesmente em casa sem fazer nada”. Então, tem aquela, no princípio que eu ficava procurando coisa pra fazer, porque eu queria sair de casa, parece que eu tava tentando, né, reproduzir uma lógica, um modo ou uma forma de, que eu encarava antes, agora nessa nova rotina. Ou seja, tem que fazer alguma coisa, cê não pode ficar em casa simplesmente sem fazer nada. Cê tem que produzir alguma coisa, tem que fazer alguma coisa. E... às vezes eu me pego ainda pensando isso, “Porra, fiquei o dia inteiro em casa e não fiz nada”, peraí, será que cê não fez nada mesmo o dia inteiro? (Professor B)

Isso foi algo que eu senti, assim, muito, quase que imediato, essa... esse reflexo no físico, assim. Principalmente com relação ao peso, eu comecei a engordar rapidinho, assim. Engordei quase 10 kg em... sei lá, em... 40 dias, ou menos. (Professor B)

Então o começo da pandemia isso foi muito. E eu tenho alguns problemas de coluna, né. Eu tenho bico de papagaio, essas coisas. E o aumento do peso ferrou tudo, aumentou pra caramba as dores nas costas. Aí eu fui, né, fiz um mês de fisioterapia em junho, entre junho e julho, né, pra tentar amenizar um pouco, aí a recomendação era, né, fazer musculação, fazer academia e perder peso, né. Não fiz nenhuma delas, por enquanto [risos]. Né, então, essa parte foi, assim imediato. Aí eu comecei muito aquela coisa de comer. De comer e muito doce. Nossa, fiquei um mês quase que vidrado em doce, não conseguia, é... parar de pensar em comer doce. Aí agora eu tô tranquilo. Segurei a onda, segurei bastante, cortei um pouco... num parei de comer, mas diminuí bem. (Professor B)

“Melhor por chat: Eu fiquei mais chato do que o normal, alterações de humor, em momentos aproximou mais, mas em outros sinto que existe um desgaste. Acredito que em uma média prejudicou, aquela sensação de 6 anos em 6 meses”

[mensagem enviada pelo chat do Google Meet] (Professor C)

É, eu acho que nesse período, a questão física ela caiu bastante, né, que eu vinha num ritmo treinando e tudo o mais, praticando futevôlei, né, e... E aí com a pandemia tive... tivemos que parar, tal, e aí eu fui entrar numa de treinar em casa, né, pegar essas lives, tal, e aí acabei lesionando a... meu

músculo adutor. Daí tratei também na quarentena, aí tudo. E aí agora tô na... num processo de retomada. Aí no... na semana *off* que a gente teve, né, eu falei “Ah, vou aproveitar”, dei uma escapada e falei “Ah, vou pro futevôlei, né”. Aí, **tava jogando, aí lesionei também uma coisa que eu nunca tinha lesionado que era o abdômen, sabe? Então agora eu tô conseguindo me recuperar e tentando... e fazendo os exercícios, alongamentos, tal. Mas foi uma questão, assim, que eu sempre tentei fazer, principalmente os posturais, né, pra... pra aguentar a rotina aí sentado, né. Insisti bastante nesses exercícios aí, principalmente do... pra membro superior.** (Professor C)

E a questão da parte mental, é... acho que a gente acabou... é aquela questão que eu tinha comentado, a perda de identidade e... e aí a questão que o professor D comentou da concentração, tipo... já tá complicado ler, assim, no computador, sabe? É, tinha duas leituras pra fazer do mestrado pras aulas de segunda, eu parei, me organizei, sentei, não dei conta. Falei, meu, aí eu vou ter que começar a imprimir os textos pra ver se melhora, sabe? Porque ler no *not [notebook]* já num... tipo assim, meio que não desce mais, sabe? Então teve esse efeito negativo, né, tipo... E, querendo ou não, era um... um momento de estudo, né, tipo, a gente ficava na escola, no ar livre, de repente no final de semana cê tinha um gás pra sentar, ler e escrever ou participar de algum curso. Chegou num ponto que cê não consegue, não aguenta mais nem ver *live*, de, por mais interessante que seja, tipo, é complicado. É, prejudicou nesse... nesse aspecto, eu acho. (Professor C)

Ah, acho que impacta diretamente, né, **a questão do espaço** e... porque, assim, eu **acabei ficando mais introspectivo**, é, a minha esposa, até ela comentou, fala, tipo, se ela num... num falar, **eu fico o dia inteiro aqui na frente do computador e não percebo, sabe? Tipo, é... Pra mim exacerbou, assim, uma característica minha, né, que é a questão meio, de... de gostar aí da tela, tal, uma coisa meio até um espectro do autismo, tal. Mas é bem leve, assim, só que... é... trabalhar nesse formato exacerbou isso, entendeu? Porque daí eu... eu me cobro de tá sempre aqui na frente nos horários que em tese era pra eu tá na escola. Então acho que isso é um fator que me leva a ficar muito tempo aqui na frente. É, **assisti algumas *lives*, de algumas dicas, tipo, de parar a cada uma hora para dez minutos, pra dar uma, pro olho dar uma descansada, tal, tenho tentado fazer isso.** (Professor C)**

“Moro com mais quatro pessoas e desde o início da pandemia, três deles voltaram para suas respectivas cidades
O único que ficou é uber e tenho pouco contato com ele
O silêncio é bom, mas às vezes é deprimente”
[mensagens enviadas pelo *chat* do *Google Meet*] (Professor D)

“Na minha opinião ajuda bastante as atividades virtuais da escola [ajudam a distrair a cabeça]” [mensagem enviada pelo <i>chat</i> do <i>Google Meet</i>] (Professor D)	
“Porém minha ex mulher tem alguns probleminhas de saúde e eu evitava de sair de casa já que meu filho mora com ela visitava [meu filho] até então [até antes da pandemia] agora as coisas estão bem complicadas a mãe dele está passando por um momento difícil, como depressão e síndrome do pânico segundo ela Ai ela teve que morar com a irmã dela e já faz um mês que não vejo meu filho sendo que antes quando eu estava vendo ele ,era do portão pra fora” [mensagens enviadas pelo <i>chat</i> do <i>Google Meet</i>] (Professor D)	
“O C faz terapia com comida eu ultimamente faço com bebida rrs [tipo de risada na linguagem da Internet] infelizmente aumentei minhas doses diárias [diárias] de álcool infelizmente” [mensagens enviadas pelo <i>chat</i> do <i>Google Meet</i>] (Professor D)	
“[mantinha contato com família, amigos e amigas] pelo whatsapp também mando mensagens para meu filho e minha mãe” [mensagens enviadas pelo <i>chat</i> do <i>Google Meet</i>] (Professor D)	
“Mas esse negócio de ficar no portão me deixava mal” [mensagens enviadas pelo <i>chat</i> do <i>Google Meet</i>] (Professor D)	
“Sim evitar pensamentos negativos e tentar canalizar coisas boas De algum lugar” [mensagens enviadas pelo <i>chat</i> do <i>Google Meet</i>] (Professor D)	
É... há umas duas semanas atrás eu comecei a... a fazer caminhada de novo. Voltei a fazer uma caminhada porque eu tava me sentindo, assim, até com uma certa falta de ar, assim, fadiga. Né, uma fadiga, assim, meio estranha até. É... eu acho que conta muito a questão da ansiedade, né. A ansiedade eu acho que... e aí o sedentarismo também, né, acabou, é, mais aquilo que eu tinha falado, né, semana retrasada, né, a questão do, é... das doses etílicas, e do... e do tabagismo, é. E, enfim. Aumentou bastante e eu acho que acabaram estando diretamente ligados também, né, a questão emocional, né, a questão psicológica da mente mesmo, né. É, tanto é que pra mim falta muita concentração, eu mal consigo ler um livro, faz duas... mais de duas semanas que eu tô com um livro aí e não saí da décima página ainda. E, mas, é isso, agora tô tentando aí, né. Como tá tendo essa previsão também de volta às aulas, tal, aí quero ver se eu volto um pouco melhor também, né. Um pouco mais inspirado. Daí porque, é... essa quarentena aí, ela foi bastante	

desgastante e angustiante mesmo, assim. E tô cuidando um pouco mais da alimentação também, né. Só preciso controlar o álcool mesmo que tá difícil [risos]. **Todo dia eu bebo.** (Professor D)

Fazem seis meses já que... que eu fiquei sem... que eu estava sem jogar um futebolzinho, pelo menos, né. E aí a caminhadinha também tá ajudando. Mas eu acho que... agora, é... eu acho que o pior já passou, né, aquela agonia mesmo do início, de... muita... [falou algo que não consegui entender]... **ai o medo também, né, o receio da... da questão do vírus e... né, saber como isso ia, né, se proceder assim, né. Então acho que isso aí tá ajudando bastante assim, né. Apesar de que no começo foi muito mais difícil assim, por conta do... do impacto e do momento que eu tava vivendo emocional também, né.** Tinha... fazia alguns meses que eu tava me recuperando da separação e tals, tava tendo mais contato com meu filho, aí perdi todo esse... esse contato, essa coisa de sair final de semana e... enfim, né. (Professor D)

Ah, eu no começo também tive alguns momentos aí de baixa estima aí, né? Até uma certa... acredito que era um estado meio depressivo, assim, principalmente aos finais de semana, domingo. **Domingo acho que era o pior dia, é... a questão da solidão também, né, de ficar olhando pras paredes, de não ter com quem conversar e pelo momento que eu tava passando também, acho que juntou muita coisa, tipo, então teve vários momentos, assim, bem deprimentes, assim, mesmo, assim.** É, em todos os sentidos, de... é... de ficar mal mesmo. Mas, como eu falei, já tá passando, né, tá passando essa angústia, essa agonia, e **acho que já faz um mês, assim, que eu tô me sentindo mais vivo,** assim, se é que eu posso dizer isso, **porque teve um período alguns meses atrás aí que eu tava, é, até, posso dizer, um zumbi ou um cadáver vivo [riso nervoso].** Não, acho que eu tô exagerando, não é pra tanto assim, mas, é, assim, tava bem pra baixo mesmo. Agora acho que já, **depois de seis meses, também, né, acho que a gente vai caindo na realidade aí e agora eu sou um pouco ansioso pra volta mesmo aí, vamo ver como é que vai ser isso, como é que vai ficar, né.** Mas um pouco melhor, né, um pouco melhor do que, **acho que a fase, fase pior já passou.** (Professor D)

Então, é... logicamente, né, essa coisa do... do quarto pro banheiro, do banheiro pra cozinha, e não ter esse social, né, não ter essa coisa de, como eu falei, né, essa coisa de ir trocar uma ideia mesmo, de... de... de um *happy hour*, assim, igual na lá na... na escola Nome da Escola, em Palmital, eu tinha um, é, aula sexta-feira lá à tarde, aí saía da aula, tinha um grupo de professores onde a gente se encontrava e, geralmente numa *chopperia*, fazia aquele *happy hour*, trocava aquela ideia federal, voltava alegre pra casa, satisfeito ou às vezes cansado, mas com uma satisfação, assim, de... de... de ter aquela... aquela troca, né, de energia ali com... com os professores e voltar mais, assim, descarregado mesmo, né, porque principalmente aulas à tarde,

né, com adolescentes, são, geralmente são pesadas, assim, no sentido de desgaste. E aí aquele *happy hour* ali ele, aliviada bastante, assim, né. **Finais de semana, cê poder sair de casa e jogar um futebol, igual eu, que é uma coisa que eu gosto bastante, né. Então essa limitação aí foi bastante prejudicial, sim, principalmente a questão da física mesmo, né, eu percebo. Como eu falei, já tive fadiga, sábado passado eu fui jogar um futebol, me deu falta de ar, parecia que eu ia ter um infarto, então... é... aí junta, né, com os meus vícios e... é... piorou, prejudicou bastante, né, com certeza.** (Professor D)

Eu, **no princípio**, quando veio essa suspensão das aulas e a gente teve que trabalhar eu falei “Ah, vai ser, vai ser bacana. Acho que vai...”. Mas aí eu vi que não foi... não tá sendo assim, não... Até tentei, né, me adaptar com algumas... a questão do vídeo, questão, né, de fazer algumas atividades diferentes, mas eu acabo, acabo que na real sai o feijão com arroz lá, básico lá, [...] não me adaptei com a questão da tecnologia pra inovar ou propor alguma coisa que fuja disso. (Professor B)

Mas acho que isso aí ainda é gostoso [o aluno mandar mensagem perguntando das atividades, mesmo que fora do horário de trabalho do professor], **porque cê vê que o aluno tá interessado, né**, mas são coisas que vai, que **dá um certo desgaste**, né. (Professor C)

Ainda **no começo eu achei que seria uma vantagem, né, de repente fazer o ATPC remoto**, por conta da viagem, né, até, até ficava filosofando assim, falei “pô, isso é uma coisa que podia ficar depois, né”, mas, como uma opção, né, mas **acho que o encontro presencial acho que num tem como abrir mão, não, porque faz falta**. E, mas era, e foi engraçado, porque no começo, tipo **as primeiras reuniões tinha aquela empolgação, né**, de ser, a gente ficou quase três semanas ali naquela coisa do recesso, daí viu todo mundo, nossa, *mó* legal, num sei o que. Mas agora já chegou também, **já tá enfadonho**, assim, né. **A hora que cê fala que tem ATPC, nossa, cê fala “nossa (risos), tem o ATPC online”, né, tipo assim (risos)...** (Professor C)

É, até é bom foi aprender isso, né, montar grupos sem precisar adicionar os alunos, né. Tem aquele esquema de criar um grupo falso lá, daí cê manda o *link*, enfim, tem vários macetes, **vários nuances aí que foi bacana aprender**, né. (Professor C)

É, acho que foi, é... **está sendo um processo de autoconhecimento bem grande, né, tipo. Mas eu acho que a sensação maior a essa, a impressão é que vivemos, tipo, seis anos em seis meses**, né, acho que esse ensino... esse modelo de vida, assim, traz, né. Pelo menos pra mim, né, uma observação pessoal, assim. (Professor C)

Pandemia:
negativo X positivo
expectativas X realidade

Eu acho, assim, teve quartas-feiras, eu acho que tipo, eu saí, assim, achando “Pô, eu tava muito reclamão”, sabe? Tipo, é, tava muito pessimista. Mas eu acho que talvez, depende... teve quarta-feira [dia dos nossos encontros], assim, que às vezes a aula da tarde que eu tô fazendo foi muito cansativa, e aí chegou bem cansado já na hora da reunião, então talvez isso tenha afetado. É... **mas, assim, eu acho que foi bom porque a gente sempre refletia, né, tipo assim, “ah, num é o ideal, mas pelo menos a gente tá tendo trabalho”, né. E aí tentava sempre melhorar, né, alguns pontos e ficar menos reclamão, né [risos]. Eu achei que teve dia de tá muito reclamão [risos]. Foi uma reflexão que eu fiz, assim.** (Professor C)

“Até minhas leituras diminui o ritmo
falta concentração
No começo estava um pouco mais animado
agora já bateu um certo desânimo”
[mensagens enviadas pelo *chat* do Google Meet] (Professor D)

Ah, é... **deprimente acho que completamente, assim, nessa situação da Educação, né. O de como a Educação ela é, né, historicamente, né, bombardeada aqui.** E o fruto disso a gente tá vendo, né, agora, de como a sociedade, com uma **Educação tão fragilizada** ela consegue, né, se tornar essa... essa coisa que a gente tá vendo aí, né. Esse **conjunto de pessoas e completamente sem caráter algum, né. Essa violência, essa, toda essa... tragédia, né, que a gente tá passando.** Acho que, em parte, né, a gente tá vendo aí que a falta de Educação ou a precarização da Educação, ela pode provocar aí um **desastre, né, gigantesca pra um país, né, e no caso agora a gente tá vendo que leva à morte à muita gente, né, a questão não só da violência, mas da morte mesmo, por ignorar a princípios básicos, né, aí de... de como lidar com essa situação.** Então quando eu vejo, assim, essa questão, do... do professor eu falo, porra, e a gente olha pra trás um pouco e vê como isso foi, nem sempre negligenciado, aí... fica... né, ajuda a explicar um pouco porque a sociedade brasileira é assim até... até hoje. E o que, **quanto ainda vai demorar, né, pra ser transformar isso. Porque toda essa... é... esse descaso que vem sendo acumulado vai levar ainda gerações e gerações pra ter uma... uma mudança mais ou menos, né...** (Professor B)

Então... eu acho que **isso deprime bastante.** E aí a gente vê os alunos que não, né, dificilmente se interessam, ou que não têm muita vontade, não tem preocupação com nada, ou que, né, **adere às... às ideias fáceis aí, de... essas ideias autoritárias, violentas.** É... eu acho que... **é triste, muito triste.** (Professor B)

**Entendimento da
realidade política e
econômica capitalista**

É, eu concordo com o professor C novamente, né, **essa questão da tecnologia ela não é, né, obviamente, neutra, né**, isenta ali de interesses que vêm, que vêm por trás, e que é uma característica aí dessa, né, desse neoliberalismo aí que vai, né, consumindo tudo, né, e todo mundo, né, todas as forças possíveis aí vão sendo tragadas nessa... nessa nova forma aí de exploração do capital. (Professor B)

E se a gente tá no chão da escola, é uma coisa de repente é mais... **cê consegue se unir com os outros professores, de repente tenta mobilizar, né. Nesse formato tá complicado de ter essa mobilização, né. Até mesmo de conscientização dos alunos.** Acho que, em 2015, quando o [então governador do estado de São Paulo, Geraldo] Alckmin tentou aquela reforma de [Reforma do Ensino Médio]... e os professores conseguiram, é... engajar os alunos, que eles ficaram dentro das escolas, tal, acho que aquilo foi um movimento bacana, sabe? De... **da histórico-crítica ali mesmo na... na veia, né. Tipo, os alunos brigando, lutando pelos direitos deles, né. Teve ali seu efeito depois do, como todo político, os cara deixou a poeira abaixar e depois eles vieram e eles colocaram as reformas que eles queriam, né. Mas, de primeiro momento, deu certo, né, aquela resistência.** E nesse momento a gente tá... tá f... tá ali, gerado disso, né, não tá conseguindo se mobilizar, né. As coisas tão acontecendo, teve a Reforma do... da Previdência, do estado de São Paulo, tentou-se, é... diminuir, fizeram a movimentação, mas não teve jeito, aumentaram pra 14%, igual eles queriam, **então eles tão fazendo o que quer, né, com o funcionalismo público, isso é... é influência do neoliberalismo na... na essência, isso que é.** (Professor C)

Eu acho que a ideia por trás do ensino híbrido, é justamente isso, né, **um professor conseguir dar conta de, sei lá, ao invés de uma sala de 40, ele dá conta de 200, né, tipo assim. Então eu acho que, tudo que tá vindo por trás aí desse lobby que é da tecnologia, tal, do ensino à distância, eu acho que tem, tá relacionado com isso, né. Então pra gente é preocupante, acho que por isso que... que tem que tá com as antenas ligadas e tentar tá por dentro desse movimento, né, e tentar esse movimento de resistência também, né, tipo, pra de repente não deixar o ensino público virar isso que eles tão querendo, né.** (Professor C)

“A gente percebe os efeitos da falta de educação
E esse momento em que muitas pessoas são contra ciência
falta muita consciência histórica, política e de classe pra sociedade brasileira”
[mensagens enviadas pelo chat do Google Meet] (Professor D)

E aí, essa... a gente vê aí a Reforma Administrativa, né. Tudo vai... o... o... tudo vai se conectando e englobando ali, e põe tudo na mesma panela, tal. (Professor D)

[...] hoje agora o professor é, ele tem outra visão, os pais têm outra visão do que é um professor em sala de aula, situação um pouquinho que a gente passa todos os dias. (Professora A)	Significado social da atividade docente
Não, diretamente eu, né, ninguém falou isso, assim, pra mim, mas, né, em rede social você vê postagens, assim, que insinuam, né, essa questão. “Ah, fulano tá recebendo sem trabalhar”, né, enfim. Como se a gente tivesse aqui sentado, tomando cerveja o dia inteiro, né, e não tem nada o que fazer, né, não tem que montar, mandar o benditos planos de aula, não tem que ficar acessando, né, <i>WhatsApp</i>, acessando Central de Mídias, enfim. Como se... fosse uma opção nossa, “Ah, eu tô, tá aqui de boa sem fazer nada recebendo”, então é... é duro aí. Mas isso reforça o que uma boa parte do senso comum tem com relação a funcionário público, né, acha que funcionário público é tudo vagabundo, que, né, que não trabalha, que, né, tem que acabar com a mamata, é, meio que vai nessa direção essa... esse pensamento aí. Então, né, num me espanta muito que tenha pessoas que falem isso, né. Já falavam antes, né, que professor não dá aula, agora, então. É, outra que professor é doutrinador, que é isso e aquilo, enfim, toda aquela baboseira que a gente, né, já vinha ouvindo falar desde antes. Então agora num foge muito aqueles que pensam assim, não, que a gente tá recebendo sem trabalhar. (Professor B)	
Ah, é... Enfim... É... frustrante, né, decepcionante, assim, quanto, né, cidadão mesmo pensar, né, que isso não é um apontamento isolado, mas é uma... um pensamento, né, recorrente ou que é quase uma característica da cultura política brasileira, essa visão do funcionalismo público como um parasita, né, sendo que, né, a gente sabe que, é, tá se constituindo algumas castas aí que essas sim que são as verdadeiras parasitas aí do Estado, né, não o funcionalismo público nessa, no baixo aqui da pirâmide. Mas... E aí, enfim, é uma... uma longa discussão, né, que vai acho que em volta, remete até o sentido do que é, como se formou o Estado no Brasil, o Estado patrimonial no Brasil. Então se criou essa, essa visão de que quem tá [trabalhando como funcionário público] no estado é... só tá mamando nas tetas lá e de boa, não faz nada. É difícil classificar, assim. Eu sei que mobiliza um monte de sentimento, assim, de frustração, de raiva também, mas... um pouco nisso, a gente tenta compreender, né, como que isso se forma e a quem, né, esse... esse pensamento também interessa, né. É o pensamento que vai bem ao encontro do modelo da Reforma Administrativa, da privatização, né, que coloca o funcionalismo público como um grande vilão, um grande aí, grupo aí que é responsável, né, pelas, pelo atraso do Estado, pelo gasto do Estado. E que pra aqueles que tão de fora, né, é uma visão meio que sedutora, né? Achar um culpado. Sempre mais fácil é achar o culpado, né, apontar o dedo pra uma outra pessoa e	

dizer que ela que é a culpada por uma situação que é evidentemente mais complexa e longa, né, de se explicar. (Professor B)

[...] eu acho que essa situação esse ano ela, né, colocou aí várias, é, **tensões que já existiam antes que parece que ficaram mais evidentes agora com relação, por exemplo, essa questão do ensino à distância, do ensino híbrido, e da própria importância da figura do professor dentro, né, duma sala de aula. Eu acho que isso ficou bastante, é... visível agora** nesse afastamento que a gente teve da sala de aula. Né, e acho que parte dos alunos acho que reconhecem, percebeu isso. É, **parte da sociedade, né, voltou a alimentar um pouco aquela, aquele... preconceito com relação ao funcionário público, porque agora acha que professor tá recebendo sem trabalhar e, pro [Governo do] estado parece que fica um pouco nessa também, de, né, por eles, né, jogava todo mundo de volta pra sala, mas, né, já que não vai dar pra tocar colocar todo mundo de volta pra sala, sobrecarrega a gente com uma série de... de outras atividades que vão, né, consumindo a gente nesse trabalho remoto.** (Professor B)

[...] essa questão de... **ter um certo constrangimento, né, de sair na rua.** Pô, é complicado mesmo isso, né. Às vezes a gente pensa mesmo isso, porque **às vezes existe aquele olhar, né, do senso comum, das pessoas, de achar que professor também é folgado, né...** (Professor D)

Ah, sim, eu também acredito que talvez, né, a partir de agora, assim [som interrompido pelo microfone de A, que estava ligado]. **A família do aluno [...] talvez, é... tenha um pouco mais de admiração, né, da importância e... e até mesmo dê mais valor mesmo, né, não só pro professor, mas pros profissionais da Educação, né, a escola como um todo, né. É... porque muitas vezes, é, durante, né, o tempo das aulas normais, né, nas aulas presenciais, às vezes isso passa batido, né. E, não que eu acredite que, nossa, isso vá mudar, né, a consciência dos alunos, de alguns pais, mas que, é, uma grande parte percebeu a, talvez a importância, né... eu vejo pela minha própria família, né, a... meu irmão e a esposa dele, quatro filho, e... e eles percebem o quanto que é difícil, né, filho dois pequenos, dois adolescentes, e eles percebem o quanto é difícil de conter, eles trabalham o dia inteiro, não ter ninguém ali pra direcionar ali, né.** Por mais que chegue as atividades, é, impressa ou *online*, né, precisa de alguém ali. Então é, talvez eu acho que nesse sentido aí as pessoas passem a ter um, uma outra visão, né, um outro ponto de vista, com relação ao professor. (Professor D)

A impressão que... que se dá é que, é, parece que eles querem arrumar alguma coisa, né. Tipo, professor “não faz nada”, né... (Professor D)

Bom, é... **eu sou filha de professora**, né, minha mãe foi, agora é aposentada, como professora do estado, então eu sempre tinha aquele lado que, é, eu gostava de ir com a minha mãe pra ir pra escola, tal, fazia, né, sempre tanto junto com ela. Quando eu cresci e terminei eu falei que eu não ia mais por esse lado, que eu não ia ser professora, que eu não queria. E aí eu optei por fazer Serviço Social. Fiz a minha primeira faculdade, como Serviço Social, mas aí **parece que era destinado**, porque tudo... aí eu fui fazer estágio, caí na Educação, aí quando eu peguei um emprego de seletivo na prefeitura eu fui trabalhar com crianças especiais, na Educação de novo, né. E aí eu fui obrigada a ter que fazer minha segunda faculdade de Pedagogia, porque pra mim atuar como Assistente Social com as crianças, é, déficit de aprendizagem, eu teria que ter Pedagogia. Me inscrevi numa Pedagogia. Aí, vai e vem, vai e vem, **fiz a inscrição no estado, entrei, né, achando que eu ia conseguir dar aula maravilhosamente bem, junto... igual a minha mãe dava. Ilusão, né, [...]** (Professora A)

É, eu tenho muito medo de usar a memória, porque a memória ela não é muito confiável, né. Ela é sempre atravessada com... de vários, vários elementos ali. Então a minha ideia de seguir essa carreira, de entrar, né, nessa carreira, ela tá um pouco desconectada da realidade. Então, assim que eu terminei o Ensino Médio, lá em 95, eu tinha uma ideia do que era, né, professor, eu tinha uma visão do que era ser professor. Só que entre esse período de 95 até 2002, quando eu fui entrar na faculdade, eu passei trabalhando, fazendo um monte de coisa, e a, né, depois que eu fiz a faculdade, que eu fui começar a pensar em entrar em sala de aula e enfim, aí eu recuei um pouco, aí eu fui pra pós-graduação, aí passei mais ainda, dez, doze anos, né, fora, distante da realidade de fato do que é a sala de aula. **Então entre o que eu imaginava do que era a sala de aula lá de 1995, até a sala de aula que eu fui entrar agora, né, nos anos dois mil e dezessete aí, é muito diferente do que eu imaginava, né. E é bastante diferente também do que eu ouvia, né, na faculdade, enfim. Apesar do curso de História aqui da [nome da universidade] ser uma licenciatura, eu acho que falta muito pra ele formar ali professor, né. Ele forma basicamente mais pesquisador. Então o foco do departamento ele é basicamente incentivar, estimular a pesquisa, iniciação científica, e as disciplinas da minha época, as disciplinas que eram de educação, eram uma várzea, né, ninguém levava a sério, nem as professoras que as davam, nem os alunos que faziam [risos]. Então, é, didática, enfim, eu não sabia nem, né, preencher uma caderneta, né, eu não sabia nem como que era a estrutura, né, do funcionamento de uma escola, a questão da atribuição de aula, né, a própria matriz curricular, como é que se trabalhava, as habilidades, tudo o mais, enfim, havia uma distância muito grande, né, entre a minha formação no período que eu fiz ali da [nome da universidade] com a realidade do que era a sala de aula.** Então isso foi, né, foi mantendo essa distância daquilo que eu esperava que ia ser ser professor, daquilo que acabou, que eu acabei descobrindo na prática, na realidade ali, quando, né, eu assumi o cargo lá em 2017. Então

Trajetória na profissão

tem uma distância aí de quase 20 anos daquilo que eu imaginava que era ser professor, daquilo que é, né, dentro da sala hoje em dia. E foi um choque muito grande, né, foi uma, parece um banho de realidade, porque você vem com toda uma trajetória ali de pós-graduação, de... **toda aquela balela de ficar publicando, indo em congresso e tudo o mais, só que cê não tem contato de fato com a realidade, né, com o chão da escola e com o que que acontece ali dentro. E ali dentro da sala de aula a pegada é outra, né, não adianta você, é, falar, enfim, pode falar trinta língua lá dentro que não adianta nada se você não falar a língua da molecada. E aí, 2017 foi um ano, assim, de aprendizado que valeram pros dozes anos de pós-graduação**, porque fez eu ter que rever tudo que eu não, que eu achava que eu sabia, que eu não sabia, e rever também o que que... como que esses cursos tão formando, né, professores também. Como que tá tão distante, né, a formação da realidade da sala. E aí o que... **um dos primeiros choques que eu tive, ou impacto, não sei, foi a... como que eu posso dizer, uma palavra não muito agressiva? Mas a falta de valorização mesmo dos alunos pelo professor. Tipo, cê chegava na sala, às vezes cê sentia que você era um estorvo ali pra eles, né. Eles queriam ter qualquer um lá menos você. Isso é uma coisa muito, é, chocante, assim, porque eu ainda vinha com uma memória, eu vinha com uma ideia lá de 1995 ainda que cê tinha uma... uma certa... respeito, até admiração, né, pra carreira, né, do professor. Então eu tive professores que, né, eu me recordo deles até hoje, eu admirava realmente eles, né. Principalmente os professores de Geografia e de História, que eram as disciplinas que eu mais, é, tinha afinidade, assim. Então, né, eu gostava, admirava, valorizava, via, né. Agora cê... [som de deboche] me senti quase que um estorvo, né, ali dentro da sala. E isso foi, é, foi um dos pontos ali que no começo eu fiquei bem... é... chacoalhado, assim. E aí depois cê vai se, né, não sei se por bem ou por mal, você vai meio que se moldando também ao ritmo ali, né, da... da sala de aula. Então no começo cê chegam querendo levar tudo a ferro e fogo, querendo botar o terror, fazer tal coisa, cobrar de maneira, né, dura, e cê vai vendo que dar murro em ponta de faca, né, cada 50 minutos cê entra numa outra... numa outra batalha que você não ganha, você só... só sai dali só aos pedaços. Então aos poucos você vai também se moldando, porque cê deixa de ser, achar que cê tá... que cê vai mudar ali pela... pela força, né, então cê tenta ir levando o jogo, né, vai sendo mais ameno um pouco, deixa de cobrar tanto, deixa de ser tão exigente às vezes. Não sei se isso é bom, ou se é ruim, né, enfim, se você tá se dobrando ao sistema e deixando a... a coisa correr, enfim, foi um... Quando eu lembro um pouco desse porquê que eu fui ser professor, assim, eu fico pensando, poxa, por quê!? [risos] Aí eu [risos]... Aí eu lembro, bom, eu tinha uma... uma visão disso, né, mas que depois quando chegou na realidade era um pouco mais diferente, já tinha mudado um pouco. Agora, como eu disse, não posso confiar muito na memória, porque eu não sei se minha memória de aluno, a memória que eu tenho do meu tempo de aluno realmente condiz com a realidade que era ser professor lá nos anos 90. Pode ser que também não,**

pode ser que eu esteja, né, equivocado e que eu projete essa memória boa lá atrás pra tentar justificar... Mas, enfim, com todos os riscos aí de usar a memória eu acho que é um pouco isso, tem esse hiato aí, né, de afastamento da sala de aula. Então a última memória que eu tenho de uma sala de aula era ainda quando eu tava lá no Ensino Médio, lá em 95, e depois quando eu fui entrar já nos anos dois mil e tantos aí, com uma realidade mais... é, bem mais, é... diferente, eu acredito, né, complicada. (Professor B)

É, não é, a gente... o duro, assim, até então, até começar a fazer o curso [Mestrado Profissional] eu num, é... **durante a minha formação eu não tinha passado, sabe, por autores como... A Aranha, o Libâneo, tipo, Saviani, então, aí depois que começa a conhecer, assim, aí cê... a gente começa a perceber, que nem, pô, lendo a obra do Freitas agora, essa Reforma Empresarial, é um livro fantástico, que ele canta a bola de tudo o que tá acontecendo, sabe?** [...] tudo o que tá acontecendo agora, né, **o neoliberalismo tentando acabar com o funcionalismo público, atacando agora com essa Nova Reforma que vai vir.** E lá ele comenta que a mídia apoia. E, realmente a [emissora de televisão, TV] Globo agora do nada começou a fazer um *lobby* passando dessas reformas, sabe? Tipo, então, é, cê vê que logo, logo vai acontecer aquilo que ele tá citando lá, né, a questão da terceirização das escolas. Aí, as escolas por... é, mantidas por *vouchers*, enfim. Cê vê que não tá longe de acontecer aquilo, então é um... é um processo bem... bem complicado, assim. Querendo ou não afeta também. (Professor C)

É, eu acho que pensando, assim, **na minha trajetória, vem mais com um encantamento com a questão do ensinar,** né, tipo, acho que tá sempre teve ligado, assim. **Eu cresci acompanhando meu pai em escolinha de futebol e vendo assim a paixão que as crianças tinham, que os adolescentes tinham por ele, tal,** e acabei seguindo nesse caminho, assim, nessa parte de escolinha de futebol, tal, e aí depois, durante a graduação, acabei indo pro lado escolar, né, **mas, assim, foi bem numa inocência, assim, sabe? Do ensinar, assim, sabe?** Sem... **hoje estudando mais a fundo, tals, a gente percebe as questões por trás, né, das ideologias que tem, e aí você tem que lutar contra isso,** e tudo o mais. Mas, assim, na minha inocência eu já sempre tive essa questão da... de querer oferecer pras escolas de periferia, que foi onde eu sempre atuei mais, tipo, a melhor educação, tipo, o melhor jogo, o jogo que tava mais em evidência, sabe? Pra que as crianças pudessem conhecer, enfim. É, **e aí estudando um pouquinho, daí por isso que acabei me identificando bastante com a Pedagogia Histórico-Crítica, do [Dermeval] Saviani, tal, que ele é um defensor aí das lutas de classes e tudo mais, então aí eu fui vendo que, que de repente eu tinha ali minha... a... essa questão, essa inocência de querer levar o melhor pras classes menos favorecidas era... faz parte aí duma pedagogia, né, achei muito interessante isso.** (Professor C)

Ah, eu, quando entrei na faculdade, sim, né. Até a hora de cair na realidade, dentro da sala de aula, aí cê percebe que, que não é tão lindo assim, né. Mas, é como eu falei antes, né, eu acho que a maioria dos professores, né, lecionam porque gostam mesmo, né, gostam do contato ali, tal, com os alunos, da convivência escolar, é... Porque **se for ver, assim, tipo, é, não que as pessoas pensem isso, mas não é tão ruim assim, ser professor, né, é, podia ser um pouco mais valorizado eu acho, né.** Mas hoje, hoje em dia a gente percebe que, né, **se a gente chegar numa sala de terceiro colegial, por exemplo, lá no começo do ano ou no final do ano e perguntar se alguém tem interesse em ser professor, eu acho que dificilmente alguém vai levantar a mão,** assim, porque eles mesmos acabam percebendo, né, é... quanto é difícil assim, tipo, essa, essa coisa da precariedade mesmo, principalmente nas escolas públicas, que é a nossa realidade. (Professor D)

É, **também não... não consigo perceber, não** [diferenças de gênero na vivência da pandemia]... **não tenho contato tão próximo assim pra perceber** como que as... as colegas lá têm lidado com... com isso. Mas eu acho que concordo plenamente com o professor C colocou aí, a situação é... é bem mais pesada, né, pra elas, me parece. (Professor B)

“A questão de falta de estrutura me incomoda muito minha esposa querer sempre me deixar no melhor lugar para trabalhar, e ela fica se virando pela casa. Queria equilibrar mas ela diz que não precisa”
[mensagem enviada pelo *chat* do *Google Meet*] (Professor C)

É, eu acho que também **a linguagem digital ela é complicada por conta do... da... da questão da interpretação, né, acho que por isso que a gente também fica bem na defensiva, né. Porque às vezes uma frase que cê coloca ali um jeito, às vezes a pessoa vai entender de outro, né, é... com essa questão de *prints*** [ferramenta que possibilita capturar uma foto da tela do celular ou do computador que está aberta, utilizando o próprio *hardware*] **e tudo mais, então a gente acaba, assim, meio que pra se defender, assim, falando só o estritamente necessário mesmo, né.** (Professor C)

É, teve um episódio... deve até hoje eu não sei se o pai era da prefeitura ou não, mas ele recebeu uma mensagem, assim, do nada, perguntando, ah, quem eu era, sabe? Tipo, no mínimo devia ser o marido de alguma mãe de aluno, né, tipo, que viu o celular lá e foi... Então por isso que eu falo que é complicado, né, então a gente tem que... (Professor C)

É, eu já sou meio encanado com isso, ainda mais teve uma época, a questão de assédio aí tava bem forte, né, saiu uma reportagem de assédio de

Questões de gênero

professor em cima de alunos, enfim... eu acho que, é... por isso a comunicação mesmo ela é bem restrita, assim, sabe? (Professor C)

Não, é porque, às vezes, tipo... é, no... o contexto da mensagem, né, às vezes dá um... cê quis dizer uma coisa, né, e... principalmente a gente professor homem, tipo assim, às vezes vai, é... ou aluna, né, tipo, ou até mesmo essa questão de tá ali conversando com a mãe de aluna, né, pode dar, às vezes “Ah, tá puxando muita conversa”, sabe? “Tá dando muito assunto”, sabe? Então, eu tenho meio essa preocupação, assim. (Professor C)

Mas, assim, é, mas a gente tá sujeito. **A partir do momento que a gente deu o nosso número, né, o aluno teve acesso, eu acho que ficamos expostos, né, a verdade é essa.** (Professor C)

Ah, eu acho que... eu acho que não, mas, assim, eu... **eu penso que, pras mulheres, professoras, pra qualquer uma profissão, né, tá sendo, acho que três, quatro vezes pior do que pra gente, né.** Eu acho, assim, até, poxa, seria interessante ter a visão duma mulher aqui pra, pra gente ver, porque às vezes eu acho que eu reclamo de barriga cheia, entendeu? Tipo, porque, é, **eu tenho uma esposa que me dá todo suporte, sabe? A gente, ela meio que não deixa eu fazer as coisas, porque ela fala “Não, deixa que eu faço, tranquilo”, sabe? Essa questão de divisão de tarefas e tudo o mais.** Mas, é... eu fico pensando, porque, tipo, é loucura, né, **a professora que, ainda que tem filho, já pensou?** E, de repente tem um marido que... que tá fazendo trabalho fora, vamo supor, o cara não tá ali pra dar uma mão, pra ajudar. Meu, a pessoa tá na linha pra surtar, eu acho, né, tipo. E tem muitas que tão dando conta, sabe? E... enfim, mas, ainda **até comentando isso com a minha orientadora, ela falou, “Isso acontece, infelizmente, por uma cultura que vem lá de trás e que a mulher aceita tudo”,** entendeu? Tipo, “Ah, por que que eles fizeram isso?”, porque a mulher vai acabar, vai... vai dar problema tudo, mas ela aceita, entendeu? Tipo, culturalmente, infelizmente, tem essa visão, né, mas... Mas, assim, por que assim, ah, geralmente elas montam o grupo delas também, né. Então acho que não tem como a gente saber muito, assim, essa. **Às vezes escapa um comentário ou outro, às vezes cê consegue perceber, “Pô, tal professora tá nervosa, né”,** tal. Mas... mas eu acho que pra elas o impacto deve ter sido bem mais forte, né. (Professor C)

É, também não consigo, não consigo perceber, não, muita coisa, não [da diferença de gênero na vivência da pandemia] . É... **tirando minha ex-mulher, né, se é que posso falar, que ela ficou bem mal mesmo, bem mal mesmo. Inclusive ainda está mal.** Mas, isso daí acabei ficando sabendo, mas de colegas, assim, não fiquei sabendo de ninguém, não. **Fora algumas demonstração de irritabilidade, né, que a gente percebe às vezes que acaba, é... digamos assim, expondo ali, né, na hora, assim, acaba falando nos grupos, assim, uma coisa de, de excesso, de sobrecarga mesmo de trabalho, assim, né, de coisas inúteis às vezes, do nosso ponto de vista do professor, né.** Como eu falei, das questões burocráticas aí, cê vê que é só pra

preencher papel e ter lá pra cumprir o protocolo, sendo que podia ter coisa muito mais importante pra tá fazendo, né. É isso. (Professor D)

ANEXO I

GRUPO PROFESSORES (CIÊNCIAS HUMANAS E LINGUAGENS)

ROTEIRO I – PANDEMIA E TRABALHO DOCENTE

Subtemas disparadores:

- a) relação com estudantes;
- b) uso de tecnologias;
- c) conteúdos escolares.

QUESTÕES NORTEADORAS:

- a) Como está sendo o uso das tecnologias? Descreva.
- b) Como percebem a relação com os estudantes? Mediada pelas tecnologias.
- c) Como percebem a relação com os estudantes quando estão tratando do conteúdo e quando a atividade se encaminhou pra outra coisa?
- d) Em que plano estão os conteúdos escolares (relação conteúdo e forma)?

COMO ISSO TEM SIDO NO ENSINO À DISTÂNCIA:

Interação dos estudantes entre si

Interação dos professores entre si

Interação professores e estudantes

Interação professores e estudantes com o conhecimento

ANEXO II

GRUPO PROFESSORES (CIÊNCIAS HUMANAS E LINGUAGENS)

ROTEIRO II – PANDEMIA E RELAÇÕES FAMILIARES

Subtemas disparadores:

- a) nas relações pessoais;
- b) nas relações de trabalho (tem ajudado ou prejudicado?);
- c) sentiriam diferente se tivessem filhas/filhos/filhes?

QUESTÕES NORTEADORAS:

- a) Sentiram alguma modificação nas relações com seus familiares e, principalmente, com as pessoas que moram com vocês, desde o começo do ensino remoto? Descreva (se der uma travada).
- b) Sentiram alguma modificação, em intensidade, melhora, distanciamento, da relação de vocês com os familiares dos estudantes?
- c) Como a escola tem sentido essa relação com a família?

ANEXO III

GRUPO PROFESSORES (CIÊNCIAS HUMANAS E LINGUAGENS)

ROTEIRO III – PANDEMIA E SAÚDE FÍSICA E MENTAL/RELAÇÃO COM TEMPO E ESPAÇO

Subtemas disparadores:

- a) nas relações pessoais;
- b) nas relações de trabalho (tem ajudado ou prejudicado?);
- c) sentiriam diferente se tivessem filhas/filhos/filhes?

QUESTÕES NORTEADORAS:

- a) Sentiram alguma modificação na saúde física? Como têm lidado com isso? Descreva.
- b) Sentiram alguma modificação na saúde mental? Como têm lidado com isso?
- c) Vocês tinham alguma rotina de cuidado da saúde física/mental antes da pandemia? Ou passaram a ter agora?
- d) Como isso se manifesta na vida pessoal e profissional de vocês?
- e) Conseguem pensar em fatores que mais influenciaram nessas mudanças? Existem momentos em que sentem essas mudanças de forma mais intensa?
- f) A escola tem tomado medidas pra abordar essas questões? Vocês conseguem conversar sobre isso com alguém, dentro ou fora da escola?

ANEXO IV

GRUPO PROFESSORES (CIÊNCIAS HUMANAS E LINGUAGENS)

ROTEIRO IV – SENTIDOS COLETIVOS E SENTIDOS PESSOAIS DA PANDEMIA

Subtemas disparadores:

- a) categoria docente;
- b) vivências.

QUESTÕES NORTEADORAS:

- a) Conseguem pensar coisas concretas que atravessam a construção de sentidos pra profissão de vocês durante a pandemia, enquanto categoria docente? Descreva.
- b) Quais são os sentidos pessoais que vocês constroem pra tudo isso que vem acontecendo, dentro desse cenário todo? Conseguem dar exemplos concretos?
- c) Vocês têm participado ou observado movimentações e organizações da categoria docente com relação às mudanças na educação em decorrência da pandemia?

ANEXO V

GRUPO PROFESSORES (CIÊNCIAS HUMANAS E LINGUAGENS)

ROTEIRO V – PERSPECTIVA DE FUTURO/PLANO DE AÇÃO

Subtemas disparadores:

- a) categoria docente;
- b) vivências.

QUESTÕES NORTEADORAS:

- a) Como ficam as perspectivas de futuro para vocês, afetadas pela pandemia? Conseguem construir algum plano de ação?
- b) Como perceberam os processos decorrentes das discussões e reflexões feitas no grupo? Produziram efeitos para além das reuniões?
- c) Têm interesse em fazer algum trabalho conjunto, independente dessa pesquisa, como uma formação com o apoio da Psicologia, para o próximo ano, com objetivos para além da pandemia?